

Promessas na Escuridão

*Você leu
50 Tons
de Cinza
e quer
mais?*



Ceda à obsessão...

SADIE MATTHEWS



Companhia
Editora Nacional

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Copyright © 2013, Companhia Editora Nacional
Copyright © 2013, Sadie Matthews

Publicado originalmente em língua inglesa pela Hodder & Stoughton Limited com o título *Promisses after dark*.

O direito de Sadie Matthews ser identificada como autora da obra está garantido a ela, de acordo com o *Copyright, Designs and Patents Act 1988*.

Diretor Superintendente: Jorge Yunes
Diretora Editorial Adjunta: Silvia Tocci Masini
Editora: Cristiane Maruyama
Preparação: Dyda Bessana
Revisão: Books & Ideas
Produtora Editorial: Solange Reis
Coordenação de Arte: Márcia Matos

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M387c

Matthews, Sadie

Promessas na escuridão [recurso eletrônico] / Sadie Matthews ; tradução Marcelo Yamashita Salles. - 1. ed. - São Paulo : Companhia Editora Nacional, 2013.
recurso digital: il.

Tradução de: *Promisses after dark*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-04-01862-2 (recurso eletrônico)

1. Comportamento sexual 2. Erotismo 3. Relações homem-mulher
4. Livros eletrônicos. I Salles, Marcelo Yamashita II. Título.

13-05783.

CDD: 306.7

CDU: 392.6

1ª edição - São Paulo - 2013
Todos os direitos reservados



Companhia
Editora Nacional



Av. Alexandre Mackenzie, 619 – Jaguaré
São Paulo – SP – 05322-000 – Brasil – Tel.: (11) 2799-7799
www.editoranacional.com.br – editoras@editoranacional.com.br
CTP, Impressão e acabamento IBEP Gráfica

*Promessas
na
Escuridão*

{ livro 3 }

Sadie Matthews

Tradução de
Marcelo Yamashita Salles

 Companhia
Editora Nacional

Sumário

Capa
Página de Título
Direitos Autorais

Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito
Capítulo Nove
Capítulo Dez
Capítulo Onze
Capítulo Doze
Capítulo Treze
Capítulo Catorze
Capítulo Quinze
Capítulo Dezesseis
Capítulo Dezessete
Capítulo Dezoito
Capítulo Dezenove
Capítulo Vinte
Epilogo
back-matter

Capítulo Um

Estou em um Bentley, encostada no assento de couro preto e olhando pela janela para as ruas cheias de neve de São Petersburgo. À minha frente estão o motorista e o guarda-costas parrudo sentado a seu lado, os dois com barbas grisalhas que suavizam os rostos implacáveis. As portas do carro estão bem trancadas, o pino da trava escondido no couro preto sob a janela. Por um momento, imagino que posso tentar puxá-lo com a unha, mas sei que seria impossível. Não há como escapar.

Mas, mesmo que pudesse, para onde iria? Não conheço a cidade, não falo o idioma e não tenho dinheiro. Até mesmo meu passaporte está guardado no cofre do hotel. E fui avisada de que este lugar é perigoso. Também me disseram que sou vulnerável e que não vão permitir que eu fique sozinha em nenhum momento quando estiver fora do hotel. Estou com meu celular, mas não sei para quem ligar. Meus pais estão bem longe, em casa, na Inglaterra. Desejo do fundo do meu coração estar lá agora, entrando em nossa cozinha aconchegante, onde meu pai está lendo o jornal e tomando seu chá da tarde, enquanto minha mãe vai zanzando para lá e para cá, tentando fazer mil coisas ao mesmo tempo e mandando meu pai tirar a perna da frente dela. No fogão, ela cozinha algo delicioso e o rádio toca música clássica.

Consigo imaginar a cena tão perfeitamente que quase consigo sentir o cheiro da panela e ouvir a música. Quero correr até meus pais e abraçá-los, dizer que não se preocupem.

Mas eles não estão preocupados. Eles sabem onde estou e pensam que estou perfeitamente segura. E estou. Estou sendo muito bem cuidada.

Bem demais? Tento reprimir o tremor que quase me faz estremecer.

Um par de olhos azuis está fixado em mim. Sei disso mesmo sem olhar para o homem a meu lado. Consigo sentir seu olhar queimando minha pele como raio laser, estou muito ciente do corpo a um assento de distância. Não quero que ele saiba que estou com medo.

Essa sua imaginação vívida ainda vai ser sua ruína!, brigo comigo mesma. *Está tudo bem. Não vamos ficar aqui por muito tempo. Vamos sair depois de amanhã.*

Isso deveria ser um sonho se realizando para mim. Estou aqui porque Mark, meu chefe, ficou doente e não pôde vir, mas, apesar das circunstâncias ruins, é uma oportunidade incrível. Sempre quis visitar o museu Hermitage, ver algumas de suas gigantescas coleções de tesouros da arte, e agora estou sendo levada para lá, não apenas para a galeria, mas a seu coração, para me encontrar com um de seus especialistas. Ele vai nos dar o veredicto sobre a pintura perdida de Fra Angelico que Andrei Dubrovski, patrão de Mark, comprou recentemente, e agora está sendo propriamente analisada. Essa viagem é a oportunidade de uma vida e eu deveria estar exultante e empolgada.

E não com medo.

Tento sufocar as palavras antes que surjam em minha cabeça. Não estou com medo. Por que deveria estar? Ainda assim...

Chegamos ontem à noite, descendo no aeroporto com o avião particular de Andrei Dubrovski. Como de costume, as formalidades foram deixadas para trás rapidamente. Fico imaginando como será quando tiver de voltar a enfrentar as filas na imigração, o controle de segurança e ir andando até um portão distante para pegar um voo. Todo esse tratamento VIP vai me deixar mal acostumada se eu não tomar cuidado. Fomos diretamente do avião para uma comprida limusine preta – uma pouco mais chamativa do que poderia esperar de um homem com o gosto de Dubrovski, mas talvez as coisas fossem diferentes quando ele estava na Rússia – e saímos em direção à estrada até São Petersburgo.

– O que está achando da Rússia até agora? – Andrei perguntou enquanto o carro ultrapassava suavemente o tráfego na estrada.

Olhei para fora, mas não havia muito o que ver além da janela do carro, à noite. À nossa frente a escuridão estava manchada de laranja, as luzes da cidade grande se misturando no vasto céu escuro sobre nós.

– Difícil dizer. Responderei pela manhã.

Andrei riu.

– Já sei o que você vai dizer. É frio demais. Acredite, em comparação Londres vai parecer um paraíso tropical.

Também ri, e torci para ser uma risada convincente. Desde nosso voo, minhas emoções estavam em um turbilhão. Andrei, para quem estive trabalhando por algumas semanas, revelou que sabia do meu relacionamento com Dominic, e que Dominic e eu nos separamos. Ainda assim, ele nem se preocupou em poupar meus sentimentos ao dizer que, para ele, Dominic agora era seu inimigo. E então me disse as três palavras, aquelas que viraram meu mundo de ponta-cabeça.

Chega de jogos.

Essas foram as palavras ditas em meu ouvido pelo homem que fez amor apaixonadamente comigo na escuridão durante a festa nas catacumbas. Pensei que era Dominic, mas agora temo que, no fim da contas, tenha sido Andrei. O problema é que meus sentidos estavam completamente minados pelo fato de quase certamente ter sido drogada, provavelmente por Anna, ex-amante e funcionária de Andrei, cujos sentimentos por Dominic nos causaram todo tipo de problemas.

Só o fato de pensar nessa noite, naquela estranha festa, faz meu estômago se revirar.

Se transei com Andrei então fui infiel a Dominic, conscientemente ou não. E se Andrei é o tipo de homem que se aproveita de uma mulher que claramente está fora de si, então do que mais ele é capaz?

Olho de relance para Andrei, que tirou seus olhos de mim por um momento e está falando algo em russo com seu guarda-costas. Seu físico é ao mesmo tempo atraente e um pouco assustador, os ombros largos sob o sobretudo preto, as mãos grandes e fortes. Seu terno de lã escura perfeitamente cortado não consegue disfarçar o corpo forte e musculoso por baixo. Seu rosto estava carrancudo,

com os olhos azuis penetrantes e a boca sisuda com o lábio inferior teimoso e protuberante. Apesar de meu amor por Dominic, por vezes senti as ondas de atração exercidas pelo magnetismo físico de Andrei. Eu me odiei por isso, mas não pude evitar. Talvez tenha sido por isso que estava sofrendo diante da possibilidade de nós dois termos transado selvagemmente em uma parede fria de uma caverna. Parte de mim sabia que eu gostaria disso, apesar do que eu dizia a mim mesma.

Não foi como se ele tivesse agido contra minha vontade. Ele perguntou se eu queria e eu praticamente implorei para que ele me fodesse com toda a força. Com certeza foi consensual.

Exceto pelo pequeno detalhe de sua identidade. Será que sabia que eu pensava que ele era o Dominic?

Era impossível saber sem lhe perguntar e eu ainda não tinha arrumado coragem para fazer esse tipo de pergunta.

– O que foi, Beth? – A voz de Andrei, quase rude, invade meus pensamentos. Dou um pulo com o susto. Não tinha percebido que estava olhando para ele, enquanto meu cérebro revisitava os eventos recentes, tentando juntar tudo.

– N-nada – respondo. Recupero a postura o mais rápido possível. – Já chegamos?

Percebo que estamos indo mais devagar, quase a passo de lesma, já faz alguns minutos.

– É o trânsito de São Petersburgo – Andrei diz sucintamente. – É conhecido por ser péssimo, especialmente quando há neve nas estradas, o que é bem frequente, como você pode imaginar. Mas acredito que estamos quase lá agora.

Ainda estamos na metade da manhã, mas já parece quase noite, com as nuvens baixas, cinzentas e carregadas de neve pesando sobre nós. Olho para fora da janela novamente e percebo que estamos nos aproximando de um vasto e largo rio. Na margem oposta há uma incrível fachada de prédios: uma coleção de palácios extravagantes, com suas centenas de janelas brilhando de forma sombria, próximos e distintos, formando um grupo. Um palácio grande e ornamentado domina a cena e parece ter saído diretamente de um filme ou de um livro.

– O museu Hermitage – Andrei anuncia com orgulho. – Certamente o mais belo museu do mundo. Tamanha grandeza e beleza... – Ele aponta para o maior e mais extravagante palácio, com uma vasta fileira de colunas brancas e paredes verde-escuras entre janelas em forma de pórticos. – Este é o Palácio de Inverno, casa dos imperadores russos. Aqui, eles comandavam 125 milhões de almas e um sexto da superfície do planeta. Impressionante, não?

Ele está certo. É uma visão magnífica. Por um momento imagino que sou Catarina, a Grande, sendo conduzida por uma carruagem maravilhosa em direção à minha casa fabulosa, cheia de obras de arte que comprei. Então me lembro de como devia ser um russo comum, excluído da vida luxuosa e dourada lá de dentro, que só servia para ralar na construção do palácio ou para pagar impostos que bancassem as gloriosas obras de arte em suas paredes, sem nunca ter o privilégio de poder vê-las.

Mas os tempos mudaram. Agora esses são prédios públicos a que todos podem ter acesso. Todo mundo pode aproveitar sua beleza e os tesouros que estão lá dentro.

– O que você acha? – Andrei pergunta.

– Incrível.

Não consigo dizer mais nada, estou espantada. Cruzamos o rio e nos aproximamos do Palácio de Inverno pelo aterro e então paramos em um grande portão de ferro forjado que se fecha rapidamente. Logo em seguida, um homem corre para abri-lo e nos acena para entrar. Então estamos em um pátio com um jardim no centro, coberto de neve, com as árvores e seus galhos sem folhas formando uma silhueta preta contra as paredes. O portão se fecha atrás de nós.

– As filhas de Nicolau II costumavam brincar aqui – Andrei comenta quando o carro estaciona em frente a uma porta ornamentada. – Imagine quatro pequenas duquesas correndo para lá e para cá, rindo e jogando bolas de neve nos soldados que as protegiam. Sem saber da morte horrível que as aguardava.

O motorista já saiu e abriu a porta do lado de Andrei. Treme de frio com o ar gelado que penetra no interior aquecido do carro e tiro da cabeça o pensamento sobre o destino daquelas crianças.

Coloco meu chapéu e as luvas quando o motorista vem abrir minha porta. Ele me ajuda a sair do carro e a caminhar pelo chão cheio de gelo até onde Andrei espera por mim.

– Uma entrada particular – ele diz, com um pequeno sorriso saindo de seus lábios. Raramente ele sorri, mas mesmo esse pequeno esforço já ajuda a aliviar sua expressão carrancuda e seu olhar gélido. – Podemos conseguir esse tipo de coisa.

Não é assim tão aberto a todo mundo. O dinheiro ainda consegue abrir alguns caminhos fechados aos demais.

A porta se abre e sai um homem de meia-idade, usando um grande sobretudo preto e um chapéu de pelo e botas. Está sorrindo, os olhos pequenos franzindo por trás de óculos de armação grossa e escura. Ele corre até Andrei, cumprimentando-o efusivamente em russo. Eles conversam por um momento e tento esconder o fato de que estou tremendo de frio apesar do meu casaco quente. Olho com inveja para o motorista sortudo, que está no carro aquecido.

Andrei repentinamente passa a falar em inglês e aponta para mim.

– E esta é a Beth, minha consultora de arte. Ela estava lá quando adquirei a obra. – Ele não se preocupa em me dizer quem é o homem, mas imagino que seja alguém importante no museu.

– Madame Beth – O homem fala em inglês carregado de sotaque e se curva para me dar as boas-vindas. – Por favor, vamos entrar. Posso ver que você está com frio. – Nós o seguimos pela porta e entramos no palácio. Logo de cara fico boquiaberta. Mais ninguém move um fio de cabelo diante do esplendor lá de dentro, eles estão obviamente acostumados, mas fico espantada com a opulência à mostra. Chão de granito, lâmpadas douradas com abajures de cristal, espelhos ornamentados, pinturas incríveis com molduras douradas e enormes. Por todo lugar há cores e decoração exagerada, brilhante e incrível.

Os dois homens à minha frente estão conversando em russo, e sigo atrás tentando absorver tudo. Aqui estou, no Palácio de Inverno de São Petersburgo. Não há mais ninguém por perto, então devemos estar em uma área fechada ao público. Como sou sortuda... e ainda assim não consigo deixar de tremer de ansiedade.

Estou em um lugar estranho, um palácio enorme, sem fazer ideia de onde realmente estou.

O amigo de Andrei se vira para mim com um sorriso.

– É sua primeira vez aqui, madame Beth?

Confirmo com a cabeça. Queria que ele parasse de me chamar de madame, mas não sei como pedir isso com educação.

– O lugar é grande, não? Há mil e quinhentos quartos e salas neste palácio, e cento e dezessete escadas. Por favor, não se perca, não será fácil encontrá-la! – Ele ri e se volta a Andrei.

De alguma forma, não acho que a ideia de me perder aqui seja tão engraçada quanto ele parece achar.

Continuamos andando. Os dois homens à minha frente caminham em passo acelerado, o que significa que mal consigo aproveitar a visão esplêndida e observar as várias e lindas pinturas nas paredes. Subimos uma grande escada de carvalho escuro até o primeiro andar e então caminhamos por diversos corredores até finalmente chegarmos ao nosso destino, uma grande porta de madeira polida, com uma maçaneta e um escudete de bronze.

Nosso guia abre a porta de forma teatral.

– Por favor, entrem!

Ele nos leva em direção a uma grande sala, com móveis comuns de escritório que contrastam com o teto dourado, um lustre gigante e as janelas amplas. As paredes são cobertas de seda vermelha, com enormes pinturas em molduras douradas e brilhantes. Em um canto vejo um grande cavalete, sobre o qual está uma pintura coberta com um pano.

Nosso amigo começa a falar em russo, mas Andrei levanta uma mão, ainda coberta com luvas, e balança a cabeça.

– Não, Nicolai. Em inglês, por favor, para minha consultora aqui.

– Com certeza, com certeza! – Nicolai sorri para mim, obviamente ansioso por agradar. – Que seja em inglês. – Ele faz um gesto para que sentemos em cadeiras pretas em frente a uma mesa de fórmica cinza. – Por favor, fiquem à vontade.

– Não estamos aqui para jogar conversa fora – Andrei diz, quase grosseiramente. – Você sabe o que quero. Qual é a resposta?

Nicolai tira lentamente o chapéu de pelo, revelando uma careca brilhante, e o coloca na mesa. Ele começa a desabotoar o casaco, parecendo preocupado. Ao tirar o casaco, ele diz:

– Andrei, não posso fingir. Este foi um dos casos mais complexos que já nos apareceu. Meus especialistas aqui foram obrigados a fazer análises realmente a fundo.

Andrei fica tenso.

– E?

Olho seu rosto. Seus lábios estão rijos, o de baixo saltando daquela forma obstinada, e seus olhos queimam de intensidade. Sei que ele quer muito ouvir a resposta certa. Essa pintura nos fez passar por poucas e boas. Também estou ansiosa. Meu coração bate acelerado e estou me sentindo sem ar. Percebo que meus punhos estão cerrados nos bolsos do casaco.

Nicolai claramente gosta de ser dramático. Ele pendura o casaco devagar sobre o assento da cadeira e então caminha pela sala até o cavalete. Pega o pano que cobre a tela no cavalete pela ponta com uma mão, faz uma pausa por um momento e então puxa o tecido lentamente. E lá está, em toda a sua glória: a bela e cintilante pintura que vi no monastério croata. A Virgem ainda está sentada serenamente em seu belo jardim, com o bebê no colo, os santos e os monges ao redor. Realmente é magnífica e, no momento em que a vejo, minha fé renasce. *Ela é legítima. Com certeza. Como algo que não seja uma obra-prima poderia ser tão adorável?*

Fico surpresa com uma pontada inesperada de tristeza. Algo pesaroso toma conta de mim ao lembrar do que mais aconteceu no monastério: o glorioso encontro que tive com Dominic. Naquela hora, foi como se nosso relacionamento tivesse reacendido e ficado mais forte do que nunca. Agora, estamos separados de novo e desta vez temo que jamais sejamos capazes de ficar juntos novamente.

Vejo-o em minha mente, como a última vez em que estivemos juntos. A imagem é tão clara e vívida que suspiro fundo. Mas seu rosto lindo está contraído de raiva e medo, e seus olhos estão furiosos. Consigo ouvir suas palavras novamente.

Quero que você jure pela própria vida que nada aconteceu entre você e o Dubrovski. Vamos, Beth, jure.

Mas não consegui. Não tinha certeza. E isso nos afastou e quebrou a preciosa confiança entre nós. Para sempre?

Não. Não vou deixar isso acontecer. Vou garantir que não.

A voz de Andrei, dura e áspera, me traz de volta ao presente. Estou tomada por uma vontade desesperada de estar junto de Dominic, não de ficar aqui em um país estranho com o homem que causou todo o problema. Isso é loucura completa.

– Vamos, Nicolai! Qual é a resposta?

Nicolai coloca um par de óculos e examina a pintura de perto, fazendo um barulhinho de estalo com a língua. Por fim, ele diz:

– As pinceladas são magníficas, as tintas absolutamente perfeitas em seus tons. Tudo bate exatamente com o que se esperaria de um gênio como Fra Angelico. Tudo: a composição, a perspectiva linear, o estilo... é quase perfeito.

– *Quase?* – Andrei esbraveja.

Nicolai confirma com pesar.

– Perfeito, menos por uma coisa. A análise dos pigmentos e da tela em si nos diz que esta obra não tem mais do que duzentos anos de idade. É uma imitação inteligente, incrível e sensacional. É a obra de um grande talento, mas não foi feita por Fra Angelico. – Ele olha diretamente para Andrei, que está parado como uma estátua, com o rosto pálido. – Sinto muito, Andrei, mas não há dúvidas sobre isso. Sua pintura é falsa.

Capítulo Dois

Estou praticamente correndo pelo Palácio de Inverno perseguindo Andrei, que caminha rapidamente na minha frente. Espero que ele se lembre de como saímos, porque não faço ideia de onde estamos. Caminhamos por diversos corredores e já descemos pelo menos um lance de escadas.

Mil e quinhentos quartos e salas. Se ele não conseguir se lembrar do caminho, vamos ficar correndo por aqui por um bom tempo até achar a saída.

Mas Andrei obviamente conhece o caminho e continua em passo acelerado até chegarmos à porta por onde entramos. Ele vai abri-la.

– Andrei, por favor! – eu grito. – Espere!

Ele para e se vira. Sua expressão é terrível. Nunca vi a fúria tão profundamente incrustada em um rosto, e seus olhos estão soltando faíscas.

– Eu... eu... sinto muito! – consigo dizer enquanto tento recuperar o fôlego. – Sei o quanto essa pintura significava para você.

Um rosnado curva seus lábios.

– Você e seu amigo me custaram dois milhões de dólares – ele diz, sua voz mais ríspida do que nunca. Normalmente nunca percebo seu sotaque, ele soa mais como um americano que qualquer outra coisa para mim, mas desta vez seu lado russo se destaca, como se ele quisesse enfatizar a diferença entre nós dois. – Você deveria pensar bem sobre isso, hein?

Quase me encolho em choque.

– O que você quer dizer?

– Você é minha consultora de arte, não? Você e o Mark, não? Você foi comigo para a Croácia para me aconselhar na compra do Fra Angelico e foi com base no que disse que comprei essa porcaria! Que grande *expert* você é!

Engasgo ao ouvir isso. É completamente injusto. Consigo ver o rosto infeliz de Mark em minha mente neste momento. Ele não queria ser pressionado a aconselhar Andrei a comprar ou não a pintura, mas Andrei insistiu. O conselho de Mark era aguardar até que a pintura fosse apropriadamente comprovada. Andrei não quis ouvir. Posso ouvir Mark me dizendo que sua reputação estaria em jogo se a pintura fosse falsa. *Oh, meu Deus, Mark... o que vai acontecer com você?*

Fico furiosa. Andrei não pode agir dessa forma. Ele não pode fingir que não passou por cima de nós e comprou a pintura contra a opinião de Mark.

– Você sabe que isso não é verdade! – grito. A raiva ferve em mim e deixa minha voz forte e indignada. – Não vou deixar que você culpe o Mark por isso! Ele avisou e disse que você deveria ir com calma, mas você não ouviu. Ele nunca disse para comprar a pintura, mas você foi em frente de qualquer forma. Ele foi muito leal a você, como ousa virar as costas para ele desse jeito?

Andrei não diz nada, mas está mais pálido do que nunca, suas sobrancelhas vibram enquanto me encara.

Estou uma metralhadora agora, apesar da voz lá no fundo que me avisa para ir com cuidado.

– A culpa é sua, você sabe que é. Você quis que a pintura fosse verdadeira, então fez exatamente o que queria. É assim que você age? Joga a culpa nas pessoas quando as coisas dão errado em vez de assumir sua responsabilidade? Achei que você fosse melhor do que isso. Mas estou percebendo o quanto estava errada sobre você.

Mal posso acreditar que disse isso. Sinto o medo descendo no meu estômago e o contraindo. *Ah, não, eu fui longe demais.*

Seus dentes estão cerrados, dá para ver pela forma como sua mandíbula está contraída e pelo jeito como o músculo pulsa em sua bochecha. Ele parece querer me matar. Então, depois de uma espera agonizante, ele apenas diz:

– Entre no carro. Agora. – Ele sai andando sem olhar para ver se eu obedeco.

Ao segui-lo pela porta, amaldiçoo minha imprudência. Estou completamente à mercê desse homem. Agora não é a hora de

confrontá-lo. Só que não consegui me segurar. Se ele vai culpar o Mark e eu por esta situação, então, de qualquer forma, nossa relação profissional está em um beco sem saída. Mas e se eu estiver a ponto de ver um lado completamente diferente de Andrei Dubrovski? Já o vi ser educado e civilizado, atencioso e até sedutor, mas sempre soube que por baixo dessa aparência sofisticada há um garoto das ruas de Moscou, que cresceu em um orfanato e fez sua fortuna graças à sua resistência e determinação, ultrapassando os obstáculos a qualquer custo.

Até onde ele iria se quisesse algum tipo de vingança?

O motorista está fora do carro, segurando a porta aberta para mim. Entro e penso no que vai acontecer agora. Andrei está do meu lado. Ele está em silêncio, mas posso sentir a fúria consumindo-o por dentro. Meu instinto me diz para ficar quieta, então nem mesmo pergunto para onde estamos indo agora.

Quero desesperadamente voltar a meu quarto no hotel. Preciso ficar longe dele para conseguir pensar nisso direito. O carro parte, passa pelo portão e volta sobre o rio. Estamos na Nevsky Prospekt, a famosa avenida principal de São Petersburgo, nos arrastando pelo trânsito pesado, passando por uma multidão de pessoas bem agasalhadas andando sobre calçadas cheias de neve em frente a vitrines iluminadas. Passamos por lojas de departamentos, shoppings cheios de luzes, igrejas gigantescas e belos monumentos. Eu deveria ficar empolgada por estar aqui, mas, em vez disso, estou nervosa e infeliz, pensando no que vai acontecer em seguida.

Andrei não diz nada até voltarmos ao hotel. Então, quando entramos no chamativo lobby cheio de mármore e enormes luzes de cristal, ele avisa:

– Estarei em meu quarto. Peça o que quiser para almoçar. Esteja aqui pronta para sair às duas horas.

– Vamos voltar para casa? – arrisco.

Ele me olha de cima com um olhar gelado. Então vê algo em meu rosto que o faz parar e relaxar um pouco.

– Ainda não. Hoje à noite. Há algo que preciso fazer antes. – Ele parece querer dizer algo a mais, mas muda de ideia e apenas conclui. – Às duas horas. Em ponto.

Volto para o meu quarto, feliz por poder me recuperar um pouco do drama desta manhã. Quando a porta está bem fechada atrás de mim, encosto-me nela e suspiro aliviada. Então tiro as botas e me jogo na cama, olhando para o teto.

– Então a pintura era falsa – digo em voz alta. – Não acredito. Depois de tudo.

Fico imaginando o que Andrei vai fazer sobre isso. Não gostaria de estar na pele do abade do monastério quando ele tiver de atender um certo telefonema. Preciso contar ao Mark os resultados da avaliação do Hermitage, ele precisa saber. Lembro-me da última vez que o vi, logo antes de viajar para a Rússia com Andrei. Tinha ido até a casa na Belgrávia para ver como ele estava e receber as últimas orientações, só para encontrar uma loura enorme e espalhafatosa que assumiu o controle de tudo.

– Minha irmã Caroline – Mark me explicou com uma voz muito fraca. – Ela vai ficar e tomar conta das coisas na casa.

– E você? – pergunto, observando Caroline sair pisando forte para dar instruções ao pedreiro que estava trabalhando lá fora, sua voz de tom aristocrático se sobressaindo. Sua barulheira e seu jeito estabanado contrastavam com a elegância silenciosa e discreta de Mark a tal ponto que era difícil acreditar que eles tinham os mesmos pais. – Ela vai tomar conta de você?

Eu ainda estava digerindo a notícia de que Mark estava doente, e imaginando se era muito sério, já que ele se recusara até mesmo a me dizer o que havia de errado.

– Claro. Vai cuidar muito bem. Ela é ótima nisso. – Mark sorriu, e essa visão me fez querer chorar. Eu deveria parecer feliz, mas seus lábios finos esticados sobre seu rosto ossudo o deixavam com uma careta. Nessa hora percebi que seus dentes e olhos estavam desproporcionalmente grandes em sua cabeça, enormes, mas amarelados e adoentados.

Ele está mesmo mal, pensei com um pouco de assombro. Claro que sabia que ele estava mal, mas as pessoas ficam doentes e

depois melhoram. A menos que fiquem doentes e piorem, e piorem mais e então...

– Então, Beth – Mark diz, tentando se inclinar perto de mim como que para dizer algo em segredo, mas sem ter forças suficientes para isso –, cheguei a contar que minha cirurgia é amanhã?

Balanço a cabeça, torcendo para que ele não conseguisse ver meus olhos se enchendo de lágrimas.

– Ah, sim. Consegui prioridade. Logo pela manhã, cerca de oito horas na mesa de operações. Vai ser maluco, porque parece que vou ficar em um estado que é o mais perto de se estar morto, sem estar realmente morto. Pelo menos, espero não terminar morto, essa não é minha intenção. – Mark ri de sua própria piadinha. – Então pense em mim convalescendo em uma cama de hospital enquanto você fica passeando por São Petersburgo. Mas Caroline vai cuidar bem de mim, não se preocupe.

Fico olhando para a luminária sobre a cama e percebo que fiquei contando as pequenas lâmpadas dela enquanto pensava em Mark. A cirurgia deve ter sido ontem. Era no pescoço, então não sei se ele vai conseguir falar, mesmo considerando que a operação tenha sido um sucesso. *Meu Deus, espero que tenha sido um sucesso.* Criei afeição pelo Mark, como amigo e mentor e uma inspiração de como viver bem. Ele tem sido muito mais do que apenas um chefe para mim.

Pego o celular e meu dedão fica sobre ele por um tempo, então o deixo a meu lado na cama. Não vou ligar para ele contando essa notícia, ainda não. Não há como dizer a ele que Andrei pretende queimá-lo publicamente, e talvez eu ainda consiga amenizar a situação. Afinal, há esse passeio misterioso às duas da tarde. Talvez eu consiga ter alguma influência sobre Andrei.

Sim, com certeza esse é o caminho. Vou apelar para o senso de decência de Andrei. Tenho certeza de que ele tem algum. E vou esperar para ver como o Mark está antes de dizer qualquer coisa a ele.

Com isso decidido, levanto e penso em pedir o almoço, para estar pronta exatamente às duas.

Desço ao lobby dez minutos adiantada, só para garantir. Às cinco para as duas, Andrei sai de um elevador usando seu sobretudo azul-marinho de caxemira. Todo mundo olha para ele, alguns discretamente, outros o observam abertamente. Sua energia irradia e atrai todos os olhares. Além disso, ele é fisicamente interessante de se olhar: é alto, tem ombros largos e seu rosto é quase bonito. É carrancudo e durão; suas feições carregadas e sua boca obstinada ficam extraordinárias com seus olhos azuis flamejantes.

É estranho lembrar que vi esses olhos se abrandarem e ficarem mais claros, e sua boca sisuda se curvar em um sorriso só para mim. E já ouvi sua voz ríspida se tornar suave e murmurar estranhas promessas e avisos que tocaram algo em mim, mesmo quando estava me afastando.

– Bom. Você está aqui – ele diz.

É bom te ver também!

Na verdade, prefiro esse Andrei. Posso lidar com um Andrei mimado, egoísta e mal-humorado. Acho muito mais difícil saber o que fazer com um Andrei mais humano, vulnerável, carinhoso e amistoso.

Pare. Não comece. Nem pense nisso.

Nessa hora percebo que Andrei não está sozinho. Há uma mulher atrás dele, usando um longo casaco preto e aquele chapéu redondo de pelo preto que vi tanta gente usando por aqui. Mechas de cabelo escapam por sob os pelos macios do chapéu, e seu rosto é branco e bonito. Ela não tem expressão e mantém um braço descansando sobre uma grande bolsa de couro que carrega no ombro. Percebo que ela é bem mais alta que eu.

Nós temos companhia? Meu coração fica apertado. Isso vai ser um obstáculo na hora de falar com Andrei sobre Mark.

Andrei faz um gesto e aponta para sua companheira.

– Beth, esta é Maria. Ela é minha assistente hoje. Venha comigo, vamos sair imediatamente.

Fico obedientemente atrás de Maria e seguimos Andrei, parecendo um trio cômico de grande, médio e pequeno. O carro está lá fora e em um segundo já estamos novamente em seu delicioso aquecimento. Estou tremendo depois de meu breve encontro com o ar gélido lá de fora. Acho que nunca estive em um lugar tão frio quanto São Petersburgo. Ainda bem que Andrei não quis ir para a Sibéria.

Andrei e Maria conversam enquanto partimos e falam durante todo o trajeto de uma hora e meia, mas, como todas as palavras são em russo, não entendo nada. Concentro--me bastante por um tempo, tentando decifrar o que estou ouvindo, mas é inútil. Maria tirou um caderno da bolsa espaçosa e está rabiscando as páginas com o que me parecem garranchos ininteligíveis.

Ao deixarmos a parte mais rica de São Petersburgo, as luzes ficam menos douradas e exageradas. Já está quase escuro e, de repente, me sinto bem cansada. Apoiando a cabeça no encosto de couro, não consigo resistir ao peso nas pálpebras e sou arrastada em direção à inconsciência. Tento permanecer acordada, mas não consigo.

Quando acordo, paramos em um pequeno estacionamento em frente ao que parece ser um grande e cinzento prédio estatal.

– Vamos, dorminhoca – Andrei diz, com a voz dura, mas sem grosseria. – Chegamos. Você vai acordar quando vir o que há lá dentro, não se preocupe.

Balanço a cabeça para afastar a sonolência, um pouco surpresa. Um momento atrás eu estava perdida em um sonho vívido. Estava em casa, discutindo com minha mãe sobre algo. O que era mesmo? Ah, sim, ela estava me dizendo para voltar para casa.

– Você está longe já há tanto tempo – ela dizia brava. – Não gosto disso, Beth! – E eu estava irritada, tentando explicar que não podia simplesmente voltar, tinha de esperar pelo jatinho particular do Andrei e...

– Vamos, Beth! – Andrei esbraveja.

O motorista está segurando a porta do carro. Desço, apertando meu casaco o máximo que posso. O frio é cruel e atravessa meu casaco e minhas roupas como se eu não estivesse usando nada. Preciso sair daqui logo. Meus pés já estão adormecidos por causa do chão gelado e minha pele está formigando em protesto contra o ar congelante que rouba todo o seu calor.

Andrei vai na frente, seguindo um caminho em frente ao prédio, e Maria e eu o seguimos. Concentro-me para não escorregar, já que o chão ainda está escorregadio apesar de ser bem áspero. Visto da entrada, o prédio parece ainda mais deprimente, seus quatro andares cinzentos com as janelas fechadas e sem muito sinal de vida.

– Onde estamos? – pergunto, sem conseguir manter a boca fechada por mais tempo.

– Você vai ver – Andrei responde sucintamente. Ele aperta um botão ao lado da porta. Acho que consigo ouvir um barulho por trás da porta grossa, uma espécie de lamento agudo. Então, logo em seguida, a porta se abre e surge uma mulher de meia-idade, de cabelos grisalhos e vestida com uma saia simples e uma blusa, que contrasta bem contra a torrente de luz que vem de dentro. Ela vê Andrei e toma um susto, seus olhos se arregalam e sua boca se abre em um sorriso. No momento seguinte, ela já está tagarelando empolgadamente em russo e, para minha surpresa, envolveu Andrei em seus braços, apesar do casaco volumoso, e o abraça com força.

De dentro do prédio vem mais barulho e vozes agudas: sons de conversas, sapatos batendo no chão, cadeiras se arrastando, passos subindo escadas. Devemos estar visitando uma escola ou...

Estamos entrando. A mulher já soltou Andrei e agora o puxa pela mão enquanto fala em voz alta com as pessoas dentro do prédio. Maria está a meu lado, um sorriso ilumina seu rosto pálido e de linhas retas. Agora estou começando a adivinhar e, assim que entramos no saguão grande e bem iluminado, bem quente comparado ao frio lá de fora, tenho certeza de onde estamos.

Cerca de sessenta crianças, com idades entre três e dez anos, se reuniram no saguão ao pé da escadaria. Elas estão cochichando, sussurrando, inquietas, mas ao nos aproximarmos elas ficam em

silêncio. Sessenta par de olhos se voltam para outra pessoa, uma mulher parada na frente deles. Ela levanta as mãos, faz uma contagem e começa a conduzir as vozes infantis, que subitamente elevam-se em uma canção.

Não reconheço a música nem entendo nenhuma palavra da letra, mas a canção é absolutamente linda. Acho que tem a ver com o Natal, mas talvez seja porque vejo correntes de papel brilhante penduradas da parede até o corrimão da escadaria. Claro, o Natal está chegando... já é dezembro.

As crianças têm uma aparência um pouco largada, com calças, saias e blusas bem gastas, mas as roupas estão limpas e passadas. Observo os menores, todos com cara de anjinho, que nem sabem o significado das palavras, mas estão cantando do jeito que podem. Então vejo as crianças mais velhas, algumas banguelas, bem concentradas na professora, ou sendo distraídas pelo cotovelo de um amigo ou por um pedaço da corrente de papel. Há todo tipo de criança: meninas de maria-chiquinha, meninas com os cabelos presos com presilhinhas, meninas de óculos de aro grosso, meninas de calças e meninas de vestidos. Há meninos de cabelo raspado, meninos de rabo de cavalo e meninos com o cabelo entre os dois tipos. Há os meninos que parecem anjinhos, os meninos esfolados e ralados, garotos rechonchudos e coisinhas magrelas, que parecem poder comer o dia inteiro e ainda assim continuariam com fome. Todos estão cantando.

Olho para Andrei e fico espantada. Ele está sorrindo de uma forma que jamais vi antes: alegre, amistoso e cheio de orgulho e prazer. Está balançando as mãos e os pés no ritmo da música. Ele está parecendo um pai feliz no dia da apresentação dos filhos no coral da escola.

Então este é o orfanato de Andrei. Ele me disse no avião que financiava um orfanato e que sua vontade era deixar o lugar o mais colorido e divertido possível, para que não se pareça em nada com o lugar cinzento e triste onde ele cresceu. Olho em volta: sim, apesar de ser um lugar funcional, há cores também. Bastante até. Tem fotos em todos os lugares, os estofados nas cadeiras têm cores vivas

e há tapetes sobre o chão acinzentado. É um lugar alegre, apesar de se parecer mais como uma instituição do que com um lar.

Olho novamente para as crianças. Com qual será que Andrei mais se parecia? Com aquele menino de olhos azuis e rosto redondo que está cantando para valer? Então vejo um menino no fundo. Ele tem cerca de dez anos e é mais alto que os outros, então se escondeu lá atrás onde ninguém pode vê-lo. Talvez ele tenha vergonha de sua altura ou não goste de cantar. Ele tem o rosto fino, provavelmente por estar crescendo rápido demais, e mal move os lábios quando canta, como se o fizesse só porque é obrigado. A expressão do seu rosto é indecifrável, mas, quando ele olha para Andrei, seu rosto assume as feições de alguém que olha para seu herói.

Meus olhos estão cheios de lágrimas quando a música termina e as crianças olham para Andrei ansiosas. Ele dá uma grande e explosiva risada e bate palmas, seu aplauso abafado pelas luvas. Ele diz algo em russo, o que faz as crianças sorrirem, e percebo que as está elogiando. Então faz outro anúncio ao tirar as luvas, e isso faz as crianças tomarem um susto e conversarem empolgadas. A mulher de meia-idade que nos recebeu na porta se adianta e começa a dar instruções em voz alta. Em poucos minutos, as crianças estão sentadas em ordem no chão, e Andrei fala com elas. Não consigo entender o que ele está dizendo, mas as crianças respondem suas perguntas e ele também as faz rir. Enquanto ele fala, o rosto delas vai ficando cada vez mais alegres, e então todas fazem um som de "oooooh" e se viram para olhar a porta de entrada. Ela é aberta neste exato momento, e dois homens de jardineiras entram carregando cuidadosamente uma enorme árvore de Natal, já decorada.

As crianças riem e aplaudem enquanto a árvore é levada pelo saguão e posta em seu lugar de honra. Uma tomada é conectada na parede e um botão é ligado, e as crianças suspiram de alegria ao ver as luzes da árvore brilhando e piscando. A árvore está linda, cheia de enfeites e chocolates, com uma estrela dourada no topo.

Alguém traz uma cadeira para Andrei. Outro funcionário aparece carregando um enorme saco e, sob as orientações da Maria, ele o coloca ao lado de Andrei. Vou até a parede e acho uma cadeira para

me sentar e ver a cena. É um belo momento para se testemunhar. Andrei chama nome por nome e a cada vez uma criança feliz da vida se levanta e vai até Andrei receber um presente que ele tira do saco. O ambiente logo se divide entre aqueles com um presente nas mãos e aqueles aguardando tensos para ter seu nome chamado. Um por um, do garoto de três anos e joelhos gordinhos ao magrelinho de dez anos, todos são chamados para conversar rapidamente com Andrei e receber um presente. O garoto que ficava olhando para Andrei como um herói durante a cantoria mal conseguiu falar na sua vez, de tão emocionado, mas Andrei o cumprimenta de um jeito bem masculino, dá um tapa em suas costas e o manda de volta exultante.

Então é isso o que ele está fazendo. Está dando às crianças uma figura paterna. Alguém para amar. Alguém para agradar.

Nunca vi Andrei assim antes. Ele se transformou. Está sorrindo sem parar já faz mais de uma hora, o que deve ser um recorde. Ele está resplandecendo na companhia dessas crianças órfãs. Ele as compreende, porque também foi como elas.

Maria está riscando os nomes e fazendo mais anotações. A apresentação acaba. As crianças são enviadas de volta para cima, talvez para abrir seus presentes em outro lugar. Então Andrei, Maria e eu somos levados pela mulher, que deve ser a diretora do orfanato, para uma confortável sala aquecida por lareira e ganhamos chá preto, bem quente e doce, em copos enfeitados.

Os outros funcionários do orfanato estão lá. As pessoas são muito legais comigo, sorriem quando nossos olhares se cruzam, oferecem mais chá e biscoitinhos doces de uma travessa, mas não entendo a conversa. Observo muita boa vontade em relação a Andrei, e uma alegria e um prazer verdadeiros por estar em sua companhia. E percebo que, apesar de tudo, estou gostando da visita. Depois de conversar por cerca de meia hora, Andrei se levanta, e todos na sala também. A diretora do orfanato faz um discurso e beija Andrei nas duas bochechas. Ele diz algumas palavras e em breve os dois estão andando de braços dados em direção à porta principal, com Maria e eu logo atrás e o resto dos funcionários nos seguindo. Lá fora já está bem escuro. As estrelas brilham no céu cor de nanquim. Temos as

despedidas finais e já consigo sentir o cheiro inequívoco de refeitório de escola vindo de alguma cozinha por lá. É igual na Rússia e lá em casa. Imagino todas aquelas crianças sentadas no refeitório, aguardando seu ensopado com bolinhos ou coisa do tipo, cada uma com um presente novo e brilhante lá em cima. Então sigo Andrei pelo caminho até o carro, onde o motorista nos espera.

Na jornada de volta, Maria senta na frente com o motorista, separada de nós por um vidro grosso.

– E então? – pergunta Andrei com o carro se dirigindo de volta a São Petersburgo.

Sorrio para ele.

– Foi adorável! Todas aquelas crianças... você as deixou tão felizes!

– Eu as visito sempre que posso. Não é frequente, já que estou sempre rodando e não tenho tempo.

– Você estava dando presentes de Natal?

– Bem, não exatamente. O Natal é um pouco diferente aqui. Ele era banido na minha infância, durante o período comunista, mas mesmo nosso governo compreendia o valor de uma festividade bem no meio do inverno, então as celebrações passaram para o Ano-Novo. É quando o Vovô Gelo, nossa versão de Papai Noel, vem para distribuir presentes e decoramos nossas árvores... Eu disse às crianças que iríamos ter nosso Ano-Novo um pouco mais cedo, foi isso.

– Então vocês não têm Natal no dia 25 de dezembro? – pergunto surpresa. Sei que as tradições são diferentes pelo mundo, claro, mas mesmo assim acho difícil pensar no Natal não acontecendo nessa data.

– Temos – Andrei diz sorrindo. – Acontece que nosso 25 de dezembro cai no seu 7 de janeiro, por causa do velho calendário da Igreja Ortodoxa.

– Ah, entendi – digo, embora ainda esteja um pouco confusa. Então me lembro da alegria no rosto das crianças ao receberem seus presentes e continuo. – Aquelas crianças devem muito a você.

Seus olhos azuis, menos agressivos que de costume, se viram e fixam-se nos meus.

– É o mínimo que posso fazer. Tenho bastante dinheiro e nenhum filho. É certo dar algo a essas crianças que, como eu, são órfãs.

Sinto a contração de algo como um soluço em minha garganta. Não posso deixar de pensar em meu próprio lar, cheio de amor e carinho, aconchegante e confuso com meus dois irmãos e eu. Não consigo imaginar minha vida sem poder contar com minha mãe e o apoio de meu pai. Não consigo imaginar como seria se eu não tivesse o amor incondicional deles por toda a minha vida. Vejo o rosto feliz daquelas crianças cantando, puras e inocentes, e não suporto a ideia de que elas não têm um pai ou uma mãe para cobri-las antes de dormir, dar um beijo em seu rosto e dizer o quanto elas são amadas. Meu nariz queima e coça, e consigo sentir as lágrimas preenchendo meus olhos e embaçando minha vista.

– Você está bem? – Andrei pergunta afetuoso.

– Estou. – Isso sai engasgado e espero que ele não continue me fazendo perguntas, ou vou desabar em lágrimas. Sinto sua mão sobre a minha e ele a aperta gentilmente.

– Não fique triste. As crianças na verdade são felizes. Vi vários rostos novos hoje. Isso significa que várias outras crianças encontraram uma família. Esse é nosso objetivo: encontrar um lar amoroso para elas e fornecer uma casa grande e confortável enquanto isso não acontece. Elas estão sendo bem educadas e tratadas.

Sua mão é enorme e quente sobre a minha. É impressionante como preciso revisar minha opinião sobre esse homem toda hora. Esta manhã achava que ele tinha me mostrado sua verdadeira face com a decisão de culpar Mark e a mim pela pintura. Agora acho que vi o verdadeiro Andrei, o garotinho no corpo do homem. Uma alma gentil que não quer nada além de bancar o Papai Noel para órfãos e dar algo em troca.

– Beth?

Olho para ele. No escuro dentro do carro, é difícil compreender sua expressão. Seus olhos brilham para mim e, apesar de ele não estar sorrindo, suas feições carrancudas se atenuaram e ele parece até gentil.

– Sim?

– Fico feliz que você tenha vindo comigo. Sabia que você iria compreender.

Não respondo, mas me viro para observar a vasta paisagem escura pela janela do carro, em direção às distantes luzes de São Petersburgo.

Capítulo Três

De volta ao hotel, há pouco tempo para pegar minhas coisas antes de partirmos para o aeroporto.

Maria não reaparece, então somos apenas Andrei e eu no banco de trás do carro. Sinto que esta é minha última oportunidade de dizer alguma coisa a ele sobre o Fra Angelico, mas não sei bem como tocar no assunto. Estou tão grata por estarmos voltando para casa que não quero causar nenhum problema. Parte de mim pensa que eu deveria ficar quieta e deixar as coisas rolarem. Mas então vejo o rosto magro de Mark, seus olhos cheios de esperança e confiança em mim e em Andrei. Não suporto quebrar isso.

Enquanto penso, chegamos ao aeroporto e tudo começa a acontecer. Somos levados ao avião de Andrei e em poucos momentos já estamos embarcando. É bom estar de volta a seu interior luxuoso e percebo, dando risada por dentro, que minhas últimas três viagens foram de jatinho particular e bem caro.

Beth Villiers, você está ficando mal acostumada!

Mas sei que da próxima vez estarei de volta à classe econômica, espremida em um assento apertado e tomando café ruim, como todo mundo. Então é bom aproveitar enquanto posso.

Estou exultante quando decolamos. Estamos indo para casa. Quero muito voltar para lá e ficar longe dessa estranha atmosfera entre Andrei e mim. Estava preocupada, quando cheguei aqui, Andrei pudesse tentar dar em cima de mim, mas ele não fez isso. Acho que agora, como está irado pela pintura, isso não vai acontecer. Ele não vai querer ter nada comigo.

Então por que se importar de me levar ao orfanato? Era como se ele quisesse me impressionar de alguma forma. Talvez ele só goste de se exibir e eu fui parte da plateia.

Olho para Andrei. Ele estava recebendo ligações no celular durante todo o caminho até o aeroporto, e finalmente deixou o telefone de lado, desligando-o para a decolagem. Ele está me encarando agora, com um olhar sombrio e indescritível. *Há quanto tempo ele está fazendo isso?*

Sei que tenho a infeliz característica de mostrar no rosto o que está passando pela minha cabeça. Ser insondável não é meu forte.

– Você está bem, Beth? – ele pergunta. – O jantar será servido em breve. Em poucas horas você estará de volta a Londres.

– E o que vai acontecer depois? – arrisco. – Quando voltarmos?

– O que você quer dizer?

Olho para ele sem saber direito por onde começar. Não quero confrontá-lo, minha ideia é acalmar seu coração, não irritá-lo.

– Foi incrível vê-lo com todas aquelas crianças hoje – começo. – Você estava tão diferente... consegui ver seu lado bom e gentil.

Andrei levanta uma de suas sobrancelhas, bem de leve.

– Acho que pouca gente consegue ver isso – acrescento.

– Você está certa – ele murmura. – Pouca gente mesmo.

– Isso me fez perceber que você tem compaixão e é por isso que gostaria de falar com você sobre Mark. – Interrompo, engulo em seco e então continuo rapidamente, não quero desperdiçar o momento. – Eu lhe disse que Mark está doente e você foi muito compreensivo sobre isso... queria conseguir os melhores médicos, pagar pelo seu tratamento e tudo o mais. – Andrei continua me olhando sem dizer nada. – Mas não tinha percebido como ele estava mal. Eu o vi antes de viajar e certamente a coisa é séria. Ele não me disse exatamente o que é, mas acredito que seja câncer na garganta ou no pescoço, já que é de lá que vão remover o caroço. Ele foi internado no mesmo dia em que viajamos.

Andrei continua me observando, mas não responde. *Não tenho noção se isso vai chegar a algum lugar. Mas tenho de continuar. Já comecei.* Lembro-me do Andrei sorridente e feliz no orfanato. Difícil acreditar que é o mesmo homem com quem estou conversando agora. Respiro fundo.

– Não deveria ter gritado com você da forma que fiz no Palácio de Inverno, e sinto muito por isso. De verdade. Mas a verdade do que

disse permanece. O Mark tem sido seu empregado leal por muitos anos, e você sabe do fundo do coração que ele nunca quis que você comprasse a pintura. Por favor, estou implorando, não o culpe por isso. Vai destruir a reputação dele, algo que ele lutou para construir e preservar por todos esses anos. Isso é o que mais importa para ele. Sua posição no mundo das artes, sua reputação de integridade e competência, é tudo para ele. Se você colocar o nome dele na lama, vai machucá-lo de uma forma tão profunda que ele jamais vai se recuperar.

Andrei estava imóvel feito uma estátua até então, mas agora ele se inclina em minha direção.

– E você, Beth? O que vai significar para você?

Pisco e hesito.

– Bem... não vai me afetar da mesma forma. Sou apenas uma assistente no momento, mas qualquer coisa que atinja o Mark vai me atingir. Se o negócio dele falir, vou ficar sem um emprego também.

– Você gosta muito do Mark, não é?

– Gosto. Ele é uma boa pessoa. E tem sido muito bom comigo.

– De quem mais você gosta, Beth?

– Do que você está falando? Da minha família?

– Não. Tenho certeza de que você ama sua família como uma boa filha. Estou falando... de mim. Você gosta de mim? Tenho sido bom com você?

Não sei o que dizer. Será que ele está me preparando uma armadilha? Penso rapidamente e decido que há apenas uma resposta que posso dar.

– Sim, você também tem sido muito bom. Tive a oportunidade de ir a lugares e ver coisas que normalmente jamais teria a chance. Gostaria de agradecê-lo por isso.

Ele sorri um pouco, e seus lábios se curvam de leve para cima.

– Aceito sua gratidão. E... você gosta de mim?

Ele não vai me deixar fugir da pergunta. Quer uma resposta. Há apenas uma resposta que posso dar.

– Claro que sim. Passamos por muita coisa juntos.

– Com certeza passamos. – Ele me lança um daqueles olhares duros, com seus olhos azuis virando um raio laser que conheço muito bem, que me faz sentir como se ele pudesse olhar dentro de mim. – Mas a verdade é que você ainda gosta do Dominic, não é?

Respiro fundo, espantada com sua pergunta, e começo a balbuciar uma resposta.

– Eu... bem, eu... é complicado, eu...

Ele se recosta no assento e cruza os dedos, descansando as mãos no peito.

– Não precisa responder. Consigo ver em seu rosto. Beth, você precisa esquecer-lo. Ele não é bom para você e também me traiu.

Isso não é verdade!, quero gritar. *Assim como Mark, Dominic foi um braço-direito leal. Agora ele quer ganhar a vida sozinho, por ele mesmo. Isso não é traição!* Mas não digo nada. O momento é delicado e não posso confrontá-lo.

Andrei continua.

– O Dominic não é um homem. É um menino. Ele precisa crescer muito ainda e cometeu o erro grave de transformar o amigo que tinha em mim em inimigo. Ele vai descobrir que minha esfera de influência é muito maior do que imaginava. Sou capaz de destruir os negócios dele com um estalo dos meus dedos... – Andrei levanta uma das mãos, com o dedão e o dedo médio pressionados, pronto para estalarem. – Mas ainda não decidi se devo ou não fazer isso. – Ele recoloca sua mão de volta ao peito. – Vamos ver. Você está melhor sem ele, Beth. Estou falando sério. Você não precisa de um menino, precisa de um homem.

Ele abaixa seu tom de voz para um sussurro carinhoso, e seus olhos ficam ainda mais sombrios quando olha para mim.

– Consigo ver muitas possibilidades em você, Beth. Sempre vi, desde a primeira vez que nos encontramos. Nunca esqueci daquela manhã no monastério quando você apareceu, tão vibrante e cheia de vida, fazendo o ar em sua volta ondular com o poder de sua sensualidade.

Lembro-me desse dia também. Dominic tinha me dado vida à noite, fazendo minha carne pegar fogo e acordando tudo dentro de

mim com seu corpo. Andrei captou as reverberações dessa noite gloriosa, e algo nelas o deixaram encantado.

– Desde esse dia, tive a certeza de que somos feitos um para o outro. – Sua voz ainda é suave, quase hipnótica. Quando ele fala assim, não consigo deixar de ficar alerta a seu lado físico e intenso. Seus ombros largos, o corpo musculoso, o carisma magnético. – Você também teria essa certeza, Beth, se aceitasse que Dominic não é homem para você.

Ele é, ele é, ele é. Minha saudade por Dominic subitamente torna-se tão intensa que tenho vontade de gritar. Estou precisando sentir a força de seus braços ao meu redor, o cheiro delicioso de sua pele, o sabor de sua boca quando ela possui a minha... esse pensamento envia ondas devastadoras de desejo pelo meu corpo.

Talvez Andrei tenha percebido. Ele se inclina em minha direção, seus olhos queimando de intensidade, e diz:

– Você deveria me deixar fazer amor com você. Prometo que iria se esquecer dessa paixão infantil logo de uma vez. Você vai descobrir o que é estar com um homem de verdade.

Eu o encaro. A forma como ele diz implica que nós nunca transamos antes. E isso significa...

Falo tudo de uma vez:

– As cavernas, as catacumbas, aquela noite na festa... – Sua sobrancelha se levanta, curiosa. – Preciso saber de uma coisa. Sei que parece estranho, mas eu tenho de saber. Você... você nunca tentou fazer amor comigo antes, tentou?

Pronto. Disse. Finalmente! Fico tensa aguardando sua resposta, com o coração palpitando e os ombros duros e contraídos.

Ele franze o rosto e faz uma cara engraçada.

– Espero que esse seja o tipo de coisa de que você se lembraria, Beth.

Não sei o que dizer. Eu me lembro, mas não sei quem foi.

– Fui drogada pela Anna – consigo dizer. – Lembra que comentei isso com você quando estávamos vindo para cá? Tenho umas memórias estranhas e não sei se elas são verdadeiras ou não.

– A Anna certamente é traiçoeira o bastante para fazer algo assim – Andrei comenta. – Há muitas coisas de que não vou sentir falta

nela, mas com certeza ela deixava minha vida interessante. – Ele sorri, como se estivesse gostando de me provocar. – Muito bem. Então você tem uma memória de nós dois juntos. Interessante... Gostaria de saber o que era. Adoraria conversar sobre isso com você.

Ainda estou confusa. Isso significa que ele também se lembra ou não? Cheguei tão longe. Preciso saber agora.

– Andrei, tenho algumas imagens confusas daquela noite. Preciso saber se alguma coisa aconteceu entre nós nas cavernas naquela noite.

Ele fica me olhando, claramente querendo estender minha agonia. Então finalmente diz:

– Beth, por mais que eu quisesse que algo tivesse acontecido entre nós naquela noite, devo dizer que nada aconteceu. Eu a encontrei apagada, e não gosto de parceiras imóveis. Eu a levei até a superfície para acordá-la. O que você achou que aconteceu?

– Nada. Só precisava ter certeza. – Sinto um grande alívio. Minha consciência agora está limpa. Não fiz nada para ameaçar minha relação com Dominic. *Graças a Deus por isso.* Então na mesma hora sou tomada por uma tristeza horrível. Se ao menos pudesse ter dito isso a ele quando me implorou pela verdade! Por que não perguntei a Andrei antes? Não foi tão ruim assim, afinal. *Oh, meu Deus, eu estraguei tudo. Como vou consertar as coisas agora?*

Sinto um impulso violento de ligar para Dominic na mesma hora e fazê-lo ouvir enquanto digo a verdade: que sempre fui leal a ele em meu coração, e agora sei com certeza que fui completamente fiel com meu corpo também. Claro que é impossível fazer isso com Andrei aqui, ouvindo e observando tudo. Tenho de disfarçar meu desespero e a ansiedade de voltar para casa.

Só mais algumas horas e estarei livre.

Levanto o olhar e vejo Andrei me encarando, com seus olhos sombrios brilhando de um jeito maligno, quase famintos, e com a metade de um sorriso no canto da boca. Quando ele fala, sua voz sai baixa, menos áspera.

– Alguma coisa poderia acontecer agora, se você quiser, Beth. – Ele olha para o fim da cabine. – Depois daquela porta há um quarto,

equipado com uma cama muito confortável e lençóis de seda. Poderíamos ir para lá agora e irei lhe mostrar que a realidade é muito mais do que qualquer coisa que você possa imaginar.

Arregalo os olhos e minhas mãos se contraem. *Como chegamos a esse ponto?*

Ele se inclina em minha direção e sinto o cheiro perfumado de sua colônia. Repentinamente me sinto como uma criatura indefesa sendo perseguida por um tigre furtivo e perverso, que me deixa hipnotizada com seus movimentos graciosos até chegar perto o bastante para dar o bote.

– Juro que você não vai se arrepender – ele murmura. A qualquer momento, ele vai me tocar. – Tudo o que você sonhou, tudo o que fantasiou... você pode ter agora, se quiser.

A imagem traiçoeira volta à minha mente na mesma hora: é Andrei com suas costas largas nuas, meus braços ao seu redor, minha cabeça jogada para trás enquanto ele me penetra...

Oh, meu Deus! Beth, pare com isso! Não, não, não. Ele está tentando me seduzir, não posso dar ouvidos a ele. Sei o que quero, quem eu desejo mais do que qualquer coisa no mundo, e não é Andrei.

– E então?

– Eu... – balanço minha cabeça. – Não. Não posso. – Tento olhar para ele, mas é difícil suportar seus olhos. Não consigo esconder que estou desconfortável, até mesmo assustada.

Há uma pausa e então ele suspira. A eletricidade no ar desaparece.

– Posso ver em seu rosto que está nervosa. – Ele parece quase triste quando diz isso. – Não se preocupe, não importa o que pense de mim, eu não sou um estuprador. Não tenho prazer nenhum com mulheres que não estão dispostas, pode acreditar. – Sua voz fica menos intensa. – Beth, quero que você venha a mim cheia de desejo, receptiva e querendo. Vou esperar por isso. Tudo o que peço é uma oportunidade.

Fico em silêncio, torcendo para que ele não me obrigue a dizer nada. Ele volta a se encostar no couro macio do seu assento e me olha atentamente.

– Você quer que eu proteja o Mark. Muito bem. Vou proteger ambos. Mark é um antigo amigo, a quem valorizo muito. Desejo tudo de bom a ele e farei o que puder para ajudá-lo neste momento difícil. E de você, Beth... como disse, tudo o que peço é uma chance. Você vai me dar uma chance?

Uma chance para transar comigo? Jamais poderia fazer isso. Meu coração pertence a Dominic, e meu corpo também. Ou ele quer dizer uma chance para passar um tempo comigo? Sinto como se muita coisa dependesse da minha resposta. Andrei está praticamente dizendo que o Mark estará seguro desde que eu diga sim.

Bem nessa hora, a porta da cabine se abre e uma atendente entra.

– O jantar está pronto para ser servido, senhor – ela diz alegremente. – Por favor, permita-me preparar sua mesa.

– Claro. – Andrei responde sem tirar os olhos de mim. Então ele continua. – *Uma chance?*

Hesito e então concordo com a cabeça. O que mais posso fazer?

Já é bem tarde quando o carro me deixa em meu apartamento, que está todo escuro. Laura deve ter desistido de me esperar por horas e já foi dormir. Entro, carregando minha mala, para que as rodinhas não façam barulho no chão e a acordem, e vou para a cama, preocupada com o acordo que, de alguma forma, acabei aceitando com Andrei. Ele não o mencionou novamente e falou sobre outras coisas enquanto conversávamos durante nosso jantar delicioso. Ao fim da viagem, antes de seguirmos por caminhos separados, ele me encarou com um daqueles seus olhares intensos e disse:

– Vou manter contato, Beth. Tenho um trabalho para você.

Que raios ele quis dizer com isso?

Estou exausta, mas não consigo dormir. Os pensamentos estão correndo pela minha cabeça. Preciso encontrar Dominic e dizer a ele que agora estou certa: nada aconteceu nas catacumbas entre Andrei e mim. Isso significa que era Dominic, com certeza. Esse

pensamento me enche de alívio. Mas, primeiro, preciso ver Mark. Ele precisa saber o que aconteceu em São Petersburgo.

Em algum ponto, minha cabeça ardente deve ter relaxado e me deixou dormir, porque acordo grogue quando o alarme toca às oito horas.

– Bom dia! – Laura grita da cozinha ao me ver sair do quarto. – Como foi a viagem?

– Ótima – digo indo em direção ao chuveiro. – Mas estou feliz por voltar.

– Como é São Petersburgo?

– Incrível. Quero voltar lá e visitar a cidade direito. Tudo o que vi foi pela janela do carro.

– Estou indo trabalhar agora – Laura sai da cozinha, ainda mastigando a última colherada de cereal. Ela está bem arrumada e pronta para seu dia. – Conversamos à noite, tá?

– Claro. Tenha um bom dia. – Eu a vejo sair com uma ponta de inveja. A vida da Laura às vezes parece bem simples comparada à minha. Um trabalho normal em um escritório normal. Sei que o trabalho dela é duro e há muitas exigências, mas pelo menos não há o tipo de surpresas desagradáveis que andei tendo ultimamente.

Assim que me arrumo, penso se não devo ir diretamente ao hospital visitar Mark, mas não quero perturbá-lo tão cedo, então passo primeiro em sua casa na Belgrávia, de onde irei ajudá-lo a tocar os negócios durante sua ausência. Sua empregada Gianna atende a porta e me deixa entrar, e então vejo Caroline descer as escadas de maneira barulhenta.

– Ah, Beth – ela diz. Sua voz é tão incrivelmente empolada, que meu nome sai mais como Bath, o que me dá vontade de rir. – Que bom vê-la. Como foi a viagem? Deu tudo certo?

– Olá, Caroline. A viagem foi... interessante. Preciso falar sobre os detalhes com o Mark.

Seu rosto gordo e rosado fica sério.

– Não sei se isso será possível, minha cara.

Sou logo tomada pela ansiedade.

– Ele está bem? Como foi a cirurgia?

– Eles retiraram o tumor e acreditam que seja o principal, embora não estejam certos. O problema é que tiveram de tirar um bom pedaço de sua língua também. Embora tenham enxertado um pouco de carne para arrumá-la, isso deixou Mark com muita dor e incapaz de falar... pelo menos por enquanto.

– Ah, coitado do Mark!

– Ele está muito mal. – Caroline parece bem preocupada por um momento, e então rapidamente ela disfarça e assume sua expressão estoica. – Mas tenho certeza de que ele vai superar isso. Ele é bem durão, sabe? Querem tratá-lo com radiação assim que se recuperar da cirurgia, para aumentar as chances de cura.

– Gostaria de visitá-lo.

– Agora não – responde Caroline balançando a cabeça. – Não acho que seja a hora certa. Sei que você está ansiosa para vê-lo, mas Mark precisa de repouso absoluto por alguns dias, até a dor passar um pouco. E não quero que ele fique irritado com nada, então nada de deixá-lo preocupado, está bem?

Aceno com a cabeça.

– Claro. Quero o que for o melhor para o Mark.

– Obrigada, querida. Todos nós queremos.

Sentada no belo escritório circular de Mark, sinto-me bem mal. Ele deveria estar aqui atrás de sua imponente mesa, rindo e fazendo piadinhas enquanto vamos repassando as tarefas da manhã juntos. Não parece certo eu estar sentada em sua cadeira, usando o abridor de cartas de prata de Mark. Não há condições de eu dizer a ele que a pintura é falsa, não agora. Ele ficaria perturbado e não posso arriscar com ele tão doente.

Subitamente percebo que, afinal, caí na armadilha de Andrei. Não posso deixar que ele tenha a escolha de jogar a culpa em Mark, e ele deve ter percebido isso quando me pediu uma chance.

Eis o grande amigo dos órfãos e doador de presentes. Ele só quer saber mesmo de conseguir o que deseja, não importa o que for preciso.

Capítulo Quatro

Agora que sei que não tenho como ver Mark, uma coisa domina meus pensamentos.

Preciso ver Dominic, encontrá-lo de alguma forma e dizer a ele que agora posso jurar enfim. Andrei pode tentar me manipular a aceitar a ideia de ficar com ele, mas ele me deu o presente mais precioso de todos sem nem saber: o presente de saber que fui fiel ao homem que amo.

Quando termino o trabalho da manhã, escrevo um e-mail para Dominic:

Dominic, querido.

Sinto muito por tudo que aconteceu entre nós na outra noite. Foi idiota e sem sentido, e não posso acreditar como pude machucá-lo daquele jeito. Não tive nada com o Andrei, juro pela minha vida, e nunca vou ter. Sou sua, e de mais ninguém, você precisa saber disso. Há um motivo por que não pude jurar antes. Vou dizer tudo quando nos encontrarmos. Por favor, por favor, venha me ver. Preciso muito te encontrar. Quero que você saiba tudo. Podemos nos encontrar no budoar?

Com todo meu amor, Beth

Antes de enviar o e-mail, copio o texto e envio como uma mensagem para o celular. Então disparo a mensagem tanto para o e-mail de Dominic como para o celular. Com certeza ele vai lê-la, de um jeito ou de outro.

Tento me concentrar em meus afazeres e ajeitar os documentos do Mark, mas mal consigo fazer qualquer coisa sem ficar olhando para meu telefone e minha caixa de e-mails, esperando que apareça alguma mensagem.

Não há nada.

Dominic! Por favor, responda. Por favor, nos dê uma chance. Não jogue fora tudo o que temos por causa de nada. Não posso suportar isso...

Minhas mensagens por pensamento também não são bem-sucedidas. Não chega nada de volta e começo a ficar cada vez mais inquieta. O que vou fazer? Não posso ficar aqui sentada e deixá-lo sair da minha vida desse jeito. Não vou deixar acontecer. Prometi a mim mesma que iria lutar por ele e é o que vou fazer.

– Caroline! – chamo enquanto pego meu casaco. – Estou saindo. Vou para a Bond Street.

– Tudo bem, querida, até mais tarde – ouço a resposta vinda da sala de estar.

– Diga ao Mark que mandei um beijo quando você o encontrar.

– Eu digo.

Lá fora está bem frio. A temperatura não está tão ruim como em São Petersburgo, mas, com certeza, está um frio de congelar. Pego um ônibus para o Hyde Park Corner e então ando até pelas ruas de Mayfair até Randolph Gardens. Não sei o que pretendo fazer exatamente, exceto que não consigo deixar de ir até o último lugar em que vi Dominic e que é a única coisa certa que sei sobre ele: onde ele mora.

Passo pelo porteiro e pego o elevador para o andar do Dominic. Quase corro pelo corredor até seu apartamento e bato na porta com força.

– Dominic! Você está aí? Dominic?

Fico tensa quando ouço passos se aproximando da porta, e sou tomada por uma alegria incrível. *Ele está aqui, posso falar com ele, falar tudo, fazê-lo me ouvir...*

A porta se abre.

– Dominic, graças a Deus... ah. – Não estou olhando para o rosto que gostaria tanto de ver, mas para o par de olhos escuros de uma senhora vestida como faxineira que está segurando um paninho de limpeza.

– Sim? – ela responde.

– O senhor Stone está aí? – pergunto hesitante, mas já sei a resposta.

Ela balança a cabeça e diz com um sotaque estrangeiro bem forte:

– Não tem ninguém aqui. Estou fazendo a limpeza, mas não há ninguém aqui.

– Você sabe quando ele vai voltar?

– Não – ela responde, balançando a cabeça.

– Posso entrar um minutinho?

Ela me deixa entrar, um pouco relutante, e ando pelo apartamento sem saber bem o que espero encontrar. Apenas quero me sentir próxima de Dominic, mas, ao entrar em sua elegante sala de estar, me sinto mais longe dele do que nunca. O lugar está completamente vazio de Dominic. Não é como se ele simplesmente tivesse saído, mas como se tivesse feito as malas e ido embora para não voltar tão cedo.

Ando pela sala, observando os objetos familiares e recordando o tempo que passei aqui com ele. A cadeira de castigos se foi, aquela em que vi Vanessa batendo no homem que achei que fosse Dominic. Pergunto-me o que ele fez com ela.

Percebo na mesa um folheto impresso em papel grosso e brilhante. Vou ver o que é. Está escrito *Finlay Venture Capital* e, sob algumas imagens genéricas de homens de negócio sorridentes em uma sala de reunião bacana, há um texto sobre como essa companhia gosta de investir no futuro e descobrir oportunidades novas e incríveis de ganhar dinheiro. Os detalhes de contato estão impressos embaixo; fica em algum lugar no distrito financeiro de Londres, onde está a maioria das empresas de investimento.

– Posso ajudar? – pergunta a faxineira. Ela se aproximou e está me observando, obviamente desconfortável por ter me deixado entrar.

Coloco o folheto de lado.

– Não... não. Obrigada. Estou saindo agora. Obrigada pela ajuda.

Isso é loucura. Que raios estou fazendo?

Pego um táxi na South Audley Street que agora está cruzando a Mayfair e indo em direção ao leste. Durante nosso percurso, percebo que Londres está bem natalina. Há um monte de luzes em todos os lugares, e todas as vitrines estão decoradas com flocos de neve e coisas do tipo. Agora faltam poucas semanas para o Natal. Ainda não decidi o que vou fazer, mas não consigo imaginar outra coisa que não seja ir para casa ficar com minha família. Sinto muita saudade só de pensar neles. Mal posso esperar para voltar lá, acordar no meu antigo quarto, com um presente em uma meia na cabeceira da cama. Minha mãe ainda nos dá uma meia com presente todo ano lá em casa, apesar de já estarmos todos crescidos.

Olho pela janela do táxi enquanto o motorista pega alguns atalhos e caminhos alternativos até a New Oxford Street e então até a avenida que nos leva em direção à zona leste. Passamos por Holborn e então subitamente estamos na parte da cidade cheia de arranha-céus, onde se fazem grandes negócios nas coberturas de aço e vidro a centenas de andares acima do chão, onde se fazem apostas altas nos mercados financeiros e onde grandes escritórios de advocacia faturam alto supervisionando e costurando milhares de negócios fechados toda semana.

Não paramos em frente a nenhum dos enormes e modernos edifícios nem em frente às antigas construções de pedra. Em vez disso, o taxista conduz o carro por ruas bem estreitas até chegar a um quarteirão movimentado, onde alguns prédios vitorianos de tijolos vermelhos foram transformados em escritórios estilosos.

O taxista olha para mim.

– Aqui estamos, senhora! Tanner Square.

– Obrigada.

Pago e saio do carro. Fico me perguntando agora que diabos estou fazendo aqui. Mas o que tenho a perder? Dou de ombros e ando decidida em direção aos escritórios no número 11.

Na recepção há um balcão branco e brilhante, com Finlay Venture Capital escrito em letras azuis na frente. Uma recepcionista olha para mim.

– Posso ajudá-la?

Olho para ela sem saber o que dizer. Deveria ter plane jado algo antes de entrar, mas agora é tarde demais.

A recepcionista franze a testa.

– Você tem alguma reunião agendada?

– Eu... eu... não exatamente.

– Sinto muito, mas você não pode ficar se não tem hora marcada para falar com alguém. – Sua voz está ficando gélida.

– Não, por favor. Preciso mesmo ver alguém... qualquer pessoa, alguém que mande aqui...

– Qual é o problema? – Uma voz grave e masculina vem da minha esquerda. Olho e vejo um homem jovem de óculos e barba castanho-escura parado lá. Ele está vestido de forma casual, com calça jeans e camisa com uma jaqueta. – Posso ajudá-la?

Seu olhar é amigável o suficiente e na hora decido confiar nele.

– Sim, espero que possa. Estou procurando por Dominic Stone e gostaria de saber se ele está aqui.

O homem parece surpreso.

– Dominic? Que coisa. Ele estava bem aqui e saiu faz uns vinte minutos.

– Ah, não! – Não consigo segurar meu grito de frustração. – Você sabe para onde ele foi?

Ele me olha intrigado.

– De que se trata? Não posso simplesmente dizer para onde ele foi. Não faço ideia de quem é você.

Olho para ele suplicante. Não posso começar a explicar as coisas aqui em público e, para meu alívio, ele parece perceber isso, ao me apontar a direção de seu escritório.

– Por aqui, vamos entrar.

Eu o sigo até o pequeno escritório cheio de equipamentos modernos e sento na cadeira que o homem me indica, enquanto ele senta atrás da mesa.

Ele diz:

– Bom, meu nome é Tom Finlay. Quem é você?

– Sou Beth Villiers e sou amiga do Dominic.

– Hmm. – Ele me lança um olhar engraçado por cima de seus óculos. – A amiga especial do Dominic?

Fico corada.

– Bem... é complicado. Mas sim, estamos envolvidos. Preciso mesmo encontrá-lo para explicar uma coisa. Cometi um erro e preciso consertar as coisas.

– Ora, ora. – Tom Finlay sorri para mim. – Fico feliz de saber que é romance e não algum desastre nos negócios, já que acabei de concordar em investir um valor considerável na empresa de Dominic.

– A empresa dele já está funcionando? – pergunto surpresa.

Tom confirma com a cabeça.

– Parece que já estava pronta para iniciar as operações. Ele estava apenas aguardando ser liberado de seu antigo emprego e conseguir a injeção de capital de que precisava para começar. E ele já começou a mil.

Sorrio. Isso é bem a cara do Dominic. Sou tomada pela saudade. Talvez meu rosto mostre isso, porque Tom continua.

– Olha, normalmente não daria nenhuma informação sobre cliente ou parceiro de negócios, mas você parece bem desesperada.

– Eu estou! – respondo na hora. – Ele não está retornando minhas mensagens ou meus e-mails.

– Você já pensou na possibilidade de ele não estar mais interessado?

Percebo, com um pouco de pânico, que posso ter dado a ideia de que Dominic não quer ter nada comigo e que eu seja uma mulher obcecada atrás dele.

– Não, não. Ele não sabe o que tenho a dizer. O Dominic vai querer saber, juro. Não sou louca. Por favor, me diga para onde ele está indo.

Tom pensa.

Tento fazer minha voz parecer calma.

– Sério, você fará um favor ao Dominic. E a mim.

Ele se recosta na cadeira e sorri.

– Sabe de uma coisa? Você parece uma pessoa normal para mim. E Dominic é grande o bastante para cuidar de si próprio. – Tom pega uma caneta e rabisca algo despreocupadamente enquanto continua.

– Ele está encontrando investidores para sua companhia. Ele tem algumas ideias muito boas e está procurando cinco ou seis pessoas para se associar a ele, cada uma investindo uma boa quantia de dinheiro. Ele foi a Paris hoje para se encontrar com um figurão que mora por lá e ver se consegue convencê-lo.

– Paris?

Tom assente.

– Isso mesmo. – Ele olha para o relógio. – Na verdade, ele disse que iria pegar o trem das duas da tarde de St. Pancras. Se você correr, talvez consiga pegá-lo lá.

Eu tinha pensado que o dia não poderia ficar mais maluco, mas aqui estou eu em outro táxi, indo na direção noroeste desta vez. Meu novo motorista não parece tão empolgado para pegar atalhos e cortar caminhos como o anterior, e seguimos lentamente pela avenida em direção a Old Street, parando em todo semáforo vermelho e dando passagem para todo ônibus e pedestre que mostra a menor intenção de passar na nossa frente. Olho para o relógio, tentando calcular o tempo. O trem sai às duas, então Dominic precisa chegar pelo menos trinta minutos antes. Mas ele tinha saído do escritório do Finlay vinte minutos antes de eu chegar lá, então é possível que ele já tenha chegado a St. Pancras antes de eu ter saído da Tanner Square. Ele já deve ter feito o *check-in*. Como provavelmente vai de classe executiva, isso significa que ele estará na sala de embarque da classe executiva. A menos que, por alguma razão, esteja aguardando lá fora e eu consiga encontrá-lo antes que passe pelo portão de embarque. Tenho de chegar lá no máximo à uma e meia, e já passa de uma e dez.

Finalmente estamos na região da Old Street, indo em direção a King's Cross, mas ainda estamos parando em todo semáforo. Parece impossível pegar um semáforo verde. Estou quase pulando no banco do táxi com meu desejo de fazê-lo andar mais rápido. Pelo menos consigo ver o enorme terminal da King's Cross e a imponente fachada gótica do hotel St. Pancras. É quase uma e vinte. Só tenho

dez minutos. A espera para virar à direita na entrada da Eurostar é agonizante, mas pelo menos paramos bem em frente. Remexo minha bolsa para pegar o dinheiro do táxi e então saio correndo do carro.

A entrada da Eurostar está abarrotada de gente. Há um trem para Bruxelas saindo em uma hora e a maioria dos passageiros já está fazendo o *check-in*. Procuo por Dominic em meio à multidão, mas não há nenhum sinal dele. Por que ele ficaria nessa bagunça quando poderia estar sentado na tranquilidade e paz da sala de embarque da classe executiva? Por que pensei que ele poderia estar aqui? Olho para cima e vejo na tela de chegadas e partidas que o trem para Paris já está liberado para o embarque. Há poucos minutos. A qualquer momento ele vai sair de Londres e vou perdê-lo. Abro minha bolsa e verifico o compartimento interno. Sim, lá está. Meu passaporte. Não o tirei de lá desde que voltei da Rússia. Corro para a máquina de passagens e começo a digitar na tela, tomando decisões em um piscar de olhos. Pego meu cartão de crédito e pressiono os números com os dedos desajeitados, duros e desobedientes.

– Vamos logo, vamos logo! – sussurro, esforçando-me para não gritar. – Vamos lá... por favor!

E então a transação é concluída. A máquina começa a fazer um barulho enquanto imprime minha passagem e a ejeta. Arranco o papel e corro até as catracas. Não quero saber das catracas eletrônicas e entrego minha passagem na mão do inspetor que está lá, para que ele abra o portão para mim. Dá para ver que há uma fila de inspeção de bagagem na frente, será que vou conseguir chegar a tempo de embarcar? Pelo menos não tenho nenhuma bagagem, a não ser minha bolsa. O inspetor pega minha passagem, olha para ela e depois para a tela. Ele faz um gesto em silêncio e olho para cima. A tela para o trem das duas diz: “*check-in* encerrado”.

– Você chegou muito tarde – ele diz com compaixão.

– Por favor, por favor, preciso ir! – imploro. – Por favor, é só um minuto!

Ele balança a cabeça.

– Não posso. É contra as regras. Você deixa um passar, precisa deixar todo mundo. Se foi só por um minuto, por que também não liberar dois ou três? Não. Sinto muito.

Olho desolada para o bilhete em minha mão. É inútil. Acabei de gastar trezentas libras em um pedaço de papel.

O inspetor olha afável para mim.

– Olha, vi você comprar a passagem. Leve-a ao escritório central ali naquele canto e diga que eu a mandei para lá. Você perdeu o trem por um minuto. Peça que mudem sua passagem para o trem seguinte. Você ainda pode ir a Paris.

Mas será que às três da tarde já não terei recuperado meu bom senso?

Olho para minha passagem novamente. Bilhete de ida para Gare du Nord. Estou me corroendo por dentro em saber que o trem ainda não saiu e que Dominic está na estação, mas não posso ficar perto dele.

O que isso importa? O que tenho a perder?

Olho para o inspetor.

– Onde foi que você disse que encontro o escritório central mesmo?

Já no Eurostar com minha passagem recém-trocada, me instalo em meu assento e olho em volta. O trem está ficando cheio rapidamente. Acho que é essa época do ano. O Natal é uma boa desculpa para as pessoas darem um pulo em uma cidade no exterior para fazer compras ou se divertir. Posso ver casais, alguns deles mais velhos, talvez indo comemorar um aniversário ou fazer um passeio especial em Paris, a cidade do romance. Pessoas de terno, claramente viajando a trabalho, já abriram seu laptop ou estão mexendo em seu tablet. Há diversos franceses voltando para casa e outros que vão seguir pela Europa. Uma jovem família senta perto de mim, com a mãe pegando potes de plástico cheios de uvas e bolinhos para suas crianças.

Pego meu celular e ligo para Caroline. Ela não atende, então deixo uma mensagem explicando que estarei fora do escritório e que ligo mais tarde para saber do Mark. Então ligo para a Laura.

– Você está onde? – ela pergunta incrédula quando digo para onde estou indo.

– No Eurostar em St. Pancras, em direção a Paris.

– Você está completamente maluca. Por quê?

– Porque Dominic está em Paris. Ele saiu no trem anterior a este. Provavelmente está cruzando o Canal neste instante.

– E você acha que vai encontrá-lo? – A voz da Laura soa totalmente descrente. – Simplesmente esbarrar nele? Por toda a Paris, você simplesmente vai cruzar com ele? Beth, saia desse trem agora e vamos esquecer desse momento de loucura.

– Não – respondo. – Vou encontrá-lo. Tenho certeza disso.

– Como?

– Vou pensar em algo.

– Mas quando você volta?

– O último trem parte às nove, acho – digo vagamente. Não conferi isso ainda. – Acho que consigo pegar esse.

– Meu Deus, Beth. Você voltou de São Petersburgo de madrugada! Agora vai chegar em casa vindo de Paris sabe--se lá a que horas! – Então ela parece saudosa. – Se bem que isso parece divertido. Queria estar com você.

– Eu também! Mas, olha, vou te manter informada, tá? Não se preocupe comigo, vou ficar bem.

– Beth, também queria ter certeza disso. Só tome cuidado.

– Vou ficar bem – digo novamente, com firmeza. Eu mesma quase estou acreditando.

Assim que desligo, uso meu celular para conferir os horários de volta de Paris. Se não conseguir voltar, posso precisar arranjar algum lugar para ficar, então procuro alguns hotéis na região central de Paris. Sinto uma pontada de empolgação. Isto é loucura, mas está me deixando animada com as possibilidades. Não vou deixar Dominic sair da minha vida pensando que eu o traí. Ele vai saber a verdade, mesmo que seja a última coisa que aconteça entre nós.

Lembro que não trouxe o carregador de celular comigo, então desligo o telefone para economizar bateria e pego a revista que comprei no caminho da sala de embarque. Ainda não sei bem como vou conseguir me acalmar para conseguir ler qualquer coisa, mas tudo bem. Em três horas estarei em Paris.

Depois de partirmos, sinto que o cansaço da minha noite mal dormida começa a me dominar, e aproveito a oportunidade para descansar enquanto passamos pelo interior de Kent, em direção à França. Quando acordo, já estamos chegando a Paris. Falta apenas meia hora. Depois de despertar e beber um pouco de água, começo a perceber o que realmente fiz. Em pouco tempo, vou desembarcar na Gare du Nord... e depois? Não tenho a menor ideia de onde devo ir.

Penso por um momento e ligo meu celular. Ele se conecta a uma rede francesa e uma mensagem pisca, avisando que estou no exterior e vão me cobrar *roaming*. Encontro o telefone da Finlay Venture Capital na internet e ligo para lá. A recepcionista passa minha ligação para Tom Finlay.

– Alô?

– Tom, é a Beth. Conversamos hoje cedo sobre o Dominic.

– Sim, claro, me lembro de você. Conseguiu falar com ele?

– Não, cheguei tarde demais. Então, sei que parece loucura, mas vim até Paris atrás dele.

Ele ri.

– Meu Deus, eu sabia que não devia ter ajudado. Você é maluquinha, né? Ótimo, Dominic vai me agradecer muito por essa.

– Ele vai – respondo rapidamente. – Você não sabe o quanto. Mas, ouça: tenho um problema. Não sei onde ele está e gostaria de fazer uma surpresa. Tem como você descobrir um pouco mais para mim?

– Por que você não telefona para ele?

– Eu disse... ele não está respondendo minhas mensagens e meus e-mails.

– Sim, mas ele pode atender o telefone se você ligar para ele.
– Talvez... vou tentar isso, mas será que você pode me ajudar?
Por favor?

– Olha, vou fazer o que puder. Devo dizer que você está atrás dele?

– Não, não. Quero fazer uma surpresa.

– Está bem, deixe comigo. Você tem acesso a e-mail?

– Tenho.

Informo a ele meu e-mail e desligamos. Recosto-me no banco, satisfeita. Se tudo for bem, não terei de desperdiçar meu tempo em Paris procurando Dominic. Vou conseguir ir direto até ele.

Já estamos na periferia de Paris quando recebo uma mensagem de Tom no meu celular. Vou direto para minha caixa postal.

Oi, Beth:

Acho que Dominic está em reunião com um megainvestidor. Ele quer vinte milhões do homem, então acho que não vai atender a nenhum telefonema. Se for ajudar, lembrei que Dominic disse que faria a reunião com esse cara no apartamento dele em St. Germain e que ficaria nessa mesma região. Então acho que vale você tentar algo por lá. Aviso assim que o Dominic me responder.

Até mais, Tom

Bom trabalho, Tom. É ruim Dominic não ter respondido diretamente, mas pelo menos consegui restringir a uma região de Paris. Vou precisar de um carregador, percebo. Meu telefone não vai conseguir acessar a internet por muito tempo se ficar sem bateria. Essa será a primeira coisa que vou fazer quando chegar à Gare du Nord.

Vinte minutos depois, estou andando pela plataforma com o resto das pessoas que desembarcaram em direção à saída da estação. Já estive em Paris uma vez com uma excursão da escola e sou

remetida a essa época com o toque musical que vem com cada anúncio da estação. Não entendo uma única palavra de francês, mas estou exultante por ter chegado aqui. Encontro um caixa eletrônico e tiro alguns euros com meu cartão de crédito. Então acho um quiosque telefônico e consigo fazer o homem entender que preciso de um carregador para meu celular. Em poucos minutos, saio orgulhosa com um carregador feito para as tomadas europeias. Primeira missão cumprida. Em outro quiosque turístico, pego um mapa de Paris e um do metrô. Estou progredindo a passos largos.

Encontro um canto tranquilo onde posso olhar os mapas e me planejar. Com um pouco de ajuda da internet, encontro a região de St. Germain e a linha de metrô mais próxima. Bom. Não há por que esperar. É para lá que vou.

O metrô de Paris é bem diferente do de Londres, mas consigo me orientar facilmente. Decido ir até a estação de St. Germain-des-Prés, já que pelo nome parece que vou cair bem no lugar certo. Desço até a estação de metrô, compro um bilhete na cabine usando meu francês fraquinho de estudante ginásial e pego a Linha 4, rosa-escuro. São onze paradas até St. Germain-des-Prés. O trem quadrado vem rugindo quase na mesma hora, e entro nele pensando se não pareço meio perdida aos olhos das outras pessoas. Não que nenhuma tenha me notado nem por um segundo. Fico exultante quando o trem passa por estações de nomes bem românticos – Château d’Eau, Châtelet, Cité – e me leva para mais perto de Dominic. Desço na St. Germain-des-Prés e, ao sair na superfície, percebo que minha tarefa vai ser mais difícil porque já é noite. Estamos uma hora adiantados aqui e já é começo da noite. As luzes de Paris estão acesas e, assim como em Londres, as decorações de Natal brilham por todo canto. Estou em um quarteirão dominado por uma grande igreja, com o campanário iluminado e adentrando o céu azul-escuro como um grande dardo cinza e dourado.

Mal posso me aguentar de tanta empolgação. Aqui estou, em Paris! Estou em uma praça ladeada pelas vitrines iluminadas de cafés e bares, e há pessoas andando por todo o lugar, que parece muito francês. Agora tudo que preciso fazer é encontrar Dominic.

Será que vai ser muito difícil? Pego o telefone e dou uma espiada. Ainda nada do Tom. Vou para uma cafeteria ver se consigo carregar meu celular e tomar um café, enquanto penso no que vou fazer.

Entro no café mais próximo e na mesma hora me sinto intimidada. Está lotado de executivos conferindo seu telefone enquanto bebem café ou vinho, e mulheres lindas, algumas com cachorrinhos dentro da bolsa. Sou tímida demais para um lugar desses. Saio da praça e viro a esquina, andando sem rumo por um tempo até encontrar um lugar mais calmo e aconchegante chamado Chez Albert, com mesas na calçada colocadas sob aquecedores externos. Arrumo coragem e sento em uma das mesas vazias. Um garçom vem e diz algo rapidamente em francês.

– *Café au lait, s’il vous plaît* – digo em um francês hesitante, e ele sai para pegar meu café.

A desvantagem de ficar do lado de fora é que não há como carregar meu telefone. Talvez precise entrar para fazer isso, mas gosto de ficar fora porque há uma chance de Dominic passar andando por aqui. Eu o imagino agora no apartamento daquele homem importante, tentando inspirá-lo com sua retórica e paixão a investir milhões de dólares em sua nova companhia.

Se há alguém que pode conseguir isso, é Dominic.

O garçom volta com um café preto acompanhado de uma jarrinha de leite quente, e o coloca na mesa com a conta. Dou uma espiada. Cinco euros por uma xícara de café! Bem, imagino que seja como ir a um café em Knightsbridge... vai ser caro, não importa onde.

O que vou fazer se não achar Dominic? Não vai ser problema, digo a mim mesma com firmeza. Vou pegar o Eurostar de volta ou encontrar um hotel, se for preciso. Mas ficar pensando nessas alternativas não me parece necessário. Algo me diz que vou encontrá-lo. Então meu telefone, já quase sem energia, me avisa que há uma mensagem. É um e-mail de Tom.

Capítulo Cinco

Estou na entrada de um hotel chique em uma rua elegante de St. Germain. Obviamente é uma região de Paris bem cara e ainda não criei coragem para perguntar quanto custa um quarto, já que a taça de vinho branco que estou bebendo me custou quase dez libras. Tom me deu o nome do hotel onde Dominic está hospedado e eu o encontrei com a ajuda de um aplicativo de celular. Depois de uma visita ao toalete feminino para me arrumar, estou sentada aqui na entrada, em um sofá bastante confortável, folheando uma revista enquanto aprecio minha bebida e sorrateiramente vejo quem entra e sai do hotel. É um lugar gostoso para se ficar, mas espero que Dominic apareça logo, porque não sei mais quantas taças de vinho posso pagar, ou tomar, até ele chegar.

E se ele saiu para jantar e vai voltar tarde? Até quando vão me deixar ficar sentada aqui? Além disso, estou morrendo de fome.

Percebo que não fiz uma refeição decente o dia todo. Tento não pensar nos restaurantes maravilhosos que devem estar a poucos minutos a pé daqui, cada um servindo a mais deliciosa comida francesa... meu estômago ronca só de pensar.

De repente, comida é a última coisa que passa na minha cabeça.

Sinto antes mesmo de ver. Como um animal pressentindo o trovão, sinto que há algo no ar e todos os pelos do meu corpo se arrepiam. Eu sei, sem nenhuma dúvida e sem nem precisar olhar, que a química da sala se alterou e que algo glorioso está acontecendo. É como se o saguão se enchesse com um aroma delicioso, ou como se a música mais divina começasse a tocar, e isso me enche de alegria.

Ele está aqui. Eu sei.

Viro minha cabeça para a entrada do hotel, sentindo que estou me movendo em câmera lenta. Acredito piamente no que estou

sentindo. Estou reagindo à presença da pessoa que mais amo no mundo, como ele poderia não estar aqui?

Dominic.

Ele passa pela porta e vai em direção à recepção, falando no celular e pegando sua chave. A visão dele me deixa tonta e me faz fraquejar. Não faz tanto tempo desde a última vez que o vi, mas parece uma eternidade. O último lampejo que tive de seu rosto foi quando ele estava bravo, desesperançado e amargo, mas agora ele parece sério e intenso enquanto ouve quem quer que esteja no outro lado da linha.

Meu Deus, ele está lindo... Às vezes ele tem a capacidade de me deixar boquiaberta novamente com a força de sua beleza. Sua pele morena está escurecida com a barba rala ao redor do rosto, seus olhos castanhos estão apontados para o chão enquanto ele ouve, e sua boca, tão linda com uma ponta de sorriso maroto, me faz querer sair correndo daqui e ir beijá-lo. Ele está uma delícia com um terno cinza-escuro, sem gravata e com a camisa branca desabotoada no pescoço.

Não sei o que pensei em fazer quando o vi, mas tento me levantar e sinto as pernas fraquejarem. Ele já está com as chaves e já virou em minha direção, se aproximando do pequeno sofá onde estou sentada. Em um momento, ele terá passado por mim sem nem perceber que estou aqui. Dominic está concentrado em sua conversa e absorto do mundo ao seu redor. Eu me forço a ficar de pé. Minhas mãos estão tremendo e meu estômago se revira como uma máquina de lavar roupas. Sinto-me zozza e com vertigem, mas também estou triunfante. Encontrei Dominic. Com a ajuda de Tom, claro, mas o encontrei!

Ele está tão perto de mim agora, quase posso esticar os braços e tocá-lo. Tenho de dizer algo ou ele irá embora.

– Dominic – digo, mas sai muito fraco, como um sussurro perdido em meio ao barulho do saguão do hotel. Tomo fôlego e digo mais alto agora. – *Dominic!*

Ele me ouve, e vira a cabeça para me olhar. Seus olhos castanhos cruzam com os meus. Ele para de andar e consigo ver a surpresa em seu rosto. Ele está boquiaberto quando tira o celular da orelha e diz:

– Beth? – Ele parece ao mesmo tempo surpreso e feliz.
– Me desculpe pela surpresa, mas eu precisava vir te ver. Precisamos conversar! – Estou parada ainda, presa entre o sofá e a pequena mesa onde está minha taça, apoiada sobre um guardanapo branco.

Dominic volta a si e retoma o telefone.

– Richard, você se importa se eu ligar mais tarde? Tenho de ver algo aqui. Obrigado. – Ele coloca o celular no bolso e me encara, ainda chocado. A felicidade no rosto começa a desaparecer e sua testa fica franzida. – O que você está fazendo aqui? Você sabia que eu estava aqui?

Aceno com a cabeça.

– Sim. Sei que parece absurdo vir atrás de você no meio de um saguão de hotel, mas eu precisava te ver. Por favor... podemos conversar?

Sua expressão vai ficando mais fria a cada segundo. Ele está lembrando o que aconteceu da última vez que nos vimos.

– Não quero isso de novo, Beth. Acho que dissemos tudo que precisávamos dizer em Londres. Você sabe como me sinto.

– Dominic – digo desesperada. – Tudo mudou. Juro. Você precisa acreditar em mim.

– Preciso? – Ele está começando a ficar hostil. Tenho de resolver essa situação antes que seja tarde demais.

– Sim. Sei de coisas que não sabia antes.

– Como se você teve ou não algo com... – ele não consegue dizer o nome de Andrei.

– Sim. Sim. Você sabe que não minto, sabe que falo a verdade. Por favor, me escute. Não vamos perder tudo o que temos por causa de uma confusão idiota. – Olho para ele com os olhos suplicantes. – Cinco minutos. Por favor.

Ele olha para o chão, como se estivesse lutando uma batalha interna.

– Tudo bem – diz depois de um momento. – Você tem cinco minutos. Mas é só isso.

– Aqui? – pergunto, olhando em volta do saguão do hotel onde as pessoas estão passando e os funcionários estão de olho em nós.

Ele pensa por um segundo.

– Não. Vamos para meu quarto. Vem comigo.

Sigo Dominic apressada enquanto ele caminha rapidamente pelo piso de mármore em direção ao elevador. Logo em seguida já estamos no elevador, indo em direção ao terceiro andar. Dominic não olha para mim, mas percebo que minha presença o afetou pela tensão em seus ombros e seus lábios contraídos. A seu lado, estou em um verdadeiro turbilhão. Preciso usar toda a minha força para não tocá-lo. A vontade de esticar meus braços até ele é quase insuportável. Quero muito passar os dedos por sua mão, tocar meus lábios naquela parte macia de seu pescoço, abaixo da orelha, e sentir o cheiro caloroso de sua pele. Sinto meu corpo reagir à sua proximidade com deleite, já pronto para receber o prazer de seu toque. Queria poder acalmá-lo. Enquanto meus hormônios estão a toda e meus nervos prontos para dar pulos de alegria, meu cérebro está tentando controlar meu corpo fora de controle e ordenar que sossegue. Não tem nada certo. Ainda.

O elevador abre e seguimos pelo corredor acarpetado em direção à porta do quarto de Dominic. Ao abrir a porta, ele acende as luzes, que revelam um quarto elegante e confortável. Eu o sigo e ele se vira para mim.

– Vamos lá. Cinco minutos. Estou ocupado, Beth. Esse é um momento bem importante para mim.

Seu olhar é frio. Odeio ver esse olhar nele. Será que seu sentimento por mim mudou mesmo? Será que nunca mais vou ver aquele olhar carinhoso ou queimando de desejo? Não sei como vou sobreviver se ele parar de me amar. A ideia de nunca mais receber um beijo dele faz meu peito doer. Tenho cinco minutos para trazê-lo de volta.

– Quando nos vimos pela última vez, você queria saber se tinha acontecido alguma coisa entre Andrei e mim – começo.

Ele me interrompe bruscamente.

– E você não conseguiu responder. Lembra?

– Eu sei, eu sei. Fui uma idiota. O que sei é que jamais quis que alguma coisa acontecesse. Ele se insinuou para mim algumas vezes, de que nós... de que alguma coisa poderia acontecer. Mas é claro

que sempre o rejeitei na hora. Porque você é tudo o que quero, tudo de que preciso. Você sabe disso. – Olho para ele, quase implorando, mas seus olhos continuam gelados e sua boca, séria. – Naquela noite da festa nas catacumbas, uma coisa muito estranha aconteceu comigo quando estávamos separados. Você estava dançando com a Anna e estávamos longe um do outro, mas a Anna veio e, enquanto eu estava distraída, ela colocou alguma droga na minha bebida. Não sei o que era, mas tenho certeza de que foi ela. Ela tem prática nisso, Dominic. Ela deve ter dito a você que usa drogas.

Há um princípio de reação em seus olhos, mas não consigo ver que tipo de reação é. Eu continuo.

– Não sabia que tinha sido drogada, mas tudo começou a ficar estranho. Fiquei confusa e então me perdi nas cavernas tentando encontrá-lo. Mas você me achou não? E fizemos amor lá. Mas por causa da forma como aconteceu, depois disso tive a impressão horrível de que não tinha sido com você, mesmo estando convencida de que era. Por semanas, fiquei atormentada com o medo de que talvez tivesse sido infiel a você, mesmo que não quisesse. Tive medo de ter transado com o Andrei por acidente.

Dominic solta um som parecido com uma risada amargurada.

– Acidente! – ele repete em voz baixa.

– Sim. – Dou um passo em sua direção. – Por favor, você precisa acreditar em mim. Quando me pediu para jurar, eu queria jurar desesperadamente porque sabia no fundo do coração que sempre fui fiel a você, completamente sua. Não há mais ninguém, Dominic, você sabe disso!

– Então por que não me perguntou se fizemos amor nas cavernas?

– Porque estava em um beco sem saída. Se perguntasse e você dissesse que não, então você saberia que algo aconteceu com outra pessoa, e eu não conseguia suportar essa ideia. Não consigo explicar como aquela noite foi estranha e distorcida. Minhas percepções estavam completamente alteradas. Não entendi como aquilo aconteceu até que percebi o que a Anna fez.

Dominic me encara. Seus olhos castanho-escuros com tons de cobre estão quase indecifráveis, mas acho que consegui tocá-lo.

Percebo que ele está lutando consigo mesmo. Acho que ele passou muito tempo tentando se convencer de que o que havia entre nós estava acabado, mas ele não consegue ir contra seus sentimentos, seus desejos.

Quero implorar que não resista a eles, dizer a Dominic que pare de tentar matar o que sente por mim. É precioso demais, ele nos deu tanto...

– Queria ter sido honesta com você. Nunca menti – digo em voz baixa. – Não consegui jurar antes, mas agora posso. Nunca aconteceu nada entre mim e Andrei Dubrovski, e posso jurar pela minha vida.

– Como você pode estar tão certa disso agora?

– Porque perguntei a ele. E ele me disse que nada aconteceu.

O rosto de Dominic se contorce e ele cerra os punhos.

– Você esteve com ele.

– Claro, ainda estou trabalhando para ele. Agora que o Mark está doente, sou a única disponível.

– E em quais circunstâncias aconchegantes você criou coragem para perguntar ao Andrei se ele te comeu enquanto você estava chapada com alguma droguinha que Anna colocou na sua bebida? – Sua voz é irônica e desagradável.

– Eu não queria, mas tive de perguntar. Tinha de saber a verdade, por nós dois.

Dominic vira o rosto e olha para o chão, o músculo de sua mandíbula pulsa. Ele está lutando contra algo. Sei que odeia o pensamento de Andrei e eu juntos.

– Ele não significa nada para mim – digo. – Eu te amo. Você sabe disso. Por favor, Dominic. Não deixe que ele nos separe. Ele adoraria fazer isso. Nós dois juntos e felizes é sua melhor vingança.

Ele olha para mim e quase tomo um susto com a visão da dor em seu olhar.

– Você não sabe como tem sido duro para mim – diz com a voz baixa. Ele caminha até uma das poltronas e se afunda nela. – Beth, ninguém nunca fez com que eu me sentisse assim. Desde que a conheci, fiquei em uma situação muito estranha. Tudo o que achava

que poderia controlar virou de cabeça para baixo. Precisei questionar tudo sobre mim mesmo.

Vou até ele e me ajoelho no chão, ao lado da poltrona. Pego sua mão e a seguro com carinho, saboreando o toque de sua pele. Ele me deixa acariciar sua mão. Quero beijá-lo, mas estou me segurando.

– Achava que sabia tudo sobre o amor – ele diz com a voz rouca.
– Mas não sabia nada. Achava que o amor tinha a ver com acordos, limites e a submissão à minha vontade. Mas com você, o amor é caótico, incontrolável, e precisei não só exercer o poder, mas abrir mão dele também. Você sabe como isso me afligia.

Ele olha para mim, com seus olhos castanhos agora mais carinhosos, enquanto espera compreensão. Aceno com a cabeça. Sei que nossa jornada levou Dominic por um caminho que ele não imaginava. Ele tentou rejeitar aspectos de si mesmo, apenas para vê-los reaparecer de outra forma. Ele parou de usar certos instrumentos em mim quando fazíamos amor, pensando que isso iria acabar com sua necessidade de controlar e dominar, mas essas facetas não podiam ser sufocadas, mesmo quando ele se autoflagelava na tentativa de acabar com elas.

– Eu te amo, amo tudo em você – digo carinhosamente, torcendo para que meu toque cure a ruptura entre nós e traga de volta a confiança nele mesmo. – Você não precisa mudar.

Dominic abaixa um pouco a cabeça. Estou desesperada para beijar sua boca, abraçá-lo, sentir sua pele quente contra a minha. Levo sua mão aos meus lábios e a beijo.

– Beth. – Sua voz sai esganiçada. Olho para cima. Ele está me encarando. – Não sei... ainda não estou pronto.

– Você não quer isso? – pergunto gentilmente, dando outro beijo em sua mão.

Ele suspira.

– Claro que quero. Você sabe o poder que tem sobre mim, mas...
– Dominic fecha os olhos por um segundo e, quando os reabre, parece estar determinado. – Nosso relacionamento não é só sexo, você sabe disso. Isto aqui é importante, é sério, é sobre nosso coração. Quero muito te comer agora mesmo. Mas, quando isso

acontecer, tem de ser para valer. Até dez minutos atrás, eu estava decidido a deixá-la fora da minha vida. Não posso fazer amor agora como se tudo tivesse mudado. Preciso pensar nisso e ter certeza. Não posso arriscar a dor de errar novamente.

Minha vontade é de me levantar e gritar: “Mas nós estamos juntos, não tem nada para nos separar!”, mas não faço isso. Sei que o que parece simples para mim pode não ser para Dominic. Não precisei enfrentar os demônios interiores como ele. Então digo carinhosamente:

– E se as pessoas que transarem não forem nós dois?

Ele me olha intrigado.

– Como assim?

– Quero dizer que não precisa ser a Beth e o Dominic. – Levantome. – Espere por mim.

Vou até o banheiro e tiro meu casaco e minha roupa. Estou usando um vestido preto simples. Tiro-o pela cabeça e consigo me ver no espelho de relance. Meus olhos estão brilhando intensamente e minhas bochechas estão coradas. Tiro o sutiã, a meia-calça e a calcinha. Estou nua no banheiro do quarto de hotel de Dominic. Isso é meio estranho, mas estou bem consciente do que estou fazendo. Pego o vestido e o coloco de volta. Estou descalça, sem roupas de baixo, apenas com o vestido.

Ao abrir a porta do banheiro, vejo que Dominic ainda está sentado na poltrona, aguardando por mim.

– Fique aí – digo. – Feche os olhos.

Ele fecha os olhos obediente e ando rapidamente até a porta do quarto e saio no corredor. A excitação está borbulhando dentro de mim. Não faço ideia se isso vai funcionar, talvez seja loucura demais, mas vale tentar. Tudo vai depender se Dominic está preparado para entrar na onda ou não.

Bato na porta.

Logo em seguida ele atende, abrindo a porta parcialmente.

– Sim?

Ótimo. Ele não disse “Beth?” ou “O que você está fazendo?”. Ele está aberto a isso, quer ele saiba ou não.

– A limpeza de quarto está aqui, senhor.

– Limpeza de quarto?
– O senhor não pediu serviço de limpeza de quarto?
– Não sei se pedi, mas já que você está aqui é melhor entrar. –
Ele abre mais a porta e entro no quarto. Fico com a cabeça baixa, olhando para meus pés descalços no carpete, com as mãos cruzadas na frente do corpo.
– Quem é você? – ele pergunta em tom de ordem.
Isso mesmo, meu amor, isso mesmo.
– Meu nome é Rosa – respondo. Foi o primeiro nome que me veio à cabeça. Parece bom.
– Olá, Rosa. – Dominic está me observando, mas não olho para ele. – E você é minha faxineira, certo?
– Isso mesmo, senhor.
– Interessante. Quais são suas tarefas?
– O que o senhor desejar.
– Qualquer coisa?
Confirmo com a cabeça e continuo.
– Sim, senhor.
– Entendi. – Consigo sentir na voz de Dominic que ele está animado com essa cena. Sei que está ficando excitado. Sei que também estou, pela sensação de inchaço e antecipação no meio de minhas pernas. – Bem, você parece uma faxineira com potencial, Rosa. Parece estar disposta a tudo, e isso é bom. Mas precisamos ver se você é mesmo tudo o que parece. Primeiro, Rosa, quero que você arrume a cama.
– Sim, senhor. – Vou até a grande cama, tiro as almofadas de enfeite e dobro o pesado edredom cor de damasco, revelando os travesseiros e cobertores sob ele.
– Tire totalmente o edredom, por favor.
– Sim, senhor. – Tiro o pesado edredom da cama, que cai no chão.
– Ah, não. Que bagunça, Rosa. Isso não pode ficar assim. Arrume tudo, por favor.
Tento dobrar o edredom, mas ele é pesado e grosso, e estou apanhando dele. Dominic me observa enquanto tento deixá-lo arrumado.

– Você ainda tem muito que aprender – ele diz.
– Peço desculpas, senhor – respondo e abaixo a cabeça. – Sou desastrada.

– Você é mesmo desastrada, não? Sabe de uma coisa, Rosa? Eu gosto de você, mas acho importante deixar os limites claros agora mesmo. Não tolero gente desajeitada. Você precisa melhorar. Venha cá.

Ando até ele, o coração palpitando com uma expectativa deliciosa. Estou ciente do meu vestido se movendo por minha pele nua. Dominic está sentado no banco ao lado da mesa. Vou até lá e fico de frente para ele.

– Deite-se sobre meus joelhos – ele pede com a voz gentil. – Você precisa de um corretivo suave, acredito. Minhas empregadas devem ter os mais altos padrões, e não aceito nada diferente disso. Você entende?

Aceno com a cabeça e engulo em seco, com minha pele formigando. Agacho e deito sobre seu colo. É estranho porque o banco é alto e não consigo ficar de joelhos no chão, preciso dobrar as pernas para ficar o mais baixo possível. Ainda assim, adoro a sensação de suas coxas musculosas sob meu peito, e em pouco tempo já não estou mais pensando no banco alto, apenas na sensação de Dominic alisando o vestido sobre minha bunda, com uma única mão. Ele dá um pequeno suspiro quando percebe que não estou usando nada por baixo e então emite um ruído gutural de aprovação. Ele passa a mão sobre minhas nádegas, alisando a superfície, sentindo a maciez e o calor da minha pele.

– Ah, Rosa. Você tem uma bunda linda. Mal posso esperar para deixá-la rosada e quente. Espero que não doa muito, mas é importante que você aprenda a lição.

Estou tremendo de expectativa e fico cada vez mais excitada, me tornando deliciosamente receptiva a cada toque de Dominic. Quero me apertar contra ele e sentir suas coxas em meu sexo, mas estou me segurando por enquanto.

Ele dá um tapa de leve na minha bunda. Não machuca muito, mas eu grito.

– Oh, senhor. Oh! Por favor, o senhor está me machucando!

Recebo outro tapa na bunda.

– Essa é minha intenção, Rosa.

O tapa é ardido, forte o suficiente para fazer meu corpo vibrar, mas não forte a ponto de causar uma dor real. É como uma picada que envia pequenos espinhos voando sobre meu corpo, que acabam me estimulando ainda mais. Mal posso evitar de me contorcer ainda mais.

– Fique parada! – Outro tapa, um pouco mais forte.

Eu solto um gemido.

– Oh, senhor. Machuca! Prometo que vou ser boazinha!

Isso faz Dominic me dar mais três tapas fortes, ardidos. Sinto minha bunda ficar quente e avermelhada no local dos tapas.

– Acho que isso é o bastante por hoje, Rosa. É sua primeira vez e você não foi tão mal assim. Mas isso é só uma amostra do que vai vir se você não executar direito o trabalho.

– Oh, sim, senhor. Farei meu melhor.

A voz de Dominic muda.

– O que é isso? O que é isso, Rosa?

Abri minhas pernas para me apoiar melhor enquanto recebia as palmadas, e Dominic passou os dedos por minha bunda, onde minha vagina estava exposta e aberta para ele. Ele desliza a ponta dos dedos na minha lubrificação quente e acabo gemendo, mesmo sem querer.

– Ah, entendo. Você gostou desse pequeno castigo, não? Não era minha intenção, mas agora percebi que acabei estimulando seus sentidos com meu corretivo. Ora, ora...

Não consigo mais ficar em pé e acabo indo ao chão, onde fico de joelhos na frente de Dominic.

– Olha isso, você deixou meus dedos lubrificados com sua excitação! – Ele coloca a mão na frente do meu rosto. Pego sua mão e começo a lamber seus dedos, sentindo o sabor levemente salgado e acre do meu próprio sexo. Ele me observa atentamente e percebo, pela sua respiração, que Dominic está reagindo bem ao toque da minha língua quente e úmida lambendo e chupando seus dedos. – Fico feliz por saber que você oferece um serviço tão pessoal – ele murmura, sua voz rouca de desejo.

Solto sua mão e gentilmente separo seus joelhos. Então me viro de frente, e meu rosto está próximo de sua virilha. Consigo ver o volume sob suas calças agora e meu estômago se contrai de excitação. Mal posso esperar para ver e segurar seu pênis magnífico e tê-lo novamente só para mim.

Inclino meu rosto em sua direção.

– Posso tirar suas calças, senhor?

Ele me olha de volta com carinho.

– Pode, você pode.

Em pouco tempo, já abri suas calças e deixei seu pau esca par da cueca. Ele continua tão lindo como eu me lembrava e me inclino para a frente e o coloco na boca, segurando sua vara dura e quente na mão, enquanto passo a língua sobre a cabeça macia. Quero colocá-lo inteiro na minha boca, mas ele é grande demais, e está ficando ainda maior enquanto deslizo meus lábios para cima e para baixo até onde consigo. É bom demais poder sentir seu pau novamente e amá-lo com minha boca. Minha outra mão vai por baixo e segura suas bolas, mexendo nelas com delicadeza na palma. Ele geme e coloca uma mão na minha cabeça, passando os dedos pelo meu cabelo e me apertando com gentileza, para que eu aumente a pressão no seu pênis, que já está duro como uma pedra. Chupo e lambo com vontade, sem deixá-lo sair da minha boca faminta, e continuo até que ele tira minha cabeça carinhosamente e aponta meu rosto para cima. Dominic então pega minhas mãos e me levanta, envolve meu corpo com seus braços e me puxa para si em um abraço apertado. Finalmente, seus lábios encontram os meus e estamos nos beijando calorosamente, um beijo profundo, como se estivéssemos morrendo de vontade um do outro. Sua língua toma posse da minha boca e encontra a minha língua. Respondo com tudo dentro de mim. Seu sabor é divino e a sensação de nossas bocas se encontrando é de plenitude celestial. Não há como um beijo ser mais perfeito que isso, essa sensação é tão perfeita, tão intensa e certa, é como duas metades de um todo se reunindo. Enquanto nos beijamos ele me puxa para cima e fico sentada em seu colo, com minhas pernas em volta das dele. Com uma intensidade furiosa, sinto seu pau duro pressionando minha entrada. Mexo meu quadril

um pouco para a frente, e sua vara está colada em meu clitóris, que agora está inchado e incrivelmente sensível. Essa sensação deliciosa me faz beijar Dominic ainda mais forte, e afundo os dedos em seu cabelo. Ele sabe o que está fazendo comigo e mexe o quadril sutilmente, para que seu pênis continue me causando choques elétricos poderosos toda vez que toca meu botão.

Sinto como se fosse gozar a qualquer segundo, só com o prazer de nosso beijo apaixonado e com o cheiro de sua pele. A pressão quase insuportável que seu pau faz no meu clitóris está perto de me jogar rodando em um orgasmo, mas ainda não quero isso. Não quero que esse prazer termine e não quero gozar antes de sentir seu pênis bem fundo dentro de mim, me levando ao limite. Sei que ele quer a mesma coisa.

Eu me estico, pego seu pau e o aponto para mim. Então, bem devagar, vou descendo nele, tentando acertar a entrada. Sua cabeça entra perfeitamente em mim. *Sabia que nós fomos feitos um para o outro.* Com um gemido, me afundo nele, sentindo minha vagina engolir lentamente seu pau, e saboreio a sensação de me abrir ao receber sua vara quente. Dominic geme e suspira enquanto enfia seu pau em mim.

– Oh, Deus, isso é bom – ele diz. Seus olhos estão queimando com a intensidade de seu desejo e ele me beija de novo, enquanto mexo meus quadris para que suas estocadas me penetrem mais fundo. – Ah... Rosa – ele murmura entre os beijos. Dominic puxa meu vestido por cima da minha cabeça e o joga no chão, e então começa a cobrir meus seios de beijos ardorosos, parando só para puxar gentilmente meus mamilos com os dentes. Isso me faz queimar de desejo. Enquanto chupa e suga um mamilo com a boca, ele acaricia o outro com a mão. Jogo minha cabeça para trás e solto um gemido de deleite enquanto sinto seus dentes rasparem de leve meu biquinho sensível. Ele passa os dedos até meu ventre e dá um tapa em minha bunda, então me agarra com força para me fazer subir e descer sobre seu pênis. Quero Dominic completamente dentro de mim, o mais fundo que puder. Sinto como se jamais fosse me enjoar disso. Estou maluca com o prazer de ter o corpo dele junto ao meu mais uma vez, quando temia que isso jamais

acontecesse de novo. Subitamente, sinto Dominic me abraçar com firmeza e suas coxas se contraem, ficando duras como ferro, quando ele usa sua força e se levanta, me levando junto, com seu pau ainda dentro de mim. Cruzo minhas pernas em volta dele, beijando-o feito louca – seus lábios, suas bochechas, suas pálpebras – enquanto ele me carrega facilmente pelo quarto até a cama. Ele me deita de costas na cama e abro minhas pernas para que ele continue dentro enquanto se deita sobre mim. Dominic segura meus pulsos com uma mão sobre minha cabeça e começa a me penetrar furiosamente, com o quadril se movendo rapidamente, enquanto ele entra em mim com força.

Cada estocada me faz gemer alto e me leva mais perto do orgasmo, já que a fricção do vai e vem sobre meu clitóris vai fundo em minha zona de prazer.

– Você é tão linda – ele diz ofegante, olhando-me nos olhos.

– Você está sempre maravilhosa quando estamos transando.

– Não pare, não pare – imploro, sentindo o clímax exultante chegando perto. As sensações de êxtase se acumulam, a pegada nos meus pulsos é firme e excitante. Eu me abro por completo a Dominic, com seu peito sobre meus seios, minha vagina completamente entregue aos golpes de seu pênis.

Sinto seu pau inchar dentro de mim e saber que ele vai gozar me deixa ainda mais desesperadamente excitada. Levanto o quadril para encontrar o dele, empurro o clitóris para bater com suas estocadas, e Dominic geme com seu orgasmo chegando. O clímax se desencadeia dentro de mim e sou engolida por uma onda de prazer, e me contraio e grito com a sensação que me varre. Chacoalho e me contorço, ainda gemendo, desesperada para receber as últimas estocadas, que vão manter o prazer estremecedor percorrendo meu corpo. Na mesma hora, sinto Dominic arquear as costas e tensionar o corpo, para logo depois explodir em um grande orgasmo.

Ficamos ofegantes nos braços um do outro. Dominic no meu peito está pesado, mas é uma delícia, arfando no meu ouvido. Minhas mãos estão soltas novamente, e as passo sobre suas costas. Sem marcas inexplicadas desta vez, percebo com alívio. Sua respiração

vai voltando ao normal e ele se vira para me beijar, se demorando em meus lábios e depois se aconchegando em meu pescoço.

– Isso foi maravilhoso, Rosa – ele murmura.

– Obrigada, senhor.

– Acho que você vai ser uma empregada muito promissora.

– Obrigada. Farei o melhor para agradá-lo.

– Você é um amor.

Ficamos deitados abraçados por um tempo, sem dizer nada, mas apreciando a proximidade de nosso corpo e o brilho pós-sexo em nossa pele. Consigo sentir a nossa dinâmica mudando de empregada e patrão para nossa identidade normal. Somos Beth e Dominic novamente. Foi preciso essa fantasia para nos reunir e agora podemos deitar juntos nos braços um do outro. Quando Dominic fala, ele está normal de novo. Não é mais meu patrão mandão que gosta de me castigar, mas meu amado homem com seu abraço forte e quente e sua pele cheirosa.

– Você tem algum lugar para ir? Pode ficar aqui esta noite se quiser. Vou sair. Na verdade, preciso sair agora mesmo. Vou jantar com um cliente importante. Quando você volta para Londres?

– Volto amanhã, com certeza consigo uma passagem sem problemas. – Meu ânimo baixa um pouco. Mal voltamos a ficar juntos e já estamos falando de nos separar. – Quais são seus planos?

– Não vou voltar para Londres. Devo ficar viajando pelo próximo mês, mais ou menos. Tem um monte de gente com quem preciso me encontrar.

– E depois? – olho implorando para ele.

– Não sei, Beth. Não pergunte essas coisas agora.

– Mas... – Sei que meus olhos estão carregados de medo. Acabamos de fazer amor gostoso. Como isso pode não significar nada? Nossa relação não é a coisa mais importante para nós?

– Você pode me esperar? – ele pergunta carinhosamente. – Ainda tenho de me entender com isso, sabe?

– Claro que posso esperar, mas tenho medo de perdê-lo de novo.

– Você não precisa ter medo. – Ele me beija no nariz. – Mas quero uma coisa, se formos ficar juntos novamente.

– O quê?

Ele me lança um daqueles olhares de partir o coração de seus lindos olhos castanhos: sincero e íntimo, como se pudesse enxergar até sua alma.

– Beth, quero Andrei Dubrovski completamente fora da sua vida. Não é só ciúme da minha parte. Fico preocupado com você ao lado dele. Ele não gostou nem um pouco da ideia de que eu me torne seu rival. Se o Andrei souber o que significamos um para o outro, ele é capaz de pensar em uns truques bem sórdidos para me atingir.

Olho para ele, tentando não mostrar meus sentimentos. *Oh, Dominic, não é tão simples assim.* Não posso simplesmente dizer a Andrei que não vou mais ter nada a ver com ele. Não só prometi que continuaria lá para trabalhar com ele, mas Andrei está com a carreira do Mark na palma da mão.

– Você entendeu, Beth? – pergunta Dominic, segurando uma das minhas mãos e a acariciando com o dedão. – É melhor para nós dois se ficarmos livres daquele homem.

Aceno com a cabeça. Não sei o que dizer. Não posso arriscar essa confiança renovada entre nós, nossa intimidade reencontrada.

– Ótimo. – Ele beija minha mão. – Agora vou sair. Fique à vontade aqui. Estarei de volta mais tarde.

Capítulo Seis

No Eurostar com destino a Londres, observo o interior da França passar por mim voando enquanto esfrio minha testa no vidro da janela. Minha viagem foi mais bem-sucedida do que eu poderia ter sonhado. Estou dolorida e inchada, mas de uma forma que aprecio. Já estava dormindo quando Dominic voltou, mas esta manhã, quando acordamos juntos na cama, ele começou a fazer amor comigo sem dizer nada, com sua forte ereção matinal me penetrando por entre as pernas quase antes de eu perceber onde estava. Acordar com seu pau me preenchendo foi um jeito delicioso de começar o dia, e foi rápido e bastante satisfatório. Depois ele foi tomar banho.

A atmosfera entre nós dois no café da manhã em seu quarto era estranha: íntima e ainda assim distante. Nós nos conhecemos tão bem e ainda assim havia a sensação de que somos estranhos, de algumas formas.

Quando perguntei a Dominic por que ele não tinha respondido nenhuma das minhas mensagens, ele estranhou a pergunta. Levou um tempo até percebermos que eu estava ligando para um número de celular que ele não usava mais e uma conta de e-mail desativada.

– Quando larguei o Dubrovski, tudo voltou para a empresa – Dominic me explicou. – Agora tenho um telefone e e-mail novos. – Ele me passou os dados.

Agora, no trem de volta para casa, percebo que ainda não sei em que pé estamos. Dominic disse que iria viajar para Montenegro para encontrar um multimilionário em seu iate e foi vago sobre o que iria fazer depois disso. Parece que ele está pronto para curtir nosso relacionamento quando fingimos ser outras pessoas, mas ainda não está pronto para confiar em seu coração.

Mas ele sabe da verdade agora. Preciso dar tempo para que ele pense nisso.

Tenho certeza de que nossas saborosas atividades na cama vão ficar em sua cabeça por um tempo. Como ele não iria querer mais das coisas deliciosas que fazemos um com o outro? Estremeço de leve ao lembrar das palmadas que levei na bunda e do deleite que senti com o ardor.

Ele foi carinhoso quando nos despedimos, beijando-me ternamente e prometendo que manteria contato.

Mas como vamos ficar juntos com Dominic viajando pelo mundo todo?

Já estou com saudade dele, uma saudade que dói no fundo. Enquanto sou levada para longe dele pelo trem, me pergunto como vou conseguir suportar nossa separação, quando não há uma data em vista para ela acabar.

Lembro-me de suas palavras finais nesta manhã: "Não se esqueça, Beth, você precisa cortar suas ligações com o Dubrovski agora mesmo. Diga ao Mark que você não consegue mais lidar com ele".

Sei que o Dominic precisa dessa confirmação antes de poder se comprometer novamente.

Mas como posso fazer isso sem acabar com Mark?

Chego a Londres na hora do almoço. Mal posso acreditar que ontem, a essa hora, não fazia ideia de onde Dominic poderia estar. Agora ainda consigo sentir o toque de seus lábios na minha boca e a dor no meu corpo de toda nossa atividade física. Tento sufocar uma voz no fundo de minha mente que fica perguntando em que pé está nosso relacionamento e como vou fazer para tirar o Andrei da minha vida. Preciso pensar no trabalho, depois de minha ausência não autorizada.

De St. Pancras vou para minha casa, troco de roupa e vou até a casa do Mark. Quando chego, já estamos no meio da tarde e Caroline está saindo.

– Ora. Olá, Beth, minha cara – ela diz enquanto coloca luvas tricotadas de cor laranja. – Estou saindo para visitar Mark.

– Ah, é? Posso ir? Vou gostar de vê-lo.

Ela olha para mim por um momento e então diz:

– Por que não? Com certeza você vai deixá-lo animado, e vou gostar de ter companhia. Não importa o quanto um hospital seja confortável, é sempre um lugar meio depressivo, não?

Ela estica o braço e um táxi sai obediente de sua faixa e para no meio-fio para nós.

– Motorista, ao Hospital Princess Charlotte, por favor! – ela grita e abre a porta do táxi. Nós duas entramos e nos ajeitamos, e logo partimos em direção a Kensington.

– Você anda ocupada, Beth? – Caroline pergunta, fechando o casaco em volta do corpo.

Confirmo com a cabeça

– Vou falar de tudo com Mark.

– Só não quero que ele fique preocupado com o trabalho – ela diz rapidamente. – Ele está melhor e bem mais animado do que ontem, mas não pode ter nenhuma recaída.

– Entendo. – Nesse momento, sinto meu celular vibrar com uma mensagem. Tiro do meu bolso e olho. É uma mensagem do número novo de Dominic.

Quero ver a Rosa de novo. Ela faz sexo deliciosamente.

Meu estômago se revira lentamente dentro de mim e lembro do orgasmo de Dominic. Isso me faz suspirar alto.

– Você está bem? – Caroline pergunta. – Espero que não sejam notícias ruins.

– Não, não. Está tudo bem – digo, e respondo a mensagem.

A Rosa quer vê-lo. Ela quer obedecer. Quando isso será possível?

A resposta chega quase na mesma hora.

Em breve. Diga a Rosa que serei um patrão carinhoso se ela for uma empregada obediente e esforçada.

Sinto uma pontada de excitação ao ler isso, lembrando--me do castigo de Rosa ontem e da forma como a mão quente de Dominic acariciava minha bunda e depois deslizava para minha vagina molhada e ansiosa.

Pare, brigo comigo mesma. Você não pode ficar excitada assim sentada em um táxi com a Caroline!

Ela não percebe nada, olhando pela janela do carro enquanto passamos por lojas caras, com suas vitrines brilhando com enfeites de Natal.

Paramos do lado de fora de um hospital particular e Caro-line paga o motorista. Entramos e logo sentimos o cheiro de hospital, aquele aroma cítrico de desinfetante que lembra superfícies estéreis e mãos limpas. Uma grande árvore de Natal brilha com sua decoração, mas a alegria parece forçada.

No balcão da recepção, Caroline diz nosso nome e vai na frente em direção ao quarto de Mark. Não sei bem o que esperar e estou nervosa. Este não é o tipo de lugar que eu associaria a Mark. Ele é tão elegante e bem vestido, como poderia ficar em uma cama de hospital, mesmo que seja confortável?

Chegamos à ala de Mark e dizemos nosso nome à enfermeira, que nos orienta a lavar as mãos e passar o álcool em gel. Ela também nos ensina como vestir os aventais de plástico branco sobre nossas roupas, e então estamos prontas para ver Mark.

Caroline vai na frente até a porta, dá uma batida e abre. O quarto é bem agradável e bem mobiliado, mas as poltronas e a televisão não conseguem esconder seu propósito. Ele é dominado por um grande leito hospitalar e todos os equipamentos em volta dele: tubos plásticos, bolsas de soro, suportes e máquinas com luzes piscando e monitores. Na cama, Mark parece magro e perdido. Ele está reclinado e parece cochilar em meio aos travesseiros brancos. Um tubo fino desce do suporte ao lado da cama e vai até a mão dele, onde termina em uma agulha inserida e presa com

esparadrapo. Ele está cheio de curativos em volta do pescoço, e sua boca parece inchada. Ao entrarmos, seus olhos se abrem e ele nos dá um sorriso débil. Fico chocada com sua aparência doente e fraca. Como ele parece cansado e vazio!

– Olá, garotão – Caroline diz e se inclina para dar um beijo em sua bochecha. – Como você está? A Beth veio junto para dizer oi. Ela anda com saudade de você, coitadinha.

Dou um passo e sorrio.

– Oi, Mark. Como você está? Caroline disse que a operação foi um sucesso.

Ele acena com a cabeça e então diz:

– Difícil falar. – Isso sai tão distorcido que mal entendo.

– A língua ainda está inchada? – pergunta Caroline, sentando-se em uma cadeira ao lado da cama.

Mark assente de novo.

– Está doendo?

Ele assente, bem enfático. Então aponta com a cabeça para o soro que pinga e diz:

– Morfina maravilhosa. – Dessa vez entendo perfeitamente. Todos nós rimos.

Mark olha para mim e sorri, mais com os olhos que com a boca.

– Tudo bem? – ele pergunta com sua estranha nova voz. Obviamente está usando a menor quantidade possível de palavras, mas é estranho. O Mark normalmente jamais falaria assim.

– Sim, tudo bem. – Sorrio novamente, tentando mostrar a ele que não precisa se preocupar.

Ele diz algo incompreensível e precisa repetir algumas vezes até eu entender que ele quer dizer “São Petersburgo”.

– Ah, sim. A viagem. – Parece ter sido há tanto tempo, não há dois dias. Sorrio para ele enquanto penso no que dizer. Eu seria completamente honesta com ele e deveria dizer que a pintura foi considerada falsa, mas agora, depois de vê-lo doente desse jeito, não sei se consigo fazer isso. Ele vai saber na hora o que isso significa. Não importa como se dê a notícia, ela vai arranhar sua reputação porque Andrei já disse ao mundo que Mark autenticou o

falso Fra Angelico. Não consigo dizer a verdade, não enquanto ele estiver desamparado em uma cama de hospital.

– A pintura? – Mark pergunta.

Aceno com a cabeça, ainda sorrindo e torcendo para parecer sincera.

– Sim, eu a vi. Eles ainda não chegaram a uma conclusão, mas nossa expectativa é boa.

Será que isso é o bastante para deixar Mark tranquilo por enquanto? Ele assente e relaxa nos travesseiros, parecendo satisfeito.

– Agora, chega de falar de trabalho – Caroline esbraveja e faz um gesto para que eu me sente. – Vamos falar de outra coisa. Beth, você vai para casa no Natal?

Sáímos do quarto de Mark cerca de uma hora depois. Ele gostou de nossa companhia, mas estava bem cansado quando saímos. Saio de lá ansiosa. Mark vai demorar um bom tempo para se recuperar. Como vou continuar escondendo a verdade dele? E será que devo fazer isso?

O dia já está quase no fim, e não acho que tenha um motivo para voltar a Belgrávia agora. Quero ir para casa e ver Laura, que tem me escrito toda hora para saber se voltei bem de Paris, mas um e-mail aparece em meu telefone quando estávamos saindo do saguão do hospital. É do James, meu amigo e antigo chefe:

Socorro! Estou em uma festa do trabalho do Erland no Travellers! Não conheço ninguém. Venha tomar um coquetel comigo e ver se consegue me salvar...

Excelente. É isso que vou fazer. O James vai ter algum conselho para mim, tenho certeza.

Chego ao Travellers Club em cerca de vinte minutos e arrumei a maquiagem no táxi. Não estou arrumada para uma festa de Natal, mas não importa. Não quero impressionar ninguém. Vou abrindo caminho até a biblioteca do Travellers, onde o ambiente já está lotado. Trata-se de um tradicional clube de cavalheiros e a proporção de homens para mulheres é de dez para um, o que deve refletir o fato de alfaiates, como Erland, serem homens em sua maioria. Vejo James logo de cara porque ele é bem alto e também porque está sozinho, olhando para o friso de gesso que percorre a parede na junção com o teto.

Vou até lá e fico ao seu lado, olhando também para cima, para as silhuetas clássicas em branco contra um fundo cor de coral.

– Muito impressionante. São como os mármores do Par-thenon, só que menores – digo e James olha para mim.

– Beth! – James sorri. – Ufa, você está aqui! – Ele me dá dois beijos no rosto. – Que ótimo vê-la. E sim, este friso adorável é uma cópia dos mármores de Elgin. Isso pode ser tudo o que nos reste caso os gregos consigam recuperar os originais. Como você está, querida? Deixe-me pegar uma bebida para você. Erland está se divertindo um bocado flertando com metade da Savile Row. Podemos nos distrair um pouco.

Logo em seguida estou segurando um copo de vinho quente com um aroma intenso de canela, cravo-da-índia e laranja. Conto a James as últimas novidades. É um alívio poder tirar do peito tudo o que aconteceu em São Peters-burgo. Ele compreende as consequências imediatamente.

– Essa não – James diz, sério. – Coitado do Mark. Isso é péssimo. É muito ruim.

– Como ele está muito mal, ainda não consegui contar a ele. É a última coisa que Mark precisa ouvir.

James concorda preocupado.

– Com certeza. Mas ele vai ter de saber em algum momento.

– Será mesmo? Sei que parece desespero, mas talvez consiga convencer o Dubrovski a deixar quieto.

– Indefinidamente? – James balança a cabeça. – Não vejo como. A menos que você tenha poderes de persuasão extraordinários. –

Ele me observa curioso, olhando por trás das lentes de seus pequenos óculos de armação de ouro. – Será que você tem esse tipo de poder sobre Andrei Dubrovski? Isso significa que nosso amigo Dominic ficou para trás?

– Claro que não – digo indignada. Então, depois de uma pausa, suspiro. – Ah, James. Isso é tão complicado!

– Não tenho dúvidas de que é. Você tinha certeza de que o Dominic estava transando com a tal Anna da última vez que nos vimos. Isso já se resolveu?

Confirmo com a cabeça.

– Ela estava mexendo com a minha cabeça, e a do Dominic, para atrapalhar nossa vida. Mas só ficou um mistério... ainda não faço ideia de como ela sabia tanto sobre Dominic e eu, e todos aqueles detalhes de nosso relacionamento. Dominic jurou que não disse nada, e acredito nele. Mas resolvi outra coisa também: foi a Anna quem me drogou aquela noite nas catacumbas e não foi o Andrei que transou comigo. Tenho certeza disso.

– Bom, isso é um alívio. Ainda bem que algo ficou claro nisso tudo. Normalmente, quando você está envolvida, é o contrário que acontece.

– Sim, mas o Andrei já deixou claro que ainda está interessado em mim. Ele quer que eu esqueça Dominic e fique com ele.

– Muitas garotas não pensariam duas vezes – James comenta. – Ele é bonito e extremamente rico.

– Não ligo para isso – respondo. – Amo Dominic e isso é o que importa, você sabe disso.

James sorri para mim.

– Sei disso. Você tem tanta chance de ficar com Andrei quanto tem de ficar comigo. Você é mesmo uma verdadeira romântica, não? O amor ou nada.

– Com certeza. O amor ou nada! – Sorrio para ele também.

– E onde está o divino Dominic?

– Ele está viajando a trabalho. Não vai ser fácil, mas tenho certeza de que vamos dar um jeito de ficar juntos.

– Você vai dar um jeito – James diz e me reconforta. – Vocês dois vão estar sempre ao redor um do outro, estou certo disso.

Dou um gole do meu coquetel de vinho. Não é tão simples assim quanto dei a entender, mas espero que seja em breve. Dessa vez, quando Dominic e eu ficarmos juntos de novo, nada mais vai poder nos separar.

Capítulo Sete

Tenho um sono tão profundo nessa noite que nem chego a sonhar. Acordo com o despertador e parece que acabei de me deitar. As atividades dos últimos dias com certeza estão me desgastando, isso é certo.

Depois de tomar banho e me vestir, me encontro com Laura na cozinha para o café da manhã, que normalmente tomamos em pé encostadas no balcão enquanto falamos as novidades. Hoje Laura está especialmente animada e brincalhona enquanto come sua granola.

– Olá, senhora impulsiva. Que bom te ver. Está planejando passar o dia no país hoje ou você tem algum passeio planejado em Florença? Ou quem sabe ir curtir uma balada em Viena?

Dou risada, enquanto despejo um pouco de granola para mim em uma tigela.

– Não, hoje não. Talvez semana que vem eu faça isso, vamos ver.

– Bem, na verdade você não é a única aqui que pode decidir sobre as viagens. – Laura aponta com um olhar empolgado para um envelope encostado na torradeira, com meu nome escrito nele. – Abra.

Pego o envelope e o examino. Meu nome foi escrito com a letra de Laura. Rasgo o envelope e dentro encontro um cartão de Natal.

– Ah, que bonito, Laura. Obrigada! – digo surpresa. Nós normalmente não trocamos cartões de Natal.

– Abra! – ela insiste, impaciente.

Abro o cartão e um pedaço de papel cai dele. É a impressão da página de um site com a confirmação de duas passagens para Nova York, saindo na sexta e voltando na segunda.

– É a viagem que prometemos para nós, lembra? – Laura está praticamente dando pulos de empolgação.

– Claro! – olho para a folha de papel. – Uma viagem para Nova York só das meninas. Que legal!

– Decidi tomar a iniciativa ontem. Meu chefe me lembrou de que eu precisava tirar meus últimos dias de folga esse ano ou iria perdê-los. Então fiz umas buscas na internet e encontrei esses voos. Você vai conseguir tirar uns dias, não?

– Sim, tenho certeza de que não vou ter problemas.

– Foi o que pensei. Então... – Laura está dando um sorriso largo para mim. – Você gostou?

– Adorei. Mal posso esperar.

Falo sério. Será muito divertido viajar com Laura. Então por que estou um pouco relutante de deixar Londres? Tento ignorar isso. Quem poderia querer algo além de uma viagem de Natal para Nova York?

Caroline está perfeitamente de acordo com meus dias de folga antes do Natal.

– Para ser honesta, Beth, não espero que você produza muito aqui antes do Ano-Novo. O Mark sempre me disse que essa era uma época tranquila, a menos que alguém decidisse comprar algo realmente incrível como presente de Natal. Aproveite essa oportunidade e vá se divertir. Acredito que vamos todos estar bem ocupados de trabalho já em janeiro.

Até onde sei, ela tem razão. Tudo aqui no escritório anda devagar. Talvez as pessoas saibam que Mark está doente ou talvez o mercado de arte esteja pouco movimentado, mas com tão pouca coisa para fazer, consigo ficar em dia com as pendências administrativas. Nesse ritmo, posso até pensar em ir mais cedo para casa no Natal, quando voltarmos de viagem. Fico pensando até quando Mark vai ficar no hospital e se ele vai me querer aqui quando estiver convalescendo. Vou ter de falar com Caroline sobre isso e ver o que é o melhor a ser feito.

Bem nesse momento, surge um e-mail em minha caixa de entrada. Vejo que é de Andrei e meu estômago se revira de

apreensão. Sabia que era só uma questão de tempo até ele entrar em contato novamente. A última coisa que havia me dito era que tinha um trabalho que ele gostaria que eu fizesse. Não há a menor chance de eu conseguir sumir da vida dele, não depois do que disse no avião.

Sei que andei fingindo para mim mesma que consigo lidar com Andrei Dubrovski e me livrar dele facilmente, como Dominic pensa que posso, mas a verdade é que estou mais enrolada com ele do que nunca... principalmente por causa de Mark.

Clico para ler o e-mail.

Beth

Preciso de você esta noite. Venha a Albany às sete horas para uma reunião importante.

A

Como sempre, seu jeito de escrever me enfurece. Nenhum "por favor", "obrigado" ou outra gentileza. Andrei é incapaz de mostrar o mínimo de educação. Ele ainda pensa que estou à sua disposição e me chama sempre que quer.

O problema é que estou à sua disposição. Ele conseguiu me colocar nessa posição.

Respondo dizendo que estarei lá. Ainda bem que não tinha marcado nada.

Há algo particularmente natalino em Piccadilly. Talvez seja o estilo antigo dos prédios, os velhos casarões grandiosos que agora viraram lojas e galerias. Talvez sejam os corredores iluminados com suas vitrines de joias, prata e couro. Provavelmente é por causa de alguns lugares famosos, como o Ritz, todo decorado com luzes piscantes e temas natalinos, a Royal Academy e a fachada azul-clara da Fortnum & Mason, com suas árvores de Natal e mostruários cheios de comida

e bebida. O que quer que seja, é difícil de ignorar, especialmente nessa escuridão gelada de inverno.

E lá está a Casa Albany, afastada da avenida principal com um pequeno estacionamento particular em frente. Milhares de pessoas caminham por aqui todos os dias, sem saber que por trás do exterior clássico há dezenas de luxuosos apartamentos onde poetas, políticos e estrelas de cinema viveram. Aqui é o lugar que Andrei escolheu para ser seu lar em Londres, bem no coração da glamourosa Mayfair, dentro das fundações da cidade. Há privacidade por trás das paredes, o que sem dúvida é uma das razões para ele ter escolhido aqui. Sem pertencer a este lugar, ninguém pode entrar aqui. Há porteiros na entrada principal e uma câmera cuida da entrada de trás, que só pode ser aberta com um cartão de segurança. Com certeza Andrei sente-se seguro e anônimo neste bastião dos privilegiados.

O porteiro me reconhece e me cumprimenta com um animado “Boa noite, madame” enquanto passo pela pequena portaria. Não faz muito tempo eu vinha aqui todos os dias para catalogar as obras de arte de Andrei e organizar a disposição delas em Albany. Parece ter sido em outra época da minha vida.

Desço a pista sinuosa até a escadaria de Andrei, pensando no que ele pode querer que eu faça. Estou apreensiva: não só ele tem poder sobre mim, ele sabe disso também. Andrei é o tipo de homem que usaria quaisquer meios para conseguir o que quer. Apenas espero ter forças para encará--lo. Se conseguir me livrar dele, terei removido o último obstáculo para ficar com Dominic.

Bato na porta de entrada com um batedor de bronze em formato de peixe. Imediatamente, a porta é aberta pelo guarda-costas de Andrei, que me acena para entrar. Posso ouvir os sussurros de vozes vindas da sala de estar e confiro meu relógio. Ainda não são sete horas. Parece que a reunião importante já começou.

O guarda-costas, quieto como sempre, me leva até a sala, abre a porta e faz um gesto para que eu entre. Vejo diversos homens sentados no sofá. Andrei está sentado em uma poltrona de frente para eles e se levanta quando me vê entrar.

– Ah, Beth. Você está aqui. Bom. – Ele olha para os homens. – Senhores, vocês devem se lembrar de Beth, da nossa visita ao monastério quando vimos o Fra Angelico pela primeira vez.

Olho os homens mais de perto e percebo que reconheço dois deles. Um é o abade do monastério, que agora está vestindo um terno e fica bem diferente sem o hábito. O outro é um dos irmãos que me lembro de ter visto naquele dia. Não sei quem são os outros dois, mas um deles está me olhando de um jeito estranho com seus olhos escuros. Olho de relance, mas não o reconheço.

– Venha, Beth, e sente-se. Quero você aqui porque é claro que isso tudo tem a ver com Mark e, portanto, com você. Mark infelizmente não pode estar aqui hoje, então Beth é sua representante. – Andrei aponta uma cadeira para mim. Vou até ela e me sento, pensando no que esperam que eu faça.

Andrei fala novamente.

– A primeira coisa é que queremos resolver isso sem estardalhaço. Não é, Beth?

Confirmo com a cabeça.

– Não há por que manchar reputações ou fazer alegações de fraude ou atividade criminosa. O abade aqui está tão chocado e assustado quanto eu por saber que a pintura é falsa.

Olho para o abade, mas ele não me parece particularmente chocado ou assustado. Na verdade, ele parece bem feliz enquanto acena com a cabeça concordando.

– E então decidimos simplesmente fazer a troca. O monastério vai devolver meu dinheiro e vou devolver a pintura a eles para que façam o que quiser com ela. Com a condição de que não tentem repassá-la como um Fra Angelico autêntico.

– Entendo. – Olho para os homens novamente. O homem de olhos negros ainda me encara de um jeito estranho. – Isso me parece satisfatório. Fico feliz que tenhamos chegado a um acordo tão facilmente.

Estou satisfeita. Essa é definitivamente a melhor solução. Se a pintura for devolvida sem alvoroço, então talvez a reputação de Mark continue imaculada. Talvez até seja possível escrever alguma declaração em que Mark retrate a autenticação que Andrei divulgou

em seu nome e o Hermitage concorde com isso depois dessa declaração. Estou me sentindo bem com Andrei novamente. Ele resolveu isso bem para nós. Ele tem mesmo um lado bom que vi no orfanato. Seu coração é bom. Só não entendo bem por que estou aqui. Isso tudo já foi acertado sem mim, então por que ele queria que eu viesse à reunião? Então Andrei olha para mim novamente.

– Beth, gostaria que você cuidasse da transferência dos fundos.

– Eu? – digo surpresa. Sou uma assistente de galerista, não banqueira.

Andrei confirma com a cabeça, devagar.

– Sim. Mark nunca lhe disse? Ele cuida da compra de todas as minhas obras de arte. Ele paga por meio de sua conta e eu transfiro o dinheiro para ele depois. Gostaria que isso acontecesse ao contrário também. Os assistentes do abade vão dar os detalhes para você. O dinheiro vai voltar para Mark e depois vai para minha conta.

– Entendi. – Isso parece bobagem para mim, mas Andrei e Mark devem ter seus motivos. Se é assim que sempre fizeram, então deve ser assim que Mark quer.

Andrei se levanta, sorrindo friamente.

– Bom. Devo deixá-los por um momento. Preciso dar um telefonema. Beth, você pode deixar seus dados com o irmão Gregor?

Quando ele sai da sala, um dos irmãos vem até mim, mas não é o homem que me encarava. Ele continua a me observar enquanto discutimos os procedimentos e trocamos endereços de e-mail para facilitar o pagamento on-line. Enquanto terminamos as coisas, ele se aproxima e fica perto de mim, claramente esperando por uma chance de conversar. Quando o irmão Gregor sai para falar com o abade, o outro homem dá um passo à frente.

– Senhora, gostaria de conversar. Preciso saber se a senhora tem notícias.

– Notícias? – Sua voz, grave e profunda, exerce um efeito estranho sobre mim. Ela parece familiar. – Não sei o que você quer dizer.

– Notícias de Dominic Stone. Ele não tem ido ao monastério já há algum tempo.

Meu estômago se contrai ao ouvir o nome de Dominic.

– N-n-não – consigo dizer. – Ele não vai voltar. Não está mais trabalhando para o senhor Dubrovski.

O monge fica espantado.

– Então isso significa... A senhora Anna...

– Anna? – repito, assustada por ouvir o nome dela dito pelo monge. Quando James a mencionou ontem, fiquei pensando no que ela andava fazendo depois de perder o emprego tão repentinamente. Ainda me incomoda não ter descoberto como ela sabia que Dominic estava se autoflagelando ou como sabia dos segredos de nossa vida juntos. Mas desde que ela fique longe de Dominic e de mim, posso superar isso.

– A senhora Anna vai voltar? – pergunta o monge com ansiedade.

Posso ver seu rosto lindo em minha mente: sua pele macia e os olhos verdes felinos, lábios cheios e um cabelo preto sedoso. Não é à toa que o monge está desapontado por ela não aparecer e ele não poder se banquetear com os olhos: a exuberância sexual de Anna com certeza causaria tremores sísmicos em uma casa só com homens.

– Não sei, não tenho certeza. Acho que não. – Vejo seu rosto ficar desapontado e resignado. – Sinto muito.

Ele se vira para voltar à sua cadeira e tenho uma lembrança súbita. Não é o rosto, já que estou certa de nunca tê-lo visto antes. É essa voz. Eu já a ouvi... mas quando? Então em me lembro. Eu o escuto falando comigo em meio à escuridão. *É isso! Este é o monge que me levou até Dominic naquela noite. Será que foi ele quem ensinou Dominic a se bater com a chibata para se livrar de seus desejos?*

Não posso perguntar isso aqui na frente de todo mundo, mas tenho certeza de que este é o homem que me encaminhou pelo monastério escuro aquela noite e me reuniu com Dominic. Qual era seu nome? Escuto a voz de Dominic dando risada em minha memória: "O irmão Giovanni te assustou?". Sim, ele me assustou, com seu rosto coberto com um capuz e a lanterna na mão, como se tivesse saído de um filme de terror. Aquele monastério certamente era um lugar curioso. É estranho que eles não apenas tivessem um Fra Angelico para vender a Andrei, mas que seus dois braços-

direitos, Dominic e Anna, também estivessem lá trabalhando nas grandes negociatas de Andrei.

A reunião parece ter acabado. Não sei se posso sair ou se devo esperar Andrei voltar. Bem nessa hora meu telefone toca e anuncia uma mensagem de texto. Tiro o celular do bolso e vejo a mensagem

O mestre de Rosa deseja vê-la esta noite.

Levo um susto. Dominic! O que ele quer dizer? Será que está em Londres? Rapidamente respondo sua mensagem.

Onde?

A resposta chega em segundos.

No budoar às oito horas.

Olho para o relógio. Já são mais de sete e meia. Consigo ainda chegar ao budoar a tempo, mas preciso sair daqui logo. Outra mensagem chega:

Onde você está?

Oh, Deus. Não quero responder essa. Se digo que estou em Albany, ele vai saber na hora que estou com Andrei, e não quero ter de lidar com esse problema ainda.

Não muito longe. Vou estar com você logo.

Andrei volta à sala e guardo o celular. Ele começa a falar com o abade, claramente agradecendo-o e se despedindo dele, porque em seguida o guarda-costas está mostrando a porta da frente para todos os monges. Quando estamos sozinhos, Andrei se vira para mim e sorri.

– Estou feliz que isso tenha se resolvido sem muitos problemas. Você não está?

– Estou – respondo sinceramente. – Obrigada por resolver isso.

– Era meu interesse também. Só me avise quando você conseguir transferir o dinheiro, está bem?

Confirmo com a cabeça. Estou morrendo de vontade de sair daqui e ir ao budoar, mas não quero que Andrei perceba minha impaciência.

– Como Mark está? – Ele caminha até o armário de bebidas e o abre. Vira algumas doses de vodca em dois copos de cristal e coloca neles cubos de gelo, de um balde prateado, e algumas fatias de limão. Ele me dá um copo, mesmo que eu não tenha pedido.

– Ele está indo bem, na medida do esperado – respondo. – Não sei quando ele vai sair do hospital. Mark ainda está muito fraco, mas vai precisar começar suas sessões de radioterapia logo.

Andrei assente e bebe sua vodca. Ele me encara por trás das pálpebras pesadas. Posso me sentir ficando mais ansiosa. Dominic está em Londres, não sei por que ou quando ele voltou, mas ele está aqui com certeza. E minha compulsão para estar logo com ele é algo contra o qual não consigo lutar.

– Você está bem, Beth? Parece um pouco nervosa.

– Estou bem. De verdade.

– Espero que possamos deixar esse caso do Fra Angelico para trás agora. Tenho algumas novas ideias para nossas próximas colaborações. Você fez um trabalho maravilhoso aqui em minha casa em Londres. Estou muito feliz com ela. – Ele sorri para mim.

Sorrio de volta, mesmo sabendo que é um sorriso débil. Tudo em que consigo pensar é no Dominic esperando por mim – ou Rosa – bem perto daqui. Ficar longe dele está sendo insuportável.

– Então... – Andrei vira a vodca e o gelo bate no copo. – Gostaria que você fizesse o mesmo com meu apartamento em Manhattan. Meus decoradores o reformaram não faz muito tempo e gostaria que você desse uma espiada nele. – Ele olha para mim, avaliando minha reação. – O que você acha? Gosta da ideia de passar algumas semanas em Nova York?

Tento absorver essa notícia. Algumas semanas em Nova York? Isso é tão estranho. Antes que pudesse pensar direito, digo:

– Estou indo para lá semana que vem.

Andrei me olha curioso.

– É mesmo? Que coincidência.

– Vou passar o fim de semana lá com minha amiga. Programa de garotas.

Ele parece se divertir.

– Fazer compras e beber coquetéis? Acho que é isso que você quer dizer com “programa de garotas”. – Ele me lança um olhar irônico. – Aprovo. Bem, enquanto estiver lá, você pode visitar meu apartamento e dar uma olhada. Se aceitar fazer o trabalho, adoraria que começasse já na virada do ano. E se quiser entrar em alguns leilões como minha representante, pode fazer isso também. Estou preparado para separar um grande orçamento se você encontrar as obras certas. Confio em seu gosto, tenho certeza de que vai selecionar o que quero.

Olho para ele. *Oh, meu Deus, que maravilha.* Este é o emprego dos sonhos e, apesar do que aconteceu com o Fra Angelico, isso significa que ele está disposto a seguir com Mark como seu comprador de arte. Imagino como seria: ficar em Nova York, comprando obras nas casas de leilão com um orçamento virtualmente ilimitado e trabalhar na coleção de arte de Andrei. Se a casa dele lá for mais ou menos como a casa em Londres, ela vai estar cheia de tesouros. Que oportunidade incrível...

Espera. Você não pode fazer isso.

Não posso mais ficar perto de Andrei. Dominic não iria suportar, mas essa não é a única razão. Andrei já deixou claro que ele tem intenções em relação a mim, e este trabalho provavelmente faz parte de seu plano para me fisgar. Não estou interessada nele dessa forma, e não importa que o trabalho seja ótimo, se eu aceitá-lo também estarei aceitando os termos dele e deixando-o se aproximar de uma forma mais pessoal. Estaria deixando implícito que quero um relacionamento.

Ótimo. Meu trabalho perfeito vem com outras obrigações.

Abro minha boca para dizer não, mas algo me impede. Posso ver Mark na cama do hospital, tão fraco e doente. Não posso arriscar ter Andrei contra mim com Mark ainda tão fragilizado. Quando ele estiver melhor, em algumas semanas, então poderei finalmente me libertar. Até lá, terei de ficar aguardando.

– Isso é incrível – digo sem ter de fingir. É mesmo verdade. – Vou dar uma espiada quando estiver em Nova York e depois voltamos a nos falar. Vou precisar falar com Mark, claro, e ver se ele vai concordar comigo saindo do escritório por algumas semanas.

O olhar penetrante de Andrei está focado em mim e sinto como se ele pudesse ler minha mente. Ele está pensando por que não agarrei essa oportunidade e disse sim logo de cara. Depois de me analisar cuidadosamente por um momento, ele diz:

– Por que não discutimos isso no jantar? Tenho uma mesa no Caprice, se você quiser se juntar a mim.

– Ah... eu... não posso. Já tenho planos.

– Planos?

Confirmo com a cabeça.

– Vou me encontrar com um amigo.

– Entendo. – Andrei caminha até a lareira e se encosta nela. Ele se vira e me olha. – Um amigo que voltou esta noite de Paris?

Fico boquiaberta. Olho para ele sem dizer nada. *Como é que ele sabia disso?*

Ele responde como se pudesse ler minha mente.

– Tomo o cuidado de saber o que certas pessoas andam fazendo, onde estão e aonde vão. Não posso me dar ao luxo de ignorar alguém que está ameaçando meus negócios. Tenho certeza de que você entende isso. – Ele coloca sua bebida no aparador e caminha até mim. – Pensei ter dito que ele não é bom para você. Estou falando sério, Beth. Você não pode se envolver com nós dois. Disse que você deveria fazer uma escolha e entendi que você tinha decidido ficar comigo. – Andrei me olha friamente. – Você não pode servir a dois mestres.

Surge em minha cabeça a lembrança vívida de Dominic e ouço sua voz dizendo: “Diga a Rosa que serei um patrão carinhoso se ela for uma empregada obediente e esforçada”.

Mas Dominic é meu mestre apenas no quarto, quando decidimos jogar com essa cena. Fora dele, somos iguais. Já Andrei quer que eu o obedeça em todos os aspectos da minha vida, e isso é algo que jamais poderia fazer. A fúria percorre meu corpo com tamanha arrogância.

Seu desgraçado, como ousa me forçar a fazer essa escolha? Minha vida romântica não tem nada a ver com você, e você também está confundindo meu papel como profissional com algo completamente diferente.

Dominic quer me ver fora da vida de Andrei porque quer me proteger. Andrei quer que eu largue Dominic para que ele possa me controlar e manipular. *Eu* quero dizer a ele aonde quero que ele vá, sem meias palavras. Mas não posso. Ainda não.

– Está bem – digo em voz baixa.

– Está bem? – Andrei parece surpreso com a facilidade que aceitei. Ele me olha de lado. – Então... você vai jantar comigo?

– Não esta noite – respondo com firmeza. – Preciso ver Dominic. Preciso explicar.

O rosto de Andrei fica frio e duro.

– Não quero você junto daquela cobra. Ele é um merda de um traidor.

Não, Andrei, você é o traidor. Você também é um grande egoísta que não sabe aceitar a rejeição de forma nenhuma, nem mesmo quando um empregado leal explica que apenas quer a oportunidade de seguir seu próprio caminho. Você não consegue aceitar o fato de continuar a ser rejeitado por mim por causa de outro homem.

– Deixe que eu digo isso a ele. Você não gosta dessa ideia?

Andrei hesita por um momento e então diz:

– Sim, gosto. Mas estou surpreso por você estar disposta a largá-lo sem oferecer resistência.

Penso rapidamente.

– Dominic não me prometeu nada. Não posso confiar nele. Sempre que há algum problema entre nós, ele desaparece. Além disso, ele estragou tudo. Acho que a Anna deve ter contado para você. Tentei falar com ele e ajudar, mas nada parece dar certo. Não posso ficar comprometida com alguém tão instável.

Meu Deus, isso parece bem plausível. Não fazia ideia de que me sentia assim. Será mesmo?

– Tudo bem – Andrei responde parecendo satisfeito. Talvez ele queira acreditar nisso. – Você pode manter seu compromisso. Mas estou de olho em Dominic. Não tenho outra escolha agora que ele se colocou contra mim. Pode dizer isso a ele, se quiser. – Ele me encara. – Não gosto de pensar em você junto dele.

– Preciso vê-lo desta vez. – Encaro Andrei de volta, sem piscar. Sua boca se retorce, como se estivesse desgostoso.

– Vá, então. Acabe com isso.

Assim que estou fora de Albany, começo a correr, desviando--me das pessoas fazendo compras de Natal e cruzando avenidas. Quero ficar o mais longe possível de Andrei.

Como é possível que isso tenha ficado ainda mais complicado?

Estou assustada com o fato de Andrei saber que Dominic está no país. Será que sua rede de influência vai tão longe assim? Até que ponto ele está disposto a ir para manter controle sobre as pessoas que o interessam? Sinto uma pontada de medo e imagino se ele não está me seguindo e me observando neste exato momento. Olho ao redor, mas não consigo perceber ninguém atrás de mim enquanto corro em meio à multidão e cruzo a Berkeley Square.

Tudo o que quero é estar com Dominic. Meu telefone vibra e eu o pego para ver a mensagem.

Rosa está atrasada. Ela será castigada.

Dominic também me deseja. Ou ele deseja Rosa? Ou somos a mesma pessoa? Minha pele se arrepia enquanto imagino o que meu mestre tem em mente para mim no budoar. Tudo o que me importa é que Dominic quer a Rosa, e eu pretendo que ele a tenha por inteiro.

– Entre.

A voz chega suave da escuridão de dentro do corredor do budoar. Dou um passo para dentro do breu, arfando por ter corrido até aqui. Não consigo ver nada. Consigo ouvir apenas o barulho de couro batendo na palma de uma mão, e inspiro pesadamente.

– Você está atrasada e me fez esperar. Sabe o que acho disso. – Dominic está falando baixo e com um tom carinhoso, mas carregado de autoridade.

– Sim, senhor. – Já estou latejando de desejo e da sensação arrepiante de não saber o que vai acontecer comigo. Confio que meu mestre quer que eu experimente o prazer da dor e a dor do prazer, mas no fim as delícias do que ele faz comigo acabam prevalecendo. Já não sou a Beth. Sou Rosa, a empregada humilde, submissa e disposta que vai fazer tudo o que o patrão deseja.

– Fique de joelhos no chão.

Fico de joelhos e mantenho a cabeça baixa, fechando os olhos.

– Tire o casaco.

Obedeço, tiro o casaco dos ombros e o deixo cair no chão. Ouço passos. Dominic está se afastando de mim. Há um estalo e o brilho de um fósforo queimando, e então uma vela é acesa. Ela espalha sombras trêmulas por todo o quarto, mas continuo com a cabeça baixa.

– Agora, tire suas roupas.

Mantendo minha humilde postura ajoelhada o máximo que posso, desabotoo minha camisa e tiro minha saia, me contorcendo para fora dela e tirando meus sapatos ao mesmo tempo. Estou só de calcinha e sutiã, além de uma meia-calça de inverno.

Meu mestre se aproxima de mim, claramente apreciando me ver ajoelhada no chão só com roupas íntimas, com o brilho dourado e suave da vela que brinca sobre minha pele. Ele chega mais perto e se ajoelha a meu lado. Dominic está com uma tesoura na mão, posso vê-la de relance na meia-luz. Ele percorre com a outra mão

meu pescoço, tirando o cabelo do caminho enquanto acaricia meus ombros e desce pela minha coluna.

– Linda Rosa – ele murmura. – Você é toda minha, não é?

Confirmo com a cabeça.

– Olhe para estes seios, veja como preenchem o sutiã. Eles são tão lindos e deliciosos. Quero vê-los já. – Ele pega a tesoura e pressiona a ponta no meu peito, sem força para machucar, mas o bastante para me fazer arfar de susto. – Não se preocupe, Rosa, não vou te machucar. Quero ver seu corpo. – Ele desce a ponta da tesoura gentilmente nos meus seios, pelo meio deles e então sobe meu seio esquerdo. A ponta da tesoura faz uma corrente elétrica passar pela minha pele. Agora Dominic está sobre o tecido do sutiã, circulando meu mamilo, que enrijece na mesma hora e força o tecido macio. – Aí está – ele diz carinhosamente. – Ele está te entregando, Rosa. Mostra que você está querendo. – Então, subitamente, Dominic vira a tesoura e corta a taça do meu sutiã, deixando um seio à mostra. Ele cai de boca em meu mamilo duro, chupando com força e mordiscando o bico sensível. Após soltar, ele comenta. – Isso é lindo, uma delícia. Eu podia chupar seus mamilos o dia todo. Eles têm gosto de mel.

Minha vagina está latejando de excitação, pulsando sob mim enquanto vai ficando inchada e molhada de desejo. Dominic pega a tesoura de novo e corta a outra taça do meu sutiã, e dá ao meu outro seio o mesmo tratamento carinhoso com sua língua e os dentes.

– Muito melhor – ele diz, se afastando um pouco e olhando meu peito, com os mamilos molhados de sua saliva. – Mas há mais para fazermos. Levante-se, Rosa.

Obedeço, ciente de que estou com uma meia-calça preta bem grossa. Quando a vesti, não tinha ideia de que iria me encontrar com Dominic, senão teria vestido algo mais *sexy*. Ele me observa e mantenho meu pescoço dobrado, com a cabeça para baixo e meus braços ao lado do corpo.

– Gosto da sua calcinha. Combina bem com você, Rosa. Nada muito extravagante. Mas talvez possamos deixá-la mais... acessível.

Ele passa a ponta da tesoura sobre meu quadril. A sensação é quase insuportável, são cócegas torturantes. Quero me afastar e me contorcer sob a ponta da tesoura, mas tento ficar parada. Sei que é isso que ele quer. Minha respiração fica pesada e começo a tremer um pouco quando a lâmina mergulha em direção ao meu sexo, roçando meus lábios. Um gemido escapa de mim, já que a sensação me faz pulsar e contrair em pequenas convulsões. O desejo percorre minhas veias como lava descendo um morro, fazendo tudo dentro de mim pegar fogo. Dominic passa a ponta da tesoura sobre a lateral do meu quadril em um longo movimento circular.

Oh, Deus, não fazia ideia de que ele era capaz de me deixar assim só com uma tesoura pontuda...

Então ele abre a tesoura com um barulho característico, puxa o cós da minha meia-calça e começa a cortá-la com um movimento forte e regular. Ele vai cortando para baixo, da cintura à coxa, até que vira a tesoura e corta cuidadosamente ao redor da parte superior da coxa.

– Quase pronto – ele murmura, e começa a cortar novamente do outro lado, rasgando para baixo e então cortando em volta da minha outra perna. A cintura e o elástico da coxa já desapareceram. – Ainda não terminei – Dominic diz, e sinto que ele sorri. Ele pega os restos que cortou e rasga duas tiras. Ele usa primeiro uma e depois a outra para amarrar minha meia-calça em volta das minhas coxas, de forma que agora tenho uma cinta-liga prendendo o que são meias de lã preta.

– Perfeito – ele diz, observando seu trabalho artesanal com satisfação. – Do jeito que eu queria. Mas... – Ele pega a tesoura de novo e aponta suas lâminas ameaçadoras para minha calcinha branca. – Ainda tem algo que exige minha atenção.

Posso sentir que o algodão branco já está molhado com minha umidade, e Dominic com certeza percebe isso. Ele empurra a ponta da lâmina para baixo, sem forçar a ponto de me machucar, mas o bastante para sentir sua dureza em meus lábios macios sob o tecido. Deus, essa lâmina meio afiada é incrível. Mal posso acreditar que estou reagindo assim ao movimento de uma tesoura, mas mal consigo me segurar para abrir mais as coxas para que ele deslize a

ponta da tesoura sob mim. Meu clitóris está pressionando minha calcinha, implorando por atenção. *Oh, uau, isso é incrível...*

Dessa vez ele não corta o que estou vestindo. Em vez disso, Dominic puxa o tecido molhado que está no meio da calcinha e corta o que está preso no meio de seus dedos, habilmente mantendo as lâminas longe da minha pele.

– Ainda não foi o bastante, não consigo ver todo o seu charme – ele comenta e desliza a lâmina para baixo, removendo todo o tecido que cobre meu sexo. Estou completamente exposta agora. – Muito bom – ele murmura e se inclina para me observar.

A sensação é incrível. As tesouradas me deixaram com as roupas íntimas em frangalhos, meus seios e minha vagina expostos, minhas coxas com meias grossas ligadas a feixes rasgados, mas sinto que essa é a roupa mais *sexy* que já usei. Estou quase tremendo de tanto tesão.

– Rosa – Dominic sussurra. – Você é tão linda. Tão desobediente. Você me fez esperar. Vai ter de aprender a não fazer isso. – Por trás de mim, ele aparece com uma almofada grande e dura, de cerca de trinta centímetros de espessura, e a empurra contra minhas coxas. – Deite nisto.

Faço como ele manda, e envolvo o almofadão com os braços. Ele se levanta e fica atrás de mim. – Arrebite sua bunda – Dominic ordena. Arrebito.

Sinto a tesoura em minhas nádegas agora, e ela está picotando a parte de trás da minha calcinha. Sinto minha bunda nua agora. Não sobrou muito da calcinha, apenas o elástico e algum algodão repicado.

– Hora do seu castigo, Rosa.

O primeiro toque sobre minha bunda é suave, quase gentil e pinicante. Percebo que é apenas um chicote de cabelo brincando em minhas costas. Suspiro levemente. Isso é agradável e suave, mas sei que significa que vai vir algo mais pela frente. E, com certeza, deixo de sentir os cabelos, mas só por um momento. Logo em seguida, sinto o chicote bater na minha bunda com um estalo sibilante.

– Oh! – grito, mas mais de surpresa que de dor. Arde, mas não chega a machucar de verdade. Chega outro golpe no meu traseiro,

sacudindo o centro das minhas nádegas. A mordida da chicotada faz tudo formigar e deixa minha bunda vermelha.

– Me avise se estiver funcionando, Rosa – diz meu mestre.

Levanto minha bunda para cima e digo:

– Eu mereço meu castigo, senhor.

Dominic desce outra chicotada em minha pele e eu grito.

– Ai! Ai, senhor. Você está machucando sua Rosa!

– Eu a amo – ele diz com uma voz carinhosa. – Mas ela precisa aprender a lição.

Vem outra bordoadada. A cauda de cabelos me acerta forte e chega a atingir minha vagina em alguns pontos. Machuca mais, e arqueio minhas costas em resposta ao impacto. Oh, Deus, isso está me deixando com tanto tesão que já estou me esfregando na almofada para aliviar a necessidade que está se acumulando no meio das minhas pernas e no meu clitóris inchado.

Agora Dominic passa a cauda de cabelos sobre minha bunda avermelhada, suave e gentilmente de novo. É tão carinhoso e meigo quando ele circula o chicote em formato de oito sobre minha pele. Então há uma pausa e – estalo! – ele bate em mim novamente.

– Aah! – grito, abraçando a almofada com força. Ele me bate de novo e de novo. Mexo minha bunda, como que para evitar os golpes, gemendo. Dói, mas não é uma dor torturante. Ele está me estimulando, deixando minha pele quente e sensibilizando minha vagina como nada mais é capaz, fazendo-a latejar e fervilhar de excitação e desejo.

Recebo mais dez desses golpes excitantes, gritando alto a cada um, saboreando o gentil beijo circular entre cada uma das pancadas ardentes, que me deixam mais molhada e mais necessitada a cada uma.

Meu mestre gosta de ouvir os efeitos do seu castigo, sei disso, então imploro a ele que não machuque mais sua empregada, que quer apenas agradá-lo, e grito quando a cauda me atinge. Depois do décimo golpe, ele diz:

– Você recebeu bem sua punição. Talvez seja a hora da recompensa.

Meu mestre pega a chibata e pressiona o cabo de couro na entrada da minha vagina. Suspiro e gemo enquanto ele brinca com meu sexo molhado, passa o cabo em meu clitóris e então pressiona forte contra minha entrada, como se fosse me foder com o cabo grosso e texturizado. Não consigo deixar de abrir as pernas para que ele tenha acesso a mim mais facilmente. Quero alguma coisa dentro de mim agora. Meu quadril já está se movendo como se eu estivesse sendo comida e deixo escapar um gemido rouco de desejo.

Dominic tira o cabo. Sinto que ele chega mais perto de mim e ouço um zíper deslizar. *Oh, sim, por favor, Dominic. Faça isso agora.*

Para meu deleite, sinto a cabeça macia de seu pênis na minha vagina. Ele para apenas tempo suficiente para se certificar de que está bem posicionado e então me penetra com força e me preenche com todo o comprimento de seu pau. Estou tão pronta, tão molhada e aberta, que ele desliza para dentro com facilidade, me penetrando de uma vez com um único movimento forte. É tudo o que desejo e mais: minhas costas arqueiam quando ele entra, sai e volta de novo com força. É a foda selvagem que quero tanto depois da estimulação da chibata. Dominic coloca um braço sob meu ventre e outro em volta dos meus seios, para que consiga entrar ainda mais fundo em mim, enquanto me come com força batendo seu quadril no meu a cada estocada. Então ele desce a mão e seus dedos começam a brincar com meu clitóris. Gemo alto e quase antes de saber o que está acontecendo, já explodi com a força incrível do meu orgasmo, minha cabeça se contorcendo enquanto gemo e estremeço com a inundação de sensações que me engole.

Dominic ainda dá mais meia dúzia de estocadas e então, subitamente e para minha surpresa, ele sai de dentro de mim. Estou arfando, ainda viajando nos efeitos do meu orgasmo enquanto me pergunto o que ele está fazendo.

– Você gozou, Rosa – ele diz. – Gozou tão rápido, sem dúvida alguma por causa do castigo, que você tanto adorou. Mas acho que ainda há mais prazer para você antes de eu ter o meu.

Olho por cima dos ombros e posso ver que ele está sorrindo para mim, ainda inclinada sob ele, com as pernas abertas e as costas nuas.

Um momento depois, sinto algo duro e gelado pressionando meus lábios. O que é isso? Um vibrador? Ele vai me comer de novo com alguma outra coisa? No passado, Dominic gostava de me dar prazer com brinquedos ou me levava a situações de estímulo extremo sem gozar. Será que vai fazer isso de novo?

– Você é muito boa – ele murmura. – Isto é algo novo para você, Rosa. Mas quero que relaxe e deixe rolar. Prometo que você vai gostar dos resultados.

Ele está esfregando alguma coisa curta em mim. Estou tão lubrificada pelo meu orgasmo, que a coisa está deslizando. Não tenho noção de como ele vai usá-la dentro de mim, parece tão pequena e curta...

Então ele tira a coisinha pequena e gelada da minha entrada e leva ao meu botão. Na mesma hora sei o que ele vai fazer e tomo um susto. Não sei se quero isso. Nunca foi algo que quis tentar.

– Deixe-me tentar, Rosa – Dominic diz em tom persuasivo. – Se você não gostar, basta dizer. Dê uma chance...

Será que devo? Isso é tão pequeno, tão curto e parece tão inofensivo.

– Se você deseja, senhor – digo.

– Obrigado. – Ele parece sinceramente grato e então pega o plugue bem lubrificado e o coloca na entrada da minha bunda. *Oh, Deus, não tenho certeza... não sei...*

Então ele empurra o objeto gentilmente.

– Empurra contra, vai ficar mais fácil – Dominic murmura, então arrebita a bunda levemente, temendo estar fazendo a coisa errada.

– Sim, isso mesmo. Você é linda, mal posso dizer o que a visão disso está fazendo comigo.

O plugue é gelado e macio e sinto que ele entra com mais facilidade do que imaginei quando estava só na entrada. Agora ele parece gigante, já que me arqueio com ele em mim, mas não machuca nem um pouco.

– Pronto. Está lá já. Agora, minha querida, você vai sentir muito mais, prometo.

Seu pau está na minha vagina de novo e ele me penetra, não com força como fez antes, mas com uma lentidão deliciosa. E

imediatamente entendo por quê. O pequeno plugue que Dominic inseriu em mim estreitou meu canal e me deixou mais apertada para seu pau, que se aperta contra o obstáculo dentro de mim.

– Aaaah! – Não consigo segurar um longo gemido enquanto Dominic avança aos poucos, me alargando e me preenchendo como nunca antes.

– Sim, isso mesmo – ele murmura com a voz rouca. – Você gosta disso, não?

– Gosto – digo em meio a gemidos. – Oh, meu Deus...

Seu pau chegou fundo em mim, suas bolas estão apertadas em mim e suas coxas firmes estão coladas em minha bunda. Dominic começa a fazer um vai e vem, tirando só alguns centímetros e então voltando a deslizar para dentro de um jeito fácil e ritmado, mas a sensação é incrível. É como se ele me preenchesse por completo. Seu pau parece três vezes maior enquanto ele entra fundo em mim.

– Você está me fodendo – falo gemendo. – Ah, não sei, não consigo...

Cada estocada parece tirar todo o meu fôlego, com a cabeça de seu pau tocando o topo da minha vagina com um prazer delicioso, próximo da dor. Não consigo parar de arfar e gemer, e Dominic começa a fazer movimentos mais rápidos. Meu estômago está derretendo com desejo líquido e meu clitóris está vivo novamente, tremendo novamente sob mim, preso contra a almofada. Ele também parece ser afetado pelo aperto em minha bunda, como se estivesse sendo estimulado por trás, não só pela frente.

Dominic está ofegante agora, quase gritando com seu pau afundando dentro de mim. No momento seguinte ele me pegou pela cintura com suas mãos enormes, me puxou da almofada e me virou de costas no chão, diante dele, com meus seios saltando para fora do sutiã estراçalhado, minhas pernas cobertas com a meia e abertas para ele. Ele olha para o sexo aberto. À luz de velas, seus olhos queimam com desejo e seu rosto tem a expressão da volúpia. Seu pênis está orgulhosamente ereto, molhado com meu mel. Então ele sobe em mim, com seu pau me possuindo novamente, o corpo pesado e delicioso sobre mim, a boca devorando meus ombros e pescoço e então encontrando meus lábios.

Enquanto nos beijamos fervorosa e apaixonadamente, ele me penetra fundo, seu quadril se movendo de forma deliciosa, empurrando seu pau em minha passagem apertada. Nós dois estamos gemendo e então sinto tudo fervendo dentro de mim, de forma mais intensa e profunda que antes. Um orgasmo violento está chegando para tomar meu corpo e estou totalmente à sua mercê quando ele me arrasta feito um tornado e me faz girar ao mesmo tempo que uma bateria de fogos de artifício explode dentro de mim. Enquanto me rendo à sua intensidade, Dominic me puxa contra ele com mais força e chacoalha com a intensidade de seu próprio clímax, jorrando dentro de mim ao gozarmos ao mesmo tempo.

Depois de retomarmos o fôlego e estarmos recuperados, e Dominic ter removido o pequeno plugue prateado que causou tanta sensação, rimos do fato de que não tenho muitas roupas íntimas sobrando.

– Pegue algo do quarto – Dominic oferece.

– Você está pensando naquela de couro ou naquela de seda com o buraco embaixo? – pergunto, e nós dois rimos novamente.

Dominic não preparou aquela coleção de roupas íntimas para mim pensando na praticidade. Depois de tomar um banho, encontro uma calcinha de seda e um sutiã e os visto. Minhas meias vão aguentar enquanto as ligas improvisadas ficarem no lugar. Dominic abre uma garrafa de vinho e bebemos taças de Chablis gelado na sala.

– Então o que você está fazendo em Londres? – pergunto. – Achei que você estava indo para Montenegro.

– Houve um atraso de uns dias na reunião com aquele cara, então decidi fazer uma visita relâmpago para você. – Ele me beija. – Ou melhor... para Rosa. – Dominic me dá um sorriso malicioso.

Fico feliz que exista a Rosa. Ela tem sido a maneira de voltarmos a ficar juntos, mas sinto um pouco de medo de que ela se torne uma solução permanente. Será que eu conseguiria lidar com isso? Sei que farei qualquer coisa para ficar com Dominic, mas não posso fingir que, no fim, quero que ele faça amor comigo e não com uma

personagem fictícia. Mas não vou forçar a barra agora, tudo ainda está no começo e posso sentir nosso relacionamento se curando daquela separação recente. Se a Rosa ajudar, então por mim tudo bem.

– Preciso te contar uma coisa – digo hesitante.

– Hmm? – Ele olha para mim.

Não sei se eu deveria dizer, mas decidi que a honestidade vai ser tudo entre mim e Dominic, e preciso dizer a verdade a ele. – Esta noite... eu estava com o Andrei.

É como se as persianas descessem. Seu rosto se fecha para mim e seus olhos ficam frios.

– Entendi.

– Não, espere, me escute. Tenho de explicar por que ainda estou trabalhando para ele. É por causa do Mark.

Dominic inclina a cabeça na minha direção e espera para ouvir mais.

– O Fra Angelico acabou sendo falso, e o Andrei queria culpar o Mark por isso. Eu não podia deixar, Dominic. O Mark está tão doente no momento, só Deus sabe como ele ia ficar se sua reputação fosse destruída.

– A pintura é falsa? – Dominic franze a testa. – Mas Andrei pagou milhões. Não é à toa que ele está irritado.

Concordo com a cabeça.

– A culpa é dele. Ele queria a pintura e não quis esperar. Mas agora ele precisa de um bode expiatório, e o Mark iria levar a culpa. Apelei para o lado bom de Andrei e ele concordou em proteger o Mark... com uma condição.

Dominic fica com um olhar furioso.

– Deixe que eu adivinho. Você está incluída no pacote. – Ele se levanta e começa a andar pela sala. Deus, como ele fica lindo quando está bravo. – Maldito Dubrovski, ele não dá ponto sem nó. Nada importa para ele conseguir o que quer.

– Calma, ele não vai me levar. Não desse jeito. Mas preciso continuar trabalhando para ele, pelo menos por enquanto. Até Mark ficar mais forte. Eu precisava te contar. Quero que tudo seja aberto entre nós agora. Chega de segredos.

A mandíbula e o lábio de Dominic estão contraídos. Dá para ver que ele está lutando com a raiva que sente de Andrei.

– Por favor, você precisa acreditar em mim. Não vou deixar nada acontecer. E acho que Andrei é orgulhoso demais para forçar algo. Ele quer que eu ceda a ele por vontade própria. Bem, ele vai ter de esperar até o dia em que o inferno congele.

Isso parece quebrar o gelo de Dominic e ele me dá um sorriso relutante.

– Viu? – digo triunfante. – Sabia que você conseguia sorrir!

Seu sorriso fica mais largo.

– Está bem, está bem. – Ele senta ao meu lado no sofá. – Você ficar perto do Dubrovski vai me matar, mas se você precisa, então... bem, você precisa.

– Obrigada. Sei que não quer aceitar isso. Aprecio sua confiança em mim. Falando nisso, você precisa ficar atento também.

– É mesmo? – Ele me olha curioso.

– Sim. O Andrei sabia que você tinha chegado aqui em Londres. Ele me contou quando disse a ele que iria encontrar um amigo.

Dominic fica com o rosto sombrio novamente.

– Isso não me surpreende nem um pouco. Eu disse a você que ele era assim. Chega a ficar doentio quando é algo que ele considera questão de honra. É só orgulho e teimosia, mas ele acha coisa de homem ficar obcecado por seus inimigos. Ele vai ter gente me rastreando, sem dúvida.

– Ele não vai te fazer mal, vai? – pergunto preocupada.

Dominic balança a cabeça.

– Não fisicamente, isso não. Pelo menos, não neste momento. Mas vai monitorar meus movimentos, sem dúvida, para ver se entro em contato com pessoas que conheci por meio dos negócios dele. Ele suspeita que vou levar os investidores dele para minha própria companhia. Tenho certeza de que ele já está com seus advogados prontos para me processar caso eu tente qualquer coisa que quebre os termos do meu antigo contrato com ele.

– E você vai? Tirar alguém dele?

Dominic olha fixamente para mim.

– Não vou atrás de ninguém. Mas se eles vierem até mim... bem, aí é outra história.

– Ai, meu Deus! Dominic, você precisa tomar cuidado. – De repente, fiquei com medo. Não quero que ele irrite Andrei e corra o risco de sofrer represálias.

– Não estou com medo – ele diz rindo. – Faço a coisa certa. Não vou me aproximar de ninguém. Mas também não vou recusar uma oportunidade verdadeira para meus negócios. Vou ter sucesso nisso. É o que sempre estive esperando.

– Eu sei, eu sei...

Dominic se vira para me olhar nos olhos, com um olhar sincero.

– Estas próximas semanas serão fundamentais para mim. Você sabe disso. É por isso que não podemos ficar juntos agora. Preciso fazer isso. Mas assim que chegar aonde quero, então vou voltar para você. Se é isso o que você quer.

– Claro que é – sussurro. – Não consigo ser feliz sem você.

Ele coloca a mão no meu rosto e me acaricia suavemente.

– Estou tão feliz por estarmos juntos de novo.

– Estamos mesmo? – pergunto, segurando seu rosto com a mão.

– Estamos juntos de novo?

Ele assente, sorrindo.

– Acho que não temos como evitar.

– Chega de segredos – digo.

Ele confirma com a cabeça e se inclina em minha direção para mais um beijo.

– Com certeza. Chega de segredos.

Capítulo Oito

Dominic me envia para casa nessa noite em um carro com motorista. Ele me deixa em nosso apartamento logo depois das onze da noite. Estou completamente exausta por tudo que aconteceu nessa semana e preciso de um fim de semana cheio de preguiça. Por sorte, Laura também está pensando exatamente como eu e passamos dois dias divertidos em nosso apartamento aconchegante, fazendo planos para a viagem a Nova York no próximo fim de semana. Encontramos um hotel decente bem no meio de Manhattan e começamos a pesquisar bons lugares para comer e beber.

– Podemos fazer nossas compras de Natal também! – comenta Laura.

– A gente não pode trazer muita coisa de volta – respondo, sempre preocupada. – E também não podemos passar o tempo todo pensando no que comprar para as pessoas. Essa viagem é nossa, lembra?

Chegamos a um acordo e decidimos passar duas horas na Bloomingdale's para comprar presentes. O resto do tempo vamos gastar conosco e faremos compras de última hora quando faltarem poucos dias para o Natal, depois de voltarmos a Londres.

– Você falou para o Dominic da nossa viagem? – pergunta Laura.

Eu havia dito a ela que me encontrei com Dominic na noite anterior e parece que estamos juntos de novo.

– Sim, mas expliquei que era um fim de semana só das garotas, para ele não ficar muito enciumado.

– Você vai vê-lo no Natal?

Balanço a cabeça.

– Acho que não. Ele vai passar o feriado viajando e paparicando homens de negócio em festas de fim de ano para fechar os acordos

quando estiverem de bom humor. Não sei quando vou ver Dominic de novo.

– Tenho certeza de que você vai encontrá-lo depois – Laura diz para me consolar. – Acho demais que vocês tenham voltado.

Sorrio para ela.

– Eu sei. É fantástico.

Ela ri da minha cara.

– Você é meio que um barômetro. Quando está com Dominic, está toda empolgada e ativa. Quando não está, fica murcha e triste. Você está definitivamente no modo empolgado. Isso vai ser bom para nossa viagem!

Laura tem razão, estou feliz. E não é só porque estou satisfeita sexualmente com Dominic. Estou cheia de esperança pelo futuro e ansiosa com a viagem a Nova York. Mas, quando volto a trabalhar na segunda-feira, encontro Caroline com o rosto mais grave do que nunca.

– Mark teve uma recaída no fim de semana – ela me conta quando chego. – Ele pegou uma infecção que o derrubou por completo.

– Ah, não – digo desanimada. – Coitado do Mark!

– Estão lhe dando antibióticos no momento. Ele não está nada bem.

– Achei que iria visitá-lo hoje.

Caroline balança a cabeça.

– Não vai dar. Ele não pode. Avisarei quando ele puder receber visitas.

Sinto-me péssima por fazer uma viagem divertida quando meu chefe está tão mal, mas Caroline não leva a sério essa ideia.

– Não seja boba, Mark adoraria que você se divertisse. Além disso, sei que ele viaja a Nova York o tempo todo. Tenho certeza de que ele iria considerar vantajoso que você conheça a cidade.

Isso me reconforta e faço o melhor para me concentrar no trabalho e tirar da minha mesa todas as tarefas a tempo da viagem. O problema é que tenho uma nova distração: Dominic. Agora que tenho seu contato, e agora que ter nossa comunicação espionada não é mais problema como era quando ele trabalhava para Andrei,

os e-mails começam a chegar, mais ou menos um por hora, me dizendo onde ele está e aonde planeja ir. Gosto da sensação de estar tão conectada a ele. Desde que nos conhecemos, Dominic tem uma tendência a desaparecer e percebi que eu meio que esperava não ter notícias dele ao nos separarmos. Mas agora recebo e-mails dele do carro indo para o aeroporto, na sala de embarque VIP, no seu assento na cabine de primeira classe. Apenas mensagens de poucas palavras, me avisando onde ele está e para onde pretende ir.

Então percebo: Dominic está me fazendo conhecer seus planos. Talvez ele esteja sendo seguido por um dos homens de Andrei e quer deixar registrada sua localização.

Esse pensamento me assusta, mas já sei que Andrei está rastreando os movimentos de Dominic. Por que ele pararia de fazer isso do nada? Não consigo evitar o medo, mas lembro de Dominic rindo da ideia de que as ações de Andrei o afetassem.

Ele não está fazendo nada de errado, lembro a mim mesma. Andrei não pode fazer nada contra ele.

No entanto, lembro-me do aviso que James me deu quando me envolvi com Dubrovski pela primeira vez, me avisando que Andrei fez sua fortuna de modos excusos, talvez até ilegais, e que achava que eu deveria ter muito cuidado ao me associar a ele.

Imagens de Andrei saltam em minha mente: ele está elegante em seus ternos bem cortados, dirigindo seu Bentley conversível cor de chumbo. Ele tem gosto sofisticado, ama sua coleção de arte e seus belos apartamentos, e aprecia as coisas boas que pode comprar facilmente.

Mas ele foi um órfão de cabeça raspada lutando para progredir nas ruelas estreitas de Moscou. Meninos assim tornam-se durões rapidamente e aprendem a acabar com seus oponentes sem o menor sentimento porque, a menos que ataquem primeiro, serão eles que ficarão jogados mortos em um beco.

Ninguém gostaria de irritar Andrei, tenho certeza disso. E agora o homem que amo se tornou seu rival.

Quero ser forte, tão forte quanto Dominic, mas tenho medo.

Os próximos dias se passam rapidamente enquanto me preparo para a viagem a Nova York. Andrei me escreve um e-mail com os dados do seu apartamento e diz que a governanta já está aguardando que eu apareça a qualquer hora. Olho para o endereço na internet e vejo que seu apartamento fica em um quarteirão luxuoso à direita do Central Park. Posso não conhecer Nova York, mas consigo imaginar que esse é um endereço extremamente prestigioso. Talvez leve a Laura até lá, para soltarmos alguns "óóh" e "aah" juntas com a visão dessa vida em Manhattan que normalmente nunca teríamos.

Mark ainda está muito fraco para receber visitas, mas Caroline me disse que os médicos estão confiantes, pois ele está superando a infecção. Foi uma recaída, mas nada que devesse nos preocupar demais. Isso é um grande alívio.

– Vá para Nova York e aproveite – Caroline me diz com um sorriso enquanto me observa concluindo minhas últimas tarefas antes de terminar as coisas na quinta-feira. – Você não pode fazer nada aqui.

– Obrigada, Caroline. Você dá um beijo no Mark por mim?

– Claro. Agora vá! Você me conta tudo na terça.

Saio do escritório nessa noite me sentindo muito empolgada. Vamos mesmo amanhã! Vai ser divertido, tenho certeza. Se Mark estivesse bem, a vida então seria maravilhosa.

Exceto...

A vizinha traidora surge em minha cabeça. Tento silenciá-la, mas ela age antes que eu consiga deixá-la quieta.

Você preferia ir para Nova York com Dominic.

Pare! Vou me divertir muito com Laura.

Sim, mas com Dominic você teria romance e beijos e... sexo. Muito sexo gostoso e de virar a cabeça...

Sexo não é tudo, repreendo-me. Amizade também é importante, lembra-se? Digo a mim mesma que devo a Laura um tempo para nós duas. Ela está solteira e não tenho sido exatamente a colega de apartamento perfeita nos últimos meses, com Dominic – e Andrei – tomando tanto do meu tempo. Esta é a recompensa. E estou ansiosa

para bebericar Cosmopolitans em algum bar elegante. Só não espero que a noite acabe em orgasmos múltiplos, é isso.

Estremeço ao lembrar do último e extraordinário orgasmo que tive com Dominic. Com aquele pequeno plugue prateado ele me levou por um caminho que jamais imaginei ser possível. Tento me lembrar de como eu era no começo deste ano extraordinário: era tão inexperiente, achava que meu namorado da minha cidadezinha era o centro do universo e estava seriamente pensando em me casar com ele. Agradeço a Deus por Hannah e suas enormes tetas! Se ela não o tivesse levado para a cama, talvez nunca tivéssemos terminado e eu estaria fazendo sexo sem graça com Adam pelo resto da minha vida.

Enquanto pego o metrô de volta para casa, imagino onde Dominic está neste momento. Ele me enviou um e-mail de manhã para dizer que as reuniões em Montenegro tinham ido muito bem, mas teve de fazer uma viagem inesperada a Klosters, a exclusiva estância para onde milionários gostam de ir esquiar no Natal. Ele vai ficar no chalé de um amigo enquanto faz amizades na neve e consegue contatos importantes, com aqueles que podem estar interessados em colocar dinheiro de verdade no seu fundo de investimentos.

Estarei bem ocupado. Esquiar, fazer um social depois do esqui, fazer um social depois do social depois do esqui. É trabalho duro, querida, mas você me conhece. Sou do tipo abnegado (sou mesmo?). Vou manter contato. Curta Nova York e se divirta com Laura. A gente se fala. D x x

Envio uma resposta cheia de empolgação sobre nossos planos para Nova York e digo a ele para esquiar bastante. Só mais tarde, quando estou chegando ao apartamento, sou tomada por um súbito peso na consciência. Não disse a Dominic que visitarei o apartamento de Andrei quando estiver em Nova York, nem que Andrei me ofereceu o novo emprego para o próximo ano. Estou irritada comigo. O que houve com o "chega de segredos"? Prometi que seria aberta e honesta com Dominic agora. Não há por que

manter as coisas para mim mesma, isso só leva a mais mal-entendidos.

Mas não há problemas nisso, afinal não vou ver Andrei. Só vou olhar seu apartamento para deixá-lo feliz. E, sendo honesta, gostaria de entrar lá, ver as obras que ele tem e pensar no que posso fazer com tudo aquilo, mesmo que não tenha intenção de aceitar o trabalho. E vou dizer isso a Dominic em meu próximo e-mail. Com certeza absoluta.

Laura e eu estamos superempolgadas esta noite, conferindo várias vezes nossa bagagem, certificando-nos de que pegamos os passaportes, dinheiro, mapas e guias, e todas as coisas com que não podemos deixar de viajar, de carregadores de celular e protetor labial. Estamos felizes, abrimos uma garrafa de vinho para comemorar e tomamos tudo rapidinho com nosso jantar. Então abrimos outra garrafa e ficamos meio bêbadas, jogando conversa fora até percebemos com horror que já é quase meia-noite e que precisamos estar de pé às quatro da manhã para o táxi que vai nos levar ao aeroporto. Arrumamos tudo e vamos deitar, mas não consigo dormir.

É estranho, mas estou animada para viajar, assim como as pessoas normais. Tive uma boa experiência com o mundo luxuoso dos muito ricos, mas para mim tudo isso está ligado à questão de posse. Só tive acesso a esse mundo porque trabalhei para Andrei e pude aproveitá-lo de acordo com a vontade dele. Esse mundo não é meu, nem chega perto de ser meu, então para mim ele não significa muito mais que um passeio no parque de diversões. Já minha passagem para Nova York, o hotel e tudo mais foram pagos com o dinheiro que ganhei. Tenho muito orgulho disso e vou aproveitar a viagem um milhão de vezes mais por causa disso.

Não sei a que horas pego no sono, mas parece que se passaram só cinco minutos quando o despertador toca. Abro os olhos e resmungo, e então me forço a sair da cama e entrar no chuveiro.

Encontro Laura quando saio do banheiro e ela parece ter dormido mal e estar cansada também.

– A gente não devia ter tomado o vinho ontem à noite – ela comenta e entra no banheiro.

– Nem me fala! O táxi chega em quinze minutos. – Acho que vou me sentir péssima, mas, assim que visto minha calça jeans, uma camiseta folgada e um blazer verde-escuro com botas de motociclista, sinto-me bem novamente. Beber água ajuda a clarear minha cabeça e quando Laura está levando sua mala para a sala, ouvimos a buzina do táxi lá fora.

– Vamos nessa, irmã! – ela diz com os olhos brilhando.

– Pode apostar! – Sorrio de volta. Isso já está sendo divertido. Mal posso esperar para a aventura começar.

Chegamos ao aeroporto bem cedo porque as estradas de Londres estão desertas a essa hora da manhã. Estamos ansiosas e desesperadas por café ao chegarmos lá, mas decidimos ir ao *check-in* primeiro para passar pela segurança e depois poderemos ficar sossegadas na área de embarque. Vamos ter pelo menos uma hora de espera, tempo suficiente para tomar café da manhã e fuçar no *free shop*.

No balcão de *check-in* entregamos os passaportes e nossas malas de mão. A mulher atrás do balcão confere tudo, digita as coisas em seu computador e escaneia nossos passaportes. Então olha para a gente e sorri.

– Boa notícia, senhoras. Vocês receberam um *upgrade*.

– Como? – Laura exclama.

– Isso mesmo. Parabéns! Vocês vão de primeira classe para o JFK.

– Uau! – A Laura dá um pulinho de prazer e empolgação.

– Por quê? – pergunto com estranheza.

A mulher olha para mim, obviamente surpreendida pela minha reação.

– Não sei dizer. É o que diz no computador aqui. Vocês agora são passageiras de primeira classe. Vocês podem esperar pelo voo na sala de embarque da primeira classe.

– Qual é o seu problema? – Laura me pergunta enquanto vamos até a sala VIP. – Você não gostou desse *upgrade*? Nunca viajei de primeira classe antes!

– Claro que gostei – digo o mais animada que posso, para não estragar a alegria dela. Sei que tem a mão de alguém por trás disso, e sinto que a privacidade da minha viagem foi invadida. Estava orgulhosa por fazermos isso sozinhas. Agora ganhamos uma pequena bonificação que não merecemos e pela qual também não pagamos.

A menos que seja nosso dia de sorte...

Ah é, tá bom!

A sala da primeira classe é bem agradável. Aproveitamos a comida deliciosa e o café fumegante que nos oferecem, e então nos aconchegamos nos sofás com várias revistas para matar o tempo até chamarem nosso voo. E, quando chamam, somos levadas por corredores acarpetados e entramos no avião antes de todo mundo. Na primeira classe, o luxo contrasta fortemente com as condições na classe econômica: assentos vastos e confortáveis que podem se transformar em uma cama a qualquer hora, um pacote de artigos de higiene pessoal de marca cara, além de chinelos, máscaras e até um par de pijamas de seda, caso desejemos vestir algo mais confortável. E isso antes de começarmos a brincar com nossos sistemas de entretenimento pessoal ou de pedir qualquer coisa do cardápio.

– Eu poderia *morar* aqui! – Laura diz extasiada. – Não posso acreditar na sorte que tivemos.

O prazer em seu rosto alivia minha hostilidade com quem quer que tenha decidido fazer isso para nós. Talvez não seja um presente tão ruim assim. O problema é que suspeito que Andrei esteja por trás disso, o que torna difícil para mim gostar disso. Ele costuma me

fazer aceitar coisas dele que realmente não quero: noites em hotéis, vestidos caros, joias... e agora isso.

Relaxe, digo a mim mesma enquanto o avião taxia na pista de decolagem. Não há o que fazer sobre isso. E, em Nova York, você estará longe de Andrei. Aproveite.

Capítulo Nove

Ao chegarmos a Nova York, ainda estamos no meio da manhã. Ficamos elétricas ao sair do avião, passar pelo controle de passaportes e sair nos Estados Unidos. Ao mesmo tempo que tudo é familiar, por causa dos filmes que vi que se passam aqui, também é estranho, com o sotaque diferente e o ambiente do lugar. Nunca me senti mais britânica. Laura e eu planejamos pegar um táxi amarelo para Manhattan, mas ao sairmos no saguão de desembarque sou surpreendida ao ver meu nome em um cartaz, segurado por um homem negro de boina e terno escuro.

– Olha, Beth! – Laura me cutuca na mesma hora. – É seu nome!

– Senhora Villiers? – O homem sorri para mim. – Como está? Estou aqui para levar a senhora e sua amiga a seu hotel.

– O quê? – pergunto com desconfiança novamente. – Quem agendou com você?

– Não tenho ideia, senhora – ele responde educadamente. – Apenas faço o que meu chefe manda.

– Beth – Laura cochicha –, isso provavelmente faz parte do pacote de serviços de primeira classe!

Não tenho tanta certeza. Encaro o motorista.

– Qual é sua empresa? Foi a companhia aérea que marcou com você?

– Todo tipo de pessoa solicita nossos serviços, senhora. Posso garantir que nossa reputação é impecável. Agora, senhoras, vamos por este lado? A limusine está aguardando.

– Uma limusine! – Laura exclama com brilho nos olhos. Hesito. Provavelmente sairá tudo bem. Provavelmente faz parte do serviço. Qual é o mal?

– Está bem – concordo relutante. Ele leva nossa bagagem e o seguimos para fora, onde uma limusine comprida está nos

aguardando. Entramos e sentamos nos bancos de couro; o motorista guarda nossas malas e então partimos em direção ao famoso perfil de Manhattan no horizonte. Tento deixar meus sentimentos negativos de lado e apenas curtir, enquanto Laura papeia sobre nossos planos para o resto do dia. Devo ser uma mulher muito ingrata por não conseguir apreciar as boas coisas da vida... mas só consigo desejar que a pessoa por trás disso ficasse de fora e me deixasse fazer as coisas do meu jeito.

Levamos uma hora para chegar a Manhattan e cruzar a ponte até a ilha é um momento emocionante. O céu está azul, sem nuvens, preenchido por um sol gelado. A temperatura está bem baixa, mas isso só colabora para o glamour natalino do inverno na cidade. Enquanto a limusine segue em direção às famosas ruas que se entrecruzam como uma rede, ficamos olhando pela janela, observando a vista da cidade que não para, apontando os pontos turísticos que conhecemos e nos empolgando com o nome das ruas em forma de números. Escolhemos um hotel modesto no meio de Manhattan, bem localizado o bastante para andarmos para todo lado, mas ainda assim em uma faixa de preço razoável. As fotos na internet mostravam um lugar agradável e meio antiquado, e reservamos um pequeno quarto duplo, que é mais do que precisamos.

Fico surpresa ao pararmos na East 57th Street em frente a um hotel muito chique, em um prédio elegante que se ergue alto no céu. O porteiro vem e abre a porta do carro, mas estou inclinada para a frente batendo na divisória de vidro entre nós e o motorista. Ele abaixa o vidro.

– Mas onde é que estamos? – exijo saber. – Este não é nosso hotel!

– Este é o Four Seasons, senhora – o motorista responde. – É aqui que fui instruído para trazê-las. Imagino que vocês tenham reservas aqui.

– Bem, não temos! – exclamo. – Nosso hotel fica na Lexington Avenue. Por favor, leve-nos para lá já.

O porteiro está ali parado e confuso, obviamente nos esperando sair. Laura está meio dentro e meio fora do carro, ouvindo a conversa com um olhar ansioso.

– Entendi bem que a senhora não deseja ficar no Four Seasons? – O motorista me olha com estranheza por cima do ombro. Dá para ver que ele acha que sou maluca.

– Isso. Estamos no hotel Washington, na Lexington Avenue.

– Beth... – Laura olha para mim enquanto o motorista balança a cabeça incrédulo.

– Laura, não fizemos uma reserva no Four Seasons e, apesar de parecer maravilhoso, não podemos fingir que isso faz parte do voo de primeira classe. Não acho que iriam tão longe. Alguém está sendo generoso demais, e não gosto disso. Quero ir para o hotel que escolhemos juntas.

Posso ver no rosto de Laura que ela sabe que essa é a coisa certa a se fazer, mesmo com todo o luxo tentador à nossa frente. Ela se recosta no banco.

– Está bem. Vamos para o Washington.

– Obrigada, você pode fechar a porta agora! – digo ao porteiro, e ele obedece, evidentemente confuso e sem entender muito do que se passou. Tenho a impressão de que não é muita gente que fica brava ao ser levada para o Four Seasons.

O motorista suspira e dirige o carro em meio ao tráfego pesado de Manhattan. Quinze minutos depois, ele para em frente a um hotel muito menor e mais modesto.

– Aqui está, senhora. Como a senhora pediu. Este é o hotel Washington.

– Parece incrível – Laura diz austera, embora eu consiga perceber que ela anseia um pouco do glamour do outro hotel.

– É exatamente do que precisamos... e o que podemos bancar – digo com firmeza. – Obrigada, motorista, você pode nos deixar aqui.

Alguns minutos depois, estamos no balcão de recepção do saguão tradicional do hotel. Não é a última palavra em luxo, mas é bem aconchegante com seu tapete estampado e luminárias de bronze. O homem por trás do balcão está bem-vestido, tem o cabelo penteado com gel e mãos elegantes. Ele está conferindo nossas reservas.

– Oh – ele diz olhando para a tela do computador com a testa franzida. – Isso é bem incomum. Aguardem um segundo enquanto falo com meu gerente.

Laura e eu trocamos olhares.

– E agora? – ela murmura. – Mais um *upgrade*?

– Mas ninguém sabe que estamos aqui – respondo. – Não contei a ninguém que iríamos ficar neste hotel. Você contou?

Ela balança a cabeça.

O homem volta com seu gerente, que tem um bigode bem aparado e olhos azuis-claros. Ele sorri para nós.

– Bom dia, senhoras, como vão? Houve uma mudança em sua reserva.

Resmungo por dentro. Aí vamos nós de novo.

– Temo que ela tenha sido cancelada.

– O quê? – exclamo.

– Cancelada? – Laura repete, seu rosto demonstrando a decepção.

O gerente confirma com a cabeça, sério.

– Isso mesmo. Cancelada.

– Por favor, descancele – digo, tentando soar o mais autoritária possível. – Não demos instruções para cancelar, tenho a reserva impressa aqui comigo. Precisamos do nosso quarto!

– Não podemos fazer isso, infelizmente. O quarto já foi reservado para outra pessoa e não temos nenhum disponível. Esta época do ano é bem ocupada. Tenho certeza de que compreendem.

– Mas... – Não posso acreditar no que acabei de ouvir. Como isso foi acontecer? – Onde vamos ficar?

O gerente faz um gesto para um homem parado na entrada.

– Já está tudo preparado, pelo que entendi. Um carro foi enviado para vocês.

O homem se aproxima de nós e pega nossa bagagem.

– Por favor, sigam-me, senhoras.

Laura e eu trocamos olhares desamparados. Não temos nenhuma escolha agora. O Washington não pode nos dar um quarto mesmo que quisesse. Lá fora, outra limusine nos aguarda. Nosso novo motorista guarda nossa bagagem e então partimos de novo. Desta

vez, parece que estamos nos afastando do miolo de Manhattan novamente, voltando por onde viemos. Então acabamos em uma parte diferente da cidade, com ruas mais soltas e não entrecruzadas.

– Este é o Village – diz Laura olhando pela janela. – Vim para cá na minha última vez em Nova York. Com certeza é uma das partes mais legais da cidade, bem mais artística e boêmia que aquela região perto do Central Park.

– Imagino que isso seja bom – digo, observando a vista que passa pela janela. Ainda estou contrariada por nossos planos terem sido invadidos dessa forma. Mas por que raios Andrei iria fazer uma reserva no Four Seasons, cancelar nossa reserva no Washington e então nos levar para outro hotel? Não entendo.

– Sei que você não está feliz com isso – Laura diz meio hesitante. – Mas é só seu cara russo sendo generoso de novo, não?

Sinto-me mal. Do ponto de vista de Laura, um hotel glamouroso e limusine são coisas incríveis que devemos aproveitar. Ela não tem ideia de como Andrei tem tentado me controlar e o quanto me incomoda essa interferência na minha vida, mesmo quando as coisas que ele faz parecem presentes generosos e incríveis. Bem, tentei rejeitar este, mas Andrei, de alguma forma, foi mais esperto.

– Desculpe – digo para Laura sorrindo. – Você deve me achar uma velha azeda e estraga prazeres. Só queria ficar longe da generosidade do Andrei por um tempo, mas parece que ele não vai deixar.

– Talvez não seja ele – Laura sugere. – Talvez seja Mark. Um presente antecipado de Natal, ou algo assim.

– Acho que isso é possível. A Caroline pode ter feito as mudanças – digo carrancuda. – Na verdade, agora que estou pensando nisso, acho que disse a ela que iríamos ficar no Washington.

– Olha só – Laura mostra alívio no rosto. – Deve ter sido Mark. Isso é bom. Podemos aproveitar o hotel com a consciência limpa agora, não?

Aceno com a cabeça. Não estou convencida, mas não quero estragar a diversão de Laura.

O motorista para em frente a um hotel bem estiloso com um lance íngreme de escadas que dá em um saguão incrível.

– O Soho Grand – ele anuncia.

– Uau! – Laura suspira com os olhos brilhando. – Já ouvi falar neste lugar, sempre quis vir para cá. Parece que é maravilhoso!

– Acho que não temos escolha – digo ironicamente, quando os porteiros correm para nos ajudar a sair e entrar no saguão. Acho que não nos parecemos com hóspedes ricas, já que a recepcionista é amigável, mas fria. Até que ela digita nosso nome em seu sistema, com suas unhas perfeitamente pintadas. Seus olhos se arregalam com uma surpresa que ela disfarça rapidamente ao olhar para a tela; então ela se vira para nós com um sorriso alegre.

– Senhoras, estamos felizes por se hospedarem conosco. As senhoras vão adorar o Loft North, nossa suíte mais incrível.

– *Suíte* – Laura suspira, com o rosto iluminado pela empolgação.

Suíte, penso irritada. Não é um quarto. É a porcaria de uma suíte. Um apartamento. Isso não se parece nem um pouco coisa de Mark. Parece mais coisa de um homem de recursos ilimitados, que sempre espera pelo melhor.

Bem, quem iria imaginar?

O hotel é incrível. Por todo canto há cores, bom gosto e estilo que mistura sensibilidades contemporâneas e *vintage*, desde os bancos de couro turquesa no saguão à escadaria de ferro forjado estilo vitoriano. Não conseguimos parar de olhar uma para a outra, absorvendo os ambientes lindos, com pessoas estilosas que estão por todo lugar, sentadas conversando nos sofás, bebendo nos bares, lendo na biblioteca. Isso é tão legal!

Somos levadas por um jovem bastante educado ao elevador, que sobe vários andares até chegar ao topo do hotel. Lá ele destranca a porta do apartamento e faz um gesto para entrarmos. Ficamos boquiabertas com o que vemos.

– Oh, meu Deus – Laura sussurra. – Isso é a realização do meu apartamento dos sonhos.

Ela tem razão. Tem muito pouco de quarto de hotel neste lugar. Ele é mais um lugar em que você gostaria de viver. É moderno e, no

entanto, tem um estilo atemporal com sua mistura de superfícies e texturas: madeira, concreto, mármore, couro, camurça e veludo. A sala de estar é perfeitamente planejada, com sofás confortáveis e poltronas cobertas com mantas de caxemira e almofadas luxuosas, e uma escrivaninha com um iMac e um iPad. Sobre as estantes e mesas há enfeites e livros, e nas paredes há lindas fotos enquadradas da Nova York dos anos 1950.

– Aqui há um bar completo – o jovem nos diz, mostrando um bar de concreto com banquetas de couro em frente a uma diversidade de garrafas. – Permitam-me mostrar os quartos. – Ele nos leva para o quarto principal, um enorme espaço decorado com tons de terra e pedra com um divã de couro contrastando bastante. O banheiro tem uma luxuosa banheira e também um enorme chuveiro.

– Acho melhor você ficar com este – diz Laura, me olhando de lado.

– Não vou discutir com você sobre isso – respondo sorrindo. Decidi relaxar e curtir o lugar incrível. Primeiro, porque não há escolha e, depois, não quero estragar nosso humor sendo ranzinza. *E é incrível, não há como negar...*

Somos levadas de volta até o segundo quarto, que é apenas ligeiramente menor que o primeiro e também tem seu próprio banheiro. Na sala de estar, nosso guia diz:

– As senhoras têm uma televisão de LCD, claro, com sistema de som e uma variedade de filmes. Também têm à disposição um serviço de concierge a qualquer hora do dia, com resposta imediata, para poderem pedir qualquer coisa que queiram a qualquer momento. O iPad sobre a escrivaninha está cheio de informação sobre a área, aonde ir e o que ver. E, claro, o terraço está à sua disposição também. – Ele aponta para o que possivelmente é a melhor coisa no apartamento: o enorme terraço privativo com uma visão extraordinária que vai desde a parte baixa de Manhattan até o Empire State.

– Podemos acender aquecedores lá fora, caso estejam com frio. – Ele sorri. – Isso é tudo, senhoras? Alguma dúvida ou posso deixá-las descansar?

– Isso é ótimo, muito obrigada – digo e lembro-me de que devemos dar gorjetas em Nova York. Tiro uma nota de cinco dólares da bolsa e entrego a ele. – Perguntaremos caso haja alguma coisa.

– Obrigado – ele responde, guardando o dinheiro no bolso com um sorriso e curvando a cabeça. – Aproveitem sua estada conosco.

Assim que ele sai, Laura e eu nos olhamos incapazes de crer no que acabou de acontecer. Estamos em um dos melhores quartos em Nova York. Seguramos a mão uma da outra com força e começamos a pular, gritando e dando risada, incrédulas.

– Só há um problema – Laura diz depois de nos acalmarmos o suficiente para conversar.

– O quê? – O que poderia haver de errado com o lugar?

– Gostei tanto deste apartamento que não quero sair. Não vamos ver nada de Nova York!

Ainda bem que tínhamos feito alguns planos, porque sem eles talvez não tivéssemos saído de nosso luxuoso apartamento, mas temos um cronograma de coisas para ver e fazer nesta cidade incrível.

Depois de desfazer as malas em nossa suíte e experimentar tudo a que temos direito, incluindo pedir um delicioso almoço de salada de caranguejo e salmão defumado, saímos a pé, determinadas a ver tudo o que for possível antes que escureça. Está frio lá fora, mas estamos bem agasalhadas e superempolgadas. Pegamos o metrô e fazemos nossa primeira parada programada no Metropolitan Museum of Art e gastamos algumas horas observando as obras-primas lá. Então vamos ao Central Park; já está escurecendo, e compramos chocolate quente e pretzels em uma barraquinha. Passeamos pelo parque conversando sobre as coisas que pretendemos fazer aqui em Nova York. Pela primeira vez em muito tempo, estou sem aquele peso nos ombros. Estou me sentindo despreocupada aqui, e é ótimo estar com Laura, apenas duas amigas juntas. O amor romântico é ótimo, mas isso aqui é bem divertido.

Minha única preocupação é que Andrei está obviamente torrando muito dinheiro para nos dar passagens de primeira classe, limusines e aquele quarto de hotel espantoso. Isso é bem o tipo de coisa extravagante de que ele gosta. Mark jamais escolheria um hotel como o Grand, e ele com certeza não reservaria a suíte da cobertura. E a forma como Andrei adivinhou que eu insistiria em não ficar no Four Seasons é típica de alguém malandro como ele. Não gosto nem um pouco disso. Ele está me deixando cada vez mais em dívida com esses presentes caros e, pior ainda, não gosto do fato de que ele sabe exatamente onde estamos. Mesmo enquanto estávamos passeando pelos corredores do Metropolitan ou caminhando no Central Park quando a noite já caía e as luzes começavam a brilhar, não deixava de imaginar se alguém estava nos seguindo. Vira e mexe olho por cima dos ombros para ver se estamos sendo observada, mas não vejo ninguém. No fim, minha paranoia começa a se dissipar. Não há sinal de estarmos sendo seguidas e digo a mim mesma que ninguém poderia ter seguido nossos passos pelo metrô ou pelo museu. É só minha imaginação.

De volta ao hotel, tomamos um longo banho antes de nos vestirmos para sair. Estamos de pé já há muitas horas, mas ainda estamos vibrando de empolgação. O iPad nos dá muitas sugestões para jantar e o concierge nos reserva uma mesa no restaurante que escolhemos.

Antes de sair com nossos vestidos elegantes e salto alto, verifico minha caixa de e-mail. Há uma mensagem de Dominic.

Olá, minha linda, você chegou bem a Nova York? Está aproveitando? Me conta tudo. Mal posso esperar para te ver de volta.

D x

Hesito por um momento antes de digitar uma resposta. Será que conto o que Andrei fez? Isso não vai deixar Dominic furioso? Qual o sentido de deixá-lo irritado?

Chega de segredos, lembro a mim mesma.

Sim, mas vou contar a ele. Não quero estragar seu dia e deixá-lo irritado. Vai ser melhor quando explicar tudo pessoalmente.

Digito uma resposta:

Oi, querido:

Sim, chegamos bem aqui, depois de algumas aventuras interessantes. Estamos nos divertindo muito, mas não posso escrever mais agora, pois vamos sair para jantar. Amanhã vamos fazer compras, patinar no Madison Square Garden e ver a Frick Collection. Vai ser demais! Mal posso esperar para te ver também.

B x x

Olho para minha mensagem e a releio. Devo contar sobre os *upgrades*?

Laura entra, toda linda em um vestido preto de seda bem justo de mangas soltas e com um sapato dourado escuro.

– Vamos lá, Beth, vamos nos atrasar. Nossa reserva é para daqui a dez minutos.

– Estou indo, estou indo. – Hesito por um segundo e então clico em enviar.

Capítulo Dez

Nos dois dias seguintes, passamos por momentos inesquecíveis em Nova York. Vimos tanta coisa, visitamos as atrações literárias importantes para Laura e as atrações artísticas importantes para mim. Nós duas gostamos de visitar os pontos turísticos também, como ir ao topo do Empire State. Adoro a Frick Collection e as impressionantes obras modernas no MoMA e também gosto de curtir a atmosfera glamourosa do Village. Há também o fator Natal, que adiciona um brilho extra a nossas compras: em uma tarde, vimos cerca de vinte Papais Noéis andando pela Quinta Avenida e não resistimos a fazer um passeio de carruagem em uma Nova York congelada, puxada pelo Papai Noel em pessoa.

Nós nos divertimos muito, seja aproveitando o luxo de nosso apartamento e a forma como nossas necessidades são supridas antes mesmo que percebamos, seja vendo as atrações de Manhattan. Apesar de adorar estar com Laura e dar risada o tempo todo, não deixo de sentir falta de Dominic. Quando Laura e eu nos enfiamos em nossa carruagem com um cobertor no colo, tenho um desejo súbito e ardoroso de que ele estivesse comigo aqui para me abraçar e me beijar carinhosamente enquanto somos levados pelo Central Park, com os sinos das renas batendo e nosso Papai Noel gritando “Ho, ho, ho!” como se fosse um conto de fadas.

Recebo outra mensagem de Dominic, que vejo no computador em nossa suíte, mas ele só pergunta como estou e me conta que bateu seu recorde pessoal no esqui alpino, então só respondo contando o que fizemos de bom. Afinal, já estarei de volta em casa na segunda-feira à noite e, depois de toda essa empolgação acabar, posso contar a ele o que aconteceu.

Na segunda de manhã, quando estamos cansadas mas não queremos voltar para casa ainda, apesar de nosso voo já ser logo no começo da noite, recebo um e-mail. Logo que o vejo, meu coração começa a palpitar e minhas mãos suam. Não tinha percebido o quanto Andrei estava na minha mente durante o fim de semana até que vejo seu nome em preto na tela.

Beth:

Minha governanta diz que você ainda não esteve em meu apartamento. Você pretende ir até lá? Por favor, me avise.

A

É a invasão da realidade dura e fria. Estive perdida em um mundo agradável me divertindo com Laura. Sempre soube que meus problemas ainda aguardam por mim em casa, mas me permiti esquecê-los por um tempo. Este e-mail me lembra que os problemas não podem ser banidos.

Chamo Laura, que está no terraço tirando fotos da nossa vista incrível. Ela entra, com o nariz avermelhado pelo ar gélido lá de fora.

– Ah, Beth, não posso acreditar que é nosso último dia. Não quero ir para casa!

– Nem eu... está sendo demais. Mas, olha, você se importa se fizermos umas mudanças de última hora no nosso dia hoje? Sei que precisamos estar a caminho do aeroporto às sete e tínhamos alguns planos, mas recebi um e-mail do Andrei. Preciso ir ao apartamento dele. Não vai demorar e ele não vai estar lá. Tudo bem pra você?

Laura senta no braço da poltrona e olha para a tela do computador.

– Você está brincando? Aposto que o apartamento dele é maravilhoso. Vou adorar conhecer.

Sorrio para ela.

– Ótimo. Vou avisar a governanta que iremos aparecer lá hoje.

O apartamento de Andrei fica na beira do Central Park, em um edifício esplêndido que parece um castelo gótico vitoriano, todo enfeitado com esculturas e ornamentos. Chegamos ao prédio sem acreditar que vão nos deixar entrar em algo tão grandioso, mas quando dizemos ao porteiro que estamos lá para visitar o apartamento do senhor Dubrovski e ele confirma nosso nome, somos levadas por uma porta esculpida em forma de arco e então por um gigantesco e impressionante saguão onde um porteiro em um libré dourado aguarda por nós.

– A governanta do senhor Dubrovski está nos esperando – digo de forma empolada, tentando parecer o tipo de pessoa que deve ser recebida por esses portais sagrados, mas provavelmente fiz papel de boba. Laura paira atrás de mim, com os olhos arregalados como se estivesse aguardando que nos digam para cair fora, e nesse caso ela provavelmente sairia correndo pela porta.

O porteiro confere a lista que ele tem em algum lugar sob a borda do balcão e assente com a cabeça.

– Sim, vocês estão sendo aguardadas. Por favor, subam ao décimo oitavo andar.

O elevador é extraordinário. Fica aninhado atrás de duas portas corrediças de ferro forjado e contém um assento de veludo vermelho sob um grande espelho enquadrado. Aperto o botão preto e grande e o elevador sobe suavemente até o décimo oitavo andar. Saímos em um corredor acarpetado e bem à nossa frente há uma enorme porta de mogno com números dourados nela, que marcam 755.

– É aqui – digo para Laura.

– Certo. – Seus olhos estão bem abertos e ela parece meio assustada. Essa é a parte mais imprevisível de nossa viagem até agora.

– Venha. Vamos acabar logo com isso. – Dou um passo à frente e bato na porta. Logo em seguida, a porta é aberta por uma mulher bem-vestida de cerca de quarenta anos com um cabelo chanel escuro. Ela não diz nada, mas olha para nós com curiosidade.

– Meu nome é Beth Villiers – digo hesitante. – O senhor Dubrovski disse que eu deveria vir.

Sua expressão fica clara na mesma hora, e ela se afasta para entrarmos.

– Sim, claro – ela diz com uma voz surpreendentemente amigável. – Recebi sua mensagem. Entrem.

Caminho para dentro, com Laura bem atrás de mim. Logo de cara já vemos o luxo extremo do lugar: tudo é brilhante, polido, caro e de ótimo gosto, desde o chão de mármore verde e branco às luminárias de ébano polido. Como o apartamento de Andrei em Albany, este lugar foi decorado com um forte estilo neoclássico, mas é notável que não haja nenhum quadro nas paredes.

Acho que é aqui que eu entro.

– Vou mostrar o lugar para vocês – diz a governanta, nos levando a uma sala muito bem decorada com uma vista espetacular do parque: até onde podemos ver, das janelas amplas e largas, temos uma visão do parque e de belos edifícios. Na sala de estar há um piano de cauda perto da janela, e sofás confortáveis de frente um para o outro, com divãs estofados sobre os quais há belos livros de arte.

– Esta é a sala de estar informal – explica a governanta e continua a nos levar por mais uma dúzia de salas, que inclui uma comprida sala de piso de madeira com enormes lustres de cristal, que ela diz ser o salão de festas.

– Incrível – sussurra Laura enquanto seguimos a governanta de sala em sala. – Este lugar é incrível. Imagine o quanto deve custar!

Não digo nada. Isto aqui não me surpreende, mas, até aí, eu conheço Andrei. Mesmo depois de subirmos uma escada para outro andar que tem seis quartos luxuosos, com o quarto principal com uma banheira de mármore encravada no chão, sinto como se isso fosse exatamente o que esperaria que Andrei tivesse. É incrível e caro, mas há algo faltando: um coração e a sensação de alguém com paixões e interesses que more aqui. Sei que é isso o que ele quer que eu coloque em sua casa, com minhas escolhas de arte. Lembro-me de como o apartamento de Albany parecia frio até os quadros estarem colocados nas paredes. O belo retrato de Fragonard que comprei para seu banheiro fez o quarto ganhar vida. É disso que esse lugar precisa.

Descemos ao piso inferior e a governanta nos leva de volta à sala por onde entramos, uma pequena e aconchegante sala de estar com vista para o Central Park.

– As senhoras gostariam de um café? – pergunta a governanta. – Chá?

Olho para o meu relógio. Temos apenas algumas horas antes de precisar voltar ao hotel para fazer as malas e pegar o táxi ao aeroporto.

– Não sei... – respondo.

– Sim, por favor. Eu adoraria um café. – Laura responde. Quando a governanta sai, ela se vira para mim com um sorriso endiabrado e me cutuca brincando. – Vamos! Quais as chances de ficarmos em um lugar como esse de novo? São nossas últimas horas em Nova York. Vamos viver um pouco.

– Está bem – concordo, relutante em contar a ela que não me sinto bem neste lugar. Ele me faz pensar em todas as formas que Andrei tem para me controlar. Sinto apenas que consigo me entregar e me abrir a alguém que me ama e se importa comigo. Sem isso, não posso sonhar em me submeter. Só de estar neste apartamento já fico ciente de como meu relacionamento com Andrei não tem nada disso.

Sentamos naquele magnífico apartamento, que nos faz sentir flutuar sobre o parque. A governanta nos traz café com biscoitos de avelã e nos deixa à vontade. Laura fala e eu ouço, mas estou ansiosa para sair.

– Você está bem? – Laura pergunta, mordendo um biscoito. – Está calada de um jeito estranho.

– Sim... mas quero voltar logo para o hotel – respondo.

– Você está certa – Laura concorda. Ela termina sua xícara de café e a coloca no pires. – Isto aqui é uma casa, mas ela é um milhão de vezes mais fria e intimidadora que nossa suíte aqui. Vamos voltar e aproveitar o resto do tempo que temos.

A governanta vai conosco até a porta.

– Acredito que a verei novamente em breve, senhora Villiers – ela diz e dá um largo sorriso no corredor.

– Talvez – respondo.

– Vocês estão voltando hoje? – ela pergunta. – Esta noite?
– Isso mesmo. Vamos para o aeroporto em algumas horas – respondo. Quero poder me abrir com esta mulher amigável, mas de alguma forma não consigo. Sinto-me relutante em dizer mais do que isso.

– Tenha uma ótima viagem. – Ela sorri para Laura. – A senhora também.

– Muito obrigada! – Laura devolve um sorriso largo e aberto a ela. Invejo sua habilidade de confiar em qualquer pessoa que seja funcionária de Andrei Dubrovski.

– Adeus! – digo, tentando disfarçar minha impaciência para seguir nosso rumo. – Vamos, Laura, precisamos ir.

No táxi de volta ao hotel, dou um grande suspiro de alívio. Realmente não me senti bem naquele apartamento. O tempo todo em que estivemos lá, senti que estava sendo observada. Enquanto Laura está tagarelando sobre como o apartamento era lindo e como sou sortuda por ir trabalhar lá, tudo em que consigo pensar é como sou feliz longe disso e como não tenho a menor vontade de voltar lá.

É triste voltar ao nosso apartamento. Tivemos uma estada fantástica lá e ele já parece ser nossa casa, apesar do pouco tempo em que estivemos nele. Laura agendou uma última massagem em nossa suíte e enquanto estamos sendo amassadas e alisadas, aproveito a oportunidade para ver meus e-mails. Tenho escrito para meus pais daqui e quero enviar algumas fotos para eles.

Logo que entro na caixa de mensagens, vejo um e-mail marcado como urgente. Clico nele para abrir. É de Caroline.

Querida Beth:

Espero que esta mensagem chegue a tempo! Boa notícia: o Mark saiu do hospital. Ele se recuperou muito bem nos últimos dias e os médicos acreditam que ele ficará mais confortável em casa. Ele está muito mais feliz, você nem iria reconhecê-lo. Eu lhe disse que você

estava em Nova York aproveitando alguns dias de folga e ele ficou animado com isso. Sei que você provavelmente já fez planos, mas caso leia isto em tempo, Mark quer saber se você pode ficar em Nova York por alguns dias. Ele gostaria que você comparecesse a algumas reuniões e a um leilão que vai haver na Christie's. Ele vai pagar por sua nova passagem de volta e por um quarto de hotel por quantas noites forem necessárias. Posso cuidar dessas coisas daqui. Avise-me sobre o que pretende fazer. Nos vemos em breve!
Beijos, Caroline

Leio a mensagem três vezes antes de absorver totalmente seu conteúdo. É difícil entender e só quando Laura se aproxima e lê por cima do meu ombro que compreendo.

– Ah... sua sortuda! – Laura exclama. – Você vai ficar aqui!

– Mas isso significa que você vai para casa sozinha – digo com tristeza. Estava ansiosa para voarmos juntas na volta.

– Sim. – Ela parece um pouco desapontada. – Isso não é legal, mas não se preocupe. Sofri com o jet-lag desde que chegamos aqui, então provavelmente vou dormir durante toda a volta, de qualquer forma. – Ela me lança um olhar invejoso. – Isso significa que você vai continuar aqui no apartamento?

Dou risada.

– Não acho que o orçamento do Mark vai chegar a tanto. Não faço ideia de quanto isso custa, mas cada noite deve custar milhares de dólares. Além disso, Caroline me disse para encontrar outro hotel. – Não digo a ela que, pelo e-mail de Caroline, está bem claro que Mark não pagou por este apartamento.

Laura fica quieta.

– Não tinha mesmo pensado nisso – ela observa depois de um minuto, obviamente espantada com o que nos foi dado. – Nunca vou me esquecer disto. Não mesmo. Não se preocupe por não voltarmos juntas para casa, já tive essa experiência maravilhosa graças a você. Fique aqui e aproveite.

– Não vai ser tão divertido aqui sozinha... e trabalhando – comento.

– Ainda é Nova York – ela diz com um sorriso.
Não tenho como retrucar essa observação.

As coisas ficam mais corridas quando Laura se apronta para voltar ao aeroporto e procuro outro hotel. Penso se não vale a pena continuar no Grand, um lugar de que gostei tanto, mas também tenho vontade de conhecer um lugar totalmente novo. Andrei reservou aqui, e enquanto eu continuar aqui ele vai conseguir me observar. Respondo o e-mail de Caroline pedindo sugestões e ela me responde avisando que vai me reservar um quarto no hotel onde Mark costuma ficar e vai enviar os detalhes quando tudo estiver acertado, bem como as tarefas que Mark deseja que eu faça.

É horrível me despedir de Laura quando ela entra no carro que vai levá-la ao aeroporto. Nós nos abraçamos com força.

– Te vejo em Londres – Laura diz. – A viagem foi incrível.

– Estarei de volta até o fim da semana – juro. – É bom mesmo.

– Tenho de estar em casa para o Natal, não? – Sorrio para ela. – Volte bem para casa.

Meus olhos se enchem de lágrimas quando o carro parte em direção ao tráfego intenso de Nova York, levando Laura para longe de mim. Subitamente sinto-me completamente solitária.

– Vamos lá – digo para mim mesma. – Você é forte. Consegue fazer isso. Agora vamos nos mexer.

Faço o *check-out* no Grand e pego um táxi em direção ao endereço que Caroline me deu. Fica em uma região residencial e arborizada dominada por grandes casas que chamam de *brownstones*. O lugar em que vou ficar se parece com uma casa particular, exceto pelo mastro de bandeira plantado em frente à fachada e pelas seis árvores de Natal piscando no frontão sobre a porta de entrada.

Subo as escadas e abro a pesada porta de madeira polida, sorrindo ao entrar. Este lugar é muito a cara do Mark: é como um

elegante clube de cavalheiros decorado com muito bom gosto, com excelentes pinturas adornando as paredes. A estética do lugar é a de uma casa de campo moderna, e posso entender por que Mark sentiria-se em casa aqui.

A recepcionista é amigável, mas profissional.

– Senhora Villiers? Bem-vinda. O carregador vai levá-la até seu quarto. Aproveite sua estada conosco. Se houver algo em que possamos ajudá-la, por favor, nos avise. O senhor Palliser é um amigo muito importante para nós e estamos ansiosos para tornar seu tempo aqui o mais agradável possível.

Quando sou levada a meu quarto e dou a gorjeta ao rapaz por trazer minha bagagem, percebo que nos últimos meses estive em mais quartos de hotel do que em toda a minha vida. E não eram quaisquer hotéis, eram alguns dos melhores hotéis do mundo em São Petersburgo, em Paris e em Nova York.

Mas, enquanto observo meu novo e confortável quarto, não consigo deixar de desejar que Dominic estivesse aqui comigo.

Começo a trabalhar para Mark na manhã seguinte. Fico grata pelo itinerário detalhado de Caroline e pelos mapas que ela me deu, porque fora da parte turística, Nova York é bem mais complicada. Agora estou procurando por galerias de arte em regiões caras mas obscuras da cidade ou mais afastadas, encontrando escritórios em vastos arranha-céus no meio de Manhattan ou indo em direção ao topo da ilha ou até mesmo ao Brooklyn para encontrar negociantes de arte em seus covis. Quando chego aos lugares, me apresento e falo das últimas descobertas de Mark, mostro seu catálogo e examino o dos outros, faço anotações sobre as mostras atuais e os achados interessantes. Destaco toda venda e leilão que esteja perto e também rumores sobre grandes compradores que estejam mostrando interesse particular por algum artista ou estilo. Estou constantemente rabiscando lembretes para mim mesma ou escrevendo relatórios para enviar por e-mail a Mark, para que ele saiba em detalhes o que está acontecendo. Em pouco mais de um

dia, já estou me sentindo bem nova-iorquina, entrando na rua para chamar táxis, correndo até o metrô, me engalfinhando entre a multidão fazendo compras de Natal, pegando café e bagel para viagem. Eu me acostumo a comer sozinha e tomo meu café da manhã e almoço enquanto estou indo de um lugar para outro, mas peço o jantar no quarto do hotel. Não é muito legal, mas não consigo ir sozinha ao restaurante, e pelo menos no meu quarto posso ver televisão ou ler, o que me dá um pouco de companhia.

Também verifico meus e-mails. Laura me escreve para dizer que voltou bem para casa e foi de primeira classe. Imagino o que Andrei vai pensar disso, e estava no meu novo hotel apenas por uma noite quando chegou a primeira mensagem.

Beth:

Por que não pegou seu voo de volta? Onde você está?

A.

Olho para a mensagem e me sinto satisfeita por ter conseguido escapar do controle de Andrei. Imagino que, enquanto estava no Soho Grand, ele sabia onde me encontrar. Agora que escapei de sua vista, ele não gosta nem um pouco disso.

Não respondo. Em vez disso, envio uma mensagem a Dominic.

Olá, querido:

Adivinhe só, o Mark me pediu para ficar em Nova York mais um pouco e trabalhar. Que legal!!! Aqui é incrível, e estou curtindo muito, mas também trabalhando bastante. Acabaram as comprinhas e os coquetéis, mas Laura e eu nos divertimos muito juntas. Estarei de volta no fim da semana e depois vou para a casa dos meus pais no Natal. Onde você está? O que está fazendo? Vamos poder nos ver? Estou com saudade de você. QUERO você comigo de todas as maneiras.

Te amo

Beth

No dia seguinte, há outra mensagem de Andrei.

Beth:

Diga-me onde você está imediatamente.

A.

Rio por dentro. *Ha, ha, senhor Controlador. Você não gostou disso, não é? Bem, não sou propriedade sua e você não é meu dono.* Mas não quero irritar demais o tigre, para ele não perder o controle e botar as garras de fora. Envio uma resposta sucinta.

Andrei,

Estou em Nova York por enquanto.

B

Gosto da resposta: breve e direta como as próprias mensagens de Andrei. Há uma resposta de Dominic que é bem sucinta também.

Oi, linda:

Muito legal saber que você ainda está em Nova York. Em qual hotel você está? Ainda preciso confirmar meus planos para o Natal. Aviso. Vamos nos encontrar assim que eu estiver livre.

Bjs,

D

Sei que Dominic está ocupado, mas ainda assim gostaria que ele tivesse me escrito um pouco mais. Respondo o e-mail dizendo o que andei fazendo e onde estou, mas ele não responde na hora. Sem dúvida parece que voltamos a ter problemas de comunicação.

O lado bom é que meu trabalho é fascinante. Adoro o que estou aprendendo sobre o mercado internacional de arte e como Mark trabalha com seus concorrentes, para que todos possam ganhar um bom dinheiro neste mundo curioso. As horas se passam quase sem que eu perceba e, quando me pego sentada em um leilão da Christie's, levantando minha plaquinha para dar um lance em um quadro de Chagall, praticamente preciso me beliscar. No fim, o Chagall acaba indo para um comprador chinês que deu os lances

pelo telefone, mas mesmo assim fico empolgada por estar lá em meio aos outros negociantes de arte. Mais tarde, tomo um café com o chefe do setor de arte do século XX e depois volto a meu hotel para almoçar, antes de sair para meu compromisso da tarde, em uma parte da cidade em que nunca estive antes, no norte do West Side.

Saio do hotel e percebo que o clima mudou definitivamente. O céu azul límpido desapareceu e deu lugar a um céu nublado e cinzento, de nuvens baixas, pesadas, que roubam toda a luz do dia e parecem carregadas de neve. A temperatura caiu ainda mais e meus pés ficam anestesiados em meus sapatos depois de poucos minutos de caminhada. Não posso usar calça jeans e botas para uma reunião de negócios, então fico restrita a usar o par de sapatos finos que trouxe comigo para passar o fim de semana, não para uma viagem de negócios. Não tive tempo para comprar mais nada. Felizmente, o terninho que trouxe mantém a parte superior do corpo aquecida, mas ele não cobre minhas coxas e a minha saia não é muito quente. Bem, são só uns poucos quarteirões até chegar ao metrô. Afundo mais minhas mãos no bolso, encolho o queixo dentro da gola virada para cima e caminho mais rápido para fazer o sangue circular.

Ainda assim, quando chego ao metrô já estou tremendo e fico aliviada ao descer em seu ambiente aquecido. Lá embaixo, na estação, procuro pela plataforma que vai me levar para a área correta. Frequentemente tenho dificuldade para me localizar e descobrir para onde ir, apesar do sistema parecer simples. Uma vez saí do metrô e não percebi que estava do lado errado, então saí caminhando pela minha rota, só que fui na direção oposta. Levei um tempo até perceber meu erro. Quero pegar o trem que vai parar na altura da rua cento e pouco, que seria a margem norte do Upper West Side, pelo que li. Olhei no mapa e, apesar de o endereço não ficar em uma área com a qual estou familiarizada, ele não parece ser muito longe.

O trem chega vibrando à estação e acredito ser o que devo pegar, então entro e encontro um assento. Vou pegar meu mapa e meu guia e na mesma hora me amaldiçoo mentalmente. Posso vê-los exatamente onde os deixei quando voltei para almoçar, na mesinha

em meu quarto, e não os peguei de volta. Toda minha informação está guardada no guia. Não tenho nem mesmo o endereço do negociante que devo visitar.

Pego o telefone e faço uma busca nos e-mails para encontrar os detalhes que Caroline me enviou. Fico aliviada ao ver que o e-mail dela está lá, com os anexos da minha programação. Bom. Quando sair daqui do trem vou conseguir descobrir aonde devo ir.

Depois de um tempo, olho para cima, vagamente ciente de que não paramos em nenhuma estação já há um tempo. Na verdade, posso ver que estamos passando pelas estações sem parar, voando em direção ao norte. *O que está havendo? Por que não estamos parando?*

Meu estômago se revira quando percebo que devo ter pegado o trem expresso por engano, um que segue ao norte pulando todas as estações no meio de Manhattan. Sinto uma pontada de medo. Onde o trem vai parar? Eu o imagino varando toda a ilha, passando por um túnel sob o rio e parando em alguns dos distritos ao norte de Nova York, me largando em algum lugar distante.

Vou perder meu compromisso!, penso em pânico.

O trem continua seu trajeto e tento manter a calma. É tudo muito simples. Basta eu pegar o trem de volta. Não há por que me preocupar, vai dar tudo certo. O vagão está quase vazio a essa hora, apenas com alguns nova-iorquinos sérios e silenciosos. Espero não parecer assustada. Minha mente começa a se encher de histórias de terror de turistas indefesos que foram atacados e roubados.

Não seja boba. Apenas mantenha a calma e tudo vai ficar bem.

Finalmente o trem para. Pego minha bolsa e saio, tentando dar a impressão de que é exatamente aqui que deveria descer. Em um impulso, passo pela catraca e saio da estação. Assim que estiver na superfície poderei acessar meus e-mails e carregar um mapa, para que possa ver onde estou.

Lá fora já está escuro, e agora que estou longe do centro bem iluminado da cidade, o brilho e o glamour de Manhattan sumiram quase por completo. Não faço ideia de onde estou, só que as ruas estão quase na altura do número duzentos. Tento clicar nos anexos que Caroline enviou para vê-los. Talvez seja mais rápido ir

caminhando para onde quer que o negociante esteja. Enquanto os anexos carregam, tento abrir meu aplicativo de mapa, para conseguir algumas direções e me localizar.

Espero por uma eternidade, clicando e clicando de novo. *Merda! Por que não consigo acessar nada?* Obviamente, estou em uma área sem serviço. Tiro a bateria do celular e tento reiniciá-lo, mas o resultado é o mesmo. Estou sem acesso à internet.

Merda, merda, merda!

Olho em volta e vejo um homem parado por perto. Ele está bem entre mim e a entrada do metrô, de costas para uma parede, com as mãos no bolso. Apesar de não estar olhando diretamente para minha direção, não consigo evitar a sensação de que ele está ciente de que estou ali, talvez esteja até me observando. E aqui estou, sozinha, fuçando em um telefone caro. E se ele for tentar me roubar?

Precisa haver algum café ou bar por perto, penso, talvez um com *wi-fi*. Na hora tomo uma decisão: viro e começo a andar na direção que acredito ser o centro. Sinto-me melhor assim que começo a me mexer, mas está incrivelmente frio agora que saí da estação. Estou tremendo e começo a andar o mais rápido possível, mantendo os olhos abertos para um lugar em que possa me esconder do frio, mas parece que estou em uma região bem residencial, caminhando por quarteirão após quarteirão de edifícios de apartamentos. Há algumas lojas, mas nenhuma parece o tipo de lugar em que eu possa entrar para me aquecer ou encontrar uma conexão à internet. Toda vez que vejo uma, acabo decidindo continuar andando. Está tão frio que meus dedos estão formigando e mal consigo apertar os botões no celular, que continua dando sinal de que está carregando, mas nunca termina. Minhas bochechas parecem couro sob o vento cortante e meus pés praticamente não sentem nada nos passos que dou.

Então percebo que o homem que tentei evitar está caminhando atrás de mim. Vejo-o pelo canto do olho e sei, sentindo um turbilhão de medo, que ele está me seguindo. Reconheço sua silhueta carrancuda, as mãos no bolso.

Oh, Deus, será que ele vai me atacar?

Acelero o ritmo, mas meus pés congelados se recusam a ir mais rápido. Eles estão tão anestesiados que tropeço enquanto caminho.

Celular desgraçado!

Não ousou tirá-lo do bolso agora, caso ele queira me roubar. Preciso entrar em uma loja, qualquer loja. Mas agora já percebi que não consigo ver nada tropeçando nessa escuridão. Digo a mim mesma para ir a uma porta, qualquer porta e bater ou tocar a campainha. Com certeza alguém vai me ajudar. Mas, de alguma forma, não consigo reunir coragem para pedir isso a um estranho. Vou tentar achar uma loja, digo a mim mesma.

Ele está se aproximando de mim. Estou apavorada agora. Estou perdida na escuridão de uma cidade estranha, congelando e prestes a ser atacada. Consigo ouvir seus passos chegando mais perto. Ele está diminuindo a distância.

Não vou deixar isso acontecer. Ele não vai me machucar.

Viro-me para encará-lo. Não consigo distinguir seu rosto na escuridão e tento falar corajosamente, mas ouço apenas uma voz trêmula saindo da minha boca:

– O que você quer? É meu telefone? Você quer o telefone?

Ele para quando vê que parei também. Seus olhos brilham na escuridão, mas ele não diz nada.

– E então? Por que está me seguindo?

O homem ainda não diz nada, mas simplesmente faz um gesto para a rua. Um enorme carro preto está parando na calçada ao meu lado. A porta de trás se abre e uma voz diz rude:

– Beth, entre logo.

É Andrei Dubrovski.

Capítulo Onze

Estou tão aliviada por encontrá-lo e sair do frio cortante, mas digo com raiva:

– O que você está fazendo aqui? – grito assim que entro no carro. Andrei se inclina em minha direção e fecha a porta. – Por que está me seguindo? Você colocou aquele homem para ficar atrás de mim o tempo todo? Você tem noção de como fiquei assustada?

Andrei olha para mim com os olhos azuis flamejantes.

– Você deveria me agradecer. Obviamente você não tinha a menor ideia de onde estava, e suas roupas são totalmente inapropriadas para este tempo. Sim, aquele homem está trabalhando para mim.

– Mas... – balanço a cabeça incrédula. – Como você sabia onde eu estava?

Ele olha para mim enquanto o carro sai pela rua e segue em direção ao sul.

– Você andou dando uma bela sumida, não?

– Do que você está falando? – digo encarando Andrei. – Porque não disse onde estava, então eu sumi?

– Correto. – Percebo que seus punhos estão cerrados, por dentro das luvas. – Você recusou minha generosa oferta no Four Seasons para você e sua amiga. E então desistiu também da sua reserva no Washington e sumiu. Foi só quando apareceu em meu apartamento que consegui rastreá-la de novo, mas então você se recusou a contar seus planos à minha governanta. E não pegou o voo de volta para casa. Estive bastante preocupado.

Olho para ele, percebendo seu lábio inferior saltado e seus olhos frios, mesmo com pensamentos rodando pela minha cabeça.

Recusei o Four Seasons e... desapareci? Então quem reservou o Soho Grand? Se não foi Andrei então...

– Mas como você me encontrou depois disso?

– Você estava fazendo esse joguinho idiota comigo ao recusar me dizer onde estava – ele diz laconicamente. – Imaginei que deve ter ficado a pedido de Mark, então falei com sua irmã. Ela foi gentil o bastante para me passar sua programação. Coloquei um homem atrás de você para garantir sua segurança e decidi encontrá-la depois de sua reunião hoje à noite. Aparentemente, você tem jantado sozinha em seu quarto no hotel. Achei isso meio triste.

– Que gentil da sua parte! – respondo sarcástica. Estou furiosa por ele pensar que sou tão fraca e indefesa a ponto de precisar de um homem para tomar conta de mim. Se não tivesse ficado apavorada com o homem me seguindo, eu teria resolvido minha situação sem nenhum problema. É irritante, mas ficar perdida não é o fim do mundo. – Você se sente o herói ao me resgatar de uma situação que você mesmo ajudou a criar?

– Você está sendo infantil – ele responde. – Não entendo por que não quer aceitar o que estou disposto a lhe oferecer. Por que recusar o Four Seasons? Para onde você foi?

Não respondo essa pergunta. Preciso pensar sobre a pequena reviravolta que os eventos tomaram. Em vez disso, pergunto:

– Para onde vamos? Tenho uma reunião. Já estou atrasada.

– Não está mais. Cancelei seu compromisso.

– O quê? – A fúria percorre meu corpo. – Como você ousa? É meu trabalho! Como você pode interferir nele?

– Sou seu empregador também. Expliquei ao negociante que você vai vê-lo amanhã de manhã. Vamos voltar ao hotel para pegar suas coisas e você vai ficar em meu apartamento.

– O quê? Não! De qualquer forma, volto para casa amanhã. Meu voo é à noite.

– Não necessariamente – Andrei diz despreocupado.

Isso está ficando estranho.

– O que você quer dizer?

– Você não precisa voar para casa em um voo comercial que vai chegar a uma hora miserável de manhã. Podemos voar juntos de volta. – Ele sorri para mim pela primeira vez, um sorriso frio. – Esta é a oportunidade perfeita para passarmos um tempo juntos. Creio

que esta cidade é considerada bem romântica. Eu gostaria de mostrar a você um pouco desse aspecto. – Ele se inclina para mim e, apesar de tudo, não consigo deixar de sentir a atração de seu magnetismo físico. – Beth, deixe-me fazer isso. Você continua me afastando. acredite, nós dois nos divertiríamos muito mais se você parasse de fazer isso.

Estou segurando a respiração, de olhos arregalados. Ele tem tanto poder porque não teme fazer exatamente o que quer. Não sei como vou conseguir resistir a essa força de vontade extraordinária. Sinto-me indefesa, como um brinquedo ou um objeto, e não gosto nem um pouco disso. Nenhum relacionamento deveria ser assim.

– Agora vamos pegar suas coisas e depois vou levá-la para jantar.
– Ele se recosta no banco. – E isso encerra o assunto.

Não há muito o que eu possa fazer. Preciso voltar ao centro da cidade, de qualquer forma, e está um frio de congelar lá fora. Não posso fingir que isso não é melhor do que voltar sozinha e por minha conta ao hotel. Tudo bem, deixe Andrei pensar que ele conseguiu as coisas do jeito dele. Vou sair para jantar com ele, mas vou pegar meu voo amanhã, não importa o que ele pense.

O trânsito na parte central de Manhattan está carregado e as lojas estão abarrotadas de pessoas fazendo compras de Natal, vendo algum show ou indo a uma festa. A atmosfera é bem alegre e o ar está cheio de canções natalinas que vêm das lojas ou de cantores de corais nas esquinas. Gostaria que Dominic estivesse aqui. Sinto uma grande vontade de estar com ele. Preciso perguntar algo a ele também, algo que não pode esperar muito mais.

Finalmente chegamos ao meu hotel.

– Entre e arrume suas coisas. Peça para trazerem todas as suas malas para cá – Andrei ordena. – Vou aguardar aqui.

Dirijo a ele um olhar desafiador enquanto saio do carro, mas faço como ele mandou. Será que vou precisar ficar naquele apartamento dele, tão frio e sem alma? Bem, por mim tudo bem, desde que seja só por uma noite, e que a porta do quarto tenha uma tranca. Se

Andrei pensa que esta noite é sua noite de sorte, ele vai precisar repensá-la muito em breve.

Quinze minutos depois, saio do hotel com um porteiro carregando minha bagagem atrás de mim. A porta do carro se abre e Andrei me recebe em seu interior confortável, dando 50 dólares de gorjeta ao porteiro antes de sairmos.

– Bom. – Ele olha para mim com a expressão satisfeita, um sorriso brincando nos lábios teimosos. Ele está mais bem-humorado agora que conseguiu o que queria. Posso dizer que ele acha que tudo está indo bem.

Não vou muito longe nesse caminho, penso, mas não digo nada. Não há por que contrariá-lo tão cedo nesta noite.

Quando chegamos a seu esplêndido apartamento gótico vitoriano perto do Central Park, Andrei está praticamente assobiando e parece feliz. O carro passa sob um arco ornamentado que leva a um pátio particular e entramos. Mantenho-me em silêncio durante todo o trajeto. Afinal, sei ser bem teimosa quando quero.

Quando entramos no elevador, Andrei me diz:

– Renata vai levá-la a seu quarto quando chegarmos. Você vai encontrar lá um vestido e um par de sapatos para usar esta noite. Você tem trinta minutos para se arrumar, e então vou esperá-la no salão de festas. Está claro?

Abro a boca para reclamar, mas então penso melhor. Posso estar eriçada com tudo isso, mas ainda preciso de Andrei do meu lado. Se ele quer agir como meu benfeitor, então que aja. Mas não pedi por nada disso. Não devo nada a ele. Ele precisa entender que um negócio só é um negócio se duas pessoas concordam com ele.

A governanta está esperando na porta do apartamento quando chegamos, e nos cumprimenta educadamente.

– Boa noite, Renata. Por favor, leve a senhora Villiers ao quarto branco, como combinamos – diz Andrei. Um mordomo surge das sombras do hall e ajuda Andrei a tirar o casaco. Ele se vira para mim. – No salão de festas. Em trinta minutos. Não me faça esperar.

– Pensei que isso fosse um direito das mulheres – devolvo acidamente, e sorrio para ele.

Ele me encara com a testa levemente franzida. Andrei não tem certeza se estou provocando ou não.

– Bem... não me faça esperar muito.

– Por aqui, por favor, senhora – diz a governanta, e a sigo pela escada de carpete alto em direção ao piso superior. O quarto branco fica no canto; com suas enormes janelas em forma de arco, tem uma incrível vista de Manhattan, com o parque escuro logo abaixo de nós. Como o nome sugere, tudo no quarto é branco: cada cadeira, almofada, moldura, tudo, incluindo um pequeno piano de cauda com um banco de couro branco. Olho para o piano e penso que é um desperdício, já que só sei tocar “O Bife”. É o segundo piano que vejo neste apartamento. Fico pensando se Andrei sabe tocar.

– Volto para buscá-la em meia hora – diz Renata educadamente.

– O banheiro fica atrás daquela porta. Seu vestido está pendurado no closet. Se a senhora precisar de qualquer coisa, por favor me chame pelo telefone ao lado da cama.

– Obrigada – respondo e então ela sai e me deixa sozinha.

Olho ao redor do quarto luxuoso e vejo a vista magnífica. Então vou ao banheiro tomar um banho.

O vestido que Andrei arrumou para mim é muito bonito e exatamente do meu tamanho. É vermelho, que parece ser uma cor que ele gosta de ver em mim. O corpo é envolto por um tecido de seda justo que se abre nas costas. O vestido é recatado, com os ombros cobertos, mas provocante na parte de baixo do pescoço. Meus braços estão nus e coloco em meus pés sapatos vermelhos de salto bem alto. Ao me olhar no espelho dando um giro para ver minhas costas, devo admitir que estou sexy. Só há tempo para escovar meu cabelo, amarrá-lo em um coque e fazer a maquiagem. Então alguém bate na porta e Renata está lá.

– Bom, a senhora está pronta – ela diz com um sorriso. – O senhor Dubrovski odeia ter de esperar. A senhora está muito bonita.

– Obrigada – respondo. Vestida de vermelho e saindo da segurança do meu quarto totalmente branco, sinto-me como uma vítima sendo levada ao sacrifício para agradar um deus raivoso. *Mas não sou nenhuma vítima. Vou deixar isso bem claro.*

Renata me leva até o salão de festas, a longa galeria com espelhos e lustres que Laura e eu visitamos alguns dias atrás. Nenhum dos lustres está aceso. Em vez disso, velas queimam em grandes candelabros de ouro colocados em pequenas mesas distribuídas por todo o salão. Em outra mesa perto da janela vejo uma garrafa de champanhe em um balde de gelo ao lado de dois copos finos de cristal. Não há sinal de Andrei.

Típico! Depois de toda aquela bobagem, é ele quem está me fazendo esperar!

Caminho pelo chão de madeira polida, andando com cuidado com meu salto muito alto em direção à janela. A vista é simplesmente irresistível. Ao longo das avenidas, o tráfego segue lentamente, as luzes dos carros parecem uma corrente de enfeite nas cores amarelo e vermelho. Tudo abaixo brilha e reluz, e o céu limpou um pouco para um tom azul-marinho.

– Você está linda. – Viro e vejo Andrei caminhando pelo salão em minha direção. Ele está muito bonito em um smoking, com camisa branca presa com botões de âmbar negro, e uma gravata borboleta de seda preta. Seus sapatos estão polidos e refletem como um espelho, e consigo sentir sua colônia de essência cítrica. – Essa cor fica perfeita em você.

– Obrigada – digo sorrindo. – Por me emprestar este vestido. – Coloco uma pequena ênfase na palavra “emprestar”, para que ele saiba como me sinto sobre isso.

Ele sorri para mim com um olhar esperto nos olhos azuis. Eles se suavizaram um pouco, o gelo neles desapareceu e Andrei parece quase humano novamente. Quando ele decide usar seu charme, certamente consegue. Ele tem presença e carisma nesse smoking bem cortado e é difícil ignorar o poder de seus ombros largos e grandes mãos, ou da atração bruta de suas feições e daqueles olhos pungentes.

– Tenho algo para você. Um presente. – Ele passa por mim e vai até a mesa onde o champanhe está gelando, para pegar uma pequena caixa preta que eu não havia notado antes.

Ando até ele hesitando. *E agora?*

Ele não a dá para mim, mas abre ele mesmo a caixa e me mostra seu conteúdo. Levo um susto. Sobre o cetim branco pregueado há um colar de enormes pérolas cinzas, cada uma delas perfeita.

– Não é para você me devolver isto – ele diz com firmeza. – Vire-se.

Eu me viro. O vestido tem um corte baixo atrás e percebo que estou mostrando boa parte das minhas costas para ele. Então o colar abaixa até mim, as pérolas pousam suavemente em minha clavícula e Andrei as puxa para que se prendam na base do meu pescoço. – Pronto – ele diz e solta o colar. – Deixe-me ver.

Viro-me novamente. Ele olha para meu pescoço com um sorriso no canto da boca.

– Muito bom. Veja você mesma.

Vou até um dos grandes espelhos dourados que estão pendurados no salão e vejo o colar. Realmente é lindo, as pérolas parecem pequenas esferas cinza em minha pele. Elas brilham com a luz das velas.

– Adorei – sussurro. Viro-me para ver Andrei, que está tirando o papel que cobre a rolha da garrafa de champanhe. – Mas claro que não posso aceitar um presente desses. É caro demais.

Andrei me dá um olhar impaciente enquanto arranca o arame em volta da rolha.

– Queria que você não ficasse mencionando o valor de tudo. Não achei que você seria tão grosseira sobre isso.

– Isso me deixa sob uma obrigação – respondo com firmeza. – Você sabe disso tanto quanto eu. Se eu pudesse dar a você o mesmo tipo de presente, então seria vulgar discutir o valor. Mas como não posso, não é grosseria, é honestidade.

– O que quer que seja, por favor, cale-se porque não estou interessado. – Andrei tira a rolha da garrafa habilmente com um estouro e coloca o champanhe nos dois copos. – O colar ficou divino em você, é assim que quero que você fique. Agora venha aqui.

Vou até ele e ele me entrega uma taça de champanhe.

– À nossa colaboração – ele diz, tocando a borda de sua taça na minha com um pequeno barulho.

– Nossa... colaboração – digo, e nós dois tomamos o líquido borbulhante, com os olhos fixos um no outro.

– Agora. – Andrei coloca seu copo de lado e sorri para mim. – Estamos em um salão de festas, por isso só há uma coisa a fazer. – Com essa deixa, uma valsa começa a tocar por um sistema de som oculto, o som cristalino como se uma orquestra estivesse no salão conosco. Ele levanta a mão para mim. – Senhora Villiers... será que eu poderia ter esta dança?

Olho para ele e então coloco minha taça na mesa.

– Sim – digo devagar. – Você pode.

Ele me pega em seus braços e me puxa para perto de seu peito. Uma mão fica na minha lombar, a outra pega minha mão e a segura com força. Sinto o calor de seu corpo vindo por trás da camisa e sinto também a pressão de suas coxas nas minhas quando ele começa a me conduzir na valsa. Agradeço aos céus por meu pai ter me ensinado alguns passos de valsa anos atrás, então sei me mover para trás e para os lados enquanto meu parceiro vira e me leva. Andrei é um ótimo dançarino, posso perceber. Mal preciso pensar no que estou fazendo, ele faz com que eu me mova sem esforço com ele. Consigo nos ver de relance pelos espelhos enquanto dançamos, um casal com suas elegantes roupas de noite se movendo graciosamente ao som da música. Minhas pérolas cintilam em meu pescoço e minha pele brilha à luz das velas. É como o sonho perfeito, e posso sentir que estou me perdendo dentro dele. Lá fora, a cidade parece acesa só para nós e a música inunda o salão, elevando meu espírito e fazendo me sentir como se estivesse voando, enquanto ele me conduz na dança pelo belo piso do salão.

De repente, sua boca chega perto de minha orelha.

– Tudo isso pode ser seu – ele murmura com a voz baixa. – Quero que você compartilhe isso comigo. Essa poderia ser sua vida. Seria lindo. Você é solitária e perdida, Beth, e eu também. Quero uma família, alguém para soprar vida em meu mundo, alguém que me dê alegria de verdade. Você é essa pessoa. Sei disso há muito

tempo. Seu amor é algo que vale a pena ter, sua graça e sua beleza iriam iluminar meu mundo. Beth... por favor... quero que você pense nisso hoje à noite.

Começo a me afastar dele, mas sua pegada é forte como ferro.

– Não diga nada agora. Não estrague o momento. Você quer resistir a mim, sei disso. Sua resistência é o que me dá certeza de que você é a pessoa certa para mim. Pense sobre isso. Conversaremos mais tarde.

Não digo nada enquanto ele me gira pelo salão, confusa pelo que ele está me dizendo. Quero falar não agora mesmo, para que Andrei não tenha ilusões, mas isso tudo é como se fosse um sonho, mal posso acreditar no que ouvi. A música acaba e olho para ele, sem fôlego. Ele leva minha mão a seus lábios e a beija.

– Obrigado, isso foi lindo. E agora, o carro nos aguarda.

No hall, a governanta traz um lindo casaco de caxemira e me ajuda a vesti-lo. Coloco meu telefone no bolso, enquanto ela coloca um cachecol sobre meus ombros, e o mordomo de Andrei traz o casaco e as luvas. Então descemos de elevador até o carro que nos espera. Em menos de dez minutos chegamos ao restaurante, um lugar de toalhas de linho grossas, pratarias, cristais e ruídos de conversas sofisticadas. Todos os olhos se voltam para nós ao entrarmos, e ouço cochichos com o nome de Andrei. Claro, ele deve ser famoso na cidade.

Somos levados a uma grande mesa e recebemos todas as cortesias e um serviço atento. Andrei faz os pedidos para nós e mantém a conversa enquanto aguardamos nossa refeição, contando-me sobre a visão que tem para seu apartamento em termos de arte. Ele me diz que quer obras-primas modernas. E grandes nomes também. Se um Picasso ou Van Gogh aparecer, ele está seriamente interessado. Eu o escuto em um torpor, respondendo quando necessário. Os pratos chegam e são primorosos: ótima cozinha francesa clássica, e cada prato é uma obra de arte em si. Não me sinto com tanta fome até provar a comida, e então meu apetite

explode e acorda. Os sabores são tão intensos que sinto como se estivesse vivendo em outro nível quando como.

É quando acabamos de comer o prato principal que Andrei para de falar por um tempo e olha para a toalha de mesa, batucando com os dedos nela. Eu o observo, com uma espiral de ansiedade girando em meu estômago. Fui atraída para uma armadilha; será que é agora que as portas se fecham? Como vou sair dessa?

– Então, Beth – Andrei diz. Ele dá um gole do vinho tinto e percebo com um pouco de surpresa que ele está nervoso. – Você ouviu o que eu disse no salão de festas. Quero que saiba que estou falando muito sério. Acredito que ter você é necessário para minha felicidade no futuro. Quero que você cuide de minhas casas e dê existência para minha família. Quero que você seja parte integral da minha vida.

– Bem, tudo isso é muito romântico – digo, tentando rir e tornar mais leve o que ele está dizendo. – “As pessoas deveriam aprender com você e reescrever as juras de casamento. Você, Beth, aceita ser parte integral da minha vida?”

Suas mãos param de se mexer e seus olhos brilham quando ele olha para mim.

– Não brinque com isso, Beth. É muito importante. Nunca falei tão sério.

Olho para ele. Minhas mãos estão tremendo levemente e eu as escondo sob a toalha da mesa.

– Você sabe que não posso fazer isso – digo tentando usar a voz mais firme que consigo. – Aprecio muito o que você disse para mim... fico lisonjeada. Mas não sou a pessoa certa para você, Andrei. Você merece alguém que o ame.

Ele abaixa o olhar para a mesa e contrai a mandíbula. Ele volta a bater na mesa com os dedos.

– Você diz isso porque ainda está enfeitiçada por aquela cobra, o Stone. Mas você está errada. Você iria me amar se me desse chance. Você me viu no orfanato. Sabe que tenho um bom coração, que sou um bom homem. Você pode me amar. Você vai me amar.

– Não se pode forçar isso, Andrei – digo gentilmente, sentindo pena dele, de repente. – Você não pode obrigar alguém a amá-lo, ou

comprar o amor. Isso não é possível.

Andrei olha para mim e jamais vi seus olhos mais duros e determinados.

– É possível – ele retruca. – Pretendo tornar isso possível. Viver comigo será sua única opção.

– O que você quer dizer? – Não consigo disfarçar o medo em minha voz. Sei que ele é impiedoso. Até onde iria para me obrigar a fazer o que ele quer?

– Primeiro você deve saber que Dominic Stone será completamente destruído. Sei o que ele está aprontando e pretendo atacá-lo de todas as maneiras possíveis. Ele vai sentir o poder de meus advogados, o poder das minhas conexões e, se necessário, a força de meus punhos caso ele não me obedeça.

Encaro Andrei, sentindo medo de verdade dele pela primeira vez na minha vida. *A força de meus punhos? Isso parece bem, bem ruim.*

– O que o faz pensar que vou querer ficar com você caso faça tudo isso? – pergunto, tentando permanecer calma e racional.

– Se você concordar com minha proposta, estou preparado para oferecer uma anistia a Stone. Você pode dizer a ele que ele tem até o fim do ano para voltar a trabalhar para mim; esquecerei todas as ofensas e oferecerei uma proposta bem favorável. Depois desse prazo, ele perderá a chance para sempre.

– Muito tentador – digo sarcasticamente. – Depois dessa, tenho certeza de que ele vai ficar desesperado para trabalhar com você novamente.

Andrei olha furiosamente para mim.

– Você não sabe o que é bom para você, Beth. Você não sabe como ser feliz. Eu sei. É por isso que estou disposto a aceitar Dominic de volta por você. E é por isso que estou disposto a continuar protegendo Mark.

Fico paralisada. Uma sensação fria e pegajosa percorre minha pele.

– O quê?

– Você me ouviu. Se estiver ao meu lado, vou proteger Mark pelo resto da vida dele. Caso contrário, se você continuar sendo teimosa,

então estou preparado não apenas para arruinar a reputação profissional de Mark, mas para processá-lo por malversação. E posso garantir uma coisa: não vou parar até que ele tenha perdido tudo. Estou disposto a vê-lo na cadeia. – Andrei olha para mim com os olhos azuis frios e então continua com a voz baixa. – Você quer isso, Beth?

Tenho um sobressalto. Isso é inacreditável. Um minuto atrás ele me lembra como é bom para os órfãos, e no minuto seguinte me chantageia a ser sua parceira ameaçando destruir tudo o que Mark construiu ao longo dos anos. Ele pode destruir meu amigo gentil e leal sem pensar duas vezes.

– Isso iria matar Mark – digo sussurrando, e meu lábios quase se recusam a se mover. – Você sabe disso. É uma sentença de morte.

Andrei sorri para mim, o sorriso frio de um tubarão.

– Então fique comigo e todo mundo vai se beneficiar. Mark, eu e, principalmente, você, Beth. Gostaria que pudesse ver isso. Você terá tudo no mundo, qualquer coisa que deseje será sua.

– Exceto amor verdadeiro – digo em uma voz esganiçada. – Você se esqueceu disso, Andrei. – Consigo me levantar e jogo meu guardanapo na mesa. – Com licença, por favor. Vou ao toalete.

Ele acena com a cabeça e não me demoro. Em vez disso, me afasto da mesa e ando pelo restaurante o mais rápido que posso em meu salto fino. Um garçom me aponta a direção dos banheiros e empurro as portas até me encontrar no silêncio reconfortante do toalete feminino. Vou até o espelho e vejo meus olhos assustados e o rosto pálido.

– Não posso acreditar que ele faria isso – digo a mim mesma, com o horror estampado no rosto. – Será que ele faria mesmo? Será? Ah, meu Deus! – Estou mesmo em uma armadilha? Será que causarei a ruína, a desgraça e, provavelmente, a morte de Mark? Será que Dominic vai ficar à mercê dos capangas e bandidos de Andrei? E se Andrei mandar o matarem?

– Não! – sussurro. – Não.

Lágrimas inundam meus olhos quando começo a sentir o estresse do dia. Estou exausta e sinto como se estivesse vivendo um pesadelo. Como fui parar nessa situação? Parece que quanto mais

rejeito Andrei, mais ele se convence de que sou a mulher certa para ele. Como vou sair dessa? Tento controlar minhas emoções, mas não consigo. Começo a soluçar e, quando começo, não consigo mais parar. Pego uma toalha e a pressiono contra o rosto, chorando muito.

Choro por um minuto ou mais, quando subitamente sinto uma mão em meu ombro e ouço uma voz gentil.

– Ei... você está bem? Pergunta idiota, óbvio que você não está. Posso ajudar?

Olho para cima, ainda soluçando e fungando, e vejo um par de olhos castanhos em um rosto suave e bonito. É uma mulher de trinta e poucos anos, elegante e muito bonita, com um cabelo preto liso e brilhante. Ela olha para mim com dó e preocupação.

– Sinto muito – digo engasgando.

– Não sinta, você não tem que se desculpar – ela diz com sua voz suave e musical. – Qual é o problema?

– Estou com um homem – digo e sinto o alívio de poder compartilhar um pouco do que está me oprimindo. – Ele está me forçando a ficar com ele, mas eu amo outra pessoa. Ele sabe que não me sinto assim por ele, então está fazendo chantagem emocional para me obrigar.

A mulher parece espantada.

– Mas isso é horrível! – ela exclama. – Que machão! O que o homem que você ama acha disso?

– Ele ainda não sabe.

– Então você precisa contar para ele agora mesmo!

– Não sei onde ele está! – lamento, vencida novamente pela minha situação desesperadora. – Sinto saudade dele. Realmente preciso dele. Mas é mais complicado do que consigo explicar. Oh, Deus. Não sei o que fazer.

A mulher olha para mim com olhos determinados e segura minha mão.

– Você não pode deixar esse homem oprimi-la. Ele provavelmente está só ameaçando, os machões são assim. Fuja dele e não olhe para trás!

Balanço a cabeça e fungo, ainda soluçando.

– Você não entende. Ele é capaz de tudo.

– Então você não pode voltar para ele – a mulher diz com uma voz encorajadora. – Ele parece ser bem perigoso.

Agora que estou mais calma, percebo o que estava me incomodando na mulher desde que ela começou a falar, e digo quase espantada:

– Você é britânica!

– Isso mesmo – ela responde sorrindo. – E você também. Temos de nos unir. Escute, não vou deixar você voltar para este homem. Você vai sair comigo. Eu já estava indo embora mesmo. Você pode dormir no meu apartamento, não fica muito longe daqui.

– Mas todas as minhas coisas estão no apartamento desse homem. Ele está com tudo... minhas roupas, minhas coisas de trabalho... – Olho desamparada para ela. Além do mais, se deixar Andrei dessa forma, quem garante que ele não vai ficar furioso a ponto de cumprir suas ameaças?

– Não se preocupe com isso – a mulher diz com firmeza. – Vamos mandar meu irmão lá pegar suas coisas. Ele saiu para encontrar a namorada. Assim que ele voltar, vou pedir a ele que faça esse cara devolver tudo que é seu e vamos chamar a polícia. Aposto que você vai ver que ele não é tão durão assim. – Ela sorri para mim. – Estou falando sério. Você não pode voltar para ele. Se você ceder a alguém assim, ele vai submetê-la a todas as vontades dele. Você quer isso?

Balanço a cabeça.

– Não – ela diz. – Você certamente não quer! Agora vamos. Vamos pegar seu casaco na chapelaria e vou até lá dizer a esse homem que você vai voltar comigo. Espere em um táxi lá fora e já me encontro com você. Sem discussão!

Sinto-me cansada demais para discutir. Quero dizer a ela que o plano é muito perigoso, mas a forma como ela fala faz tudo parecer tão maravilhosamente simples. Talvez eu devesse simplesmente deixar essa mulher assumir o controle.

– Está decidido – ela afirma. – Agora, vamos. Você precisa sair daqui o quanto antes. Diga qual é a mesa em que você está e como é esse homem. Vou lá falar com ele agora mesmo.

Capítulo Doze

O que estou fazendo? Isso não vai deixar Andrei irritado e fazê-lo cumprir suas ameaças?

Estou sentada no banco de um táxi que está aguardando em frente ao restaurante com o motor ligado. Imagino que o carro de Andrei esteja em algum lugar por perto esperando ser chamado por ele. Estou tremendo e me aperto um pouco mais contra meu casaco preto de caxemira.

Isso é loucura! Não tenho nada. Até as roupas que estou usando não são minhas!

Ouçõ o barulho de saltos batendo na calçada e a porta do táxi se abre e minha nova amiga entra e senta ao meu lado. Ela informa o endereço para o motorista e partimos.

– O que ele disse? – pergunto.

Ela me olha de lado, por baixo dos cílios pretos curvados.

– Você não me disse que seu amigo era Andrei Dubrovski.

– Ah... sim... eu devia ter falado. – Tinha me esquecido de que Andrei era bem conhecido na cidade.

– Ele é uma pessoa bem intimidadora. Ouvi muita coisa dele. Então tive de fazer uma pequena mudança nos planos. Eu disse a ele que você tinha passado mal no toailete e eu iria cuidar de você. Disse que a levaria de volta quando estivesse se sentindo melhor.

– Ele acreditou nisso?

Ela dá risada.

– Não tenho certeza. Mas ele quis acreditar. Ele me pediu para levá-la ao apartamento dele e me deu seu cartão. Eu disse que você deveria ficar com uma mulher por enquanto, e isso o calou. Mas ele não sabe meu nome nem meu endereço, então você está segura por enquanto.

– Não por muito tempo – digo com uma voz anestesiada.

Vou precisar voltar para ele, sei disso. Estou começando a perceber que Andrei conseguiu me cercar. Não tenho escolha agora. Vou precisar explicar tudo isso para Dominic, de alguma forma. Sinto que meu coração está partindo. Logo quando encontramos um jeito de voltar, vamos ser separados novamente. E dessa vez é para sempre.

– Você vai se sentir melhor de manhã – ela diz com confiança. – Sempre há uma saída para isso, não se preocupe.

Então meu telefone vibra com uma mensagem. Eu o pego para ver.

Rosa, onde você está? Seu patrão precisa de você.

Tomo um susto. *Dominic!* O que isso significa? Onde ele está? Não respondo na hora, meu cérebro está girando com a possibilidade de que ele esteja em Nova York. O que devo fazer? Estou desesperada para contar a ele tudo o que aconteceu, mas na hora fico em dúvida se isso é o melhor a fazer. Sei que Dominic vai rir na cara de Andrei com a oferta dele. Provavelmente ele vai querer encher de porradas seu antigo chefe. E isso seria o atestado de óbito de Mark. Olho para meu celular, pensando no que fazer.

Rosa, você decidiu servir outra pessoa? Foi isso? Me disseram que você saiu com um homem esta noite levando sua bagagem. Eu perdi a minha Rosa?

Oh, meu Deus, ele está em Nova York? Minha respiração fica acelerada e estremeço de empolgação. Quero ligar para ele agora mesmo, mas não posso com minha nova amiga no táxi comigo.

– Você está bem? – ela pergunta, me observando. – Não é ele, é? Ele não está te ameaçando, está?

– Não, não – respondo rapidamente. – É meu outro amigo. – Escrevo rapidamente para ele.

Senhor, Rosa o adora e deseja servir só ao senhor. Ela lhe oferece suas humildes desculpas e deseja que o senhor se reúna a ela.

A resposta chega rápido.

Onde você está, Rosa? Está tudo bem?

Digito outra mensagem.

Sim, mas não sei onde estou. Vou avisar assim que souber, muito em breve.

O celular vibra quase imediatamente.

Tudo bem. Vou esperar você me avisar.

Leio a mensagem dele e me sinto um pouco mais esperançosa. Ele deve estar aqui em Nova York. Oh, Deus, espero que seja verdade! Cada célula do meu corpo deseja estar com Dominic. Se conseguir vê-lo e tocá-lo novamente, com certeza tudo vai ficar bem.

Nessa hora o telefone de minha amiga vibra e ela o pega para conferir.

– Ah, que bom – ela diz depois de um momento. – É meu irmão. Ele está a caminho, provavelmente com a namorada. Podemos enviá-lo até o apartamento de Dubrovski para pegar suas coisas. – Ela olha pela janela. – E aqui estamos, em casa.

O táxi para em frente a uma casa geminada alta e descemos. Ela paga o taxista e vai subindo na frente, na escadaria de degraus gastos.

– Lar, doce lar! – ela diz e destranca a porta branca.

Logo estamos no corredor aconchegante de uma casa elegante, mas antiga. É estilosa, com móveis modernos de linhas limpas, e bem decorada com livros e fotos. Vejo ocasionalmente um par de sapatos ou um jornal jogados sobre o piso de madeira polida, e as

poltronas parecem gastas. É um alívio estar em uma casa de verdade depois de todos aqueles hotéis e do apartamento sem alma de Andrei.

– Venha cá – diz minha amiga, pendurando o casaco em um antigo cabideiro. – Jogue suas coisas em qualquer lugar. Tire os sapatos, se quiser. Tem umas pantufas na escada. Vou pegar uma blusa para você, senão você vai congelar nesse vestido, apesar de ser lindo.

Enquanto me leva para a sala, ela diz:

– Falando nisso, meu nome é Georgina. Pode me chamar de Georgie. Qual é o seu?

– Beth – respondo, sentindo-me um milhão de vezes melhor por estar em um lugar normal.

– Beth? – Ela faz uma careta. – Que estranho. – Então ela volta a agir como antes. – Você quer algo? Café? Chá? Algo mais forte? Tenho vinho ou uísque se você precisar de uma chacoalhada!

– Chá está ótimo, obrigada – digo agradecida.

– Sim, o velho e bom chá britânico. Trago de casa sempre que posso. Eles não sabem fazer aqui.

Fico feliz de poder tirar os sapatos de salto e colocar as macias pantufas de lã forradas com pelos. Georgina pega uma blusa atrás da poltrona e entrega para mim. Ela desaparece para ir fazer chá, visto a blusa e me reconforto em seu aconchego. Enquanto aguardo Georgina voltar, dou um giro pela sala para ver as estantes, observando as fotos e a lombada dos livros dela.

A noite não foi mesmo o que eu esperava. Achei que iria jantar no quarto do hotel e dormir cedo, deixar tudo arrumado para voar para casa e fazer uma lista de presentes de Natal para comprar. Agora estou na casa de uma estranha em Nova York, com um vestido de festa e sem minha bagagem. Pego algumas das fotos nas estantes. Elas mostram Georgie com seus amigos, nas rampas de ski, na praia, passeando, ou toda arrumada em bailes, festas e casamentos. Uma foto colorida e desgastada mostra dois adultos e duas crianças em pé na varanda de uma casa em algum lugar exótico e quente. Examino essa foto mais de perto. As crianças são um menino e uma menina, que é um pouco mais velha, os dois de cabelo escuro e

olhos castanhos. A garota é Georgie, tenho certeza disso, apesar da diferença que há entre a menina de cabelos curtos e pernas desengonçadas e a mulher elegante na cozinha. O garoto deve ser o irmão mais novo: ele tem olhos parecidos com os dela, com o mesmo tom escuro. Os dois estão bronzeados. Atrás deles estão seus pais, o homem vestido com um terno formal e a mulher com um vestido florido de verão e um chapéu. Coloco a foto de volta na estante e caminho até a lareira, onde há mais fotografias em molduras prateadas.

Georgie volta com uma caneca de chá fumegante, que coloca na mesa de centro.

– Aqui está – ela diz alegremente. – Sente-se e fique confortável.

– Obrigada – respondo. – Estava olhando suas fotografias, espero que não se importe.

– Claro que não.

Aponto para a fotografia das duas crianças com os pais e digo:

– Aquela é você?

Georgie vê para onde estou apontando e confirma com a cabeça.

– Sim, eu, meu irmão e meus pais. Os dois já estão mortos.

– Oh... sinto muito. – Ela parece ser bem nova para já ter perdido os pais.

– Sim, é chato, mas são as coisas da vida. Meu pai trabalhava demais e minha mãe bebia demais. Ela era a esposa de um diplomata e vivia entediada pelas festas sem fim a que era obrigada a comparecer. Ainda mais que vivíamos no exterior e ela morria de saudade de casa. No fim, os coquetéis se tornaram seu único consolo. – O rosto de Georgie fica saudoso. – E eles a mataram no fim. Ela tinha só cinquenta anos.

– Que triste – digo suavemente.

Georgie sorri.

– Sim. Ainda sinto falta dela. Isso tudo me transformou em uma fanática por saúde, para dizer a verdade. O que não é ruim... talvez possamos aprender algo com o erro dos nossos pais.

Imagino se ela tem um companheiro ou marido para confortá-la agora que perdeu os pais, mas não há sinal de alguém mais vivendo

aqui e sinto que seria falta de educação perguntar. Penso na outra criança em pé na varanda da fotografia.

– E seu irmão mora em Nova York também?

Ela suspira com um sorriso ansioso.

– Quem me dera. Mas ele é elétrico demais para ficar em um lugar por muito tempo. Adoro meu irmão, mas manter contato com ele não é fácil. Ele tem o hábito de desaparecer por meses de vez em quando. Só hoje soube que ele estava aqui na cidade. Não achava que ia vê-lo antes do Natal.

Então a campainha toca e Georgie diz:

– Deve ser ele. Não vou demorar.

Ela sai e eu me viro para a lareira. Uma grande foto chama minha atenção. Ela não está emoldurada e está apoiada atrás de algumas outras. Eu a pego. Vozes chegam do corredor.

– Oi, querido. Então, onde ela está?

A resposta chega com uma voz masculina e grave.

– Ela não pôde vir. Sou só eu.

Na mesma hora em que puxo a fotografia, a voz me perfura como uma flecha. Percebo que estou olhando para a foto de Georgie e Dominic, os dois com as cabeças coladas, o rosto sorridente, seus rostos tão parecidos com o mesmo tom de pele e o mesmo olhar. E sei sem sombra de dúvida que a voz que acabei de ouvir é a de Dominic.

Tomo um susto, atordoada ao perceber isso, e me viro para a porta. Lá está Georgie. Ela está dizendo: “Beth, este é meu irmão Dominic” e se vira para fazer um gesto ao homem atrás dela. Fico paralisada e incrédula ao ver Dominic lá, alto, lindo, a visão que eu mais queria ter nesse mundo. Ele me encara com espanto e então um enorme sorriso surge em seu rosto.

– Beth! – ele exclama e vem rápido até mim, com os braços abertos. Corro até ele e me perco em seus braços. Estou meio rindo e meio chorando, mas inundada de alívio e alegria por estar com ele. Seu corpo é quente e delicioso e nunca mais quero deixá-lo partir, nunca mais.

– Você tem uma capacidade infinita de me surpreender – ele diz carinhosamente, me beijando na cabeça. – Logo quando achei que

tinha te perdido, o destino a traz de volta para mim. – Ele se afasta para que consiga me olhar no rosto. – Mas o que você está fazendo aqui?

– Espere um segundo! – diz Georgie, que está parada com a mão na cintura, completamente espantada. – Você está me dizendo que essa é a *Beth*? A sua Beth, que você iria encontrar hoje à noite?

Dominic se vira com um sorriso para ela, os olhos brilhando.

– A própria. Ela não estava no hotel quando cheguei lá. Naquela hora fazer uma surpresa não me pareceu mais uma boa ideia. Como você a encontrou?

Georgie parece preocupada e diz:

– Dom, posso falar com você um instante? – Ela o chama para ir ao corredor.

Ele reluta em me soltar, posso sentir, mas acaba dizendo:

– Claro.

Dominic vai atrás dela. Fico na sala de estar, exultante e feliz, mas consigo ouvir o que estão dizendo lá atrás.

– Dom, essa garota está envolvida com Andrei Dubrovski! – Georgie está cochichando. – Eu a encontrei chorando no banheiro de um restaurante porque ele está tentando forçá-la a ficar com ele! Você sabe como isso é perigoso? Seu passado com ele está longe de ser amenidades e gentilezas. Ele não vai deixar barato você roubar a namorada dele!

– Não estou roubando nada nem ninguém – Dominic responde calmamente. – Beth e eu estamos juntos desde antes de ela conhecer Andrei.

– O quê? Como?

– É uma longa história. Conto tudo sobre isso um dia.

– Mas o Dubrovski está com as coisas da Beth. Eu iria mandá-lo lá pegar as coisas dela, mas já não acho que isso seja uma boa ideia.

– Ele acha que basta querer para ficar com ela. A Beth não vai deixar isso acontecer e nem eu. Agora... vamos voltar e incluí-la na conversa, não gosto de falar dela desse jeito.

Eles voltam para a sala. Georgie parece envergonhada e ansiosa, enquanto Dominic parece forte e feliz. Ele vem diretamente até mim e coloca o braço ao meu redor.

– Parece que algumas coisas malucas andaram acontecendo. O Andrei voltou a aprontar as dele?

Confirmo com a cabeça, sentindo que aquele peso terrível que estava me oprimindo está sendo tirado dos meus ombros.

– Ele está pior que nunca.

– Quero que você me conte tudo. – Ele sorri para mim, com seus olhos castanhos cálidos e carinhosos. – Mas, primeiro, vamos sentar e conversar um pouco. Eu ia fazer uma surpresa para você essa noite, mas, como sempre, sua surpresa foi maior e melhor que a minha. Georgie, que tal fazer um pouco de chá para mim? Senti falta do seu chá. – Ele se vira sorrindo para ela.

Georgie balança a cabeça e dá um suspiro, como se ele fosse um caso perdido, mas ela não resiste ao seu charme.

– Está bem, Dom. O chá está vindo.

Assim que estamos sozinhos, Dominic me puxa para perto dele.

– Ah, Deus, como é bom ter você de volta – ele diz com a voz rouca e me dá um beijo, primeiro com os lábios carinhosos, mas que logo se torna um beijo apaixonado, quando minha boca se abre com a dele. Quando enfim nos afastamos, com alguma relutância, ele diz:

– Graças a Deus você está bem. Fiquei muito preocupado quando fui até seu hotel e me falaram que você tinha saído.

– O Andrei tem me seguido – explico a Dominic, que me leva até o sofá e senta-se comigo, segurando minha mão. – E ele está me pressionando como nunca antes. Está fazendo ameaças contra você e contra Mark. E ele deixou claro que me quer ao lado dele.

Os olhos de Dominic brilham perigosamente e ele diz:

– Ele quer, é? Bem, ele vai ter de aprender que não dá para conseguir o que quer com ameaças e suas táticas de intimidação. Pode vir. Se ele quer briga, ele conseguiu.

Coloco a mão em seu joelho e digo assustada:

– Por favor, Dominic, você não sabe como ele é... as coisas que ele disse. Não vou suportar se ele machucá-lo.

– Pelo contrário – Dominic responde. – Sei exatamente como ele é. É por isso que ele está agindo assim. Andrei quer me derrubar porque conhece suas fraquezas. Eu estava disposto a lidar com ele

de forma honrosa e manter os segredos que ele confiou a mim quando trabalhei para ele. Mas ele deixou claro como vai agir daqui para a frente, e por mim tudo bem. Ele vai se arrepender disso.

– O que você vai fazer? – Estou assustada com a possibilidade de Dominic encarar alguém poderoso como Andrei, mas ele parece mais forte e confiante do que nunca.

– Tenho uma ideia ou outra – ele responde misteriosamente. – Mas não vamos falar dele agora. Espere até chegarmos ao meu apartamento.

– Seu apartamento? – repito intrigada.

Dominic confirma com a cabeça.

– As coisas estão mudando, Beth. O trabalho que fiz nas últimas semanas está valendo a pena. Tenho alguns investidores grandes se associando a mim e minha companhia está para se tornar uma das grandes no mundo da mineração e *commodities*. Estou montando um escritório aqui em Nova York e outro em Londres. Dubrovski não vai gostar de saber quem são meus novos parceiros... principalmente porque são pessoas com quem ele tentou se associar no passado e não conseguiu. – Dominic me puxa para perto dele. – Meu assistente aqui alugou um apartamento para mim até eu encontrar algo que queira comprar no ano que vem.

Olho para Dominic. Ele é seu próprio chefe agora, e isso lhe cai bem. Percebo que ele ansiava por esse dia desde que o conheci, e agora ele é como um predador que acabou de acordar e está esticando as costas e contraindo os músculos, preparando-se para a caçada.

Georgie volta para a sala com mais duas xícaras de chá, as coloca na mesa e senta-se na poltrona. Ela parece um pouco mais feliz agora.

– Ainda não consigo acreditar – ela diz, balançando a cabeça e olhando para mim e para Dominic. – Quando você me disse que seu nome era Beth, achei estranho porque Dom estava indo encontrar uma Beth, mas nunca me passou pela cabeça que vocês poderiam ser a mesma pessoa!

– É estranho – concordo, sorrindo para ela, minha mão ainda apertando forte a mão de Dominic. Olho para ele. – Ele nunca nem

me disse que tinha uma irmã!

Dominic faz uma careta e diz vagamente:

– Não disse, é?

– Não, nunca!

Georgie entrega a ele uma xícara fumegante de chá.

– Devo dizer que isso não me surpreende nem um pouco, Beth. Eu também não fazia ideia de que você existia até hoje. – Ela lança ao irmão um carinhoso olhar de reprovação. – Você precisa aprender a compartilhar mais as coisas, Dom.

– Vou tentar – ele responde sorrindo, bebendo da xícara. – Obrigado pelo chá.

– Você precisa dar um jeito nele, Beth – Georgie diz para mim enquanto senta.

Sorrio para ela. Estou adorando ver Dominic nesse ambiente familiar. Sinto-me mais ligada a ele do que nunca, agora que fui aceita por sua irmã. *Ela considera que estamos juntos como namorados normais.* Esse pensamento me enche de alegria.

– Falando nisso, Georgie – Dominic diz –, acho que minha visita vai ser um pouco mais curta do que o planejado. Vou levar a Beth.

– Imaginei que você iria dizer isso – Georgie diz sem mágoa. – Bem, foi ótimo poder vê-lo, mesmo que a visita tenha sido curta.

– Vou aparecer bem mais no futuro – Dominic diz. – Passarei metade do ano trabalhando aqui.

– Que bom – Georgie diz empolgada e parece bem feliz. – Sinto falta do meu irmão caçula, quero te ver mais! – Ela se vira para mim. – E você, Beth? Onde você mora?

– Em Londres – respondo e subitamente sinto um vazio ao perceber que vou ficar sem Dominic por pelo menos seis meses no ano. Então sinto sua mão apertar a minha.

– Por enquanto – ele diz carinhosamente, e uma explosão de felicidade se irradia por mim quando ele sorri para mim.

Meia hora mais tarde estamos passando pelas ruas de Nova York em um carro esporte prateado.

– Sua irmã foi muito gentil. Ela iria me deixar ficar na casa dela. Espero que não ache que fui mal-educada.

– Com certeza ela não acha isso – Dominic responde, de olho nas ruas.

Paro por um momento e então digo:

– Sabe, você nunca me falou muito de você mesmo. Não falou nada sobre Georgie nem sobre seus pais. Fiquei triste por saber que os dois já faleceram.

Há silêncio enquanto Dominic olha para a avenida à nossa frente e então ele responde suavemente:

– Você sabe que sempre achei difícil me abrir sobre esse tipo de coisa. Mas fico feliz que você tenha conhecido a Georgie, feliz mesmo. E vou compartilhar mais de mim com você, prometo.

Fico feliz por ouvir isso, mas não quero forçar mais, não agora, então digo:

– Teria sido bom ficar um pouco mais com a Georgie e conhecê-la melhor.

– Hmm. – Dominic lança um olhar cheio de intenções. – Espero que você entenda, mas não posso fazer todas as coisas que pretendo fazer com você no quarto de visitas da casa da minha irmã. Não é bem meu estilo.

Sinto um tremor de deliciosa antecipação. Essa noite promete terminar de uma forma que jamais teria imaginado quando estava soluçando no banheiro do restaurante horas atrás.

Dominic nos leva com habilidade em meio ao tráfego de Manhattan e subitamente pega um desvio e desce em uma garagem subterrânea. Ele para o carro e olha para mim, o rosto envolto em sombras.

– Aqui estamos – ele diz carinhosamente.

Meu coração fica acelerado, batendo forte em meu peito enquanto a adrenalina da excitação começa a correr por mim. Dominic abre a porta, sai do carro, dá a volta e abre minha porta. Ele me dá sua mão e eu a pego. No que me ajuda a sair do assento rebaixado, ele me puxa de repente e vou parar em seus braços. Ele me abraça forte, acariciando minhas costas e nádegas com a mão. Estou olhando diretamente em seus olhos, vendo o desejo que

queima dentro deles, e então Dominic cola sua boca na minha e nos beijamos. Eu me entrego completamente a ele, abrindo minha boca e deixando sua língua tomar posse da minha. Ele tem um gosto glorioso. Quero bebê-lo inteiro, absorvê-lo em meu ser, tornar-me uma só com ele. Inclino a cabeça para trás e me afundo em seus braços. Ele me puxa e sinto a curva fechada do teto do carro em minhas costas. Dominic está com o joelho entre minhas coxas, abrindo minhas pernas gentilmente e pressionando o corpo contra mim. Sinto o volume duro em sua virilha e suspiro com a prova de seu desejo.

– Quero você aqui mesmo – ele diz com a voz baixa. – Mas... – ele olha para a câmera de segurança no teto que está focada em nós. – Não quero que os guardas se divirtam com a gente. Vamos para cima.

Tenho de engolir em seco e recuperar o equilíbrio. Estava pronta para deixá-lo me comer ali mesmo, em cima do carro ou no chão oleoso da garagem. Em vez disso, ele pega minha mão e me leva até o elevador. As portas se abrem logo em seguida e entramos no interior espelhado. Olho para cima, ciente do olho negro da câmera de segurança.

– Eles que se fodam – diz Dominic. – Quero te beijar.

Enquanto o elevador sobe, ele me puxa e me beija com força, sua língua febril em minha boca e a minha na dele. Somos insaciáveis um pelo outro, meus dedos em seu cabelo puxam sua cabeça até mim, seus braços firmes em minha volta, uma das mãos no meu pescoço acaricia os pontos sensíveis sob minha orelha e minha garganta. Quero gemer e implorar, pedir para que ele me possua agora mesmo, não importa quem esteja assistindo, mas, em vez disso, me delicio com a paixão de nosso beijo. Sei que vou conseguir o que quero em breve.

Então o elevador para e a porta se abre. Pisco, aturdida, como se tivesse acabado de acordar de um sonho intenso.

– Venha – murmura Dominic, pegando minha mão. Ele me leva do hall até uma porta que se abre com um código digitado em um aparelho ao lado dela.

Lá dentro, estamos em um grande apartamento com vista panorâmica da cidade com janelas que vão do chão ao teto. O lugar é simples e novo, com apenas o mínimo de móveis.

– Alugado – Dominic diz ao fechar a porta atrás de nós. – Não vou ficar aqui por muito tempo, mas vai servir por enquanto.

Eu me viro para ele e abro o casaco, exibindo o vestido vermelho e os sapatos de salto alto. Dominic me aprecia com o olhar.

– Você está fantástica – ele diz. Então ele percebe as pérolas no meu pescoço. – Isso é novo?

Eu levanto as mãos e abro o colar. Jogo-o no bolso e deixo o casaco cair no chão.

– Um adorno emprestado – respondo. – Acho que ele vai desaparecer quando der meia-noite.

Dominic olha para o relógio.

– Já é quase meia-noite.

– É por isso que eu precisava tirá-lo – respondo. Abro o zíper na lateral do vestido. Então, com um bamboleio, deixo a seda vermelha deslizar pelo meu corpo até cair a meus pés. Dou um passo para o lado e fico diante de Dominic só de calcinha e sutiã. Deixo seu olhar viajar por meu corpo e então tiro os sapatos.

– Pronto – digo. – Agora o encanto está desfeito.

– Você está livre do encanto – ele diz cheio de intenções.

– Sempre estive – retruco. – Ele nunca conseguiu me prender na torre, por mais que quisesse.

Dominic dá um passo em minha direção.

– Beth...

Meu coração dispara ao ouvir isso.

– Beth? E não... Rosa?

Ele sorri para mim, um delicioso sorriso torto que faz meu estômago girar só de ver.

– Adoro a Rosa. Ela é carinhosa, tão dedicada, tão... submissa. Me dá muito prazer ensinar Rosa a ser obediente e mostrá-la do que ela é capaz. Espero ter essa oportunidade muitas vezes no futuro. – Ele dá outro passo em minha direção e sua proximidade deixa meus sentidos fora de órbita. – Ela também fez algo muito importante. Ela me trouxe de volta a você, Beth. – Agora Dominic está tão perto que

consigo sentir o calor emanando dele, consigo sentir seu cheiro maravilhoso. Isso me dá vertigem e me deixa mole com o desejo. – Rosa é minha amiga... mas, Beth... você é meu amor.

Respiro fundo. Ouvi-lo dizer isso é incrível e maravilhoso. *Ele me ama!* Sabia disso, de alguma forma, mas ouvir é arrebatador.

– Eu te amo – sussurro de volta.

Ele passa a mão gentilmente pelo meu ombro e no meu peito, com os dedos deixando uma trilha quente sobre meus seios, que começam a subir e a descer com o ritmo acelerado da minha respiração. Seu toque está me deixando acesa, mas há algo diferente nisso. Não sou Rosa hoje à noite, e esse homem não é meu mestre. Não vamos brincar de castigo, para acordar meus sentidos e me deixar louca de desejo. Em vez disso, sinto carinho em cada toque de sua mão, como se ele estivesse maravilhado com a maciez da minha pele e a sensação deliciosa dos meus seios, da mesma forma que fico maravilhada com sua beleza. Ele me pega pela mão e me leva por um corredor até o quarto ao lado, um ambiente escuro e menor, sem as janelas do chão ao teto como na sala. Está quase sem móveis, com apenas uma cama, um armário e um abajur que brilha na parede, emitindo uma luz dourada leve que deixa o quarto banhado em sombras.

Ao chegarmos perto da cama, Dominic me pega em seus braços, me pressionando e beijando com intensidade e lentidão infinitas. Estamos ambos perdidos um no outro, absortos pelos movimentos de nossos lábios e de nossa língua, obcecados em saborear um ao outro e deixar crescer a excitação em nosso ventre e quadril. Percebo o quanto amo esse momento, a emoção da antecipação e o desejo crescente criando uma sensação prazerosa de necessidade prestes a ser aliviada. Nossos corpos respondem, o meu à sua virilidade forte, e o dele aos tesouros indulgentes dos meus seios e ao delicioso coração do meu sexo. Nós dois sabemos que temos capacidade de dar e receber o mais intenso deleite. Podemos nos entregar a prazeres voluptuosos, nadar em nossa luxúria pelo outro, fazer o que quisermos, porque temos a mesma mente, o mesmo desejo. E o melhor: temos o mesmo coração. Nosso prazer no outro é tão bom porque não há ninguém mais no mundo com quem

quiséssemos fazer essas coisas. Quando estamos juntos, com seu corpo unido ao meu, movendo-se dentro de mim, nossos lábios grudados, então não precisamos de mais nada nem de ninguém. Nosso mundo somos nós dois e a alegria de nossa união.

E esta noite, lembro a mim mesma, não sou Rosa.

Estico os braços e começo a desabotoar sua camisa, algo que Rosa jamais faria a menos que lhe fosse ordenado. Dominic observa meus dedos trabalhando para baixo. Seu peito sobe e desce mais rápido quando chego ao final e deslizo a camisa por seus braços musculosos. Deixo a camisa em seus antebraços, de forma que ele fica levemente preso por ela, com os braços atrás do corpo, e então passo as mãos sobre seu peito e os pelos que o cobrem entre os mamilos. Inclino a cabeça para a frente e coloco minha boca sobre um mamilo, pegando o bico avermelhado com a boca e passando a língua em volta dele. Puxo-o gentilmente com os dentes, enquanto belisco o outro com os dedos, girando-o de leve. Dominic geme um pouco. Ele gosta disso, consigo perceber. Depois de estimular seus mamilos e deixá-los duros, minha boca passa por seu peito e vai a seu braço, onde inspiro seu cheiro e mordo a pele de leve, com as mãos acariciando sua barriga e as costas, minhas unhas arranhando sua pele. Posso sentir o desejo na forma como ele me observa, enquanto homenageio seu corpo com meus lábios, minha língua e meus dedos, deliciando-me com as sensações que lhe proporciono. Fico na ponta dos pés para beijá-lo no pescoço, mordendo da forma mais leve possível, lambendo e saboreando-o enquanto vou chegando perto da sua boca. Ele está desesperado por nosso beijo, posso perceber, mas ainda está preso com a camisa, que ainda não permiti que tirasse.

Pressiono-me contra seu corpo, deixando meus seios passarem em seu peito nu, o tecido do sutiã estimulando meus mamilos enquanto me esfrego em sua pele. Finalmente, encosto meu rosto no dele e toco seus lábios levemente com os meus, saindo antes que ele possa ter o beijo que tanto deseja. Volto a mover minha boca sobre seu corpo, dessa vez deixando a ponta da língua tocá-lo. Dominic abre a boca de leve, sua respiração fica mais rápida, mas não vou deixá-lo acelerar as coisas dessa vez. Quero apreciar essa

antecipação maravilhosa, a forma como estou fazendo isso está deixando nós dois loucos. Mexo a língua com mais força, mergulho-a entre os lábios de Dominic só para fazê-lo pensar que finalmente vai poder ter minha língua por completo antes de tirá-la novamente e deixar meus lábios tocando e beijando essa boca que amo tanto. Então, enfim, não consigo esperar mais: desejo possuir total e profundamente sua boca. Aperto-me contra a boca dele, tomando-a para mim, bebendo de seu sabor inebriante, e ele responde com força, tomando o que pode de mim. Puxo sua camisa para fora, libertando suas mãos, e ele logo pega meu rosto com elas, como se me quisesse o mais perto possível dele.

Não sei por quanto tempo nos beijamos, mas nossos sentidos ficam excitados quase no limite com a brincadeira provocante de nossa boca e língua. Nunca tive tanto tesão com um beijo antes, ou notado como, quanto mais tempo duas bocas ficam entrelaçadas, maior e mais forte fica o desejo. Sinto-me como se estivesse sendo levada à estratosfera com nossos beijos tornando-se mais profundos e mais abrangentes.

Então percebo que ele me levantou do chão e eu instintivamente fecho minhas pernas ao redor de seu corpo, para que ele me leve mais facilmente para a cama baixa. Dominic se ajoelha devagar, com nossas bocas ainda unidas, e me coloca na cama. Ele para de me beijar e me deixa deitar, de forma que fico de costas e ele de joelhos sobre mim, olhando para meu corpo com os olhos negros flamejantes. Passo a ponta dos dedos em seu peito, contornando seus músculos definidos, e desço fazendo uma trilha até os pequenos pelos pretos logo acima da cintura. Eles me levam para baixo, para onde o tesouro aguarda por mim. Eu o encaro nos olhos enquanto desafivelo seu cinto e desabotoo sua calça, sentindo o calor irradiar de dentro. Consigo ver o grande volume sob o tecido, mas tomo cuidado para não tocá-lo. Ainda não. Quero me deliciar com isso devagar. Não é uma noite para jogos ou prazeres rápidos, onde galopamos ofegantes, ansiosos para chegar ao fim da corrida. É uma noite para fazer amor sensual, devagar, só para nós dois, para Dominic e Beth, cujos corpos se dão maravilhosamente bem quando estão juntos.

Dominic me encara, ofegando levemente, enquanto empurro sua calça para baixo e revelo a cueca. Agora consigo ver sua linda vara, tão forte e dura, cheia de desejo por mim. Tiro a cueca para ver seu pau orgulhoso e ansioso. Dominic solta um pequeno suspiro quando toco nele, mas solto logo, e fico me banquetando com os olhos. Ele é tão lindo, e essa visão me faz latejar no meio das pernas, a pulsação me avisa que meu sexo já está querendo sentir esse pau de ferro entrando em sua profundidade úmida e quente.

Mas ainda não... ainda não.

Quero primeiro dar prazer a ele. Quero beijar e lamber sua ereção, pegá-la e amá-la com a boca. Ele ainda está ajoelhado diante de mim, então me levanto e o seguro pelo quadril para poder passar minha língua por todo o seu comprimento, desde as bolas até a cabeça macia. Ele geme enquanto minha língua desliza no topo de seu pênis, fazendo o movimento de um oito no seu pequeno buraco antes de descer circundando-o por completo. Agora estou lambendo sua pele sensível, banhando-a com a minha boca, e então levo meus lábios, roçando sua pele quente com os dentes e com a língua de volta até a base. Faço isso mais duas vezes, demorando-me o máximo que consigo em cada etapa da viagem de cima a baixo em seu pau.

Sei que Dominic mal consegue aguentar, mas isso é um desafio dos mais agradáveis. Consigo ouvi-lo respirando pesadamente enquanto me vê chupando seu pau e encharcando-o com minha boca. Ele passa os dedos no meu cabelo e pela minha cabeça, fazendo uma pequena pressão quando toco em um ponto mais sensível ou em algum lugar novo. Ele grunhe baixinho quando sente meus dentes, que roço apenas para ouvi-lo gemer.

– Oh, Deus. Beth – ele murmura. – Não vou aguentar muito mais. Caramba, o que você faz comigo...?

Paro de chupá-lo e deito de costas, devagar. Ele entende na hora o que deve fazer, movendo-se ao redor e deitando a meu lado, com seu pênis perto da minha boca e seu rosto em meu sexo, com língua e dentes já mordiscando minhas coxas. Suspiro de prazer. Estou faminta por Dominic, minha boca por seu pau e meu clitóris pelo toque de sua língua, e quero as duas coisas de uma vez. Ele sabe e

entende, e quer essas coisas tanto quanto eu. Seu pau pressiona meus lábios, enquanto ele sente meu cheiro e lança sua língua para brincar e tocar em minha entrada. Dominic parece saborear meu mel, que escorre para encontrá-lo, lambendo devagar em volta dos meus lábios e passando a língua sobre meu grelo ardente e sensível, que está louco para sentir o toque de sua língua. Enfio seu pau até onde consigo em minha boca, chupando com força, e ele afunda seu rosto em mim; sua língua me traz sensações deliciosas e me leva ao limite, deixando minhas pernas e meus braços moles.

Enquanto trabalhamos com nossas bocas para dar um delicioso prazer um ao outro, sinto a excitação crescer, e meu sexo lateja com cada onda que pulsa por mim quando sua língua pressiona meu clitóris. Ele quer ser acariciado, levado de forma rítmica e incansável ao clímax. Enquanto Dominic me lambe e me chupa, começo a me abrir como uma flor, sentindo sensações deliciosas que vão ficando cada vez mais intensas.

Mas não quero gozar ainda. Ainda não. Só estamos começando.

Eu me afasto do pau duro de Dominic e ele entende na hora. Ele vira o corpo para ficar com o rosto de frente para o meu. Sinto seus lábios molhados com meu mel quando ele me beija, enfiando a língua fundo em minha boca, dando a mim o gosto do meu sexo que ele estava apreciando por completo. Eu o beijo faminta, excitada com os sabores de nossa transa. Agora nenhum de nós consegue esperar mais tempo, nossos corpos não podem mais resistir ao imperativo de ficarem juntos. Não poderia deixar de ser penetrada por ele mesmo que quisesse retardar isso mais um pouco. Dominic está com a respiração acelerada pelo desejo de entrar em mim. Sinto a batida quente do aríete empurrando minha entrada, a lubrificação natural que me inunda torna mais fácil o caminho dele.

– Oh, Deus – grito, abrindo-me o máximo que posso para seu pau grosso entrar em mim.

– Você quer isso? – ele pergunta. – É isso o que você quer?

– Quero.

– É seu, todo seu... todo o meu corpo... é todo seu. – Ele me penetra com força. Minhas costas arqueiam e jogo a cabeça para trás. Com uma mão apertado com força suas nádegas, como se

estivesse puxando-o mais fundo em mim. Com a outra mão, arranho suas costas, cravando minhas unhas em sua pele, com a força das sensações que ele me dá, como se o impelisse a me foder com mais força ainda.

E ele responde na hora. Minhas mãos encorajadoras e minha boca imperiosa fazem Dominic entrar em um ritmo furioso, enfiando fundo seu pau em mim e tirando-o, e de novo, e de novo, cada estocada elevando a força erótica dentro de mim a níveis mais altos. Não sei por quanto tempo vou poder me segurar antes de me entregar à necessidade elemental de gozar. Cavalgo cada estocada sua, me jogando contra Dominic, para que ele tire o máximo de prazer de seu corpo moendo o meu, e a cada vez subo um pouco mais alto, um pouco mais perto do meu clímax.

– Ah, Deus, Beth – ele diz. – Você vai gozar agora? Goze para mim, por favor, quero ver você...

Suas palavras disparam os tremores que significam que passei do limite. Não posso me segurar. Estou gozando. E então convulsiono, meu corpo se oferece a ele em ondas. Não consigo ver nada e só sei que estou possuída por um prazer que me engole e me chacoalha da cabeça aos pés. Acho que estou gritando, talvez guinchando, não faço ideia, mas então volto a ficar um pouco consciente, ainda estou me movendo com as últimas ondas voluptuosas do meu orgasmo. Percebo que Dominic ainda não chegou lá, então me abro para o segundo prazer de ser comida em um escorregadio estado pós-orgástico. Poderia ficar aqui a noite inteira, apreciando a sensação deliciosa de seu pau dentro de mim, mas sei que isso não vai durar muito. Ele está chegando perto, suas estocadas estão mais rápidas, meu orgasmo alimentou seu apetite e ele precisa gozar também. Sinto seu pênis inchar dentro de mim, seus movimentos ficam mais lentos, mais intensos, e ele me penetra cada vez com mais força para chegar ao clímax de que tanto precisa. Abro os olhos, querendo que ele tenha o prazer que também tive, e observo seu corpo se contrair, suas costas arquearem e seu orgasmo explodir em jatos deliciosos.

– Ah, Beth – ele geme enquanto goza.

Abráço-o com força, saboreando seu clímax doce e o amor que posso ouvir em sua voz.

Capítulo Treze

Acordamos ao mesmo tempo, quando o sol de inverno entra pelas janelas do apartamento. Estamos deitados no braço um do outro nos lençóis de cetim de sua cama e não dizemos nada por um tempo, enquanto nos regalamos com a proximidade de nossos corpos, minha cabeça pressionada contra o peito sólido de Dominic, ouvindo a batida rítmica de seu coração. Penso comigo mesma futilmente que mesmo que os lençóis de cetim sejam considerados tão bons, vou preferir sempre um de algodão puro. O algodão pode ser frio ou quente, dependendo do que você quer, além de você nunca correr o risco de cair no chão... Enquanto esses pensamentos correm preguiçosos pela minha cabeça, Dominic alisa meu cabelo e ocasionalmente acaricia meu lóbulo gentilmente entre os dedos.

– Você precisa me contar tudo sobre o Andrei – ele diz, finalmente. – Preciso saber como estão as coisas entre vocês dois.

Começo a contar a ele tudo o que aconteceu desde que o vi em Paris; como Andrei aparentemente aceitou a situação da pintura e como chegou a um acordo com o abade.

– Ah, falando nisso – digo –, acho que seu amigo, o irmão Giovanni, estava lá.

Dominic me olha intrigado.

– É mesmo?

Confirmo com a cabeça.

– Eu não o havia reconhecido, claro, porque estava escuro quando tive contato com ele, mas reconheci a voz dele. E ele se aproximou de mim querendo saber de você.

O rosto de Dominic mostra um pouco de preocupação.

– Ele queria, é? – Dominic franze a testa. – O irmão Giovanni tinha uma influência grande sobre mim quando eu estava no monastério. Ele parecia perceber o turbilhão interno que havia em

mim, era cheio de compaixão e estava sempre disposto a me ouvir. Ele era tão compreensivo, tão ansioso para me ajudar. – Ele me abraça mais forte e adoro o toque de sua pele quente na minha. – Foi o irmão Gio-vanni quem me explicou alguns dos preceitos de sua ordem, como os dominicanos acreditam que você pode se purificar por meio da punição.

Inclino a cabeça para que possa olhá-lo nos olhos.

– Acho que isso fez algum sentido para você – digo gentilmente.

Ele assente.

– Pareceu incrivelmente relevante para mim. Eu ainda estava tentando entender o que havia acontecido conosco, por que fui além do que você conseguiria aguentar quando a levei ao calabouço. Castigar outras mulheres havia dado muito prazer a mim e a elas... até que a submeti a uma punição que você não queria. Fez sentido para mim que me castigar poderia me expiar tanto da culpa que sentia como da vontade de fazer isso de novo. Tenho sido o mestre por tanto tempo... dominar a mim mesmo seria meu maior desafio. O irmão Giovanni me explicou tudo e me ajudou em cada passo. Ele me ensinou a usar a corda atada para me flagelar e por um tempo isso me ajudou. Ajudou mesmo. Pensei que poderia me bater e acabar com meus desejos. Ou, pelo menos, minha vontade de machucar você.

– E você fez isso? – sussurro. – Bateu em si mesmo até acabar com a vontade?

Ele para por um tempo antes de responder, e posso ver a luta dentro de seus lindos olhos castanhos.

– Não – ele diz por fim. – Não totalmente. Mas minha tentativa me ensinou muitas coisas. Ensinou que eu precisava perder meu medo do amor e aceitar que o amor iria me dominar. Mas também ensinou que eu era mais forte que minhas vontades e, se precisasse, poderia canalizá-la por meios diferentes.

– Rosa? – pergunto carinhosamente.

Dominic sorri para mim.

– A Rosa é inspirada, meu amor. Ela é a alma gentil e submissa de que às vezes preciso. Castigar Rosa mexe profundamente comigo. Vê-la estremecer e gozar com minhas orientações é um

prazer extraordinário. Mas ela existe apenas na cama e aprendi que meu *alter ego* não precisa estar sempre presente. Há outras maneiras de viver e há diferentes maneiras de amar.

Suspiro feliz e me aconchego ainda mais em seu peito. Então essas emoções proibidas da minha vida com Dominic vão continuar. Quando ele e eu escolhermos encenar nosso mundo de jogos eróticos. Estou tão feliz: dentro de mim tenho a capacidade de me entregar ao prazer, de levar meu corpo mais longe na estrada da submissão e prazer do que jamais tinha imaginado. Sei que apenas começamos nossa jornada, que vai nos trazer diversos e diferentes deleites, e que Dominic será meu guia severo, carinhoso, protetor e disciplinador. Estremeço com a emoção do que aguarda o mestre e sua humilde Rosa.

E fora desse mundo, há Beth e Dominic, amantes que apoiam e estimulam o outro de maneira igual.

Se não fosse por Andrei, tudo seria perfeito...

O pensamento invade minha mente, trazendo junto a sensação amarga do medo e da raiva.

– Dominic – digo, sentando-me. – Andrei disse que ele quer te destruir. Ele deu a você até o Ano-Novo para aceitar a oferta de voltar para ele ou vai destruí-lo e a sua empresa. Ele deu a entender que vai até usar de violência se você não aceitar.

Dominic desdenha.

– Ele é um bandido. Não vai me assustar dessa forma. Se acha que vou voltar para ele, deve estar delirando. Não vou trabalhar para Andrei, ou para qualquer outra pessoa, nunca mais. Estou no comando agora e é assim que vai ser.

Sabia que essa seria sua resposta. Admiro sua convicção absoluta e sua atitude corajosa diante do antigo chefe, mesmo que esteja morrendo de medo por ele. Sei que ele não vai mudar de ideia, nem mesmo por mim.

– Mas há outra coisa – acrescento. – Ontem à noite ele finalmente foi claro sobre o que quer de mim.

Dominic se inclina e me olha curioso.

– Sim?

– É... – hesito. Mal sei como dizer isso e fico apreensiva com a reação de Dominic. Ele não vai reagir bem, disso tenho certeza. – Ele disse com todas as letras que quer que eu seja sua companheira nesta vida e lhe dê filhos.

Dominic fica paralisado.

– O quê? – ele pergunta com uma voz fria. – Ele está falando em casamento?

– Acho que sim – digo infeliz. – Foi o que ele deu a entender. Que poderíamos compartilhar a vida e eu daria uma família a ele.

Ele ri, mas é uma risada fria e dura, sem nenhuma alegria.

– Por que raios Andrei pensa que você vai se casar com ele?

– Ele diz que vai ser a melhor coisa para mim, mesmo que eu não saiba.

Vejo uma expressão como se houvesse um pouco de medo no olhar de Dominic.

– Você não quer isso, quer?

– Claro que não! – declaro. – Eu te amo, você sabe disso! Mesmo que não amasse, não amo Andrei e nunca vou amar. Jamais poderia me casar com ele.

– Então por que ele acha que você vai?

A tristeza me varre quando lembro exatamente das palavras de Andrei.

– Ele está tentando me chantagear. Andrei disse que vai destruir Mark se eu não ficar com ele. Vai dizer que Mark tinha autenticado a pintura, vai processá-lo e vai divulgar isso para todo mundo.

Dominic franze a testa, pensativo. Então ele diz:

– Esse é exatamente o tipo de comportamento desprezível que se pode esperar de Dubrovski. Mas algo não faz sentido nessa história.

– Ele olha para mim. – Você não tinha me dito que o abade aceitou receber a pintura de volta e devolver o dinheiro?

Confirmo com a cabeça.

– Ele parecia estar perfeitamente de acordo com isso.

– Isso encerraria o assunto – Dominic murmura.

– Achei estranho que você e a Anna estivessem trabalhando no mesmo monastério onde encontraram a pintura – digo. – Você deve ter ficado lá por um tempo, para poder conhecer o irmão Giovanni.

Dominic assente.

– Sim. Usamos o monastério como base enquanto estávamos trabalhando em um grande negócio. Andrei arranhou uma sala de reunião e comunicação lá e ficamos indo e vindo por algumas semanas.

– E então ele comprou o Fra Angelico. – Lembro de outra coisa. – O irmão Giovanni se dava bem com a Anna? Ele perguntou dela também.

– Sério? – Dominic pensa por um segundo. – Não me lembro de ele ter qualquer contato com ela. Todos os monges se mantinham afastados de Anna. Talvez eles pudessem sentir algo perigoso nela.

– Algo infernal – digo com um sorriso. Tento imaginar o efeito que Anna, toda linda e sexual, causaria em um monastério. – Ele queria saber quando ela voltaria. E pareceu ficar desapontado quando eu disse que ela não voltaria.

Há uma pausa enquanto Dominic absorve todas essas informações, e então ele diz vagarosamente:

– Então Andrei pretende destruir Mark se você não fizer o que ele pede. Entendo. Muito esperto da parte dele. O ponto fraco da maioria das pessoas são as pessoas que amamos. E tudo isso por causa da pintura.

Concordo.

– Isso mesmo.

Dominic subitamente senta-se na cama.

– O seu voo é hoje à noite.

– É.

– Vou voltar para Londres com você. Quero conferir uma coisa, algo que pode explicar qual é o jogo de Andrei. Na verdade, vamos partir assim que você pegar suas coisas no apartamento dele.

– Então simplesmente vou abandoná-lo? – digo, meio empolgada e meio assustada. – Apesar das ameaças?

– Qual é a alternativa? – Dominic pergunta, com seus olhos negros procurando pelos meus. – Você poderia voltar lá e dizer que está pronta para casar com ele?

– Não, claro que não!

– Então você já tem sua resposta. Claro que vai ter de abandoná-lo.

– Mas e você... e o Mark...

– Posso cuidar de mim mesmo. Na verdade, estou ansioso por um duelo final com Dubrovski. Ele merece o que vai acontecer. Já, quanto a Mark, não acho que Andrei vá cumprir sua ameaça agora. Assim que ele fizer isso, você não terá razão nenhuma para voltar para ele. Além disso, alguma coisa me diz que a história não é tão simples assim.

Sento-me também, com o sangue correndo de empolgação.

– Então vamos pegar minhas coisas no Andrei?

– Com certeza. – Dominic pega minha mão e a leva sob os lençóis, colocando sobre seu pau, que já está duro e quente em minha perna. – Assim que cuidarmos disso aqui...

Uma hora mais tarde, o carro esportivo acelera pelas ruas de Manhattan até a mansão vitoriana que deixei ontem à noite.

O guarda se comunica com o apartamento antes de nos deixar entrar, e quando deixa, ele diz para mim:

– Só você pode entrar, senhora. O cavalheiro deve aguardar aqui fora.

Dominic concorda.

– Está bem. – Mas assim que passamos para o pátio, ele continua. – Quero só ver se vão me parar.

Coloco a mão em sua perna.

– Espere, vamos pensar melhor. Não quero ver vocês dois se pegando por causa da minha mala. Deixe-me subir. Se eu não voltar em dez minutos, você vai lá para me encontrar.

Ele olha para mim e diz, um pouco relutante:

– Está certo, entendi o que você quer dizer. Mas só dez minutos. Passou disso vou subir.

– Está bem.

Subo de elevador até o andar de Andrei e bato na porta do apartamento. Renata atende, com o rosto empedernido.

– Olá, senhora. – Ela se afasta para que eu entre. – Já arrumei suas coisas. Elas estão aqui.

– Obrigada, Renata. – Entro no hall. Lá está minha mala esperando por mim.

– Isso é tudo?

– Sim. Não preciso de mais nada. Já estou indo. – Dou um passo adiante e pego a alça.

– Beth. – Ouço a voz quando Andrei sai das sombras e aparece no hall iluminado. Ele parece mal, com o rosto cansado e deformado, os olhos anestesiados. – Por onde você andou? Fiquei preocupado com você. Quem era aquela mulher estranha com quem você saiu?

Olho para ele devagar. Odeio ver o sofrimento em seus olhos. Mesmo depois de tudo que aconteceu, não quero machucá-lo.

– Ela era apenas alguém que me ajudou quando precisei. As coisas que você disse ontem à noite me deixaram devastada. Não podia ficar com você depois daquilo.

Renata nos deixa sozinhos. Andrei dá um passo em minha direção.

– Mas por quê? Apenas ofereci a você minha vida e meu coração. Isso significava que você tinha de sair correndo como se eu quisesse machucá-la?

– Você me machucou! – explodo. – Você ameaçou pessoas importantes para mim. Você tentou me chantagear para ter um relacionamento com você! Não consegue ver que eu amo outra pessoa? Você tornou impossível eu ficar com você de qualquer maneira. Não posso mais trabalhar para você, espero que perceba isso.

Seu rosto se contorce por um momento, seus olhos azuis estão furiosos.

– O que isso significa?

– Significa que estou dizendo adeus, Andrei. – Coloco a mão no bolso do casaco e pego o grosso cordão de pérolas. Dou um passo adiante, segurando-o nas mãos. Automaticamente ele abre a mão e deixo as pérolas em sua palma. Elas ficam lá, uma pilha de esferas

acinzentadas e brilhantes. – Vou devolver as roupas depois – digo tranquilamente. E então me viro para ir.

– Beth! – A voz de Andrei está esganiçada com o desespero.

Viro-me lentamente para ele.

– Acho que não temos mais nada a dizer. Sinto muito por terminar assim.

– Não vá, por favor.

– Não tenho escolha. Você me deu um ultimato e fiz minha escolha.

– Estava falando sério, Beth. Se você sair por essa porta, vou cumprir tudo o que disse. – Sua voz carrega um tom de ameaça.

– Você quer dizer que vai cumprir as ameaças de machucar as pessoas que amo? – Balanço a cabeça. – Pensei que você fosse uma pessoa maior e melhor do que isso, Andrei.

Nesse momento a porta do elevador se abre e de lá sai Dominic. Posso vê-lo pela abertura na porta da frente.

– Beth... você está aí? Está tudo bem?

– Estou bem – respondo rapidamente. – Volte para o elevador, Dominic. Estou saindo.

O rosto de Andrei torna-se duro e cruel. Seus olhos brilham.

– Que diabos ele está fazendo aqui? Você esteve com ele ontem à noite?

– Isso não é da sua conta – retruco. Pego minha mala e vou em direção à porta.

Andrei me ultrapassa em um instante.

– É você aí, Stone? Como ousa aparecer aqui? Caia fora da minha propriedade ou vou mandar jogarem você daqui!

Dominic o encara, com os ombros erguidos, o corpo inteiro contraído e pronto. Seus olhos queimam de fúria.

– Não tente vir dar uma de durão para cima de mim, Andrei. Não vai funcionar. Eu te conheço, lembra? Mas você parece ter se esquecido dos anos que passei ralando, faturando milhões para você. Acha que é o único a quem devem lealdade por aqui? E a que você deve a mim?

Andrei quase bufa de desprezo quando diz:

– Eu devo a *você*? – Seus lábios se curvam sórdidos. – Você tem as prioridades erradas, meu amigo.

– Seu amigo? – Dominic olha para ele de um jeito desdenhoso e entretido ao mesmo tempo. – Difícil. Amigos não agem como você age, Andrei. Poderíamos ser competidores iguais no mercado, ambos jogando de forma justa com respeito pelo outro, mas esse não é seu estilo, não? Você prefere suas táticas de adolescente valentão, não? Como um garotinho, que por fora é agressivo e ameaçador, mas na verdade tem medo que o mundo descubra como ele realmente é... só como um falastrão que no fundo não se acha bom o bastante.

Andrei quase rosna e vejo suas mãos se fecharem em punhos cerrados. Dominic o encara com um olhar cintilante, hostil, e então diz em voz baixa:

– E você achou que poderia intimidar a Beth também, não? Bem, adivinhe só... o vilão nunca fica com a mocinha. Vai dizer que não sabia disso?

– Fique fora disso, Stone. Estou avisando – Andrei grunhe. Ele está a ponto de perder o controle, posso ver. – Deixe que a Beth tome sua própria decisão.

– Eu vou – Dominic responde quase sorrindo. – Não vou chantageá-la para ficar comigo. Ela vai ficar comigo porque é isso o que quer.

– Seu merda. Canalha desprezível – Andrei diz furioso e percebo que ele vai explodir e fazer algo estúpido. Não quero que isso vire uma alteração física e sei que Dominic não vai recuar se Andrei partir para cima.

Entro na frente de Andrei e coloco a mão no braço de Dominic.

– Aqui não – digo rapidamente. – Vamos, Dominic. Não quero problemas agora.

Dominic continua encarando Andrei e os dois estão cara a cara, o ar carregado pelo antagonismo deles. Coloco minha mala no elevador e pego Dominic pela mão.

– Venha, vamos embora.

– Tudo bem – ele diz, e se vira para me seguir. – Bater nos meus oponentes não faz mesmo meu estilo.

– Você vai se arrepender disso, Beth! – Andrei grita para mim. – Você está me obrigando, sabe disso!

Dominic e eu ficamos juntos no elevador quando as portas se fecham. Minha última visão é a do rosto irado de Andrei e seus olhos de gelo.

– Meu Deus – Dominic diz calmamente. – Nunca na minha vida quis tanto esganar alguém com minhas próprias mãos.

– Você disfarçou bem. Vi que Andrei estava para perder o controle e partir para cima, mas você parecia bem calmo.

– Tudo que precisava fazer era me lembrar de que jamais iria descer ao nível dele.

– Acho que acendi o pavio – digo, com a voz trêmula agora que o confronto acabou. – Não acho que tenha como evitar a explosão agora.

– Espere – Dominic diz, me puxando para seus braços. – Ele não é idiota. Andrei sabe que é tudo o que ele tem para pressioná-la. Ele não vai desperdiçar seu trunfo, você vai ver. – Então Dominic me beija apaixonadamente, como se por um momento ele tivesse achado que me perdeu novamente.

Voltamos para a casa de Georgie. Ela parece aliviada ao nos ver e fica feliz em nos receber para almoçar com ela. Tiro o vestido de noite e visto roupas mais adequadas para voltar para casa.

– Você pode enviar isso aqui para o Dubrovski, por favor? – peço, colocando no chão uma pilha de roupas dobradas: o vestido, os sapatos e o casaco de caxemira.

– Claro. – Georgie está casual e glamourosa em seu jeans justo e uma blusa de malha amarronzada e grande, que realçava o tom de mogno escuro de seus cabelos sedosos. – Está tudo bem?

Dominic e eu trocamos olhares.

– Está. – Tento parecer mais confiante do que realmente estou.

Georgie solta um suspiro.

– Estou vendo que vocês não vão me contar a história toda, mas espero que os dois saibam o que estão fazendo. Não gosto de

pensar em vocês se metendo com aquele mafioso.

Dominic lança um olhar divertido.

– Minha irmã nunca vai me imaginar tendo mais do que oito anos de idade – ele murmura. – Ela ainda não acredita que consigo atravessar a rua sozinho.

– Claro que acredito! – Georgie protesta. – Mas Dubrovski é perigoso, sabemos disso. Para começar, nunca gostei de você trabalhando para ele.

Olho para ela e gosto da forma como ela é parecida com Dominic. Fico feliz que ele tenha uma irmã mais velha para se preocupar com ele. Mal posso esperar para saber mais sobre ele e montar o quebra-cabeça de sua vida e de sua família.

Georgie se dirige a mim.

– Beth, você vai botar bom senso nele, não vai?

– Farei o possível – respondo com um sorriso.

– Você precisa mesmo voltar para Londres? – ela pergunta a Dominic. – Pensei que você ia passar o Natal aqui comigo. Nossos primos nos convidaram para ir ao casarão em Fairfield, vai ser ótimo.

– Preciso voltar – Dominic responde. – Tenho de resolver uma certa situação. – Ele me lança um olhar que me dá comichões pelo corpo inteiro. – Mas talvez esteja de volta até o Natal. Eu aviso.

No fundo, sinto-me desapontada, apesar de saber que estarei em casa com minha família. Por que Dominic não poderia estar aqui com a dele? Tento aliviar minha tristeza enquanto Georgie resmunga.

– Bem, você está deixando muito em cima da hora. Não posso dizer a Florence se ela deve esperá-lo ou não.

– Ela não vai se importar – Dominic responde despreocupadamente. – Um a mais não vai fazer diferença, considerando que o mordomo, as seis empregadas e os quatro cozinheiros vão fazer todo o trabalho.

Georgie ri, apesar de contrariada.

– Só me avise o quanto antes.

– Avisarei. – Dominic empurra o prato vazio. – Vamos, Beth. Precisamos ir para o aeroporto.

Um carro diferente está aguardando lá fora, um belo carro escuro com um motorista de terno preto para nos levar até o aeroporto. Não pergunto a Dominic o que aconteceu com seu pequeno carro esportivo. Tenho a sensação de que as coisas mudaram. Ele é um homem importante agora, com pessoas para resolver as coisas para ele. Ele já mencionou pelo menos dois assistentes e fica enviando mensagens enquanto nos afastamos de Manhattan.

Olho para trás, para a espetacular visão do horizonte da ilha, com a silhueta de seus prédios icônicos no céu azul--claro da tarde, o sol de inverno já baixo. Quando cheguei uma semana atrás, não fazia ideia do que me aguardava aqui. Com certeza jamais teria imaginado que chegaria com Laura, mas sairia com Dominic.

Viro para a frente, para olhar a estrada. Só torço para não ter apertado um botão que vai significar desastre para Mark, Dominic e eu.

Acho que vou descobrir isso muito em breve.

Capítulo Catorze

A viagem de volta é bem relaxante, especialmente porque estamos na primeira classe de novo.

– Foi tão bom na ida – digo sem pensar. – Laura amou totalmente. – Então lembro-me de que foi Dubrovski quem propiciou esse agrado adicional em nossa viagem e fico quieta.

– Fico feliz que tenham gostado – Dominic diz com um sorriso. – Pense nisso como um presente de Natal antecipado.

Eu o encaro.

– Foi você!

Ele confirma com a cabeça.

– Os assentos na primeira classe? Achei que tinha sido Andrei. – Penso em tudo o que aconteceu.

– Imaginei que você tivesse pensado isso, quando não disse nada do Soho Grand, apesar de eu saber que vocês tinham se registrado lá.

– Isso foi você também? Mas não o Four Seasons... esse definitivamente foi o Andrei. Ele ficou furioso comigo quando não aceitamos os quartos.

Dominic fica intrigado.

– O Four Seasons? – ele repete. – Não tenho nada a ver com esse.

Explico como fomos levadas do aeroporto para lá, mas me recusei a entrar. Conto a ele que também não iria aceitar o Soho Grand, só que ele tinha sido esperto o bastante para cancelar nossas reservas no Washington.

Dominic dá risada.

– Então você estava no meio de um cabo de guerra do amor... um lado querendo te dar o Four Seasons e o outro, o Soho Grand!

– Ainda bem que você venceu – digo carinhosamente, pegando sua mão.

– Também acho. Não gosto da ideia de pagar por um apartamento vazio. – Seus olhos brilham com alegria e ele aperta minha mão. – Agora, da ideia de Andrei pagar por dois quartos vazios no Four Seasons... dessa *eu gosto*.

Ficarmos juntos durante o voo de sete horas é um êxtase. Não nos desgrudamos, estamos constantemente demonstrando afeto, seja acariciando nossas mãos, roubando um beijo ou com minha cabeça encostada em seu ombro enquanto assistimos a um filme. Não quero que isso acabe, porque sei que a vida real vai se intrometer e nos separar de novo muito em breve.

– Não quero ficar longe de você – comento, enquanto o comandante anuncia que o avião está se preparando para pousar.

– Também não quero – Dominic diz. – Mas há coisas que preciso fazer. Acredite, é por você, para ajudar a resolver essa maldita encrenca. Não acho que Andrei vá parar até me destruir e fazer com que você se arrependa de tê-lo rejeitado. Então vou ter de ir para cima dele... e vencer.

– Você vai conseguir? – Sou tomada de preocupação só de pensar nisso.

– Você precisa perguntar? – Ele sorri para mim e sinto minha confiança voltar. Sei que Dominic tem a força e a coragem para enfrentar Dubrovski. O que me assusta é o que pode acontecer se ele não for bem-sucedido.

Já é tarde quando chegamos à Inglaterra. Um carro nos aguarda para nos levar rapidamente a Londres e ele nos conduz até o apartamento de Dominic em Mayfair.

– Velho e bom Randolph Gardens – digo, observando a fachada art deco que reluz na escuridão, iluminada por algumas janelas acesas e as luzes da rua. – Pensar neste lugar sempre vai me fazer feliz.

Dominic pega minha mão.

– Aqui será sempre especial, mas estou pensando em sair.

– Sério? – pergunto, desanimada. Gosto tanto do seu apartamento com vista para o da madrinha de meu pai, onde estava

morando quando nos conhecemos, e claro que há o budoar alguns andares acima, o pequeno apartamento que Dominic comprou para ser nossa deliciosa sala de jogos. – Aonde você vai? Você não vai sair de Londres, vai?

– Londres sempre será importante para mim – ele responde gentilmente. – Mas ando viajando muito. Preciso decidir onde me estabelecer. Minha irmã está em Nova York e vou trabalhar muito por lá. Faz sentido ficar perto de minha família.

– Sim, acho que faz – respondo, sentindo-me infeliz. Os pais de Dominic não são vivos. Claro que ele vai querer ficar perto de Georgie, já que ela é tudo que lhe restou, com os primos que ela mencionou.

Dominic sorri e me dá um beijo carinhoso.

– Não se preocupe. Vamos ficar juntos. Pretendo me assegurar disso. – Ele se inclina para a frente e diz para o motorista me levar para casa. – Mantereí contato – ele diz e me dá um último beijo. – Mas também estarei ocupado com as coisas, então não fique preocupada se eu sumir.

– Não demore demais – digo ardentemente.

– Não demorarei.

Ele sai e acena adeus depois de fechar a porta. Odeio ver Dominic subir a escadaria do prédio sem mim, sabendo que iremos ficar separados esta noite. Desejo passar a noite, toda noite, em seus braços, inspirando seu perfume, deliciando-me com o prazer de estar perto de seu corpo.

Quando chego em casa, no entanto, fico feliz por estar de volta ao meu apartamento. Laura está dormindo e percebo que já são quase duas horas da manhã. Desabo na cama e pego no sono quase imediatamente.

Laura está feliz por me ver em casa e ansiosa para saber de todas as aventuras. Conto algumas coisas para ela, mas não menciono que Andrei surgiu do nada. A história de conhecer Georgie e o fato de ela ser irmã de Dominic são suficientes para manter a atenção de

Laura, e ela não poderia ter ficado mais feliz ao saber que encontrei Dominic. Passamos o fim de semana nos preparando para voltar para casa no Natal, vamos ao centro de Londres enfrentar as aglomerações e fazer nossas últimas compras de Natal. Ligo para minha mãe, que fica muito feliz por falar comigo depois de um bom tempo.

– Quando você vai voltar? – ela pergunta. – O Natal não vai começar até você vir para cá.

– Não sei, a noite de Natal vai cair na sexta-feira, não? Com certeza estarei aí, mas preciso ver Mark primeiro e terminar todo meu trabalho antes de sair.

– Claro que sim. Espero que aquele pobre homem esteja se recuperando bem. Então me avise quando vai chegar.

– Aviso sim.

Até mais, mãe.

– Até breve, querida.

Desligo o telefone, pensando que, embora meu sonho fosse estar com Dominic, tenho muita sorte por ter a casa da minha família para passar o Natal.

Na segunda-feira, finalmente volto ao trabalho, quase uma semana depois do que eu esperava quando fui para Nova York. A cidade realmente está natalina agora, com uma atmosfera frenética lembrando que faltam poucos dias para comprar presentes, comida e fazer todos os preparativos. Na porta preta e brilhante da casa de Mark há uma enorme guirlanda pendurada. Ela me parece bem alegre, mas fico apreensiva quando bato na porta. Andrei teve alguns dias para absorver tudo o que aconteceu em Nova York, e apesar de Dominic acreditar que ele não vai fazer o pior, fico preocupada de que Mark talvez já tenha recebido as notícias ruins.

Caroline atende a porta, com o rosto mais rosado do que nunca, mas feliz por me ver.

– Você se divertiu lá? – ela pergunta enquanto me leva para baixo, por uma escada, para uma estufa que nunca vi ser usada

antes.

– Sim, muito. Espero que Mark tenha recebido todas as minhas mensagens. Consegui fazer praticamente tudo o que ele me pediu.

– Ele ficou muito feliz. Ainda mais porque foi sua primeira vez em Nova York também. Agora, ele está aqui embaixo porque é agradável e quente, e trazer a cama para cá foi fácil. – Caroline me leva pelo ar abafado da estufa e posso ver Mark deitado em uma cama, com os braços finos sobre o cobertor. Ele vira a cabeça para mim logo que entro.

– Beth! – ele me cumprimenta, mas a voz sai obscura, não é fácil de entender.

– A língua dele ainda está bastante inchada – Caroline confessa com a voz baixa. – Mas você consegue entendê-lo depois que se acostumar.

– Olá, Mark – digo alegremente, dando um beijo em sua bochecha mirrada. – É tão bom ver que você está de volta em casa.

– Sente-se, sente-se! – Mark diz com sua voz grossa. – Conte tudo sobre Nova York. Quero saber de todas as fofocas.

Começo contando as histórias de minhas aventuras, tentando torná-las mais interessantes e divertidas, enquanto a empregada nos traz um café. Mark ouve com alegria, dando risada nos momentos certos, com brilho nos olhos. Logo me acostumo com o som da sua voz e compreendo quando me pergunta sobre certos amigos ou obras de arte. Não digo a ele sobre meu encontro com Andrei, mas quando Mark me pergunta se há algo mais de que precisa saber, hesito por tempo o bastante para ele adivinhar que há algo errado.

– O que foi, Beth? – Seu rosto demonstra ansiedade e ele tenta se ajeitar para ficar sentado em melhor posição. – Pode me dizer.

Sinto-me terrível. Não quero arruinar a atmosfera alegre ou deixar Mark ansioso e ameaçar sua recuperação, mas ele precisa saber.

– É sobre o Fra Angelico – digo relutantemente. – Tive a confirmação dos especialistas do Hermitage de que eles consideram a pintura falsa. Ela só tem duzentos anos de idade, de acordo com a análise da tela e da tinta. Sinto muito, Mark... no fim não era uma obra-prima verdadeira.

Mark olha para mim boquiaberto e então se recosta nas almofadas com um suspiro.

– Era o que eu temia – ele diz com a voz que mais parece um sussurro abafado. – Queria que ela fosse real porque era o que Andrei queria. Mas achei que era tão improvável uma pintura daquelas, em um lugar público, passar despercebida. – Ele grunhe. Caroline se mexe irrequieta a meu lado, obviamente preocupada com o irmão. Ela pega a mão dele e a acaricia gentilmente – O que Andrei disse sobre isso?

– Andrei não ficou feliz no início – respondo. – Mas chegou a um acordo com o monastério para lhe devolverem o dinheiro. E ele está disposto a deixar a história toda morrer.

– Bem, isso é bom, acho. – Mark consegue dar um sorriso frágil e me encara com seus pequenos olhos azuis. – Você provavelmente vai ter de lidar com isso. O Andrei compra todas as obras de arte dele por meu intermédio.

– Eu sei. Imagino que a papelada já estará esperando por mim no escritório.

Há uma pausa enquanto Mark pensa em tudo o que disse a ele. Ele parece triste. Então se vira para mim novamente.

– Você sabe que eu não queria meu nome na autenticação da pintura, mas fizeram isso de qualquer forma. Não fiquei nada feliz.

Coloco a mão em seu braço.

– Eu sei! Sei disso. É tão injusto.

– Hum. – Mark suspira. – Imagino que isso vá marcar o fim natural de meu relacionamento com Dubrovski. Funcionou muito bem para nós dois por muito tempo, mas tenho a sensação de que isso vai mudar tudo. – Ele parece bem cansado.

– Acho que agora chega, Beth – Caroline intervém. – É melhor que Mark descanse. Faz dias que ele não fala tanto.

– Sim, claro. – Levanto-me.

– Estão adiando minha radioterapia para depois do Natal – Mark anuncia, alegre novamente. – Não é legal da parte deles?

Toco seu braço novamente.

– Muito legal. Mas você precisa disso para melhorar, não?

– Talvez. – Mark pestaneja e expira suavemente.

– Até mais tarde, Mark – digo, saindo da estufa rapidamente e sem fazer barulho e indo para o escritório.

Fico feliz por contar a Mark sobre a pintura e tirar esse peso da minha consciência, mas temo pelo que Andrei possa fazer. Tenho alguns e-mails do escritório dele sobre como redirecionar o dinheiro do monastério de volta à conta de Andrei, mas nada vindo diretamente de Andrei. Talvez ele ainda esteja em Nova York, naquele seu apartamento suntuoso, mas frio. Ele já deve ter recebido parte das roupas de volta a essa hora. Andrei terá certeza de que não vou voltar. E em breve irei rejeitar formalmente sua oferta para trabalhar em seu apartamento no ano que vem. Simplesmente agora não há mais como.

Mais tarde durante o dia, recebo um e-mail de Dominic:

Preciso sair do país por uns dias. Voltarei antes do Natal. Aviso quando estiver de volta. Fique bem e não se preocupe. Estou morrendo de saudade.

D x x

Não consigo evitar um sentimento melancólico quando leio a mensagem. De alguma forma, sei que minha vida com Dominic será sempre assim. Ele sempre estará viajando, fazendo algo, indo a uma reunião, resolvendo algum problema ou fechando um grande negócio. O que odeio é ser deixada para trás. Se pudesse estar com ele, não ia ligar nem um pouco.

Outra mensagem, mais alegre, chega um pouco depois.

Olá, Beth:

Vamos fazer nossa festa de Natal amanhã à noite e Dominic disse que iria aparecer. Pelo que entendi, vocês dois estão juntos novamente, então venha com ele, se quiser. Será ótimo tê-la aqui conosco para brindar por um futuro melhor para todos nós. Os

detalhes estão no anexo. Basta responder confirmando sua presença para Grace, minha assistente.

Atenciosamente,
Tom Finlay

Releio a mensagem algumas vezes e olho o anexo. A festa vai ser em um hotel bacana em Piccadilly. Parece que será divertido, mas não faço ideia se Dominic vai estar lá ou não. Talvez ele ainda esteja fora, cumprindo sua missão secreta, qualquer que seja ela. Em um ímpeto, escrevo para a assistente de Tom dizendo que adoraria ir e perguntando se poderia levar uma amiga. Quando ela diz que posso, escrevo um e-mail para Laura dizendo que amanhã à noite é dia de festa. Ela responde:

Obaaa! Vou tirar minha roupa de noite. Vai ser divertido. Te vejo depois!

Lx

No dia seguinte não recebo notícias de Dominic e começo a ter aquela velha sensação de ser deixada de lado. Isso me torna ainda mais determinada a sair e aproveitar a noite, então levo meu vestido de festa e meus sapatos comigo para o trabalho e me troco na casa de Mark.

Vejo-me em meu vestido preto no espelho e, por um momento, queria estar vestindo aquele vestido vermelho sexy que usei em Nova York, com os sapatos e as lindas pérolas, mas deixo esse pensamento de lado.

Eles vieram a um custo muito alto, lembra?

Despeço-me de Caroline e Mark e pego um táxi em frente a casa para me levar até Piccadilly. Irei me encontrar com Laura em um pub perto do hotel onde será a festa da Finlay. Ela já está me aguardando quando entro no lugar, encostada perto do bar e muito bonita com um vestido curto verde e brilhante, e de salto alto.

– Graças a Deus você chegou! – ela diz. – As pessoas realmente estão em ritmo de festa. Três caras já chegaram em mim.

- Não me surpreende. Você está fantástica – respondo.
- Obrigada, amiga. Você também está... apesar de não estar disponível, claro! Peguei uma bebida para você.
- Obrigada – pego a taça que Laura me passa e dou um gole no vinho branco.
- Então, de quem é essa festa?
- É do sócio do Dominic. Acho que foi um convite de cortesia por causa do fato de eles terem começado esse novo negócio.
- Ótimo! Qualquer desculpa para ir a uma festa está valendo para mim. O Dominic vai aparecer?
- Acho que não – lamento. – Parece que ele está fora do país.
- Laura me olha com um pouco de pena. Sei que ela acha que Dominic é perfeito, tirando seus pequenos sumiços.
- Coisa de trabalho – digo um pouco na defensiva. – E assim que ele terminar esse negócio poderemos passar mais tempo juntos. – Pareço muito mais confiante do que realmente me sinto sobre isso.
- Que bom. Apenas quero que você seja feliz, você sabe disso. Agora vamos lá para a festa?

Finlay Venture Capital tem um pequeno salão particular nos fundos de um hotel chique em Albemarle Street. Somos levadas até lá e fico um pouco surpresa com a pouca quantidade de gente que há. Então me lembro do pequeno escritório na Tanner Square. Tenho a sensação de que a empresa não é mesmo grande e que me convidaram só para ajudar a fazer número.

– Beth, que ótimo ver você! – Tom Finlay caminha a passos largos pelo salão em nossa direção, sorridente, com seus amigáveis olhos castanhos por trás dos óculos de armação negra. Ele é um homem baixinho e robusto, mas tem uma vibração que o faz parecer energético e amigável. Gosto de sua barba castanho-escura e de seu sorriso empolgado. – Dominic não veio com você?

– Essa noite não – respondo. – Ele está fora da cidade. De novo.

– Você não vai correr até algum trem indo a Paris para segui-lo, vai? – Tom ri da própria piada. – Fiquei animado por ter tido uma

pequena participação no romance de vocês. Dominic obviamente não se importou por eu ter lhe dado algumas orientações.

– Não... acho que no fim ele ficou feliz. – Sorrio. – A propósito, esta é minha amiga Laura.

– Oi, Laura. – Tom se inclina e dá um beijo educado no rosto de Laura. – É um prazer tê-la conosco. Você trabalha com a Beth?

– Ah, não – Laura diz com uma risada, e penso em como ela está atraente esta noite, com seus cabelos castanho-claros descendo cacheados por suas costas e seu rosto só com um pouco de brilho nos lábios e nas pálpebras. – Ela está no glamouroso mundo da arte. Eu sou só uma entediante consultora empresarial.

– Tente trabalhar com investimento de risco! – Tom exclama. – As pessoas pegam no sono enquanto ainda estou falando! Elas caem dormentes no chão enquanto tento explicar o que faço. Agora... vocês não estão com nenhuma bebida. Vamos lá pegar alguma coisa para vocês, as bebidas aqui são ótimas.

Vamos com Tom até o bar e cada uma de nós pega um coquetel. Ele e Laura logo engatam uma conversa como se fossem velhos amigos, enquanto entro em uma longa discussão com Grace, a assistente da empresa, sobre se é melhor viver no norte ou no sul de Londres. Quando termino de conversar com Grace, acabo em outro grupo que está falando sobre seus programas de Natal preferidos na televisão. Já estou em minha terceira bebida quando consigo escapular para encontrar Laura novamente.

Ela ainda está com Tom, mas eles acabaram sentando perto um do outro em um sofá de couro, conversando a fundo, os dois um pouco corados depois de várias bebidas.

Parece que as coisas estão se encaminhando. Fico feliz por Laura, já faz um tempo desde que ela teve um relacionamento e ela parece estar se dando muito bem com Tom. Só espero que não seja um caso de uma noite só, se algo acontecer. Faria muito bem para a autoestima de Laura ter algo mais sério.

No entanto, isso me deixa um pouco saudosa. Tenho bastante romance... ou teria, se meu companheiro parasse de desaparecer.

Saio para o saguão para conferir meu telefone. Não há nada. Nenhum e-mail, nenhum torpedo. Digito rapidamente uma

mensagem.

Onde você está? Sinto tanto sua falta! Por favor, me avise quando chegar. Mal posso esperar para te ver. B x

Envio a mensagem e enrolo um pouco no saguão do hotel. Em um salão próximo, está havendo uma festa de Natal mais animada, com música alta, cantoria e gente bêbada dançando empolgada. Lá na festa da Finlay, o falatório interminável continua e Laura e Tom ainda estão conversando para valer no sofá. Mesmo daqui consigo ver que estão flertando seriamente, todos os sinais estão ali. Não quero voltar lá, já que não conheço ninguém e não aguento mais conversar sobre nada enquanto bebo mais um coquetel.

Decido dar uma volta no quarteirão. Um pouco de ar fresco vai clarear minha cabeça de todo o álcool que ingeri e, quando voltar, Laura já deve estar pronta para voltar para casa. Pego meu casaco na chapalaria e saio.

Está frio aqui fora, mas o ar está cheio de celebração. Há festas ocorrendo em todo lugar, e as calçadas estão tomadas por pessoas em pouca roupa fumando um cigarro no ar frio da noite. Caminho pela Albemarle Street e entro na Dover Street, passo por um pub lotado de foliões e sigo pela calçada. No lado oposto há uma série de belas casas georgianas, com suas janelas brilhando pela luz de lustres ornamentados, e vejo pessoas agitadas na sala dos andares de cima. Há uma grande festa acontecendo. Paro e fico vendo por um momento, e percebo que se trata de um clube particular, um desses lugares chamativos que contam com atores, modelos e a nobreza menor entre seus membros. Enquanto estou observando, um táxi preto para e dele sai uma mulher. Ela atrai meus olhos na hora: é bonita, com a maçã do rosto acentuada e olhos oblíquos. A mulher também tem um corpo maravilhoso, suas pernas perfeitas são exibidas na medida certa com um vestido preto justo. Quando ela se vira para pagar o motorista, a vejo direito pela primeira vez e tudo que consigo fazer é abafar um grito.

É a Anna! Oh, meu Deus! O que ela está fazendo aqui?

Observo-a caminhar requebrando até o segurança e ouço sua voz grave característica carregada com sotaque russo.

– Estou aqui para a festa da Barclay.

O segurança responde:

– Segundo andar, senhora.

Anna caminha para dentro, rebolando o quadril enquanto sobe os degraus.

Fico olhando para ela, incapaz de acreditar em meus olhos. Não a vi desde aquele dia em Albany quando ela me convidou para me reunir a ela e Andrei na cama. Não muito tempo depois disso, Andrei a demitiu, porque, segundo ele, ela tinha o costume de drogá-lo com todo tipo de coisa.

Não sei o que me impeliu a fazer isso, mas logo em seguida estou atravessando a rua em direção ao clube, com uma expressão de autoridade no rosto. Fico feliz por estar usando meu melhor sapato enquanto caminho aceleradamente, parando em frente ao segurança apenas para dizer:

– A festa da Barclay?

– No segundo andar, senhora – ele responde com um aceno de cabeça, e passo por ele e subo os degraus.

Lá dentro vejo que não superei todos os obstáculos ainda: há um balcão de recepção com uma lista de nomes dos convidados.

Oh, céus, lá vai. Mais humilhação.

Começo a caminhar em direção ao balcão, pensando no que vou dizer, quando há uma súbita confusão atrás de mim. Viro-me e vejo uma pessoa familiar passando pela porta, acompanhada por uma pequena multidão de gente bem perto dela. Por um segundo, penso se não é uma amiga minha, mas logo percebo que a razão por que aquele corpo e rosto esculturais e o cabelo loiro comprido me são tão familiares é porque pertencem a uma atriz ganhadora do Oscar bastante famosa.

Imediatamente, toda a atenção se volta para a nova convidada, a agitação percorre o lugar. Aproveito a oportunidade e vou discretamente em direção à escada, parando só para entregar meu casaco para a atendente da chapelaria, que está boquiaberta vendo

a grande estrela a poucos metros de distância. Logo em seguida, subo a grande escadaria para a festa da Barclay.

Para meu alívio, não há ninguém conferindo nomes na porta, apenas alguns garçons segurando bandejas com bebidas para quem chega. Pego uma taça de champanhe na entrada e caminho para dentro do salão. Com a bebida na mão e fingindo procurar alguém, consigo passar pelas pessoas sem ser parada, e logo começo a relaxar quando percebo que a maioria das pessoas só está atenta para o grupo com que estão e que ninguém está interessado em me confrontar. Tento avistar Anna sem chamar atenção.

Por que estou aqui? O que vou dizer a ela quando encontrá-la?

Estou começando a me arrepender desse ímpeto maluco, e estou a ponto de deixar minha bebida de lado e sair daqui quando a vejo. Ela está em um canto conversando animadamente com dois homens de terno, que parecem estar completamente em transe por ela. Isso não chega a ser uma surpresa, considerando o brilho e a beleza felinos dela. Observo, tentando não dar muito na cara, e a vejo pegar um celular de sua bolsa de mão. Em seguida, ela dá uma desculpa aos homens com quem conversava e sai do salão por uma porta nos fundos. Coloco minha taça em uma mesa e sigo Anna, enfiando-me por entre a aglomeração até chegar à porta. Passo por ela e me vejo em uma tranquila sala de leitura, e olho em volta a tempo de ver Anna sumir no outro lado da sala. Corro atrás dela, saindo da sala de leitura e caindo em um corredor acarpetado, onde Anna está de costas para mim, falando ao celular.

– Sim – ela está dizendo. – Estou no Dover Street Club. Você sabe qual é... estou na festa da Barclay. Sim, vou me encontrar com você, já concordei com isso. Se vou dizer o que você quer saber, isso é outra questão. Tudo bem. Te encontro no bar da cobertura em vinte minutos.

Quando ela termina a ligação, volto discretamente para a sala de leitura e corro rapidamente de volta para a festa. Encontro um lugar perto de uma janela e a vejo reentrar no salão e voltar aos homens no canto.

Então você sabe que ela vai se encontrar com alguém aqui. Não faço ideia de quem seja... Então por que estou com tanto medo?

Como sei que irei para o bar da cobertura quando Anna estiver tendo seu encontro, já subo e aguardo no banheiro feminino, onde posso ficar escondida até a hora certa.

Pego meu celular. Há uma mensagem de Laura.

Onde você está? Já voltou para casa?

Respondo:

Não, saí para dar uma volta. Desculpe, devia ter avisado. Está tudo bem?

Sua resposta chega rapidamente:

Estou em um táxi com Tom. Ele está me levando para casa. Ele mora na zona leste de Londres.

Sorrio. Então definitivamente há algo rolando entre eles. Talvez seja até melhor que eu não esteja lá para atrapalhar. Envio outra mensagem:

Tome cuidado e se divirta. Volto daqui a pouco. Não estou muito longe.

Então confiro o relógio. Está quase na hora do encontro de Anna no bar. Saio do banheiro e subo até a cobertura. É fácil achar o bar e me sento em uma mesa baixa, em um canto escuro. Um garçom chega e pergunta o que desejo beber, então peço uma água com gás com gelo e limão.

Alguns minutos antes da hora do encontro, vejo um homem caminhar até o bar e sentar em um dos bancos no balcão. Meu coração afunda e a depressão inunda meu corpo. Eu suspeitava desde o momento em que vi Anna que ela iria me dar trabalho de

novo. Recuo nas sombras para que Dominic não consiga me ver de onde ele está, pedindo uma cerveja no bar e esperando por Anna.

Ela chega logo em seguida, sorrindo sedutoramente enquanto caminha até ele com a graça e a elegância de uma modelo. Ela se senta no banco ao lado de Dominic e consigo ver o rosto dela claramente, embora só consiga ver Dominic de costas. Eles conversam tranquilamente e consigo ouvir a risada dela e a voz dele, que chegam flutuando até mim. Sou tomada pelo desejo de me levantar e ir até lá exigir saber a razão daquele encontro e o que eles estão conversando. Que razão ele teria para ver Anna? A obsessão dela por Dominic já nos causou problemas demais. Sinto a fúria fervendo dentro de mim, uma mistura de ciúmes com traição. Por que ele iria se encontrar com ela sem me avisar?

Então outra voz fala, dizendo para eu me acalmar. Dominic me disse que queria resolver toda essa confusão com Andrei. Certamente esse encontro com Anna faz parte disso. Se eu aparecer bem agora, posso estragar tudo o que Dominic estiver fazendo.

Você confia nele?

Lembro que nunca descobri como Anna sabia dos segredos de meu relacionamento com Dominic. Ele negou veementemente ter dito qualquer coisa a ela, mas ele era a única pessoa além de mim que sabia dos detalhes. E ela sabia de tudo, desde o que aconteceu no calabouço até as marcas do flagelo nas costas de Dominic. Tentei esquecer o quanto isso me deixou confusa e o fato de que jamais esclarecemos esse assunto, mas ver Anna trouxe tudo de volta.

Então você confia nele ou não?

Olho para meu coração. Penso em tudo por que passamos. Lembro dos olhos de Dominic fixos nos meus, na dor que vi neles, no carinho, no amor. Ele não precisa fingir quaisquer dessas coisas para mim. Sempre acreditei que o sentimento dele é real. Sei que ele me ama.

Eu confio nele.

Então prove, digo a mim mesma.

Ouçõ a risada deles me atingir mais uma vez. Levanto-me discretamente e, sem ser vista, deixo o dinheiro da minha bebida na mesa e saio do bar. Desço as escadas rapidamente até a chapelaria,

pego meu casaco e saio para a rua para tentar a sorte e pegar um táxi para casa.

Capítulo Quinze

Laura sai de seu quarto na manhã seguinte parecendo bem acabada. Está com os olhos avermelhados e toda descabelada.

– Graças a Deus, já é quase Natal e não tem quase ninguém no escritório – ela grunhe. – Não vou conseguir trabalhar direito hoje. Estou moída!

– Você se divertiu com Tom? – pergunto um pouco desdenhosa enquanto como meu cereal. Não estou nem um pouco de ressaca.

Ela olha para mim e sorri.

– Hmm!

– Ele te deixou em casa, não?

Ela ri.

– Ele muito gentilmente me deixou na porta de casa e dentro também.

– Mesmo? – Levanto a sobrancelha. – E ele ficou muito tempo? Imagino que ele quisesse garantir que você estivesse bem segura. Quer dizer, bem enfiada na cama e confortável.

– Não exatamente na cama – ela responde –, mas digamos que nós sentamos no sofá por um tempo e... conversamos.

Rio.

– Foi legal?

– *Muito* legal mesmo. – Laura parece bem feliz, apesar da ressaca.

– Vocês vão se ver de novo?

– Acho que sim. Vou ver se ele me manda uma mensagem hoje.

– Ela vai pegar água e enche um copo com a garrafa da geladeira. – Só espero conseguir sobreviver, só isso.

– Amanhã é o último dia – digo. – E então vamos poder ir para casa no Natal.

– Isso. – Laura vira todo o copo d'água. – Mal posso esperar.

A caminho do trabalho, envio uma mensagem a Dominic.

Oi. Você viu minha mensagem ontem à noite? Já voltou? Quero muito te ver! Estou indo para casa no Natal em breve. Por favor, me diga onde você está. Te amo, B x x

Quando saio do metrô na estação em Victoria, meu telefone pisca indicando uma nova mensagem. É de Dominic.

Desculpe pela demora na resposta. Boa notícia: estou em Londres. Tenho coisas para te contar. Podemos nos encontrar mais tarde? D x

Sinto uma onda de alegria. Fiz a coisa certa. Acreditei nele e agora Dominic vai abrir o jogo. Com certeza vai me contar algo que tem a ver com Anna. Respondo sua mensagem dizendo para me encontrar depois do trabalho. Mal posso esperar para vê-lo.

Passo uma hora conversando com Mark enquanto ele está deitado em sua cama na estufa. Embora esteja um frio de congelar lá fora, dentro da estufa está bem quente, mas Mark está coberto com várias camadas de cobertores e ainda assim parece não conseguir parar de tremer de frio.

Tento distraí-lo com minha conversa, mas estou preocupada com a forma como Mark parece fraco e frágil. É difícil acreditar que ele vá conseguir suportar a radioterapia. Parece até que engolir uma aspirina é demais para ele.

– Você deve ir para casa e ter um ótimo Natal – ele me diz, sua língua ainda distorcendo as palavras. – Estarei muito melhor no Ano-Novo. Vamos romper nosso relacionamento com Andrei e sair atrás de novos clientes. O que você acha disso?

– Acho que será maravilhoso! – exclamo. – Um novo começo.

– Com certeza.

Caroline chega com uma bandeja cheia de caixas de remédios e um copo d'água. – Hora dos seus remédios, querido! – ela diz com animação.

Levanto-me.

– Feliz Natal, Mark. – Inclino-me e lhe dou um beijo.

– Feliz Natal. Falando nisso, seu bônus está sobre a escrivaninha. Agora... vá aproveitar o tempo com sua família e nos vemos aqui em janeiro. – Ele consegue dar um sorriso.

– Tchau, querida – diz Caroline. – Se não nos virmos ainda, já lhe desejo um ótimo fim de ano.

– Tchau e feliz Natal, Caroline.

Eu deveria me sentir feliz e animada, mas percebo que estou limpando lágrimas enquanto caminho até o escritório. Mark está tão mal, é difícil acreditar que ele estará melhor no ano que vem. Talvez nunca se recupere. Pensar isso é tão horrível que me faz soluçar, mas luto para me controlar. Ele precisa que eu seja forte e mantenha as coisas funcionando. Vamos enfrentar o que quer que venha pela frente.

Na mesa do escritório há uma linda caixa azul-clara com uma fita branca grossa em volta dela. Deve ser o bônus de que Mark falou. Achei que seria algum vale-compras ou até mesmo dinheiro, mas ele me deu um presente de verdade. Que gentil da parte dele. Penso se abro agora ou não e decido abrir no Natal. Conhecendo Mark, com certeza é um presente lindo e será especial.

Há também uma pilha de cartas que incluem vários cartões de Natal endereçados a Mark. Ele já recebeu dúzias deles, a maioria de seus colegas e clientes, de endereços de todos os lugares do mundo. Em meio aos cartões, encontro uma carta endereçada a mim, com uma etiqueta bem formal.

Que estranho, ninguém nunca me enviou um cartão antes! De quem será que é?

Abro o envelope com o abridor de cartas de Mark e pego o cartão. Ele traz a reprodução de uma pintura religiosa russa de Nossa Senhora. Abro o cartão e dele cai um papel dobrado na mesa. Dentro do cartão está impressa a mensagem: *Sinceros votos de Feliz*

Natal e um ótimo Ano-Novo de Andrei Dubrovski. Sob isso está escrito a mão:

Beth, seu presente de Natal. Andrei.

Pego o papel dobrado e o abro. Leio, franzindo a testa enquanto imagino do que se trata. Para começar, está datado de 2 de janeiro, daqui a mais de uma semana ainda. Seu título é “Nota à imprensa do Escritório de Andrei Dubrovski, para ser emitida no dia 2 de janeiro”. Começo a lê-la.

O Escritório de Andrei Dubrovski anuncia sua intenção de processar criminalmente o negociante de arte Mark Palliser por malversação e inépcia depois de tornar-se público que o conhecido especialista em artes identificou erroneamente uma obra de arte como sendo do mestre florentino da Renascença Fra Angelico. O senhor Dubrovski pagou mais de 2 milhões de libras pela obra, que mais tarde o Museu Hermitage em São Petersburgo comprovou ser uma falsificação. O senhor Dubrovski ficou abalado pelo resultado e já tomou medidas para recuperar a soma paga pela pintura. Há também questões sobre a forma como o senhor Palliser cuidou das finanças de Andrei Dubrovski, e certos aspectos estão sendo investigados com vistas a recuperar quaisquer quantias que possam ser devidas.

O senhor Dubrovski comentou: “Estou profundamente entristecido pelo fim de minha relação profissional com Mark Palliser. Infelizmente, seu erro na autenticação me custou muito dinheiro e pretendo processá-lo por perdas e danos. Espero que as demais insinuações de má administração financeira se provem falsas”.

Para mais informações sobre o assunto, favor entrar em contato com o Escritório de Andrei Dubrovski.

Largo o papel na mesa com um grito de horror. Então ele não estava blefando. Andrei pretende seguir com isso. Cubro o rosto com as mãos, tentando absorver tudo que li. Mas ele me deu um prazo. Só posso imaginar que seja minha última chance para mudar de ideia e salvar Mark.

Penso em meu amigo tão fraco e doente na cama lá na estufa e tenho certeza de que isso irá matá-lo.

Respiro fundo, tremendo, e caio no choro.

Dominic envia um carro para me pegar e entro nele feliz por estar isolada do mundo exterior. A alegria natalina das ruas é demais para mim quando estou tão infeliz. Nem mesmo saber que vou ver Dominic está me ajudando a me sentir melhor.

As luzes à minha frente se tornam um borrão enquanto penso na terrível armadilha em que me encontro. Dominic havia me persuadido de que não devia me preocupar porque Andrei não iria cumprir suas ameaças, mas agora parece que ele estava falando bem sério. Andrei está disposto a sacrificar Mark se eu não fizer o que ele quer.

A caminho do meu encontro penso, como estive fazendo o dia inteiro, se devia dizer a Dominic que vamos terminar. Eu podia inventar alguma coisa sobre não amá-lo mais, ou podia gritar e espernear, dizer que o vi com Anna ontem à noite e acusá-lo de tudo que puder pensar... e então sair batendo a porta. Aí iria viver com Andrei, e de alguma forma iria suportar isso porque saberia que salvei Mark, e Dominic também, se Andrei fizer o que eu pedir e deixá-lo em paz. Logo quando decido que ceder a Andrei é a única maneira de sair dessa, o carro para em frente a uma grande casa de fachada branca. Olho ao redor e percebo que estamos em Marylebone, ao lado de Winpole Street.

O motorista sai, abre a porta para mim e faz um gesto para a grande porta negra, que fica entre dois vasos com árvores.

Vou até lá e aperto o grande botão da campainha em uma moldura de bronze. Logo em seguida, a porta se abre e Dominic está lá, lindo com uma calça escura e camisa xadrez azul-claro, que de alguma forma deixa seus olhos mais castanhos do que nunca.

– Você chegou! – Ele está feliz da vida e me recebe de braços abertos e, apesar de minha decisão de resistir a ele, me joga em seus braços, desesperada pelo conforto de estar perto dele.

– Ei, Beth, o que foi? – ele pergunta, beijando minha cabeça.

Tento falar. Ensaiei tanto no carro o que iria dizer e agora preciso fazer meu discurso com convicção. Preciso dizer a Dominic que acabou e que nunca mais vamos nos ver novamente, mas a verdade é que estar com ele me mostra que fazer isso é impossível. Sou tomada pela culpa, porque minha incapacidade de me negar a alegria de estar com Dominic significa que Mark será destruído. Sinto as lágrimas enchendo meus olhos novamente e soluço no peito de Dominic.

– Você está chorando! O que está havendo? – Ele me puxa para dentro e fecha a porta. Estamos em um hall de piso de mármore sob um enorme lustre de bronze.

Olho em seus olhos e vejo que ele está preocupado.

– Oh, Dominic! É o Andrei. Olha! – Limpo algumas lágrimas, pego o papel de minha bolsa e coloco nas mãos dele. Ele o pega, desdobra e lê rapidamente.

– Entendo – ele diz com tristeza.

– O que você acha? – Tento não me lamuriar, mas minha voz fica mais aguda enquanto falo. – Ele realmente vai arruinar Mark! Só para se vingar de mim!

Dominic dobra o papel e o devolve a mim.

– Não se preocupe – ele diz. – Isso não vai acontecer.

– O que você quer dizer? Ele já preparou a nota. É óbvio que está falando sério. A única razão por ele estar segurando isso é para me dar a última chance de mudar de ideia. – Aperto a mão de Dominic.
– Não estou suportando isso!

Ele aperta minha mão de volta.

– Você não será chantageada dessa forma, não se preocupe. Olha, vamos ter um convidado ou dois vindo aqui. No fim, tudo vai ficar claro.

Balanço a cabeça como se estivesse acordando e olho em volta.

– Onde estamos? Que lugar é este?

– Você gostou? Esta é minha nova casa.

– O quê? – Olho para o enorme pátio de entrada. – Sua nova casa?

– Acho que sim. Ainda estou me decidindo. Queria pedir sua opinião antes. O que você achou dela até agora?

Olho ao redor. O lugar parece estranho porque não tem nenhum móvel, à exceção de algumas mesas, cadeiras e lustres.

– É adorável – respondo. – Então olho de volta para Dominic. – Bem diferente de Randolph Gardens!

Ele sorri.

– Sim. Um pouco maior. Você gostaria de conhecê-la?

– Não sei, para falar a verdade – digo, fungando um pouco. – Não estou no espírito. Me desculpe.

Ele me pega nos braços novamente.

– Ei, nada de ficar triste. Juro que vai ficar tudo bem. Você vai ver.

– Quando você voltou para Londres? – pergunto, com o rosto colado em sua camisa.

– Ontem. – Ele se afasta para me olhar no rosto. – Eu não quis te avisar porque meu plano podia não dar certo. Mas acho que vai funcionar e juro que não vou deixar Andrei ferir Mark... ou você.

Olho Dominic de volta no rosto. *Você vai me contar sobre Anna? O que aconteceu entre vocês dois ontem à noite? Lembro-me de como eles estavam rindo juntos.* É difícil acreditar nas rugas que os dois tiveram. Fico pensando se Dominic realmente tem algo em seu poder para impedir que Andrei divulgue aquela nota à imprensa e comece a destruir Mark.

– Vamos – ele me diz, persuasivo. – Venha ver a casa. Realmente quero ouvir sua opinião.

– Está bem – respondo, um pouco relutante. – Vamos lá.

Ele me leva pela casa, cheio de entusiasmo. Com certeza é um lugar maravilhoso, com cinco andares de salas e quartos, e toda a graça do estilo *regency* combinado perfeitamente com o conforto moderno e os toques luxuosos de banheiros lindos, uma academia e uma sala de cinema. Quando finalmente voltamos ao térreo, Dominic está ansioso para saber o que penso.

– E então... você gostou?

– A casa é linda – respondo sinceramente. – Mas é gigantesca. Tudo isso só para você?

– É demais? – Ele parece um pouco abatido.

– É grandiosa, mas... – Penso no palácio frio de Andrei em frente ao Central Park e na casa aconchegante e bagunçada de Georgie, e sei onde preferiria morar. – Talvez ficasse mais acolhedora com alguns móveis aqui – digo com dúvida na voz.

Dominic começa a rir.

– O que foi?

– Você é um amor... e tem razão. Estou me empolgando muito. Não preciso desta casa... ainda não, pelo menos. – Ele me beija carinhosamente nos lábios. – Por que não vamos procurar uma juntos? – Dominic pergunta.

Quase perco a respiração. *Juntos? Morar juntos?* A ideia é maravilhosa e me faz querer dar pulos de alegria. Então me seguro. Não, ele não deve estar querendo dizer isso. Ele quer é meu conselho para procurar algum lugar.

– Valorizo sua opinião – ele continua. – E... quero que você se sinta em casa onde quer que eu esteja.

– Vou adorar ajudá-lo a encontrar uma casa – digo meio hesitante, sem querer entender errado.

– Beth – ele diz, pegando minhas mãos e chegando perto de mim –, quero um pouco mais que isso. Eu quero...

Um barulho alto ressoa pelo hall vazio e me faz dar um pulo de susto.

– Ah! – Dominic diz. – Minha visita está aqui. Não fique chocada, Beth. Aguarde e você vai ver. – Ele caminha rapidamente até a porta da frente e a abre. No vão da porta há uma bela silhueta, esbelta e cheia de curvas, com aquele inequívoco par de maçãs do rosto. É Anna. Ela curva o pescoço para receber um beijo de Dominic em cada bochecha e então desliza para dentro do hall em seu salto alto.

– Mas que casa perfeita e adorável, Dominic – ela diz. – Me diga que é sua.

– Ainda estou me decidindo – ele responde me olhando de lado.

Ela caminha até mim e me encara com aqueles olhos verdes oblíquos.

– Beth. Oi. Como você está?

– Estou bem, obrigada, Anna. – Tento parecer distante e serena.
– Como você está?

– Óótima. Como sempre. – Ela gira em seu salto e olha para Dominic. – Você vai me oferecer uma bebida?

– Claro – ele responde. – Champanhe?

– Você me conhece bem demais. Não posso resistir.

– Vamos lá para baixo.

Seguimos Dominic até uma enorme cozinha que se estende até o jardim com uma parede de vidro. Ela é uma criação minimalista, combinando superfícies brancas e brilhantes com concreto polido. Ele vai até a geladeira, pega uma garrafa e a abre, colocando a bebida em taças que estão aguardando no balcão.

Ainda estou esperando para ouvir exatamente o que Anna está fazendo aqui, mas estou decidida a não me precipitar. Acreditarei que Dominic sabe o que está fazendo.

Ele passa uma taça de champanhe a cada uma e segura uma para ele.

– À nossa parceria – ele diz com um sorriso largo. – E ao sucesso.

Anna levanta sua taça e a bate na de Dominic.

– Ao nosso sucesso. – Ela se vira para mim. – Beth... sucesso.

Deixo Anna bater sua taça na minha, mas não digo nada. Não consigo esquecer o fato de que ela colocou drogas em minha bebida na festa na caverna, e tentou sabotar meu relacionamento com Dominic para roubá-lo de mim.

Todos tomamos nosso champanhe e sinto as bolhas estourando na língua.

– Então, Anna – Dominic diz. – Você se lembra do que conversamos ontem à noite. Já chegou a uma decisão sobre o que vai fazer?

– Não estaria aqui se não tivesse – ela responde indiferente. – Você sabe disso. Nós só precisamos ter certeza de que isso vai funcionar. Não podemos fracassar.

– Com nós três juntos, faremos dar certo – Dominic comenta com firmeza. – Temos toda a informação de que precisamos.

– Mas você precisa do que eu sei – Anna comenta faceira. – Eu tenho a chave.

Dominic se inclina em direção a ela, com os olhos subitamente intensos.

– E você vai me dar a chave?

– Talvez dê. – Ela pisca os olhos para ele, e sinto uma onda de ciúme girando dentro de mim.

Ela é completamente descarada. Estou bem aqui e ela está flertando com Dominic na minha frente! Não dá para acreditar! Vale a pena eu aceitar passar por isso? Tento me controlar. O Mark vale a pena.

– Não devo nada a você, Dominic – ela diz, repentinamente imóvel.

– Não. Mas isto não é sobre mim – ele responde. – É sobre o Andrei.

Uma expressão amarga cruza o rosto dela.

– Sim. – Ela parece convencida de novo. – Andrei. Ele vai se arrepender da forma como me tratou. – Anna desliza seu olhar para mim. – Não tenho o menor interesse em ajudá-la, Beth, mas isso faz parte do acordo, então que seja.

Permaneço quieta, sentindo que há um equilíbrio delicado aqui, que não posso estragar.

– Então – Dominic insiste. – O que você pode nos dizer?

– Posso dizer a vocês que Andrei sabia que a pintura era falsa bem antes de ter decidido comprá-la.

Levo um susto e, apesar de minha decisão de não dizer nada, não consigo segurar as palavras que escapam de mim.

– Ele *sabia*?

– Sabia – ela responde, levantando uma sobrancelha para mim. – Ele pagou dois milhões por algo que sabia que se mostraria falso.

– Mas *por quê*? – pergunto, espantada. – O que ele esperava ganhar com isso?

Ela ri zombeteiramente.

– Minha cara, você é tão ingênua! Andrei está lavando dinheiro, é claro. Ele está profundamente envolvido com o submundo do crime e ganha muito dinheiro lavando o rendimento das drogas e do crime. Isso, por sua vez, facilita o caminho dele em diversos negócios mais complicados e ele acaba ganhando ainda mais dinheiro.

Olho para ela. Então me viro para Dominic.

– Você sabia disso?

– Não – ele responde seriamente. – Não sabia de nada disso.

– Ele não sabia – Anna diz despreocupadamente. – Andrei contou só para mim. Ele devia ter se lembrado disso quando decidiu me chutar de lado do jeito que fez. Mas acho que ele não imaginou que eu diria isso a vocês. E... – ela dá de ombros – ele me pagou um bom dinheiro como indenização e provavelmente achou que isso compraria meu silêncio. – Então ela se vira para me encarar. – Beth, a verdadeira pergunta é... você *sabia* disso?

– Eu? – Estou surpresa. – Claro que não. Como iria saber?

– Porque é você quem está colocando dois milhões de volta na conta do Mark, da mesma forma que aconteceu com dezenas de compras de obras de arte que Andrei fez ao longo dos anos.

Tenho um sobressalto.

– O que você quer dizer?

– Você me ouviu. O Mark tem sido vital para essa operação. Ele foi muito gentil ao deixar que Andrei depositasse uma enorme soma de dinheiro no negócio dele.

Tenho uma explosão de raiva dentro de mim.

– Você está me dizendo que Mark é um criminoso? Que ele lava dinheiro? – Aumento o tom da voz. – Não há a menor possibilidade. Mark é completamente honesto, um homem totalmente decente. Ele jamais faria algo assim.

Dominic levanta a mão em minha direção, como se quisesse me acalmar, mas estou encarando Anna com os olhos fumegando.

Ela dá de ombros, impassível diante de minha fúria.

– Talvez ele não seja um criminoso, talvez seja simplesmente um inocente. Mas ele facilitou a lavagem de uma enorme soma de dinheiro.

– Outra razão pela qual Andrei deseja cortar ligações com Mark, talvez? – murmura Dominic.

Viro-me para ele, com os olhos se enchendo de lágrimas.

– Você não acredita que Mark é culpado disso, acredita?

– Não – ele responde calmamente. – Mas se o que Anna diz é verdade, Mark será envolvido quer ele queira quer não.

– Então você quer dizer que a única forma de impedir a destruição de Mark é revelando as atividades criminosas de Andrei... e destruindo Mark do mesmo jeito! – Encaro Dominic furiosa.

– Talvez não chegue a isso.

– Não vejo como não vá chegar.

– Talvez nada disso seja divulgado. Tudo vai depender da reação de Andrei quando dissermos a ele o que sabemos. – A expressão de Dominic mostra compaixão e posso ver em seus olhos que, quando estivermos a sós, ele vai me contar mais. Ele se volta para Anna. – Então você se compromete a fazer isso?

– Comprometo-me – ela diz e abre de repente um sorriso largo. – Totalmente.

Ouvimos o som da campainha ecoando na sala acima.

– Ah – Dominic comenta. – Acho que deve ser sua recompensa. Com licença, senhoras. – Ele sobe e volta alguns minutos depois. No que Dominic desce a escada, vejo que ele vem acompanhado por outro homem de terno escuro, e um segundo depois o estranho aparece à nossa frente e percebo que posso reconhecê-lo. Quando estou tentando lembrar onde foi que o vi antes, Anna solta um grito.

– Giovanni! – Ela corre até ele e pula em seus braços. O monge fica surpreso por um momento, mas logo se encanta por ter uma linda mulher abraçando-o. Eles se beijam apaixonadamente.

Dominic se aproxima de mim, sorrindo.

– Eis a última peça do quebra-cabeça – ele diz. – Agora sabemos como Anna conhecia todos os nossos segredos. A única pessoa a quem contei foi ao irmão Giovanni. Acontece que meu confessor também estava fazendo suas próprias confissões. Sempre soube que Anna não era mulher de um homem só. Ela podia me querer porque eu a tinha rejeitado, mas acho que um homem que fez voto de celibato era um desafio ainda mais interessante. Ela está feliz por vê-lo de novo, não acha?

Olho para ele, sem saber se rio ou se choro.

– Ah, Dominic!

Ele me pega nos braços e me abraça com força.

– Nós vamos superar isso, juro. Todos nós.

Capítulo Dezesesseis

Anna e Giovanni saem logo em seguida, obviamente ansiosos para ir a algum lugar com mais privacidade e curtir seu encontro. Imagino se Anna finalmente desistiu de Dominic ou se está simplesmente aguardando. Acho que vou ter de fazer a mesma coisa e passar a suportá-la, considerando o quanto precisamos da cooperação dela.

Dominic fecha a porta da frente e a tranca.

– As chaves vão voltar para o corretor amanhã – ele diz. – Esta não é uma casa para nós, certo?

Olho para ele.

– Nós?

Dominic me olha.

– Não consigo pensar em um futuro que não inclua você. Isso ainda não ficou óbvio? Não quero viver sem você.

A felicidade toma conta do meu corpo.

– É mesmo? – sussurro.

– É mesmo.

Não consigo dizer nada enquanto absorvo tudo isso. Acho que ele está dizendo que nossa vida está completamente entrelaçada e que jamais iremos nos separar. Essa ideia é gloriosa.

Dominic sorri ao ver minha expressão.

– Temos muito o que conversar. Mas já é tarde. Preciso levá-la para casa. – Ele pega o celular e digita uma mensagem. – Meu motorista vai chegar aqui em um minuto.

Observo-o por um momento, pensando no quanto ele mudou desde que o conheci. Agora ele é uma verdadeira força, um homem com poder para derrubar Andrei Dubrovski. Digo subitamente:

– O Mark vai ficar bem, Dominic? Você pode me prometer?

Ele pega minha mão.

– Posso prometer que não vou deixar Andrei espalhar mentiras e destruir a reputação de Mark. Mas se o que a Anna disse é verdade, bem... sei que Mark é inocente, mas talvez ele tenha de provar isso no tribunal. – Ele fica sério de repente. – Todos nós que nos envolvemos com Dubrovski... estamos todos marcados. Vamos ter de nos explicar. Mas, se formos honestos e sinceros, acredito que não há nada a temer.

O carro para em frente à casa e Dominic me leva até ele, abre a porta e me ajuda a entrar.

– Você vem junto? – pergunto.

Ele balança a cabeça.

– Quero caminhar um pouco e clarear as ideias. Tenho muito o que pensar. Você precisa dormir um pouco.

– Quando vou vê-lo? – pergunto, entrando em pânico só de pensar que posso não vê-lo antes de voltar para casa no Natal.

– Amanhã. – Dominic sorri. – Tenho algo planejado. Vou avisá-la.

– Dominic... – Não quero, mas preciso perguntar. – A Anna... vocês não...?

Ele me beija carinhosamente e diz:

– Você não precisa nem perguntar. Claro que não. Você é a única para mim.

Fico grata por estar em casa e durmo profundamente essa noite, bem desgastada por tudo que aconteceu. Sinto-me mais segura sabendo que Dominic está liderando nossa resistência contra Dubrovski, mas ainda tenho sonhos estranhos em que Andrei me persegue e ameaça, dizendo que jamais conseguirei escapar dele. E que, se ele for cair, vai me levar junto.

Depois de meus sonhos vívidos, fico feliz de acordar na segurança de minha própria cama. É o último dia antes de ir para casa no Natal e de as festividades começarem. Penso se Dominic conseguirá resolver a situação com Andrei antes do dia 2 de janeiro, a tempo de impedir que a nota à imprensa seja divulgada.

Quando vou trabalhar, Caroline fica surpresa ao me ver.

– Pensei que você estava voltando para casa hoje – ela diz. – Não esperava vê-la aqui.

– Achei bom aparecer e ver como estão as coisas – respondo. A verdade é que queria conferir a papelada dos negócios de Mark com Andrei, caso haja alguma pista neles. Percebo que Caroline está bem abatida. – Está tudo bem?

– O Mark não está bem hoje – ela responde com uma expressão gelada. – Ele está com febre e bastante rouco. Se não melhorar até mais tarde, vou levá-lo ao médico. Ela me olha com gentileza. – Se você não tiver mais nada para fazer, deveria sair mais cedo, Beth. Pode começar já seu Natal. Aqui vai estar bem tranquilo.

– Obrigada – respondo grata. – Talvez eu faça isso.

Vou ao escritório e começo a procurar todos os arquivos que envolvam Andrei, mas até onde consigo ver, tudo é bem simples e às claras. Embora, é claro, sabendo o que sei agora, parece absurdo Mark ter concordado com esse sistema de pagamento e reembolso que ele e Andrei usam.

O tempo todo fico esperando Dominic entrar em contato. Só recebo uma mensagem dele depois do almoço, quando estou quase saindo.

Rosa. Você está sendo requisitada. Seu patrão deseja uma festa de Natal. Esteja no budoar em uma hora.

Minha respiração fica acelerada com a expectativa. Desejo me libertar no prazer que tenho quando estou com meu mestre. Meu estômago se revira agradavelmente só de pensar nisso. Se ele exige a presença de Rosa, fico feliz em concedê-la.

Chego ao budoar antes do horário, mas sei a importância da obediência, por isso aguardo quieta até a hora exata e então bato na porta.

Dominic abre a porta e se afasta para que eu entre. O corredor do elevador estava escuro e, quando ele fecha a porta, pisco os olhos com a claridade súbita.

– Vá para o quarto, Rosa, e escolha o que você acha que vai me agradar. Estarei lá em exatamente dez minutos.

Deixo a bolsa de lado, tiro o casaco e caminho até o quarto. Lá dentro tudo está bem arrumado e organizado. Há o assento de couro branco em que Dominic me levou aos cumes do prazer. Há o armário com sua vasta gama de brinquedos e instrumento. Há o closet onde Dominic guarda uma variedade de roupas e acessórios para mim. Nunca sei o que vou encontrar lá. Caminho até o closet e abro a porta.

Meu mestre pede uma festa de Natal. Serei o presente dele, para ser desembrulhado e desfrutado. Pego um sutiã sem taças, que se ajusta nos seios com um grande laço preto de seda. Vejo uma calcinha com o mesmo material, mas com o laço atrás. Visto a calcinha e o sutiã e me cubro com um robe de seda vermelha por cima. Um par de botas de salto alto atadas com cadarços até a coxa chama minha atenção. São muito bonitas. Calço as botas, feliz pelo zíper na lateral, que evita que eu tenha de amarrá-la. Então pego a coleira de couro e a ajusto no pescoço. Dominic sempre gostou dela como símbolo de minha submissão. Então sento na cama e espero até ele entrar.

Depois de exatos dez minutos, a porta se abre e Dominic entra. Ele está bem-vestido com uma calça escura de risca de giz, camisa, gravata e colete. Ele caminha até a poltrona de couro colocada ao lado da cama e senta-se, olhando-me com seriedade. Percebo que ele está segurando uma taça de champanhe.

– Levante-se, Rosa.

Obedeço, apertando o robe contra mim. Seu olhar viaja pelo meu corpo e, ao notar as botas, ele acena com a cabeça.

– Muito bom. Por favor, venha até aqui.

Caminho até ele e fico parada obediente diante de Dominic, aguardando as próximas ordens.

– Sente-se em meu colo.

Viro-me de costas para ele e me abaixo para sentar em seus joelhos. Sinto sua mão tocar a seda do robe e então subir pelas minhas costas e levantar meu cabelo para ver a coleira.

– Isso é bom – ele sussurra. – Gosto de ver que você sabe seu lugar, Rosa. Você gosta de ser submissa, não?

– Gosto, senhor.

– Você gosta de me obedecer?

– Gosto, senhor.

– Você está bem comportada esta noite, fez tudo o que pedi sem nenhum erro. Isso significa que não vamos castigá-la?

– Faça o que achar que é certo, senhor.

Dominic ri gentilmente. Pressiono bem de leve seu colo e sinto a dureza sob minhas nádegas. Enquanto o aperto, sinto-a crescer e latejar sob mim. Estico uma perna, para que ele veja a bela bota e como ela cobre minha perna até chegar acima do joelho. Sua respiração fica mais pesada quando percebe.

– Você está me provocando – Dominic diz. – O que mais você vai fazer?

Sem dizer uma palavra, me levanto, passando os dedos sobre o tecido de lã de sua calça. Deixo o robe de seda cair no chão para que ele veja o laço de seda preto bem no meio de minha bunda. Dominic ri novamente.

– Meu pequeno presente de Natal. Deixe-me ver que delícias você está escondendo aí dentro. – Ele puxa o laço, que revela minha bunda, macia e redonda, a pele branca contrastando com o couro preto das botas. Ele a alisa com a mão, admirando a firmeza de minha bunda. – Vire para mim.

Viro-me. Ele pode ver meu sexo, ainda coberto com um pequeno pedaço de seda, minha barriga e o grande laço preto sobre os seios. Ele levanta as sobrancelhas.

– Mais um presente. Curve-se para que eu possa abri-lo.

Inclino-me para a frente, com os seios surgindo diante de seu rosto como montes macios. Ele pega uma das pontas do laço e a puxa. Meus mamilos rosados e seios redondos ficam expostos e Dominic grunhe com aprovação.

– Você está deliciosa – ele murmura. – Chegue mais perto.

Levo meus seios até sua boca. Ele toma um gole de champanhe de sua taça e então coloca a boca sobre meu mamilo direito. Solto um gemido quando meu mamilo é envolvido pelo líquido gelado. Consigo sentir as bolhas estourando em sua superfície. Então ele chupa com força e engole. O champanhe desaparece e ele me solta.

– Delícia – Dominic diz sorrindo. Ele dá mais um gole e faz a mesma coisa com o outro mamilo. Então mergulha os dedos no champanhe e deixa um rastro em minha barriga. Minha pele se arrepia com a umidade gelada, e quando Dominic chega no triângulo de seda cobrindo meu sexo, ele mergulha o dedo dentro e me acaricia.

Seu toque me faz estremecer de tesão. Consigo sentir um desejo lascivo latejando dentro do meu clitóris e em meu sexo inchado. Ele me encara e consegue ler meus pensamentos.

Dominic desabotoa a calça, permitindo que sua ereção apareça em seu colo.

– Por que você não se senta novamente. Talvez queira beber um pouco de champanhe.

Movo-me obedientemente para a frente e ele se ajeita, ficando mais perto da borda da poltrona, para que eu consiga encaixar minhas pernas ao seu redor. Pego seu pênis. Está duro e quente. Sem dizer nada, me coloco sobre ele, tiro o pedaço de seda do caminho e desço devagar, engolindo todo o seu pau. Dominic está controlando a respiração enquanto o engulo, mas mal consegue. Ele levanta a taça de champanhe e dá um grande gole. Então puxa minha cabeça e pressiona os lábios contra os meus. Uma torrente de champanhe gelado sai de sua boca e inunda a minha. Recebo-a e bebo tudo, e então me delicio com o movimento de sua língua em minha boca, com sabor de champanhe. Ele bebe outro gole e repete, deixando o líquido frisante sair de sua boca e ir para a minha. É delicioso e inebriante de diversas maneiras.

Enquanto bebo, me movo sutilmente, contraindo meus músculos internos para apertar sua vara quente dentro de mim. Posso sentir seu pau crescendo dentro de mim, ficando mais grosso e duro enquanto me contorço de leve para estimulá-lo.

– Você está se divertindo, Rosa? – Ele pergunta com a voz grave, carregada de volúpia. – É por isso que está rebolando desse jeito?

– Estou, senhor – sussurro.

Ele olha para minhas pernas com a bota ao seu redor e a forma como estou sentada em seu pau. Meus seios apontam para seu rosto, os mamilos rosados e duros implorando por ele, mostrando como estou cheia de tesão. Seus olhos brilham com desejo.

– Suba e desça – Dominic ordena. Começo a subir e a afundar nele, apoiando meu peso no salto alto das botas e então deslizando sobre seu pau e pressionando o mais forte que posso. – Isso mesmo. Mais rápido.

Ele coloca as mãos no meu quadril para me fazer subir e descer em seu pênis ainda mais forte. Adoro a sensação de Dominic me preenchendo e tendo prazer. Lambo meus lábios e aperto meus mamilos, girando-os levemente. Dominic me observa com agrado.

– Pobre Rosa – ele diz –, você não está recebendo prazer suficiente. Pode ficar à vontade para dar a si mesma o que quer.

Desço a mão até meu ventre, enquanto a outra brinca com meu seio, e então chego até onde seu pênis está me penetrando. Sobre minha entrada, meu clitóris está saltado para fora e inchado. Toco-o com o dedo indicador, alisando em um movimento circular.

– Isso mesmo. Mostre o que você quer – murmura Dominic, observando com atenção meu dedo se mover mais rápido e com mais força, fazendo uma espiral sobre meu grelo. Seu pau está me estocando com mais força do que nunca. Aperto o mamilo com força e solto pequenos gemidos enquanto meu dedo provoca sensações no meu clitóris. – Continue até gozar – ele ordena bruscamente. – Vamos. Quero ver você gozar.

Começo a me entregar às sensações deliciosas de seu pênis sendo socado dentro de mim enquanto meus dedos amplificam meu prazer. Eles sabem exatamente como brincar com a pequena pérola para fazê-la pulsar e se arrepiar com meu toque. Acaricio-me com mais força e Dominic passa a me foder ainda mais rapidamente, com a respiração acelerada, minhas ações deixando-o excitado.

– Aaah – grito, quando a eletricidade começa a me percorrer.

– Goze, Rosa, quero ver você gozar – ele diz novamente, e alço voo ao meu clímax, tremendo e chacoalhando sobre Dominic, enquanto minhas pernas e meus braços se contraem e o orgasmo toma conta de mim.

Termino, ofegante, ainda com seu pênis duro dentro de mim.

– Isso foi uma delícia de ver – ele murmura, sorrindo enquanto me olha sentada em sua ereção. – Não terminamos ainda. – Ele se inclina para a frente e sussurra em meu ouvido. – Vou te comer com força naquela cadeira e depois na cama. Você vai gozar de novo, acredite, e eu também. Mas não antes de eu receber todo o prazer que quero de você, minha doce e submissa Rosa.

Levanto o rosto para Dominic e vejo que seus olhos estão cobertos de desejo. O fogo começa a arder em mim novamente. Contraio os músculos na base de seu pau, que ainda toca fundo em mim.

– Sim, senhor – digo carinhosamente. – O que o senhor quiser.

Dominic cumpre sua palavra e passamos duas horas exaurindo um ao outro. Ele é insaciável, faminto para estar dentro de mim com sua enorme ereção e, quando ele finalmente goza, derramando seu clímax em mim, estou dolorida e inchada, minha vagina amaciada depois de todo o castigo que levou. Sinto-me espremida e esgotada de prazer. Tomamos um banho longo e agradável juntos, e Dominic me lava com sabonete e uma esponja suave, me tratando como um objeto precioso enquanto cuida gentilmente de minha vagina esfolada. Então ele me enxuga e nos vestimos.

Apesar de termos passado horas nos entregando um ao outro, ainda é começo de noite.

– Vamos sair para jantar – Dominic propõe. – E há mais uma pequena surpresa para você.

Estou intrigada e também faminta. Sinto-me leve e alegre, apesar de dolorida no meio das pernas. Não se pode subestimar o poder do sexo de liberar hormônios que melhoram o humor na corrente sanguínea. Sei que há diversas sombras escuras sobre minha vida,

mas um orgasmo de tremer a terra e o prazer de tocar e saborear a carne de Dominic é o suficiente para mantê-las afastadas por enquanto.

Quando estou vestida, Dominic diz informalmente.

– Ah, a propósito, há uma coisa para você na sala.

– É mesmo? O quê? – Caminho até a sala e vejo uma grande caixa retangular branca no chão. Ela está envolta com um laço vermelho.

– Abra a caixa – diz Dominic atrás de mim.

– Está bem. – Puxo o laço, que se desfaz suavemente. Levanto a tampa branca da caixa e dentro vejo um maravilhoso casaco de caxemira de seda preta, com pelos pretos na gola. Solto um suspiro.

– Você estava maravilhosa com aquele casaco que usou em Nova York. Você tinha adorado, mas devolveu sem pensar duas vezes. Então eu quis dar um para você.

– É lindo – digo, encantada. Levanto o casaco e Dominic o segura para mim enquanto coloco meus braços em seu interior de seda. Ele veste perfeitamente e é incrivelmente quente e aconchegante. – Obrigada, Dominic, adorei! – Abraço-o em um ímpeto e o beijo no rosto, enquanto ele ri.

– Por nada. Feliz Natal!

Meu rosto congela.

– Mas eu não comprei nada para você!

Ele passa o dedo pelo meu rosto.

– Não se preocupe com isso. Você acabou de me dar o mais delicioso presente de Natal que eu poderia imaginar.

Protegida em meu lindo casaco novo, estou pronta para encarar o frio lá fora. De braços dados com Dominic, andamos juntos pelas ruas geladas até o restaurante em Mayfair em que temos as reservas. Ao entrarmos, o *maître* nos cumprimenta e Dominic diz:

– Os outros convidados já chegaram?

– Já chegaram, senhor.

Olho curiosa para Dominic. Pensei que esta noite seria só nossa. Subitamente, torço para que os outros convidados não sejam Anna e Giovanni. Acho que eu poderia passar sem essa surpresa.

Depois que pegam nossos casacos, somos levados em meio ao salão elegante até uma mesa nos fundos onde consigo ver que há outro casal. Ao nos aproximarmos, reconheço com alegria quem é a mulher.

– Laura!

Ela se levanta, com um sorriso largo no rosto, e me cumprimenta com um beijo quando chego à mesa.

– Então finalmente vou poder conhecer o lindo Dominic! – ela diz, e ele vem atrás de mim.

– O prazer é todo meu – ele diz com charme, dando dois beijos em seu rosto. – Obrigado por vir com Tom. Eu tinha pedido a ele para ver se finalmente poderíamos nos encontrar.

Do outro lado da mesa, Tom Finlay está de pé, parecendo feliz e um pouco envergonhado.

– Oi, Dominic. Na verdade, se você não tivesse nos chamado para vir junto esta noite, eu ia levar a Laura para sair, de qualquer forma... se ela quisesse.

Laura ri e fica um pouco corada.

– Bem, então tudo deu certo, não?

Olho para Dominic, com brilho nos olhos. Ele sabia que eu estava morrendo de vontade de ver a Laura e ele deve ter prestado atenção quando comentei que ela e o Tom tinham ficado. O fato de estarmos passando a noite com eles significa que Dominic quer que sejamos um casal normal, que faz parte do mundo um do outro, que conhece os amigos um do outro.

– Achei que você podia gostar disso – ele murmura carinhosamente para mim, com um sorriso nos lábios.

– Amei, obrigada mesmo!

Tom se adianta para me cumprimentar.

– Oi, Beth.

Dou risada enquanto trocamos beijos de oi.

– Que bom vê-lo aqui. Espero que esteja tudo bem, Tom.

– Tudo está muito bem. – Ele olha feliz para Laura, que sorri de volta com brilho nos olhos.

Então parece que tudo está ficando bem. Estou muito contente por ela, e é ainda melhor que seu novo namorado seja amigo de

Dominic também. *Perfeito.*

Temos uma noite maravilhosa de boa comida, vinho e muita conversa alegre e risadas. Há a sensação de que o feriado finalmente começou e começamos a discutir nossos planos para o Natal. Laura e eu vamos voltar para a casa de nossa família e passar um tempo com nossos pais. Tom nos diz que estará com seu irmão gêmeo e a família dele na Escócia. Por fim, me viro para Dominic. Ele está lindo esta noite, e parece feliz, forte e confiante. Também fico com a sensação de que ele está se preparando, como se fosse um soldado chamado à luta e é sua última noite de liberdade antes de a batalha começar.

– E você? – pergunto, mexendo na minha taça de vinho. – Já fez seus planos para o Natal, Dominic?

Ele assente.

– Já. Vou para os Estados Unidos no fim da noite. Ficarei com minha irmã em Nova York. – Ele lança um olhar que me diz algo. – Tenho uma reunião importante que não posso perder.

Acho que sei o que ele quer dizer. *Andrei*. É hora de confrontá-lo com o que sabemos, de iniciar o contra-ataque e ver o que acontece. A tristeza me varre. Não quero que Dominic me deixe. Parece tão errado ficar separada dele por qualquer período de tempo, ainda mais nessa época do ano.

Mas você vai voltar para sua família, não há o que pensar duas vezes sobre isso, lembro a mim mesma. Então percebo que estive nutrindo uma fantasia secreta de talvez levar Dominic para casa comigo, apresentá-lo toda orgulhosa à minha família e meus amigos, mostrar a ele todos os lugares importantes para mim quando era mais nova. Isso não vai acontecer agora. Abafo um suspiro. *Ah, ora, isso era bem improvável mesmo. Eu não devia ser tão gananciosa. Ultimamente já tenho estado bastante com ele.* E sei que grandes decisões estão se aproximando no horizonte se o que Dominic disse na noite passada for sério: decisões sobre onde e como vamos viver.

Isso é empolgante. É algo que me deixa ansiosa. Sorrio e volto à conversa o mais animada possível.

Saímos por volta das onze da noite, e lá fora, no ar gelado, desejamos feliz Natal aos amigos.

– Vou levar a Beth para casa – Dominic diz. – Você quer vir junto, Laura?

Ela balança a cabeça.

– Vou ficar com Tom. – Ela parece tímida, mas feliz. – Vejo você de manhã, Beth.

– Até amanhã. – Dou um beijo nela e desejo um feliz Natal para Tom. Então Dominic me leva até o interior aquecido do carro que nos aguarda e diz ao motorista para nos levar de volta ao meu apartamento. Aconchego-me em Dominic e observo as luzes da cidade passarem pela janela, curtindo o prazer de estar perto dele e tentando não pensar que em breve estaremos separados.

Torço por engarrafamentos para ficarmos juntos por mais tempo, mas as ruas estão livres – muitas pessoas já devem ter saído da cidade para o Natal – e chegamos ao apartamento rapidamente. O motorista para em frente e saímos, caminhando juntos até a porta do prédio.

– Obrigado pelo dia maravilhoso, Beth. Adorei cada momento dele. – Ele coloca o braço em volta de mim e me beija carinhosamente enquanto nós dois nos lembramos das alegrias ofegantes que compartilhamos horas antes.

– Não quero que você vá! – digo, voltada para ele, subitamente infeliz.

– Eu sei... não quero deixá-la também. Mas é por pouco tempo. Estarei de volta em breve, juro, e então nossa nova vida vai começar. – Ele me abraça e então diz: – Tenho um presente de Natal para você.

– Mais um? Você já me deu este casaco lindo.

– Sim, mais um. Estava guardando este aqui para um momento um pouco mais romântico, mas agora parece ser o momento certo.

E quero dar a você antes de ir. – Ele tira do bolso uma pequena caixa preta e a entrega para mim. – Abra.

Mexo na pequena trava e então levanto a tampa, para revelar um pequeno arco de diamantes que reluzem com um brilho extraordinário na luz dos postes.

– Um anel – digo maravilhada. Dominic está me olhando atentamente, enquanto analiso o belo círculo de diamantes em seu suporte de platina. Olho para ele com uma dúvida no rosto. Não estou certa que tipo de anel é este, e não quero me enganar.

Como se estivesse lendo minha mente, ele diz calmamente:

– É um anel de compromisso. Você pode usá-lo como achar melhor.

Mal consigo respirar quando ele pega o anel brilhante de sua base de veludo e o segura diante de mim. Hesito por um momento, e então levanto minha mão direita para ele. Dominic sorri e coloca o anel no meu dedo anelar, onde ele se encaixa perfeitamente, brilhando para mim quando mexo a mão.

– Um anel de compromisso – repito suavemente, sem conseguir tirar os olhos dele.

– Significa meu compromisso com você agora e que desejo que fiquemos juntos. Sempre que você estiver preocupada ou com dúvidas, quero que olhe para ele e se lembre do meu compromisso. Você vai fazer isso?

Abraço-o, soluçando e sorrindo.

– Ah, sim, Dominic, eu vou! Claro que vou!

Capítulo Dezessete

O campo está passando pela janela, enquanto o trem me leva cada vez para mais longe de Londres e da minha vida. É bem estranho estar voltando para casa. Quanto mais perto chego da minha antiga vida, mais irreal minha nova vida parece. Tudo o que vivi e conheci começa a parecer uma fantasia, algo com que sonhei.

Apenas o brilho do meu lindo anel de diamantes na mão direita me lembra de que tudo isso é real.

Por que você fez Dominic colocar o anel na mão direita? Por que não na esquerda?

Olho para as pedrinhas brilhantes e sei que fiz a coisa certa. Como Dominic disse, é um anel de compromisso. É a promessa de coisas maravilhosas que virão. Ele está me pedindo para aceitar nosso compromisso de amar um ao outro e ver como a vida – a vida de verdade – a dois é. O próximo passo nos aguarda se quisermos.

Penso nele agora a milhares de quilômetros longe de mim em Nova York. Não consigo deixar de sentir um temor e uma apreensão quando penso nele enfrentando Andrei. Quando estiveram frente a frente outro dia no apartamento de Andrei, pareciam mais dois cães rosnando, prontos para se destroçar. Temo pensar em como Andrei vai reagir quando Dominic disser a ele que está pronto para derrubá-lo de uma vez por todas.

Passando a ponta do dedo sobre a superfície irregular do anel, faço uma oração silenciosa para que Dominic fique bem. Tudo o que posso fazer agora é torcer... e esperar.

– Beth, ah, Bethy! – Minha mãe me abraça forte e me enche de beijos. – Que saudade de você!

– Também estava com saudade de você. Oi, pai. – Abraço meu pai também, toda feliz por estar em casa. – Nossa, como é bom voltar.

Minha mãe para na minha frente e me observa.

– Você mudou! – Ela faz uma careta. – Não consigo dizer exatamente o que é, mas você com certeza está diferente.

– Ela cresceu – meu pai diz melancólico.

– Mais cedo ou mais tarde isso ia acontecer! – digo brincando, mas sei que sou uma Beth diferente em várias maneiras. Conheci um outro mundo comparado àquele em que cresci, viajei e trabalhei e descobri forças em mim que não sabia que tinha. E... corro um pouco só de pensar... aprendi algumas coisas bem incríveis sobre amor e sexo também. É quase cômico pensar em como eu era inocente quando saí de casa no verão passado para ir a Londres, e no entanto achava que sabia de tudo. Bem, hoje sei muito mais, com certeza!

Minha mãe começa a se agitar perto de mim.

– Venha, vamos levar sua bagagem para seu antigo quarto, e então vamos tomar um chá e conversar enquanto fico aqui na cozinha. Tenho uma montanha de coisas para fazer até amanhã!

Parece que nunca cheguei a sair. A casa continua igual, uma mistura de aconchego e bagunça, e é igual a dezenas de Natais de outras famílias: o cheiro de coisas assando e grelhando, o som de canções de Natal vindas do rádio, a atmosfera frenética de arrumação enquanto meu pai sai na última hora para comprar carne, lenha e carvão, e minha mãe fazendo as coisas que sempre faz para se adiantar. Meus dois irmãos mais velhos, Jeremy e Robert, estão deitados na sala de tevê, vendo os especiais de Natal com tigelas cheias de salgadinhos e latas de cerveja abertas, aguardando as comidinhas de Natal chegarem até eles. Na sala de estar uma árvore, decorada com todos os velhos penduricalhos, incluindo a antiga estrela azul de lantejola, perfuma o ambiente com cheiro de pinheiro, e um cordão de azevinho decora a lareira. Já há presentes sob a árvore e a sala está cheia de cartões de Natal. Tudo está igual.

Este ano, sou eu quem está diferente.

Durante a noite, vamos à missa da meia-noite em meio à vila gelada. As vozes do coral elevam-se em belas canções antigas, e todos cantamos juntos os hinos natalinos com toda a força. Os sinos da igreja começam a bater quando estamos voltando para casa, celebrando o Natal. Uma mensagem aparece em meu telefone.

Feliz Natal, minha linda. Estou pensando em você. Te amo. Bjs, D

Lágrimas correm de meus olhos, embora eu suspire feliz e esteja sorrindo.

Olho para o céu salpicado de estrelas cintilantes. Em algum lugar, a milhares de quilômetros daqui, ainda é dia. Ainda é noite de Natal e ele está pensando em mim.

– Feliz Natal, Dominic – sussurro. Coloco o telefone de volta no meu bolso para que ninguém veja minha mensagem. Ela é apenas para mim.

O dia de Natal é alegre e exaustivo. Depois do café da manhã, nos reunimos em volta da árvore para abrir nossos presentes. Quando estico o braço para pegar um pacote que meu irmão Jeremy está me entregando, minha mãe, com seus olhos de águia, nota o brilho no meu dedo.

– O que é isso, Beth? – Ela pega minha mão e observa o aro de diamantes em meu dedo. – Ele é muito bonito. Quem foi que te deu?

– Ah, é só uma bijuteriazinha – respondo casualmente. – Foi uma amiga que me deu.

Ela me olha com desconfiança, mas lhe dirijo um olhar que espero que possa ser traduzido como: “Não quero falar sobre isso na frente dos outros, me pergunte mais tarde!”.

Minha mãe parece entender, embora solte minha mão com relutância e murmure:

– Esses diamantes parecem de verdade para mim! – Gostaria de ter me lembrado de tirar o anel, mas sei no fundo que não iria conseguir. O anel é minha ligação com Dominic, meu compromisso. Quero poder olhar para ele a qualquer momento e me lembrar disso.

Abrimos nossos presentes e trocamos agradecimentos e beijos. Temos uma pilha familiar à nossa frente: uísque, chinelos e lenços de bolso para meu pai, sabonetes e perfumes para minha mãe, e livros, filmes e discos para o restante de nós. São os reconfortantes presentes de costume das pessoas que amamos, e é isso o que os torna especiais. Fico feliz porque todo mundo parece gostar dos presentes que trouxe de Nova York: uma pulseira de prata da Bloomingdale's para minha mãe, bonés de beisebol para meus irmãos e um suéter para meu pai.

– Esperem um pouco – meu pai diz, e pega uma caixa que coloquei embaixo da árvore na noite anterior. – Para quem é este aqui? – Ele pega a linda caixa azul-claro com um laço branco e examina o cartão. – Para a adorável Beth, feliz Natal. Com amor, Mark. – Parece algo bacana de seu chefe, pelo jeito.

Pego a caixa e a abro devagar, com todo mundo me olhando.

– Que fita linda – minha mãe diz baixinho. – Você devia guardá-la. Dá para usar de novo.

Levanto a tampa da caixa e revelo um monte de papel de seda. Segurando a respiração, coloco a mão lá dentro e encontro outra caixa menor, dessa vez azul-marinho. Abro-a e descubro dentro uma perfeita pintura em miniatura, com uma moldura oval dourada. Deve ser do século XVIII; um retrato de uma garota com a bochecha rosada e botões de rosa em seu cabelo modelado com pó. Uma das mãos está na altura do rosto e segura outra rosa, enquanto ela olha para algum ponto fora do quadro com seus olhos azuis alegres e um sorriso nos lábios vermelhos.

Há um pequeno bilhete ao lado da pintura, escrito com a elegante caligrafia de Mark. Está escrito: *Em memória de seu Fragonard.*

Levo um susto. Será que esse é um Fragonard? Com certeza segue seu estilo, mas não pode ser. Uma miniatura verdadeira de

Fragonard está custando algo na casa dos milhares de libras. Não é possível que Mark me desse um de presente. Deve vir da sua escola, de alguém pintando com seu estilo. Mark me deu para que eu me lembre da pintura que comprei para Andrei, o fantástico retrato da garota lendo. Olho de novo para o rosto alegre e corado, executado com tanta perfeição pelo pincel do artista. É lindo. Adorei.

– Deixe-me ver – diz minha mãe, esticando o pescoço com curiosidade. – Ah, é muito bonito. Mas que presente adorável! Vi um bem parecido na loja de souvenir do museu Victoria & Albert.

Olho para minha pintura. Não acho que ela tenha vindo da loja de lembrancinhas do museu, mas talvez seja melhor meus pais acharem que sim. Eles não gostariam que eu aceitasse algo tão valioso.

Penso em Mark com Caroline neste Natal. Fico pensando em como ele está e se sua febre baixou. Vou ligar para ele mais tarde, decido, para desejar um feliz Natal e agradecê-lo pelo presente maravilhoso.

Nosso dia de Natal é bem ocupado, e passo a maior parte do tempo na cozinha ajudando minha mãe a preparar o banquete. Depois de um almoço enorme, que durou horas, fazemos coisas tradicionais da família, como brincar com alguns jogos e tentar um ao outro com mais comida ainda: queijos, biscoitos, chocolates e bolo de Natal. Há tempo para um rápido passeio pela cidade, parando para conversar com as pessoas que conhecemos, enquanto o sol se põe.

Quando estamos voltando para casa, meu pai e meus irmãos vão na frente, e minha mãe e eu caminhamos juntas atrás, e conto tudo para ela sobre Nova York. Sei que ela está morrendo de vontade de me perguntar sobre o anel e estou me preparando para mencionar Dominic, quando vejo um rosto familiar numa jaqueta estufada e um gorro de lã caminhando com uma garota vestida com um casaco branco cheio de pelos.

– Esse não é o Adam? – minha mãe pergunta, apertando os olhos, tentando reconhecê-lo na claridade tênue.

– Ah... sim, acho que é ele. – Olho para ele, sem estar muito certa de como me sinto ao ver meu antigo namorado. É difícil acreditar que já o considere o amor da minha vida. Ele parece um completo estranho agora; agradável, mas nada especial. Comparado a Dominic ele é esquálido e banal.

– Adam! – minha mãe o chama e acena quando ele se vira para nós.

– Mãe! Por que você fez isso? – reclamo, lançando um olhar irado.

– Não há mal nenhum em deixá-lo ver o que jogou fora – minha mãe murmura, sorrindo satisfeita. E, claro, Adam nos reconheceu e está vindo para cá, trazendo sua companhia relutante com ele.

– Olá, senhora Villiers – ele diz quando chega perto o suficiente. Adam olha para mim. – Oi, Beth. – Ele faz um gesto para sua namorada. – Você se lembra da Hannah.

Olho para ela e me lembro da última vez que a vi. Ela estava debaixo de Adam com as pernas abertas enquanto ele entrava e saía dela com força. – Sim. Bom te ver novamente.

Ela faz uma cara feia para mim e grunhe algo, enfiando a mão nos bolsos para indicar sua contrariedade com a situação. Sorrio para ela. Estou devendo uma por ela ter decidido transar com meu namorado.

– Como estão as coisas, Beth? – Adam pergunta animado. – Você parece muito bem. Ainda está com aquele cara que conheceu em Londres?

Minha mãe levanta as sobrancelhas e se vira para mim.

– Hum... sim – respondo, ficando corada. – Está tudo bem, obrigada. Como você está?

Ele assente de forma entusiasmada, as bochechas gordas balançando com o movimento.

– Sim, tudo ótimo. A Hannah está grávida. Estamos muito empolgados.

– Ah! – Olho para a cara mal-humorada dela. – Que ótima notícia! Parabéns! Para quando estão esperando?

– Para março. – Adam sorri para mim. – Mal posso esperar para ser pai.

Por um momento, vejo-me ali em pé ao lado de Adam, grávida e aguardando passar a vida criando um bebê na mesma cidadezinha onde cresci. Sou tomada de alívio por ter encontrado um caminho diferente. É o certo para Adam e Hannah, mas não é o certo para mim.

– Isso é fantástico. Boa sorte. Até mais, Adam – digo, e minha mãe e eu andamos juntas, seguindo meu pai e meus irmãos que estão bem à frente.

– Um homem em Londres? – minha mãe diz com uma voz curiosa. – Acho que você me deve algumas explicações. – Ela me olha de lado. – E se esse anel é falso, então eu sou a Audrey Hepburn!

Dou risada.

– Não se preocupe, vou contar tudo!

– Espero que sim. Percebi que tem algo diferente em você. – Ela me lança um olhar que tem algo de melancólico. – Você mudou, Beth.

– Você vai saber da história toda. Só estava esperando a hora certa, só isso. Enquanto os meninos estiverem tomando banho, podemos sentar na lareira e conto tudo. – Bem nessa hora, meu telefone vibra. Puxo-o, certa de que é uma mensagem de feliz Natal de Dominic. Ele já deve estar acordado a essa hora, passando a manhã de Natal com Georgie ou com seus primos, ou em algum lugar por aí. Imagino o que ele deve estar fazendo agora, se está abrindo presentes ou bebericando champanhe no café da manhã.

A mensagem no meu telefone diz:

Prezada Beth, sinto muito dar essa notícia logo hoje, mas acho que você deve saber que Mark está internado no hospital. Ele está muito mal. Por favor me ligue. Caroline.

Meu pai tenta me persuadir a não ir dirigindo, mas não lhe dou ouvidos.

– Preciso ir ver Mark – digo teimosamente, quando ele tenta me convencer a mudar de ideia.

– Você está alterada. Não pode dirigir desse jeito. O perigo de se acidentar é maior quando se dirige nesse estado.

– Seu pai está certo – minha mãe intervém, preocupada. – Você não pode ir, Beth, não vou deixar. De todo modo, não há nada que possa fazer por Mark!

– Posso estar lá por ele – respondo determinada. – Ele fez muito por mim. Você não pode me proibir, não sou uma criança.

– Posso proibi-la de pegar o carro! – minha mãe declara e nós duas nos encaramos furiosas.

Jeremy solta um longo suspiro e se levanta.

– Levo a Beth – ele diz com seu jeito lânguido. – Não me importo.

– Mas você bebeu – minha mãe diz ansiosa. – Todos nós bebemos!

Jeremy faz uma careta.

– Bebi duas taças de vinho no almoço, mas isso foi horas atrás. Estava me preservando para beber no pub hoje à noite. Mas acho que posso levar a Beth de volta a Londres, já que ela precisa estar lá.

Sou varrida por uma onda de alívio.

– Ah, Jeremy, obrigada! Fico te devendo essa.

– Com certeza – ele responde, mas com um sorriso. – Vamos lá, então. É melhor partirmos agora. A estrada deve estar tranquila, já que é Natal.

A viagem de volta a Londres leva pouco menos de duas horas e meia, o que é bem rápido. Jeremy faz o pequeno carro econômico de minha mãe zunir pela estrada a velocidades que nem ele sabia que era capaz de atingir. Estou agitada, observando os quilômetros da estrada passarem sob as rodas com o que parece ser uma lentidão agonizante. Parecemos levar uma eternidade para voltar à cidade, mas enfim, na escuridão da noite, estamos nas ruas que nos levam ao coração de Londres. Vou orientando meu irmão pelos meandros da zona oeste de Londres até chegarmos ao centro, quando finalmente estacionamos no hospital Princess Charlotte.

– Obrigada, Jeremy – digo, com um olhar cheio de gratidão. – Agradeço muito pelo que fez.

– Por nada – ele responde. – Você quer que eu fique esperando? Balanço a cabeça.

– Não, a menos que você queira ficar. Não sei quando vou poder sair daqui. Quero ficar com Mark enquanto puder. Pego um táxi para casa mais tarde.

– Está bem, irmãzinha. Vou dar uma caminhada para esticar as pernas, tomar um café e depois vou voltar para casa. – Ele sorri. – Talvez chegue a tempo de me encontrar com o pessoal!

No hospital, a atmosfera é depressiva. Não há muitos funcionários e há a sensação de que o Natal está acontecendo lá fora e todo mundo preferia estar em outro lugar e não ali. Verifico meu telefone, mas não há mais mensagens. Eu tinha escrito para Caroline avisando que estava a caminho, mas não tive nenhuma resposta dela.

A enfermeira no balcão parece séria quando digo que vim para ver Mark.

– Ele está na UTI – ela me diz. – Você pode visitá-lo, mas não por muito tempo.

– O que ele tem? – pergunto, hesitante. – Ele vai ficar bem?

– Parece que a infecção dele se transformou em pneumonia. Ele está lutando com todas as forças, mas o fato de já estar muito enfraquecido não ajuda. – Ela me olha com compaixão. – Sinto muito.

Sinto muito? Por que ela disse isso? Ele ainda está vivo, não?

– Quais são as chances dele? – pergunto com a voz trêmula.

A pausa antes de me responder é o pior de tudo.

– Estamos fazendo todo o possível, mas ele está tão fraco que temo que não resista. Não quero deixá-la preocupada, mas as coisas acontecem muito rapidamente em casos como esses. Venha comigo, vou levá-la até ele.

Caroline está sentada ao lado da cama de Mark. Ele parece tão frágil, nem lembra o homem elegante e enérgico que conheci, e está inconsciente na enorme cama, conectado a monitores e sondas, com uma máscara de oxigênio sobre o rosto e uma máquina que

bombeia ar para seus pulmões com um sibilo. Ele, de fato, parece mal.

– Caroline? – chamo gentilmente quando me aproximo. Ela se levanta em um pulo e olha para mim.

– Oh, Beth. – Seus olhos se enchem de lágrimas e seu rosto fica ainda mais rosado. – Eu não queria contar para não estragar seu Natal em família, para não afastá-la deles, mas não consegui. Fico feliz que esteja aqui.

Vou até ela e lhe dou um abraço, envolvendo suas costas largas com meu braço e tentando confortá-la da melhor forma possível. Fico assustada quando ela começa a soluçar. Caroline é tão calma e competente; se ela está chorando, o que isso significa para Mark?

– O que os médicos disseram? – pergunto, tentando acalmá-la.

Ela funga e pega um lenço para enxugar os olhos.

– Eles dizem que estão fazendo tudo o que podem, mas já não está mais em suas mãos. As próximas 24 horas serão fundamentais. Ele já está tão fraco, veja! O câncer... eles nem estão mais certos de que o tumor que extraíram era o principal. Pode haver mais em outro lugar, matando Mark lentamente. Beth, não sei se ele vai conseguir lutar contra a pneumonia também! – Ela soluça de novo em seu lenço.

Olho para o corpo frágil de Mark cercado de máquinas.

– Ele vai conseguir – sussurro. – Sei que vai. E ele está recebendo o melhor cuidado possível.

– Eu sei, eu sei. – Ela olha para mim, com os olhos marejados. – Tudo o que podemos fazer agora é torcer e rezar.

Sento com Caroline ao lado da cama de Mark por um tempo, e então ela sai para pegar um chá e ir ao banheiro. Estou sozinha com Mark, sentindo-me desamparada. Tudo o que posso fazer é falar com ele e dizer que estou aqui, que acredito nele e que sei que vai melhorar.

– Mark – digo, chegando perto dele. Imagino se ele consegue me ouvir com o barulho das máquinas e o chiado rítmico do respirador.

– Mark, é a Beth. Estou com você. Estou torcendo para você sair

dessa e melhorar. Está me ouvindo, Mark? Você precisa ficar melhor! Todos nós precisamos muito de você. – Quero segurar a mão dele, mas não ousa tocar. Ele tem tubos inseridos nas costas da mão, magra e acinzentada, e não quero atrapalhar nada. – Adorei meu presente de Natal, muito obrigada. É lindo. Vou guardar com muito carinho. Estou animada para trabalharmos juntos no ano que vem. Vamos nos divertir muito. E não iremos mais seguir as ordens de Andrei. – Engulo em seco quando lembro do que Anna me disse. Pobre Mark, inocente e honesto. Ele foi levado por Andrei a lavar dinheiro para ele. Sua própria natureza justa lhe causou problemas porque ele achava que Andrei era o mesmo tipo de pessoa que ele é. Tento imaginar Mark no tribunal, lutando para limpar seu nome, mas isso me deixa tão triste, não consigo nem pensar. Será que é isso o que o futuro reserva para Mark? Queria ter o poder de mudar as coisas, mas isso já não está mais em minhas mãos. A verdade sobre Andrei vai se espalhar.

– Oh, Mark – sussurro. – Me desculpe. Sinto como se tivesse causado tudo isso. Não foi minha intenção. Faria de tudo para isso terminar diferente. Por favor, por favor, fique bem para que possamos lutar juntos.

Há uma espécie de suspiro, que por um momento penso ter vindo de Mark, mas depois acho que deve ter sido o respirador e o chiado do oxigênio. Os barulhinhos das máquinas continuam e Mark ainda está lá, quieto, inconsciente, lutando pela vida.

Sou acordada por uma enfermeira. Abro os olhos atordoada e confusa pelo lugar. Onde estou? Então me lembro. Estou aqui no hospital e fui dormir em uma das cadeiras na sala de espera enquanto Caroline estava com Mark. Mais tarde ela vai cochilar na cama do acompanhante enquanto aguardo ao lado dele.

– O que foi? – pergunto balançando a cabeça para afastar o sono.

– Por favor, venha comigo – a enfermeira pede, com uma expressão séria, e na mesma hora estou de pé, com o estômago revirando de medo enquanto a siga até o quarto de Mark. Entramos.

Há mais duas enfermeiras ao lado da cama de Mark, se ocupando das máquinas e das sondas, murmurando números e estatísticas uma para a outra. Caro-line está lá, inclinada sobre Mark e segurando a mão dele.

– Oh, Mark – ela soluça. – Por favor, não me deixe. Por favor.

Viro-me para a enfermeira.

– Ele está...?

Ela me lança um olhar triste.

– Temo que ele esteja perdendo a batalha. Há muito pouco que podemos fazer agora.

– Não! – grito. Não vou deixar isso acontecer. Mark não pode morrer, ele não pode! – Cadê os médicos? Não dá para operá-lo? Dar mais remédios? Faça alguma coisa!

– O médico já esteve aqui. Não há mais nada que possamos fazer além de deixá-lo o mais confortável possível. – Ela coloca a mão em meu braço. – Ele não está sofrendo. Está bem sereno.

Olho para Mark. Como pode dizer isso? A respiração dele é pesada e tortuosa, seu peito estremece a cada respiração. O barulho de seus pulmões infectados lutando por ar é a pior coisa que já ouvi.

Vou até Caroline. Ela se vira para mim, com lágrimas no rosto.

– Nós o estamos perdendo, Beth. Mark vai nos deixar.

– Não... Caroline, não! – A tristeza me inunda como um rio represado estourando suas margens, irrefreável, correndo por mim. Lágrimas rolam dos meus olhos enquanto uma enfermeira instrui a outra para aumentar a dose de morfina.

Nós nos abraçamos, soluçando, e, então, quase de repente, ficamos mais calmas. Ainda estamos chorando, mas a histeria que estava nos esmagando desapareceu e o quarto foi tomado por uma estranha paz. Nós duas olhamos para Mark e, enquanto o observo, parece que seu rosto muda, apesar de ele ainda estar com a máscara de oxigênio. Sua testa e seu rosto parecem ter relaxado e a tensão desapareceu.

– Senhora Palliser. – Uma enfermeira está ao lado de Caroline, com uma mão carinhosamente repousada no braço dela. – Não há mais nada que possamos fazer. Posso desligar o respirador?

Caroline morde os lábios. Ela não consegue falar, mas assente com a cabeça. A máquina é desligada e há uma sensação de alívio quando o chiado rítmico para. A sala fica em silêncio quando a enfermeira tira a máscara do rosto de Mark, exceto pela respiração ruidosa dele, agora sem a ajuda do respirador.

É maravilhoso poder ver o rosto dele novamente, sem a máscara. Ainda está magro e frágil, mas parece despreocupado agora, como se não estivesse mais lutando, mas se preparando para dormir. Ele parece mais jovem novamente, mais como o velho Mark, meu amigo charmoso e sorridente.

Ele expira devagar e profundamente. Passa um bom tempo até ele respirar de novo e exalar ainda mais devagar. Aguardamos, com Caroline segurando firmemente sua mão, para que ele inspire. Quando finalmente isso acontece, é uma respiração curta, que abandona seu corpo em um longo e suave suspiro.

Não há mais respiração. Sei que depois do último suspiro, Mark se libertou de sua luta. Ele se foi. Ouço um soluço baixo de Caroline e baixo a cabeça.

Adeus, querido Mark. Adeus.

Capítulo Dezoito

O apartamento está frio e escuro quando chego no início da manhã. Meu celular está desligado. A bateria acabou há muito tempo e não o recarreguei.

Estou curiosamente calma ao me sentar no sofá e ligar o telefone na tomada. Então acabou. Vai haver um milhão de coisas para se pensar em breve, mas antes só consigo pensar sem parar no meu amigo e no fato de que ele se foi.

O telefone pisca e começa a carregar. Depois de um tempo, as mensagens e os avisos de chamadas perdidas começam a chegar também. Minha mãe ligou várias vezes e perdi uma ligação de Laura também. Mas há várias chamadas perdidas de Dominic e uma série de mensagens, primeiro me desejando feliz Natal e depois ficando cada vez mais inquietas quando não respondo.

Onde você está, Beth? Estou muito preocupado. Ligue para mim ou vou pegar o primeiro avião aqui para encontrá-la.

Confiro o relógio. Essa mensagem foi enviada há duas horas. Digito uma resposta rapidamente:

Me desculpe. Estava no hospital com Mark. Ele morreu. Preciso muito de você. Me ligue quando puder. Beijo

Então me encolho no sofá e me cubro com um cobertor, apesar de minha cama ficar logo ali. De alguma forma, essa parece ser a coisa certa a se fazer. Choro em silêncio, pensando no meu amigo, e então caio em um sono exausto, com o telefone na mão, para poder atender Dominic logo que ele me ligar.

Acordo subitamente com o som de alguém batendo na porta. Estou confusa novamente. Por que estou no sofá vestida desse jeito durante o dia? Olho para o relógio. É quase meio-dia. A que horas fui dormir?

Voltam a bater na porta e me levanto para atender. Abro a porta, piscando, e logo em seguida sou envolvida por um grande abraço, que tira meus pés do chão e me pressiona contra um peito forte.

– Ah, Beth. Sinto muito. Sinto muito mesmo.

É a voz de Dominic no meu ouvido, com os braços em volta de mim. Seu corpo me dá o conforto de que tanto precisei nessas últimas horas terríveis. Ficamos assim por um bom tempo, imóveis em nosso abraço, incapazes de dizer qualquer coisa um ao outro. Quero chorar, mas já chorei tudo o que podia. Ocorre-me que devo estar um horror com os olhos inchados e toda descabelada, mas sei que Dominic não se importa e eu também não. Preciso tanto dele nesse momento, e é um alívio poder levá-lo à sala de estar e sentar com ele, ainda firme junto a seu corpo, com seu braço forte em volta de mim.

– Como você chegou aqui? – pergunto admirada. – Você estava em Nova York!

– Como você não me respondia, decidi pegar um avião.

– No Natal? Como você conseguiu um voo?

Ele dá de ombros.

– Fretei um voo. As pessoas fazem o que for necessário quando realmente precisam. E eu precisava te encontrar, e fico feliz que tenha feito isso. – Ele segura minha mão com força. – Coitado do Mark. Você consegue me contar o que houve?

Começo a contar a ele toda a história e apesar de achar que já tinha secado minhas lágrimas, não consegui segurar o choro quando descrevi as últimas horas no hospital e como vi Mark dar seu último suspiro.

– Vi o espírito dele partir – digo, enxugando os olhos com um lenço. – Eu simplesmente sabia que ele tinha partido e que o que permaneceu não era o Mark.

– Calma – Dominic sussurra, com os lábios pressionados em meu cabelo. – Ele está em paz agora. Nada mais pode machucá-lo.

– Acho que isso é verdade – respondo, infeliz. Olho para os olhos castanhos de Dominic, cheios de ternura e compaixão. – Andrei não pode fazer nada contra ele agora.

Dominic balança a cabeça.

– Não. Acho que Mark ainda pode ser investigado, mas ele jamais vai saber o que Andrei ia fazer com ele, nem a forma como foi usado.

– Isso foi a única coisa boa que restou disso tudo – digo suspirando.

– E o que vai acontecer com você agora?

– Comigo?

– Com o seu trabalho com Mark?

Pisco.

– Oh, meu Deus! Não sei. Nem pensei nisso ainda... é tão recente. Não faço ideia dos acordos que Mark pudesse ter feito.

Dominic me abraça novamente.

– Não se preocupe com isso agora. Vamos descobrir quando chegar a hora.

Inspiro o cheiro delicioso de seu corpo quando meu nariz toca o tecido suave de sua blusa.

– Você realmente abandonou seu Natal só por mim.

– Claro. Apesar de que ninguém ficou surpreso, para ser honesto. Tenho fama de ser cabeça quente. Fiquei triste por largar a Georgie, mas não me importo de deixar para trás a tia Florence e meus primos chatos demais. – Olha, por que você não volta comigo? Prometi para a Georgie que iria com ela passar o réveillon em um lugar bacana. Vamos juntos.

Perco o fôlego. Réveillon em Nova York com Dominic? Seria incrível.

– Mas e a minha família? – pergunto. – Eu deveria estar em casa com eles. E a Caroline? Não quero deixá-la na mão.

– Não tem nada que você possa fazer no momento – Dominic responde. – Caroline vai precisar de você em alguns dias, quando vocês duas tiverem se recuperado do choque e você precisar reorganizar o negócio de Mark. Mas nada vai acontecer até a virada do ano, garanto. E, quanto a sua família, vamos lá vê-los agora. Vou

com você. De todo modo, quero conhecer seus pais e agora parece ser uma boa hora. Posso pedir a permissão deles para levar você comigo para Nova York.

Considero isso por um segundo. Parece errado pensar em me divertir depois de tudo o que aconteceu.

– Não sei... parece que estou virando as costas para Mark.

– Mark sempre disse para você aproveitar as oportunidades e se divertir. Ele não iria querer que você ficasse se lastimando. Ele diria a você que a vida é curta e deve aproveitá-la enquanto pode. – Dominic sorri com carinho para mim e sinto que ele tem razão.

– Está bem – respondo, sorrindo de volta. – Vamos lá.

A cara que minha mãe fez quando chegamos em um luxuoso Range Rover preto é algo para se lembrar. Não sei onde Dominic guarda esses carros, mas ele parece ter acesso a eles sempre que precisa, onde quer que estejamos. E esse poderoso veículo tornou a viagem até Norfolk bem rápida.

– Beth, mas o quê...? – minha mãe diz quando sai da casa, limpando as mãos em uma toalha. Meus irmãos estão lá fora admirando o carro quase antes mesmo de pararmos, e meu pai olha para Dominic com desconfiança. – Achei que você estava em Londres!

– Voltei. – Sorrio para ela. – Quero que conheça Dominic. Ele é meu... namorado.

Parece uma palavra meio boba para descrever tudo o que Dominic é para mim e o que ele significa, mas não consigo pensar em nenhuma outra.

Dominic se adianta, com um sorriso no rosto e irradiando charme.

– Olá, senhora Villiers, é um prazer conhecê-la. A Beth me falou tanto de sua família, que sinto como se já a conhecesse.

– Hum – minha mãe diz, um pouco amolecida. – Ela não me contou praticamente nada sobre *você*. Mas fico muito feliz por conhecê-lo. Entre, por favor.

Ao entrarmos, ela coloca o braço em volta de mim e me dá um abraço.

– Sinto muito pelo que aconteceu com Mark, querida. Recebemos sua mensagem. Que triste.

– Obrigada, mãe – sussurro.

– Mas... fico feliz por conhecer Dominic. – Ela olha por sobre o ombro, para onde Dominic está indo enquanto conversa com meu pai. – Imagino que tenha sido ele quem deu o anel e esse brilho especial nos seus olhos, não?

Confirmo com a cabeça.

– Achei que fosse. Ele é muito bem-vindo. – Ela diminui o tom de sua voz. – E que *gostosão!*

– Mãe!

– Bem, ele é. Só estou dizendo. Agora vamos tomar chá e você me diz quanto tempo estão pensando em ficar.

É tão estranho ver Dominic na casa da minha família, é como ver uma estrela de cinema no mercadinho da esquina, ou ver uma atração turística no fim da rua. Não combina, mas ao mesmo tempo não consigo deixar de pensar: por que não? Dominic parece estar se divertindo e elogia tudo, desde o chá e o bolo de Natal muito bom que minha mãe faz até o barracão construído no jardim pelo meu pai, que fez uma visita guiada a Dominic.

Mais tarde, depois de ele ter sido levado com firmeza ao quarto de hóspedes, temos um momento juntos e consigo agradecê-lo por ter conquistado minha família daquela forma.

– Eles obviamente gostam muito de você!

– Também gosto deles – Dominic responde. – E você tem um lar adorável... um lar de verdade. Você tem muita sorte. – Ele parece um pouco triste. – Mesmo quando meus pais estavam vivos, nunca tivemos uma casa como essa. Eram sempre residências diplomáticas por trás de muros e arame farpado, povoadas por empregados e cheias de estranhos. Sempre quis um lar aconchegante e carinhoso como esse.

Dou um abraço nele, desejando poder dar a Dominic tudo o que ele precisa e deseja. Aí lembro de algo que paira sobre nós.

– Então... você marcou uma reunião com Andrei em Nova York?

Ele assente.

– É a razão por que preciso voltar. Vamos sair amanhã, se estiver tudo bem por você.

– Claro. Só quero estar com você.

– E eu quero estar com você. Quando isso tudo acabar, poderemos começar nossa vida juntos direito, está bem? – Ele pega minha mão e toca o anel em meu dedo. – Lembra-se do nosso compromisso?

Confirmo com a cabeça e olho para seus olhos castanhos e gentis.

– Lembro.

Tudo parece funcionar a toque de caixa no dia seguinte, apesar de eu nunca ver Dominic fazer mais que digitar um e-mail ou outro em seu telefone. Saímos de casa de manhã e chegamos ao aeroporto, onde um motorista nos aguarda para levar a Range Rover. Somos rapidamente levados para o *check-in* e então para a sala de embarque da primeira classe. Pouco tempo depois, estamos num voo para os Estados Unidos.

– Como você consegue? – pergunto, maravilhada.

– Tenho meus métodos – ele responde sorrindo, e nos instalamos para a viagem de volta. Sinto que posso relaxar um pouco e começar a aceitar o que aconteceu depois que recebi notícias de Caroline. Ela me diz que está preparando o funeral de Mark para a primeira semana de janeiro e que, quando voltar ao escritório no dia 2, resolveremos o que fazer em seguida. Ela não diz nada sobre suas intenções, então não tenho ideia se o negócio de Mark vai continuar ou não. Isso significa que posso ficar sem trabalho. Na verdade, acho que essa é a hipótese mais provável. E se a lavagem de dinheiro de Andrei vier à tona e as finanças de Mark forem investigadas, talvez isso não seja tão ruim.

Descansamos, assistimos a alguns filmes e conversamos durante a viagem toda, e Dominic me diz o que tem em mente.

– Ficaremos em meu apartamento alugado – ele diz –, apesar de que arranjar um lugar melhor será minha prioridade assim que possível. Marquei de me encontrar com Andrei no dia 29. Espero resolver tudo nesse dia. Obviamente, agora que Mark não está mais conosco, não temos a mesma urgência, mas ainda preciso que Andrei desista disso e me deixe... e deixe você também... em paz. Então poderemos relaxar juntos e ir a essa festa no réveillon. O que você acha?

– Parece ótimo – respondo com confiança. *Mas tudo depende se Andrei vai ou não cooperar.* E é difícil imaginar que estarei feliz e alegre no réveillon levando em conta que logo em seguida irei ao funeral de Mark. Tento tirar isso da minha cabeça, por ora. Antes disso tenho algumas horas felizes para passar com Dominic, então é nisso que vou me focar até que a vida real dê as caras.

O apartamento de Dominic continua como eu me lembrava dele: vazio e sem alma. Queria poder voltar para a casa de Georgie, onde me senti confortável e bem acolhida, apesar do pouco tempo que passei lá. Mas, lembro a mim mesma, isso é apenas temporário. Talvez eu consiga persuadir Dominic a deixar os apartamentos pomposos e imponentes e pender para algo mais aconchegante e acolhedor.

– Você não gosta, não é? – ele pergunta enquanto deixa as malas no quarto. O apartamento continua bem pouco mobiliado, apenas com uma cama, um armário e uma luminária.

Faço uma careta.

– Não, na verdade não. Ele é meio frio.

Ele olha ao redor.

– Entendo o que você quer dizer. Vamos. Não vamos ficar aqui. A Georgie ainda está na minha tia, acho. Ela não vai se importar de usarmos a casa dela. Você não prefere ir para lá?

– Ah, sim – respondo feliz. – Lá sim é um lar!

Dominic ri.

– Escolhemos o lar então. Vamos para lá.

Menos de trinta minutos depois, estamos na casa acolhedora e calorosa de Georgie. É tão melhor ver livros e fotos, e sentar em um sofá confortável com almofadas macias.

– Tem certeza de que sua irmã não vai se importar? – pergunto a Dominic, que está levando nossas malas para o quarto de hóspedes.

– Claro que não – ele responde. – A Georgie sempre me pede para ficar mais vezes aqui. Ela vai ficar contente.

Solto um suspiro de felicidade quando estamos juntos na sala, bebendo um legítimo chá britânico nas canecas de Georgie, com música tocando no seu aparelho de som e a lareira acesa.

– Sabe de uma coisa? – Dominic diz hesitante, como se não soubesse se devesse trazer o assunto para a conversa. – Talvez essa seja uma boa hora para começar do zero.

– O que você quer dizer?

– Claro que é terrível que Mark tenha morrido. Mas já havia uma atmosfera de mudanças, e ficarei em Nova York por meses. Talvez você pudesse pensar em se juntar a mim aqui.

Penso nisso por um segundo enquanto bebo meu chá. É o que eu mais queria ouvir, mas não pode ser tão simples assim, pode?

– Se você vai passar metade do ano aqui, onde vai ficar na outra metade?

Dominic dá de ombros.

– Em Londres, principalmente. Além de viajar para outros lugares. Será assim sempre, faz parte do meu negócio.

– Então, mesmo que eu mude para Nova York – comento sensatamente –, ainda assim estarei longe de você por seis meses. Qual é a diferença se eu estiver em Londres?

Ele suspira.

– Acho que você tem razão. Eu só queria que a gente ficasse juntos o máximo possível.

– Bem, parece que a única forma de isso acontecer é se eu desistir totalmente de trabalhar para ficar com você o tempo todo. Não posso fazer isso. Preciso de uma vida própria. Sou nova e quero trabalhar, explorar meus interesses e aprender o máximo que puder sobre arte. É algo que amo. Não posso desistir disso.

Dominic me olha seriamente.

– Eu nunca pediria isso a você. Mas vamos pensar em maneiras de ficarmos juntos o máximo que pudermos. Você quer tentar?

Olho para seu rosto lindo.

– Claro que quero. Você sabe que quero.

– Está bem. – Dominic sorri para mim, seus lábios se curvam em um sorriso. – Então vamos pensar em nossas opções, está bem? E vou arranjar um apartamento do qual você goste de verdade assim que puder. Quero que você me ajude a encontrar um lugar em Londres também. Serão nossas casas, não apenas minhas.

Inclino-me e lhe dou um beijo.

– Obrigada. Por tudo.

Dominic sorri.

– Isso é só o começo.

Nessa noite, na confortável suíte de visitas, fazemos amor deliciosa e carinhosamente. Dominic sabe que estou triste e carrego nos ombros o peso de uma culpa, nunca expressa, pela morte de Mark. Não preciso dizer nada, ele sabe. Ele entende instintivamente que essa noite não é a noite certa para encenarmos. Hoje preciso de amor delicado, carinhoso, reconfortante. Logo depois de estremecermos com nossos orgasmos, começo a chorar. Dominic enxuga as lágrimas com beijos e me abraça até eu ficar calma novamente e pronta para enfrentar um novo dia.

Georgie volta da casa da tia no dia seguinte e fica animada ao nos ver novamente. Ela me cumprimenta com um grande beijo e lança

um olhar severo de brincadeira para Dominic.

– Quase consigo perdoá-lo por me deixar sozinha com a tia Florence no Natal agora que você trouxe a Beth para ficar aqui – ela diz. Passamos um dia muito alegre juntos, saindo para caminhar nas vizinhanças e terminando para jantar no restaurante local preferido dela.

Tento me divertir o máximo que posso, mas estou ansiosa pelo dia seguinte. Mais tarde, na cama, nos braços de Dominic, não consigo dormir.

– Ei, inquieta – Dominic diz, bocejando. – O que foi?

– Estou com medo. Amanhã você vai ver Andrei, não é?

Dominic então diz tranquilamente:

– É.

– Onde vocês vão se encontrar?

– No escritório dele no centro.

– Você vai ficar bem?

– Tenho certeza de que vou. Ele não vai tentar nada dentro do próprio escritório. E Andrei sabe que há muitas pessoas cientes de onde estarei. Além do mais, estarei com uma escuta e meu motorista vai estar por perto. Ele é um ex-fuzileiro de elite e se vira bem em situações complicadas.

Apoio-me no cotovelo e olho para ele ansiosa.

– Você acha que vai haver briga?

– Estou certo de que não, mas pretendo ir preparado. – Ele sorri para mim, com os dentes brancos brilhando na penumbra, e sua pele morena refletindo a luz da lua. – É por isso que me dei bem nos escoteiros.

Quero rir disso tudo, mas não consigo. Sei como Dubrovski pode ser perigoso e não acredito nem por um segundo que ele vai ouvir o que Dominic tem a dizer e simplesmente virar uma pequena ovelha dócil, disposto a nos deixar em paz.

– Beth, não se preocupe. Acima de tudo, Andrei é um homem de negócios. Ele vai agir de acordo com o que for melhor para ele. Quando entender que cooperar é a única saída, é isso que ele vai fazer. Eu o conheço bem, pode acreditar. – Ele boceja novamente. – Agora, preciso dormir um pouco.

Deito-me novamente, encarando a escuridão. Dominic pode achar que conhece Andrei, mas ele não testemunhou a forma como Andrei falou comigo. Lembro-me da paixão em seus olhos quando ele falou sobre a vida que achou que poderíamos ter juntos. Sei que custa muito a um homem orgulhoso como Andrei fazer uma oferta daquelas para mim, para compartilhar sua vida e construir uma família com ele. E ter essa oferta rejeitada deve ter sido insuportável. Com certeza ele deve odiar Dominic ainda mais agora. Não apenas seu funcionário se tornou rival dele nos negócios, mas também venceu a batalha pelo meu coração.

Só queria que ele nunca tivesse decidido por alguma razão que eu sou a mulher certa! Ele não percebeu que eu não estava interessada?

Mas sei que foi exatamente por não estar interessada em sua riqueza ou em seu poder que Andrei ficou atraído por mim. O fato de que eu amava Dominic só me tornou ainda mais irresistível.

Maldito instinto de competição.

Mais do que nunca, quero que amanhã termine logo e Dominic volte em segurança para mim. Odeio a ideia de ele ir para o escritório de Andrei, estar sob seu poder e controle.

Quem sabe o que Andrei possa ter planejado?

Capítulo Dezenove

Dominic sai logo depois do café da manhã. Ele está lindo de morrer com um terno sob medida e um casaco bege. Não apenas está irradiando força e determinação, mas também parece de bom humor.

– Esperei muito tempo por isso – ele diz, terminando seu café, enquanto Georgie e eu tomamos nosso café da manhã na mesa da cozinha.

– Pelo amor de Deus, tome cuidado, Dom – Georgie avisa. Ela passa manteiga com atenção em um pedaço de torrada. – Dubrovski é malandro. Não fique tão confiante de que você vai levar a melhor sobre ele.

– Ei, sairá tudo bem. Como roubar doce de uma criança! – ele diz, e pisca um olho para mostrar que está brincando quando dá um beijo no rosto da irmã. – Eu te vejo depois – ele murmura para mim e me dá um beijo de tchau. – Saia para fazer umas compras, vá se distrair. Mantenho contato e estarei de volta logo que puder.

Assim que Dominic sai, levado por um daqueles carros compridos e elegantes, Georgie e eu trocamos olhares de preocupação, mas tomamos a decisão tácita de não ficar pensando nisso. Enquanto esperamos o tempo passar, ela me mostra alguns álbuns de fotos antigas e me conta a infância dela e de Dominic. É gostoso ouvir as histórias do passado e imaginar Dominic como um garotinho, mas é difícil me concentrar.

Depois de um tempo, me levanto, incapaz de permanecer parada.

– Sinto muito, Georgie, preciso sair para dar uma volta. Tudo bem?

– Claro. Você vai ficar bem? Quer que eu vá junto? Balanço a cabeça.

– Não. Acho que preciso ficar sozinha um pouco. Não demoro para voltar.

– Está bem. Vou preparar um almoço para nós. E talvez à tarde possamos sair e encontrar algo para você usar no réveillon.

Talvez. Mas se não tivermos notícia de Dominic até lá, não há a menor chance de eu ficar pensando em fazer compras.

Coloco um casaco e saio para a rua, nesse dia frio de inverno. As nuvens estão baixas e acinzentadas, permitindo a passagem de pouca luz do sol. O clima parece refletir meu próprio humor e caminho por quarteirões de casas estilo *browns-tone*, olhando para baixo, com a cabeça a quilômetros dali. Não consigo parar de pensar no que está acontecendo nesse exato instante entre Dominic e Andrei. Eles estão se enfrentando? Gritando? Lutando? Ou estão trocando olhares gélidos por trás de uma mesa, mantendo suas emoções sob controle enquanto fazem o papel de homens de negócio de sangue frio?

Essa espera está me matando!

Pela centésima vez, olho meu telefone, mas não há nada. Queria saber quanto tempo vou ter de esperar. Aí pelo menos poderia pensar em outras coisas.

Caminho por um bom tempo e subitamente percebo que estou quase chegando ao Central Park. Decido ir ao parque e encontrar um lugar para tomar um café. Vou escrever uma mensagem para Georgie também e dizer a ela que ficarei fora por um tempo ainda.

Encontro uma cafeteria em um pequeno espaço aberto e sento em uma das mesas de fora. Não há muita gente por perto; talvez esteja frio demais para uma família ou talvez as pessoas tenham viajado no Natal, como os londrinos costumam fazer. Uma garçonete se aproxima e peço um café com leite. Ele chega poucos minutos depois, em um copo para viagem, e o envolvo com minhas mãos, grata pelo seu calor. Quando meus dedos se descongelarem um pouco, escreverei para Georgie avisando onde estou e que irei me atrasar um pouco para o almoço.

– Importa-se se eu me sentar com você? – A voz é áspera, rouca e inconfundível. Olho para cima e me vejo encarando os olhos azul-claros de Andrei Dubrovski.

Levo um susto e meio que me levanto com a surpresa.

– Quê? O que você está fazendo aqui?

Ele senta na cadeira de ferro, seu casaco elegante não combinando em nada com a superfície gasta do assento.

– Quero conversar com você.

Estou atônita e sem fôlego. Mal posso acreditar no que estou vendo.

– Mas você devia estar com Dominic! Onde ele está? – Olho rapidamente em volta, como se fosse ver Dominic se debatendo nas moitas, mantido prisioneiro pelos capangas de Andrei.

– Não se preocupe com ele – Andrei diz calmamente. – Ele está em meu escritório, como combinamos.

– Mas ele já está lá há horas. Vocês não tinham uma reunião?

– Meus advogados estão mantendo-o ocupado enquanto tenho esse pequeno encontro com você. Sei que Dominic tem algo para me dizer e até já imagino o que seja. Mas queria ouvir de você primeiro. Quero ouvir da sua boca.

Olho boquiaberta para Andrei enquanto sento de volta em minha cadeira, sem saber o que dizer. Isso não é algo para o qual eu estava preparada. Como digo a um homem como Andrei que ele foi descoberto e que suas atividades criminosas estão para ser reveladas?

Andrei está olhando para mim. Seus olhos exploram meu rosto, e percebo que há algo que lembra pena dentro deles.

– Soube do Mark – ele diz. – Sinto muito.

– É mesmo? – retruco. – Porque recebi seu encantador cartão de Natal. Aquele com a nota à imprensa explicando como você ia expor Mark e arruiná-lo por completo. Você sente por ele estar morto ou sente por não poder fazê-lo sofrer do jeito que queria?

O rosto dele endurece.

– É claro que sinto por ele. Eu gostava de Mark. Você acha que estou feliz por ele ter morrido? Você acha que sou um monstro?

– Sabe de uma coisa? Não faço ideia mesmo! Não quero achar que é, mas você se esforçou para me mostrar que é frio e impiedoso. Então estou começando a acreditar que você é um monstro, sim!

– Sei o que quero e vou atrás. Não quero machucar as pessoas no processo, mas às vezes isso acontece – ele responde.

– Talvez acontecesse menos se você não envolvesse pessoas inocentes na sua lavagem de dinheiro! – retruco.

Há uma pausa terrível enquanto isso paira no ar entre nós. A expressão de Andrei é dura como pedra. E então ele diz.

– Então é disso que Dominic pretende me acusar.

– Ele sabe. Eu sei. Você usou Mark como um laranja. Você se aproveitou da personalidade ingênua dele e estava se preparando para destruí-lo. – Balanço a cabeça, incrédula. – Acho que é hora de você parar de fingir que é um homem cheio de compaixão. Você não passa de um bandido egoísta.

Andrei se recosta no pequeno banco de ferro e cruza as mãos cobertas por luvas sobre a barriga.

– Você acredita nisso, então.

– Claro. Temos uma testemunha confiável e tenho certeza de que vão surgir as provas no meio da papelada do Mark.

– E o preço, imagino, pelo silêncio de vocês nesse assunto seria deixar você e Stone em paz.

Confirmo com a cabeça.

– Íamos incluir Mark também, mas é tarde demais para ele agora.

– Tenho formas de garantir seu silêncio. E o de Dominic. E o de Anna. Acredito que ela seja a testemunha de que você falou.

– Sim, você poderia sumir conosco, imagino que seja isso que você queira dizer. Mas todos deixamos depoimentos registrados para serem enviados à polícia no caso de nossa morte. – Isso é um blefe, mas espero que seja plausível.

Ele me encara novamente, com uma expressão indecifrável. Então finalmente diz em um tom de encerramento.

– Entendo. – Ele se inclina em minha direção, com um olhar subitamente urgente. – Não é tarde demais, Beth. Você ainda pode

largá-lo e ficar comigo. Eu lhe prometo uma vida que você jamais terá com Stone.

– Eu sei. – Sorrio friamente para ele. – É disso que tenho medo.

Continuamos a nos olhar por um bom tempo, e então Andrei suspira.

– Entendi tudo agora. Dominic tem em seu poder algo para me destruir e certamente ele está se divertindo com isso. Não preciso que ele venha dizer isso na minha cara. Não dar essa chance a ele é um pequeno prazer. Pode dizer a ele que o campo está livre. Não vou ficar no caminho dele, seja nos negócios seja nos assuntos pessoais. Você fez sua escolha de livre vontade e respeitarei isso. Deixarei em suas mãos fazer o que quiser com o poder que tem. – Ele se levanta. – Gostaria que tivesse sido diferente.

Não consigo deixar de sentir um estranho carinho por esse homem, apesar de tudo. Passamos por muita coisa juntos.

– Talvez pudesse ter sido – digo. – Mas no fim, você acabou com qualquer chance, assim que tentou me forçar a fazer o que você queria.

Ele solta uma pequena risada.

– O erro fatal do tirano. Desejo tudo de bom para você, Beth. Você pode me desejar o mesmo?

– É claro. Desejo que você tenha tudo o que realmente quer na vida. Eu lhe desejo amor.

Ele parece bem triste repentinamente, os olhos azuis se tornam um poço de dor.

– E você já encontrou o seu. Você tem sorte. Passei metade da vida procurando por isso e nunca cheguei nem perto de encontrar.

Levanto-me também e lhe dou a mão.

– Adeus, Andrei. Boa sorte.

Ele olha para minha mão por um momento e então a segura. Sorri.

– Boa sorte para você. E adeus, Beth. Não sei se vamos nos encontrar novamente. Acredito que não.

Não digo mais nada. Já dissemos tudo o que tínhamos para dizer. Observo Andrei se virar de costas para mim e caminhar rapidamente pelo parque. Fico pensando no que ele pretende fazer agora. Então

percebo que esse já não é mais um problema. De repente, meu coração fica leve. Pego meu celular. Ainda nada de Dominic. Sem dúvida, os advogados estão curtindo desperdiçar o tempo dele, fazendo com que se prepare para um encontro que jamais vai acontecer.

Me ligue assim que puder.

Envio a mensagem e sento na minha cadeira, aguardando a resposta enquanto aprecio a vista do parque invernal.

– Então Andrei pretendia falar com você o tempo todo?

Dominic anda rapidamente em volta da sala de estar de Georgie, com uma expressão confusa e furiosa. – Passei horas naquele escritório de merda sendo obrigado a ler documentos e a assinar declarações juramentadas. E desde o início, ele nem estava na porcaria do prédio!

Georgie me olha de lado, dá de ombros e volta o olhar para o céu. Sorrio para ela. Gosto muito da Georgie.

Dominic para de andar e se vira para me olhar.

– E como ele sabia onde você estava?

– Ele parece ser bom em me rastrear – respondo. – Mas ter alguém de olho na casa da sua irmã também é uma possibilidade.

Dominic balança a cabeça e depois ri.

– Tenho de admitir, ele é bom para me despistar. Queria tanto esfregar o que temos na cara dele. Deveria ter adivinhado que ele não deixaria isso acontecer.

Ele me faz repassar cada parte de minha conversa com Andrei novamente e analisamos tudo juntos.

– Bem, ao menos ele entende exatamente o que temos contra ele – Dominic diz. – E bem pensado sobre os depoimentos registrados. Todos deveríamos fazer isso, só para garantir, embora não ache que vamos precisar temê-lo a partir de agora. Andrei sabe que há provas

demais acumuladas contra ele. Se ele cair, vai acabar levando junto toda sua rede criminosa. E essas são pessoas que ele não vai querer irritar, acredite.

– Então estamos livres? – pergunto, mal conseguindo acreditar.

– Livres. – Dominic sorri para mim.

– Não temos o dever de avisar a polícia? – pergunto, franzindo a testa. – Quer dizer, ele está lavando dinheiro. Ele está ajudando gangues e apoiando suas atividades. Não seríamos cúmplices se o deixarmos prosseguir?

Georgie diz:

– Beth tem razão, Dom. Vocês não têm escolha quanto a isso. Andrei tem lavado dinheiro no mundo inteiro.

Dominic fixa o olhar em mim, sério.

– Claro que é a coisa certa a se fazer. Mas isso significa que o nome de Mark certamente será arrastado para a lama. E Anna e eu... e mesmo você... vamos precisar comparecer ao tribunal para testemunhar contra Andrei e seus amigos do submundo. Isso pode ser perigoso. Você precisa pensar bem sobre isso.

– Eu vou – respondo lentamente. – Vou pensar bem sobre isso. Vou pensar no que Mark gostaria que eu fizesse e o que acho que é o melhor.

– Está bem – Dominic diz. Ele sorri para mim. – Mas vamos dar um tempo antes de tomar qualquer decisão séria. Depois de amanhã já é o réveillon. Temos uma festa para ir. É hora de dizer adeus ao velho ano e dar as boas-vindas ao novo.

Sorrio para ele. Foi o ano mais incrível da minha vida. E tenho a sensação de que o ano que chega será ainda melhor.

A cena diante de mim é digna de um conto de fadas. Em um imenso salão de festa de piso de mármore, sob um candelabro de diversas camadas, uma massa de pessoas rodopia, com saias esvoaçando e sapatos polidos reluzindo, enquanto dançam diante da orquestra que toca sobre o palco. É um belo espetáculo e fico hipnotizada só observando do mezanino. Também estou sem fôlego, já que há

alguns momentos eu estava lá na pista de dança, flutuando com meu vestido de seda verde-esmeralda, com Dominic me girando em seus braços, cantarolando a valsa enquanto dançávamos.

Ele se aproxima e me oferece uma taça de champanhe.

– Aqui está você – ele diz sorridente. – Sua bebida. Está se divertindo?

– Muito – respondo. – É tão bonito de se olhar.

– Uma festa de réveillon à moda antiga. Sabe de uma coisa? É quase meia-noite. Venha comigo. – Ele me puxa do mezanino e abre uma porta que dá para um pequeno terraço com vista para a cidade. Saímos no ar noturno. – Achei que você ia gostar de dar uma última olhada na cidade antes de irmos para casa amanhã.

– Foi incrível – suspiro. Não deixo de me sentir triste. Semana que vem é o funeral de Mark. Ele não verá o novo ano chegando, nem mais nada. Não importa que perder seu negócio fosse um baque, tenho certeza de que ele iria preferir continuar vivo.

Dominic tira o fraque e o coloca sobre meus ombros. Ele me dá um beijo.

– Quero que você more comigo, Beth. Quero nós dois juntos o tempo todo. Quando voltarmos para Londres, quero que a gente encontre um lugar de que nós dois gostemos, para construirmos nossa vida juntos.

Eu me emociono com tudo o que ele está dizendo.

– É o que eu quero também – respondo carinhosamente. – Mas não à custa da minha carreira e do meu trabalho.

– Entendo – Dominic responde. – Talvez isso signifique que vamos ficar separados parte do tempo... mas vamos saber sempre que temos um lar, que estamos juntos em nosso coração.

Concordo com a cabeça.

– Sim. – Coloco os braços em volta dele e abraço-o com força. – Estou tão feliz! Foi uma jornada turbulenta, mas no fim conseguimos.

Dominic me abraça e ficamos assim por um tempo, curtindo nossa proximidade. Então ele diz:

– Ei, já estão se preparando para fazer a contagem regressiva lá dentro. Melhor voltarmos. Não quero perder a virada.

Voltamos pela mesma porta para dentro do salão de festas. Abaixo de nós a orquestra parou de tocar e a multidão está de olho no relógio da parede, cujos ponteiros se aproximam da meia-noite. Quando eles chegam nos últimos segundos, todo mundo começa a gritar: “Cinco, quatro, três, dois...”

Quando as pessoas dizem “um!” e começam a comemorar, Dominic me beija. Quando ele se afasta, seus olhos estão brilhando.

– Feliz ano-novo, Beth.

– Feliz ano-novo!

A orquestra começa a tocar “Auld Lang Syne”, mas não cantamos juntos. Estamos absortos demais em nosso próprio mundo, perdidos no prazer de um beijo.

Capítulo Vinte

Muita gente compareceu ao funeral de Mark. Na igreja de Chelsea, os bancos estão abarrotados, e as pessoas formam uma multidão particularmente elegante. Os homens estão muito bem-vestidos com terno escuro e colete, e as mulheres todas de preto, o casaco delas exibindo um toque de riqueza com broches de diamante e usando colares de pérolas. Algumas estão de chapéu, outras com um maço de penas pretas ou boina de lã macia, por causa do tempo frio.

Caroline me cumprimenta logo que entro. Ela parece muito mal; não está com o rosto rosado como de costume, mas está serena e feliz em me ver. Ela me encaminha para pegar o missal com um encarregado, e percebo que o homem alto com óculos de aro dourado é James.

– Olá, minha querida – ele cumprimenta em voz baixa quando me aproximo. – Esperava vê-la hoje. Como você está?

– Tudo bem – respondo, conseguindo sorrir. A visão do elegante caixão de Mark, no fim do corredor entre os bancos, cercado de flores, é como uma facada em minhas entranhas. Estou me sentindo trêmula e desgostosa novamente.

– Agente firme, velhinha – ele diz com compaixão e coloca uma mão firme no meu braço. – Isso foi péssimo. Coitado do Mark. Ele se foi muito mais rapidamente do que qualquer um de nós podia imaginar.

– Você acha que ele iria morrer de qualquer maneira?

– Pelo que entendi, o câncer estava muito mais avançado do que haviam suspeitado no início. Ele ia passar por um período difícil com a radioterapia e sabe Deus o que mais, e no fim ia dar na mesma. Talvez tenha sido melhor partir logo do que ter de enfrentar tudo aquilo.

– Mas será que ele não gostaria de viver mais um pouco?

James parece sério.

– Você conheceu Mark. Ele amava a beleza e a elegância, e não ia gostar do que havia se tornado. Nem um pouco.

– Talvez você tenha razão.

James faz um carinho em meu ombro e me entrega o missal.

– Aqui está. Sente-se onde quiser. Dominic veio com você?

Confirmo com a cabeça.

– Está atendendo a uma ligação lá fora. Virá para cá logo.

– Ele nunca para. Vou procurá-la depois, durante a vigília. Quero conversar com você depois que isso acabar.

– Claro. – Vou até um banco vazio e me sento. Espero estar elegante, como Mark gostaria que eu estivesse. Estou vestida com um terno preto, salto alto e um pequeno chapéu *cloche* com uma seta de diamante presa nele. Acho que Mark apreciaria particularmente a seta. Enquanto aguardo Dominic, passo os olhos no missal. É uma cerimônia bonita e tradicional, e conheço todos os hinos.

O coral já está para começar a cantar quando Dominic senta-se no banco, ao meu lado.

– Me desculpe – ele murmura. – Era o Tom. Eu precisava atender. Por incrível que pareça, vários obstáculos para que eu comprasse aquela mina de minério de ferro na Sibéria desapareceram. – Ele me lança um olhar divertido. – Engraçado isso, não?

– Psiu – digo, fazendo uma careta. Quando o órgão começa a tocar e o coral entra, todo mundo fica de pé e começa a cantar.

É uma linda cerimônia. Quando o coral canta “The Lord’s My Shepherd”, sinto os olhos arderem com as lágrimas, mas o importante é que essa é uma celebração da vida e do trabalho de Mark. Seus amigos vão à frente para fazer um discurso em conjunto que é tocante e engraçado ao mesmo tempo. Caroline faz um discurso curto sobre a vida de Mark e sobre o quanto ela sentirá falta dele. Então há orações e mais um hino. Depois dos ritos finais, vemos o caixão ser levado para fora. A família vai junto até o crematório e o resto de nós caminha uma curta distância até a vigília, que acontece em um pub pequeno e elegante, como só os pubs de Chelsea podem ser.

– Foi uma cerimônia bem emocionante – Dominic diz enquanto seguimos o resto do cortejo pela rua, roupas e chapéus escuros de todos chamando a atenção dos transeuntes. – Velho e bom Mark. Fico feliz que ele tenha tido uma despedida como essa.

– É um testemunho à pessoa que tanta gente tenha comparecido e dito tanta coisa bonita – respondo. – Tenho sorte por ter conhecido Mark.

– Ele era um grande fã seu – diz Dominic. – E com razão.

No pub, coquetéis são servidos aos convidados, além de vinho e refrigerante. Pego um *bloody mary* e sorvo um pouco de seu ardor e condimento enquanto procuro por James. Vejo-o conversando com Erland perto da lareira e, quando ele me nota, acena para que eu vá lá. Deixo Dominic conversando com outro convidado e atravesso a sala para encontrar James.

– Ora, olá – ele diz. – Fico feliz por ter você para mim, finalmente. Erland, vá pegar outra bebida para mim, ali há uma garçonete.

Quando Erland se afasta, James diz:

– A Caroline já falou com você?

Balanço a cabeça.

– Ainda não. Fui ao escritório depois que voltei, mas ela me disse que não queria fazer nada antes do funeral. Acredito que voltaremos ao trabalho na segunda-feira. Ela falou com você?

James assente.

– Falou, sim. Mark nomeou Caroline e eu como executores de seu testamento e deixou instruções para que continuássemos cuidando de seu negócio da melhor forma possível no caso de sua morte.

– Nossa – digo, intrigada. – E o que isso quer dizer?

– Bem, ainda temos de discutir direito, mas Caroline já demonstrou interesse em tocar o negócio, e ela quer minha ajuda para isso.

– E você vai conseguir? Além de cuidar da galeria?

James me lança um olhar penetrante.

– Se você me ajudar, conseguirei. Caroline me mostrou suas anotações do que fez em Nova York. Parece que você fez um excelente trabalho obtendo contatos e localizando peças com potencial. Além disso, as contas da empresa estão bem, Mark

certamente era bom em comprar barato e vender caro. Acho que nós dois juntos teríamos uma boa chance de preservar o legado de Mark. E, se Caroline quiser, no futuro, ela terá um bom negócio para vender. Mas... – James parece sério. – Há uma questão. Mark sempre passou bastante tempo em Nova York, e o lado norte-americano de seu negócio era muito importante para ele. Não poderei fazer isso, preciso estar aqui para ficar de olho na galeria. Não posso ficar viajando com frequência. Então você teria de estar preparada para passar um bom tempo nos Estados Unidos. Você acha possível?

Olho para ele, com os olhos brilhando quando começo a compreender o significado disso.

– Eu adoraria fazer isso!

James sorri.

– Ótimo.

Meu próprio sorriso enfraquece um pouco quando lembro que Dominic e eu ainda precisamos decidir se vamos ou não entregar Andrei à polícia. Se formos, isso significa que meu futuro brilhante tocando a empresa de Mark com James talvez não se concretize.

– Está tudo bem? – James pergunta.

– Está, sim – respondo. Agora não é a hora de colocar James a par disso tudo. Erland volta com duas taças de champanhe nas mãos e entrega uma para James.

– Olá, Beth – ele diz com seu melódico sotaque norueguês. – Como vai você? Não foi uma cerimônia linda?

– Foi sim. Linda mesmo. – Sorrio para ele. – Foi exatamente como Mark gostaria.

Os olhos de Erland se voltam para a porta.

– Uau – ele sussurra. – Quem é ela? Não a vi na igreja!

Viro-me para olhar. Lá está Anna, maravilhosa em um vestido preto justo e usando um chapéu com véu que cobre seu rosto até o nariz, chamando a atenção para seus lábios vermelhos. Ela está procurando por alguém e, quando vê Dominic, começa a andar até ele.

– Com licença – peço, e deixo James e Erland para interceptá-la.

– Olá, Anna.

Ela me olha com um olhar irônico e divertido.

– Ah, Beth. Que bom vê-la. Se não se importa, preciso falar com Dominic.

– Claro. Vamos encontrá-lo juntas.

Assim que Dominic nos vê, se afasta do homem com quem estava conversando e nos leva até uma pequena sala, afastada do bar principal.

– Olá, Anna – ele diz educadamente. – Você veio nos encontrar.

– Vim. Queria fazer um brinde a Mark, um homem que sempre me tratou muito bem. Mas também queria avisar que há algo importante acontecendo. De acordo com meus contatos, Andrei está em vias de liquidar a presença dele aqui e nos Estados Unidos.

– O quê? – Dominic olha para ela, espantado.

Anna confirma com a cabeça, seu véu escuro balança e seus olhos cintilam sob ele.

– Isso mesmo. Por alguma razão, parece que ele está batendo em retirada e saindo da Inglaterra e dos Estados Unidos.

– Compreendo – Dominic murmura. Ele me olha. – Inteligente da parte dele. Ele está limpando a área; então, se formos à polícia, não haverá nada que possam fazer sobre isso.

– Você quer dizer que ele está saindo da Inglaterra?

– Exatamente. Ele deve ter um pessoal apagando seus rastros agora mesmo. – Dominic franze a testa. – Obrigado por nos avisar, Anna. Isso muda algumas coisas. Com licença, garotas, preciso ir lá fora fazer uma ligação.

Ele sai rapidamente, pegando o telefone e deixando Anna e eu juntas. Ela observa Dominic sair e então se vira para mim, com um sorriso nos lábios vermelhos.

– Parece que vocês dois estão muito felizes juntos – ela comenta.

– Sim, estamos. Obrigada – digo, soando rude mesmo sem querer.

– Que bom, que bom. Estou muito feliz com o Giovanni. Na verdade, temos tanto prazer juntos que ele vai abandonar o monastério por mim. Não é legal? Portanto, você está livre de mim, por ora. Perdi o interesse por Dominic. Para falar a verdade, ele já estava realmente começando a me entediar. – Ela se inclina perto de

mim, com brilho nos olhos. – Falando nisso, você já descobriu o que aconteceu nas cavernas, Beth?

– Descobri que você me drogou – respondo, irritada por essa lembrança, apesar de estar aliviada por ela ter desistido de perseguir Dominic. – E também descobri que não transei com Andrei, então minha consciência está limpa.

– Se não foi com Andrei – ela diz, sua voz grave com um tom brincalhão e mesmo perigoso –, então com quem foi?

– Foi com Dominic, claro – digo friamente.

– Foi mesmo? – Anna ri.

– Claro que foi. – Uma pontada de medo me gela. Ela está insinuando que foi com outro homem? Uma vez Anna já tentou me fazer acreditar que tinha sido ela mesma que transou comigo, mas isso era impossível.

– Você disse a Dominic que transou com ele nas cavernas. – Ela ri de novo.

– Qual é a graça nisso? – exijo saber.

– Então ele realmente deve amá-la. Porque, olha só, ele sabe que não transou com você.

– Não? – Fico em choque e minhas mãos começam a suar. Ela balança a cabeça, olhando para mim de forma piedosa por trás do véu.

– Não. Mas ele acha que você transou com alguém. E nunca disse nada sobre isso. Então, olhe só... ele deve amá-la muito mesmo.

Minha cabeça está girando enquanto tento compreender isso.

– Então... com quem? – grito. Anna se vira para ir e eu a seguro com a mão no braço. – Por favor, Anna... com quem? Você precisa me dizer.

Ela me encara por um momento e então diz com voz fria:

– Com ninguém. Você não transou com ninguém.

Não consigo acreditar. Lembro-me daquela noite, daquelas sensações, da parede fria, da pele quente em contato com a minha, da sensação deliciosa de ser pega com força por um homem cujo rosto eu não conseguia ver...

– Com ninguém? – sussurro.

Ela inclina a cabeça para perto da minha e diz em voz baixa:

– Eu lhe dei um estimulante sexual muito poderoso. Já o usei com sucesso em muitas pessoas. Naquelas que são particularmente mais libidinosas, ele pode ter um efeito surpreendente. É possível alucinar com encontros sexuais e acreditar que eles são reais. É como um sonho em que você chega ao orgasmo, mas mil vezes mais vívido. Tenho certeza de que você tem esse tipo de sonho, não tem, Beth? Sei que tem. – Sua voz se torna um sussurro. – Eu a vi.

Ela dá um sorriso radiante e se vira, sai rebolando e me deixa boquiaberta.

Dominic me encontra alguns minutos depois.

– Você está bem? Cadê a Anna? – Ele me olha mais de perto. – Parece que você levou uma pancada na cabeça. Está tudo bem?

– Está sim... sim... estou bem. – Ainda estou colocando as informações no lugar e considerando tudo. De repente, noto que Dominic nunca me acusou de nada, nem exigiu saber a verdade do que aconteceu nas cavernas. Ele deve ter percebido que eu estava drogada e não podia me responsabilizar por minhas ações. Deve ter imaginado que transei com outra pessoa na caverna pensando que era ele, e decidiu deixar isso de lado. Anna tem razão. Ele deve me amar.

Abraço Dominic com força, adorando-o mais do que nunca.

– Opa – ele diz. – Você tem certeza de que está bem?

Digo que sim com a cabeça. Um dia direi a verdade. Não agora... mas um dia, em breve.

– Eu estava falando com meu advogado nos Estados Unidos – Dominic diz. – Ele não acha que há motivos para perseguir Dubrovski agora. Enquanto ele estiver desmontando sua operação e saindo, só iremos arranjar problemas para nós sem a garantia de pegá-lo. O conselho dele é para deixarmos isso quieto.

– Então Andrei vai se dar bem no fim – digo, subitamente furiosa.

– Mais ou menos. Ele perdeu mais do que ganhou. E... – Dominic toca seus lábios nos meus. – ... ele não conseguiu o que queria acima de tudo. Você.

Relaxo nos braços dele e deixo que me segure por um momento. Então olho Dominic fixamente nos olhos.

– Você tem certeza de que me quer, Dominic? Depois de tudo?

Ele pega minha mão e nós dois olhamos para o círculo de diamantes cintilando em meu dedo.

– Eis minha promessa – ele diz carinhosamente. – Você ainda está com ela. Enquanto estiver no seu dedo, ela estará valendo. Claro que eu te quero. Eu te amo. Eu te adoro. – Dominic me beija e me deleito com o carinho e a paixão de sua carícia.

– E Rosa? – pergunto em tom mordaz, com os lábios em sua orelha.

– Sempre vou amar Rosa também – ele murmura com a voz rouca. – Ela é um doce e sempre tão safada! Não sei se ela vai tomar jeito algum dia... mas, acima de tudo, amo a Beth. Minha linda, inteligente, engraçada, talentosa e sexy Beth.

Eu rio.

– Também te amo. – Então, com um beijo carinhoso em seu queixo, sussurro:

– Senhor...

Nossos olhos se cruzam e sorrimos como quem sabe o sorriso de nossos segredos e paixões compartilhadas. Estremeço de leve ao pensar em nosso próximo encontro e nas lições que talvez seja obrigada a aprender.

Um discurso começa na outra sala. Eles vão fazer um brinde a Mark com seu champanhe favorito. Dominic me pega pela mão e vamos nos reunir aos outros.

Epílogo

O pacote chega para mim aos cuidados de Mark Palliser.

– Como se a pessoa não soubesse que ele está morto – James comenta enquanto o coloca no escritório. – Imagino que todos já devem saber. Afinal de contas, o obituário dele saiu em todos os jornais. E você também enviou um aviso oficial, não enviou?

Confirmo com a cabeça. Imprimimos cartões e enviamos a todos os clientes de Mark. Os cartões de condolência que nos enviaram estão por todo canto.

– Veio endereçado a mim, de qualquer forma – digo. – Então talvez tenha sido só um engano.

– Devo abrir? – James pega uma tesoura na mesa e começa a cortar cuidadosamente o embrulho. Sob ele há papel bolha, e dentro há uma caixa de madeira fechada com fitas de metal. James usa toda a força para cortá-las e podemos abrir a caixa.

Enfim James levanta a tampa de madeira e há uma cobertura final de algodão macio. Ele tira o pano e levo um susto.

É a pintura da garota lendo, que comprei para o banheiro de Andrei em Albany. É uma impressionante obra-prima do próprio Fragonard, um retrato tão natural e tocante, que sempre imaginei que a menina está quase virando a página do livro.

James assobia e diz:

– Oh, meu Deus. Olhe para isso. É o que imagino que seja? Confirmo, com os olhos arregalados.

– O Fragonard. Mas, James... por que Andrei me devolveria isso? James ri.

– Vai saber. Mas vou dizer uma coisa: é o melhor presente que você vai receber na vida!

Olho para a pintura. Não faço ideia de por que Andrei iria me dar essa preciosa pintura, a menos que fosse para protegê-la, de alguma

forma. Mas por que logo essa, dentre todos os seus tesouros? Talvez porque tenha sido a única que eu mesma escolhi para ele. Fico pensando se Andrei não sabe que todas as suas obras de arte lhe serão tomadas, quando a justiça finalmente for feita, seja lá quando chegar esse dia.

Lembro-me do presente de Mark, da pequena miniatura. De repente, ocorre-me que a pequena pintura também é um Fragonard legítimo. Por alguma razão, Mark me deu uma pintura de verdade, que vale milhares de libras. Um pensamento estranho percorre minha mente. Será que Mark suspeitava que Andrei o estava usando todo esse tempo? Será que ele também estava protegendo uma pequenina e preciosa obra de arte ao dá-la para mim?

– Beth? Você está bem?

Olho para cima.

– Sim. Estou bem. Só não sei bem o que fazer com isso. Ela deveria estar em um museu, na verdade.

– Talvez. – James inclina a cabeça e olha para a pintura. – Mas sei onde ela ficaria maravilhosa. Que tal naquela casa linda em Chelsea que você e Dominic vão comprar? Ela não ficaria incrível na sala de estar?

Penso na pequena casinha que encontramos e como a pintura vai ficar bonita sobre nossa lareira. Toda vez que penso em nosso lar, sinto uma onda de calor e empolgação.

– Ou que tal em seu apartamento em Nova York? – James diz mordaz. – Ou vocês não se decidiram por um ainda?

– Ainda não – respondo rindo. – Por enquanto vamos ficar com a Georgie, mesmo que isso não combine com a imagem que Dominic tem de si como um cara de Park Avenue.

– Leve a pintura com você – James sugere. – Ela é sua. Você adora essa pintura.

Olho para os tons lavanda e amarelo da pintura, a pele delicada da menina, a dobra no dedinho da mão que segura o livro.

– Por que resistir? – James sorri. – O que Mark diria?

Sorrio para ele.

– Está bem, vou levá-la. Ela pode ficar na minha casa e me lembrar de uma época incrível da minha vida.

– Boa garota. Você merece. Agora, vamos deixar o quadro de lado por enquanto e continuar nosso trabalho. Quero repassar seus compromissos em Nova York.

Vejo James recolocar a cobertura sobre o quadro. A menina some sob o pano branco macio. Podemos guardar a pintura na sala onde Mark deixava os quadros para serem embrulhados ou desembrulhados. Como o anel que brilha em meu dedo, algo me diz que a pintura é um outro tipo de compromisso.

Mas, por mais que tente, não consigo saber qual.

Este livro foi publicado em 2013 pela Companhia
Editora Nacional.
Impresso pela IBEP Gráfica, São Paulo.

Para J. T.